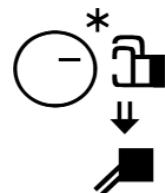




UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

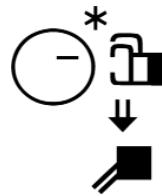
Walter Dias Sueth Netto



TOPONÍMIA EM LIBRAS: o processo de formação lexical dos sinais que designam
bairros da cidade do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2025

Walter Dias Sueth Netto



TOPONÍMIA EM LIBRAS: o processo de formação lexical dos sinais que designam
bairros da cidade do Rio de Janeiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal do
Rio de Janeiro como requisito para a
obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Uchôa
Cavalcanti Lott de Moraes Costa



Rio de Janeiro
2025

TOPONÍMIA EM LIBRAS: o processo de formação lexical dos sinais que designam
bairros da cidade do Rio de Janeiro

Walter Dias Sueth Netto

Orientadora: Professora Doutora Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:



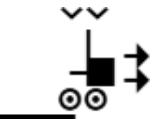
Presidente, Profa. Dra. Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa — UFRJ



Prof. Dr. Andrew Ira Nevins — UFRJ



Profa. Dra. Heloise Gripp Diniz — UFRJ



Profa. Dra. Marije Soto / Suplente interno — UFRJ



Profa. Dra. Luciane Cruz Silveira / Suplente externo — INES

CIP - Catalogação na Publicação

S944t Sueth Netto, Walter Dias
Toponímia em Libras: o processo de formação
lexical dos sinais que designam bairros da cidade
do Rio de Janeiro / Walter Dias Sueth Netto. -- Rio
de Janeiro, 2025.
287 f.

Orientadora: Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2025.

1. Libras. 2. Toponímia. 3. Motivação. 4. Bairros do Rio de Janeiro. I. Costa, Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa à memória de minha gata Sia, que me acompanhou em tantos momentos desta caminhada. Sua ausência se faz sentir, mas sua lembrança permanece viva em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para que a minha trajetória acadêmica se tornasse uma experiência enriquecedora e prazerosa. Quero dizer: meu muito obrigado!

Agradeço, de maneira especial, à memória de minha mãe, Márcia Vicente, cuja lembrança me inspira e fortalece em cada passo desta jornada. Sua presença permanece viva em todas as minhas conquistas.

Ao meu pai, Walter Filho, pelo apoio, pelo incentivo constante e pelo exemplo de dedicação.

À minha madrasta, Melissandra, pela compreensão, pelo carinho e por estar ao meu lado em momentos importantes.

Ao meu irmão, Victor, pela amizade, companheirismo e incentivo ao longo desta caminhada.

Aos meus padrinhos e avós Walter Sueth (*in memoriam*), Lacy Sueth e Nilda Vicente (*in memoriam*), pela base familiar sólida e pelo amor que me sustentam.

Aos meus familiares, tios e primos, registro também minha gratidão.

Ao meu companheiro, Hudney, pela paciência, pelo apoio incondicional e por compartilhar comigo tanto os desafios quanto as alegrias desta trajetória.

Aos meus gatos de estimação, Neon, Bran e Sia (*in memoriam*), pela companhia silenciosa, pelo carinho incondicional e por tornarem mais leves e aconchegantes os dias de escrita e pesquisa.

Aos amigos da comunidade surda, pelo apoio, incentivo e companheirismo ao longo desta pesquisa.

À minha orientadora, Marília Lott, pela orientação atenta, pela confiança depositada em meu trabalho e pela inspiração acadêmica ao longo de toda a pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), pelas valiosas contribuições durante disciplinas, seminários e bancas, que ampliaram meu olhar crítico e enriqueceram esta trajetória.

Aos colegas do grupo SOPA-Lab, pela troca de ideias e experiências, e pelo apoio mútuo em cada etapa deste percurso.

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade, confiança e colaboração, sem os quais este trabalho não seria possível.

Aos professores da banca, pelas sugestões e reflexões que contribuíram para o aprimoramento desta dissertação.

Ao técnico de estúdio, João José Macedo, pela disponibilidade e pela colaboração nas gravações dos sinais e do resumo.

Aos intérpretes de Libras que me acompanharam durante as aulas e na banca, pelo profissionalismo, dedicação e sensibilidade, que foram fundamentais para o meu processo de formação acadêmica e para a acessibilidade deste percurso.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada.

RESUMO

SUETH NETTO, Walter Dias. **Toponímia em Libras:** o processo de formação lexical dos sinais que designam bairros da cidade do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2025.

O presente estudo investiga os sinais correspondentes aos bairros da cidade do Rio de Janeiro utilizados pelo povo surdo, com foco nas motivações toponímicas. Segundo Dick (1990), a toponímia estuda os nomes geográficos, ou seja, os nomes próprios de lugares, da sua origem e evolução. Como membro do povo surdo e da comunidade surda carioca, observamos que nem todos os bairros do Rio de Janeiro já possuem sinais amplamente utilizados por essa comunidade. O objetivo deste trabalho é identificar as possíveis motivações toponímicas percebidas pelos surdos sinalizantes nos sinais que conhecem e utilizam. A cidade do Rio de Janeiro é composta por 165 bairros distribuídos em quatro zonas geográficas; contudo, neste estudo, foram coletados sinais referentes a 55 topônimos, o que corresponde a um terço do total. Para tanto, foram entrevistadas as 22 pessoas surdas residentes na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados apontam a coleta de 130 formas sinalizadas, além de 20 variantes associadas a essas formas e nove palavras soletradas utilizadas pela maioria dos participantes para designar determinados bairros, totalizando 159 ocorrências sinalizadas. A análise também incluiu a categorização toponímica dos sinais com base nos estudos de Urbanski, Xavier e Ferreira (2019) e Ferreira e Xavier (2019), às quais foram acrescidas duas categorias inéditas: empréstimo por soletração rítmica e misto, além de subcategorias de calque (parcial, total e imperfeito), de soletração (parcial e total) e de soletração rítmica (parcial e total). Com isso, busca-se compreender a percepção de surdos falantes da Libras sobre os aspectos lexicais da língua. Espera-se, ainda, contribuir para o avanço descritivo e metodológico das pesquisas em Libras.

Palavras-chave: Libras; toponímia; bairros do Rio de Janeiro; motivação.

ABSTRACT

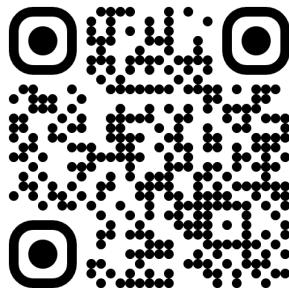
SUETH NETTO, Walter Dias. **Toponímia em Libras: o processo de formação lexical dos sinais que designam bairros da cidade do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2025.

This study investigates the signs used by the Deaf people to refer to neighborhoods in the city of Rio de Janeiro, focusing on toponymic motivations. According to Dick (1990), toponymy is the study of geographic names, that is, the proper names of places, origins and their historical development. As a member of the Deaf people and Deaf community in Rio, the author has observed that not all neighborhoods in the city have established signs in widespread use among signers. The aim of this research is to identify the possible toponymic motivations perceived by Deaf signers for the signs they know and use. The city of Rio de Janeiro comprises 165 neighborhoods across four geographic zones; however, this study collected signs referring to 55 toponyms, roughly one-third of the total. Data were gathered through interviews with 22 Deaf individuals residing in the city. The results include 130 unique signed forms, along with 20 associated variants and nine fingerspelled forms commonly used by participants to refer to specific neighborhoods, in a total of 159 signed occurrences. The analysis included a toponymic categorization of the signs, based on the frameworks proposed by Urbanski, Xavier, and Ferreira (2019), and Ferreira and Xavier (2019), to which two new categories were added: rhythmic fingerspelling borrowing and mixed formation. Additionally, subcategories were proposed for calques (partial, total, and imperfect), fingerspelling (partial and total), and rhythmic fingerspelling (partial and total). This research aims to provide insight into how Deaf speakers of Libras perceive lexical aspects of the language, and it intends to contribute to the descriptive and methodological development of Libras research.

Keywords: Brazilian Sign Language (Libras); toponymy; neighborhoods of Rio de Janeiro; motivation.

RESUMO EM LIBRAS

SUETH NETTO, Walter Dias. **Toponímia em Libras**: o processo de formação lexical dos sinais que designam bairros da cidade do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2025.



Link: <https://youtu.be/jVr30MRSW18>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Onomástica e as subáreas.....	34
Figura 2 — Categorias principais propostas por Dick (1992) para a análise dos topônimos.....	35
Figura 3 — Categorias morfológicas da categoria de natureza linguística.....	35
Figura 4 — Categorias morfológicas da categoria de natureza semântica.....	36
Figura 5 — Localização do município do Rio de Janeiro em destaque, situado no estado do Rio de Janeiro.....	43
Figura 6 — Painel de azulejos da Igreja dos Capuchinhos, na Tijuca, que representa a fundação da cidade do Rio de Janeiro por Estácio de Sá.....	44
Figura 7 — Zoneamento da cidade do Rio de Janeiro.....	45
Figura 8 — Exemplos de sinais topográficos com sua estrutura morfológica.....	49
Figura 9 — Ficha lexicográfico-toponímica proposta por Souza-Júnior (2012) sobre o topônimo Rio de Janeiro.....	50
Figura 10 — Análise dos topônimos segundo Aguiar (2012).....	52
Figura 11 — Topônimo da cidade do Rio de Janeiro.....	53
Figura 12 — Sinal da cidade do Rio de Janeiro com soletração simultânea.....	53
Figura 13 — Gradiência entre as categorias de topônimos.....	58
Figura 14 — Tipos de motivação nos topônimos em Libras.....	58
Figura 15 — Ficha lexicográfico-toponímica proposta por Miranda (2020).....	59
Figura 16 — Critérios de classificação segundo Urbanski, Xavier e Ferreira (2019); Ferreira e Xavier (2019).....	60
Figura 17 — Categoria de análise dos sinais com ênfase do tipo de variação segundo Ferreira e Xavier (2019).....	63
Figura 18 — Tipos de processos de formação de sinais identificados nos dados analisados por Xavier e Ferreira (2021).....	65
Figura 19 — O processo contínuo da palavra “sol” na Libras.....	67
Figura 20 — O processo continuum da soletração em Libras.....	68
Figura 21 — Fluxograma para entrevista semiestruturada.....	71
Figura 22 — Categorias propostas pela pesquisa metodológica.....	73
Figura 23 — Representação de configurações de mão.....	83

Figura 24 — Praça do Apoteose - Sambódromo Marquês de Sapucaí.....	96
Figura 25 — Logradouro movimentado nas ruas do Centro, com destaque para a Avenida Presidente Vargas.....	98
Figura 26 — Passarela da estação de metrô Cidade Nova.....	102
Figura 27 — Crianças empinando pipa na Praça do Estácio.....	107
Figura 28 — Busto de Getúlio Vargas, conhecido popularmente como Cabeção de Getúlio.....	111
Figura 29 — Arcos da Lapa.....	115
Figura 30 — Bonde que circula em rua de Santa Teresa.....	119
Figura 31 — Calçadão de Copacabana.....	126
Figura 32 — Jockey Club Brasileiro.....	130
Figura 33 — Vista da Rocinha, maior favela do Brasil.....	142
Figura 34 — Bondinho do Pão de Açúcar.....	150
Figura 35 — Vista de Vidigal e sua comunidade.....	153
Figura 36 — Estádio do Engenhão.....	172
Figura 37 — Estádio do Maracanã.....	194
Figura 38 — Marechal Hermes da Fonseca.....	204
Figura 39 — Praça Agripino Grieco, conhecida como Pracinha do Méier.....	211
Figura 40 — Pilares do Méier.....	212
Figura 41 — Hóstia.....	219

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Categorias morfológicas para os topônimos de natureza linguística propostas por Dick (1992).....	36
Quadro 2 — Nomenclatura de classificação toponímica de categoria de natureza física proposta por Dick (1990, 1992).....	37
Quadro 3 — Nomenclatura de classificação toponímica de categoria de natureza antropocultural proposta por Dick (1990, 1992).....	38
Quadro 4 — Novas taxes propostas por pesquisadores em toponímia.....	39
Quadro 5 — Categorias toponímicas de campo semântico.....	41
Quadro 6 — Topônimos acreanos em português e em Libras.....	54
Quadro 7 — Formação dos termos específicos.....	55
Quadro 8 — Categorização de sinais topônimos das cidades tocantinenses.....	57
Quadro 9 — Critérios de classificação segundo Urbanski, Xavier e Ferreira (2019).....	61
Quadro 10 — Sinais com variação fonológica para o estado do Rio de Janeiro.....	63
Quadro 11 — Sinais com variação lexical para mãe.....	64
Quadro 12 — Sinais com variação morfológica para o bairro carioca Praça da Bandeira.....	64
Quadro 13 — Lista de bairros para entrevista.....	70
Quadro 14 — Sinal de Niterói/RJ.....	72
Quadro 15 — Sinal de Mesquita/RJ.....	74
Quadro 16 — Critérios de classificação de topônimos.....	76
Quadro 17 — Modelo proposto pelo pesquisador.....	77
Quadro 18 — Símbolos de contatos.....	84
Quadro 19 — Símbolos de movimento dos dedos.....	84
Quadro 20 — Símbolos de dinâmica de movimentos.....	85
Quadro 21 — Bairros listados da Zona Central do Rio de Janeiro para coleta de dados.....	94
Quadro 22 — Catumbi.....	95
Quadro 23 — Catumbi (palavra soletrada).....	96
Quadro 24 — Centro (variação 1).....	98
Quadro 25 — Centro (variação 2).....	99

Quadro 26 — Centro (variação 3).....	100
Quadro 27 — Centro (variação 4).....	100
Quadro 28 — Cidade Nova (variação 1).....	102
Quadro 29 — Cidade Nova (variação 2).....	103
Quadro 30 — Cidade Nova (variação 3).....	104
Quadro 31 — Estácio (palavra soletrada).....	106
Quadro 32 — Estácio (variação 1).....	107
Quadro 33 — Estácio (variação 2).....	108
Quadro 34 — Glória (variação 1).....	110
Quadro 35 — Glória (variação 2).....	111
Quadro 36 — Glória (variação 3).....	112
Quadro 37 — Glória (variação 4).....	113
Quadro 38 — Lapa (variação 1).....	114
Quadro 39 — Lapa (variação 2).....	115
Quadro 40 — Lapa (variação 3).....	116
Quadro 41 — Santa Teresa (palavra soletrada).....	117
Quadro 42 — Santa Teresa (variação 1).....	118
Quadro 43 — Santa Teresa (variação 2).....	119
Quadro 44 — Bairros listados da Zona Sul do Rio de Janeiro para coleta de dados.....	120
Quadro 45 — Botafogo.....	122
Quadro 46 — Catete (variação 1).....	124
Quadro 47 — Catete (variação 2).....	124
Quadro 48 — Copacabana.....	126
Quadro 49 — Flamengo.....	128
Quadro 50 — Gávea.....	129
Quadro 51.1 — Ipanema (variação 1 / variante 1).....	131
Quadro 51.2 — Ipanema (variação 1 / variante 2).....	132
Quadro 52 — Ipanema (variação 2).....	132
Quadro 53.1 — Jardim Botânico (variação 1 / variante 1).....	134
Quadro 53.2 — Jardim Botânico (variação 1 / variante 2).....	134
Quadro 54 — Jardim Botânico (variação 2).....	135
Quadro 55 — Laranjeiras.....	137

Quadro 56 — Leblon.....	139
Quadro 57 — Leme.....	140
Quadro 58 — Rocinha (variação 1).....	142
Quadro 59 — Rocinha (variação 2).....	143
Quadro 60 — Rocinha (variação 3).....	144
Quadro 61 — São Conrado (variação 1).....	146
Quadro 62 — São Conrado (variação 2).....	147
Quadro 63 — São Conrado (variação 3).....	148
Quadro 64 — Urca (variação 1).....	149
Quadro 65 — Urca (variação 2).....	150
Quadro 66 — Urca (variação 3).....	151
Quadro 67 — Vidigal (palavra soletrada).....	152
Quadro 68 — Vidigal (variação 1).....	153
Quadro 69 — Vidigal (variação 2).....	154
Quadro 70 — Vidigal (variação 3).....	155
Quadro 71 — Bairros listados da Zona Norte do Rio de Janeiro para coleta de dados.....	155
Quadro 72 — Abolição (palavra soletrada).....	157
Quadro 73.1 — Abolição (variação 1 / variante 1).....	158
Quadro 73.2 — Abolição (variação 1 / variante 2).....	158
Quadro 74.1 — Abolição (variação 2 / variante 1).....	159
Quadro 74.2 — Abolição (variação 2 / variante 2).....	159
Quadro 75 — Abolição (variação 3).....	160
Quadro 76 — Bonsucesso (variação 1).....	162
Quadro 77 — Bonsucesso (variação 2).....	162
Quadro 78 — Bonsucesso (variação 3).....	163
Quadro 79 — Bonsucesso (variação 4).....	164
Quadro 80 — Cascadura.....	165
Quadro 81.1 — Coelho Neto (variação 1 / variante 1).....	167
Quadro 81.2 — Coelho Neto (variação 1 / variante 2).....	168
Quadro 82.1 — Coelho Neto (variação 2 / variante 1).....	169
Quadro 82.2 — Coelho Neto (variação 2 / variante 2).....	169
Quadro 83 — Coelho Neto (variação 3).....	170

Quadro 84 — Coelho Neto (palavra soletrada).....	171
Quadro 85.1 — Engenho de Dentro (variação 1 / variante 1).....	173
Quadro 85.2 — Engenho de Dentro (variação 1 / variante 2).....	173
Quadro 85.3 — Engenho de Dentro (variação 1 / variante 3).....	174
Quadro 86 — Engenho de Dentro (variação 2).....	174
Quadro 87.1 — Engenho de Dentro (variação 3 / variante 1).....	175
Quadro 87.2 — Engenho de Dentro (variação 3 / variante 2).....	175
Quadro 88 — Engenho de Dentro (variação 4).....	176
Quadro 89 — Engenho de Dentro (variação 5).....	177
Quadro 90 — Engenho de Dentro (variação 6).....	177
Quadro 91 — Engenho Novo (variação 1).....	179
Quadro 92.1 — Engenho Novo (variação 2 / variante 1).....	180
Quadro 92.2 — Engenho Novo (variação 2 / variante 2).....	180
Quadro 93 — Engenho Novo (variação 3).....	181
Quadro 94.1 — Engenho Novo (variação 4 / variante 1).....	181
Quadro 94.2 — Engenho Novo (variação 4 / variante 2).....	182
Quadro 95 — Engenho Novo (variação 5).....	182
Quadro 96 — Engenho Novo (variação 6).....	183
Quadro 97 — Engenho Novo (variação 7).....	184
Quadro 98 — Engenho Novo (variação 8).....	184
Quadro 99 — Irajá (variação 1).....	186
Quadro 100 — Irajá (variação 2).....	187
Quadro 101 — Irajá (variação 3).....	187
Quadro 102.1 — Jacaré (variante 1).....	189
Quadro 102.2 — Jacaré (variante 2).....	189
Quadro 103 — Jacaré (palavra soletrada).....	190
Quadro 104 — Madureira.....	192
Quadro 105.1 — Maracanã (variação 1 / variante 1).....	194
Quadro 105.2 — Maracanã (variação 1 / variante 2).....	195
Quadro 106.1 — Maracanã (variação 2 / variante 1).....	195
Quadro 106.2 — Maracanã (variação 2 / variante 2).....	196
Quadro 107.1 — Maracanã (variação 3 / variante 1).....	196
Quadro 107.2 — Maracanã (variação 3 / variante 2).....	197

Quadro 108 — Maré (palavra soletrada).....	198
Quadro 109 — Maré (variação 1).....	199
Quadro 110 — Maré (variação 2).....	200
Quadro 111 — Marechal Hermes (variação 1).....	202
Quadro 112 — Marechal Hermes (variação 2).....	202
Quadro 113 — Marechal Hermes (variação 3).....	203
Quadro 114 — Marechal Hermes (variação 4).....	204
Quadro 115 — Maria da Graça (variação 1).....	206
Quadro 116 — Maria da Graça (variação 2).....	206
Quadro 117 — Maria da Graça (variação 3).....	207
Quadro 118 — Maria da Graça (variação 4).....	208
Quadro 119 — Maria da Graça (variação 5).....	208
Quadro 120 — Méier (variação 1).....	210
Quadro 121 — Méier (variação 2).....	210
Quadro 122 — Méier (variação 3).....	211
Quadro 123.1 — Méier (variação 4 / variante 1).....	212
Quadro 123.2 — Méier (variação 4 / variante 2).....	213
Quadro 123.3 — Méier (variação 4 / variante 3).....	213
Quadro 124 — Olaria (variação 1).....	215
Quadro 125 — Olaria (variação 2).....	215
Quadro 126 — Olaria (variação 3).....	216
Quadro 127 — Pavuna.....	217
Quadro 128 — Penha (variação 1).....	219
Quadro 129 — Penha (variação 2).....	220
Quadro 130 — Piedade (variação 1).....	221
Quadro 131 — Piedade (variação 2).....	222
Quadro 132 — Piedade (palavra soletrada).....	222
Quadro 133.1 — São Cristóvão (variante 1).....	224
Quadro 133.2 — São Cristóvão (variante 2).....	225
Quadro 133.3 — São Cristóvão (variante 3).....	225
Quadro 134 — Tijuca.....	227
Quadro 135 — Vicente de Carvalho.....	228
Quadro 136 — Vila Isabel (variação 1).....	230

Quadro 137 — Vila Isabel (variação 2).....	230
Quadro 138 — Bairros listados da zona oeste do Rio de Janeiro para coleta de dados.....	231
Quadro 139 — Bangu.....	233
Quadro 140 — Barra da Tijuca (variação 1).....	234
Quadro 141 — Barra da Tijuca (variação 2).....	235
Quadro 142 — Campo Grande.....	236
Quadro 143 — Deodoro (variação 1).....	238
Quadro 144 — Deodoro (variação 2).....	238
Quadro 145 — Guaratiba.....	240
Quadro 146.1 — Jacarepaguá (variante 1).....	242
Quadro 146.2 — Jacarepaguá (variante 2).....	242
Quadro 147 — Praça Seca (variação 1).....	244
Quadro 148 — Praça Seca (variação 2).....	244
Quadro 149 — Praça Seca (variação 3).....	245
Quadro 150 — Praça Seca (variação 4).....	245
Quadro 151 — Realengo (variação 1).....	247
Quadro 152 — Realengo (variação 2).....	248
Quadro 153 — Realengo (variação 3).....	248
Quadro 154 — Recreio dos Bandeirantes (variação 1).....	250
Quadro 155 — Recreio dos Bandeirantes (variação 2).....	251
Quadro 156 — Recreio dos Bandeirantes (variação 3).....	251
Quadro 157 — Recreio dos Bandeirantes (variação 4).....	252
Quadro 158 — Recreio dos Bandeirantes (variação 5).....	253
Quadro 159 — Santa Cruz.....	255
Quadro 160 — Taquara (variação 1).....	256
Quadro 161 — Taquara (variação 2).....	257
Quadro 162 — Vila Valqueire (variação 1).....	259
Quadro 163 — Vila Valqueire (variação 2).....	259

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Correspondência entre os sinais coletados e os bairros por zona.....	87
Tabela 2 — Resultados da coleta de dados sobre Catumbi.....	95
Tabela 3 — Resultados da coleta de dados sobre Centro.....	97
Tabela 4 — Resultados da coleta de dados sobre Cidade Nova.....	101
Tabela 5 — Resultados da coleta de dados sobre Estácio.....	105
Tabela 6 — Resultados da coleta de dados sobre Glória.....	109
Tabela 7 — Resultados da coleta de dados sobre Lapa.....	114
Tabela 8 — Resultados da coleta de dados sobre Santa Teresa.....	117
Tabela 9 — Resultados da coleta de dados sobre Botafogo.....	121
Tabela 10 — Resultados da coleta de dados sobre Catete.....	123
Tabela 11 — Resultados da coleta de dados sobre Copacabana.....	125
Tabela 12 — Resultados da coleta de dados sobre Flamengo.....	127
Tabela 13 — Resultados da coleta de dados sobre Gávea.....	129
Tabela 14 — Resultados da coleta de dados sobre Ipanema.....	131
Tabela 15 — Resultados da coleta de dados sobre Jardim Botânico.....	133
Tabela 16 — Resultados da coleta de dados sobre Laranjeiras.....	136
Tabela 17 — Resultados da coleta de dados sobre Leblon.....	138
Tabela 18 — Resultados da coleta de dados sobre Leme.....	140
Tabela 19 — Resultados da coleta de dados sobre Rocinha.....	141
Tabela 20 — Resultados da coleta de dados sobre São Conrado.....	145
Tabela 21 — Resultados da coleta de dados sobre Urca.....	149
Tabela 22 — Resultados da coleta de dados sobre Vidigal.....	152
Tabela 23 — Resultados da coleta de dados sobre Abolição.....	156
Tabela 24 — Resultados da coleta de dados sobre Bonsucesso.....	161
Tabela 25 — Resultados da coleta de dados sobre Cascadura.....	165
Tabela 26 — Resultados da coleta de dados sobre Coelho Neto.....	166
Tabela 27 — Resultados da coleta de dados sobre Engenho de Dentro.....	172
Tabela 28 — Resultados da coleta de dados sobre Engenho Novo.....	178
Tabela 29 — Resultados da coleta de dados sobre Irajá.....	185
Tabela 30 — Resultados da coleta de dados sobre Jacaré.....	188

Tabela 31 — Resultados da coleta de dados sobre Madureira.....	191
Tabela 32 — Resultados da coleta de dados sobre Maracanã.....	193
Tabela 33 — Resultados da coleta de dados sobre Maré.....	198
Tabela 34 — Resultados da coleta de dados sobre Marechal Hermes.....	201
Tabela 35 — Resultados da coleta de dados sobre Maria da Graça.....	205
Tabela 36 — Resultados da coleta de dados sobre Méier.....	209
Tabela 37 — Resultados da coleta de dados sobre Olaria.....	214
Tabela 38 — Resultados da coleta de dados sobre Pavuna.....	217
Tabela 39 — Resultados da coleta de dados sobre Penha.....	218
Tabela 40 — Resultados da coleta de dados sobre Piedade.....	221
Tabela 41 — Resultados da coleta de dados sobre São Cristóvão.....	223
Tabela 42 — Resultados da coleta de dados sobre Tijuca.....	226
Tabela 43 — Resultados da coleta de dados sobre Vicente de Carvalho.....	228
Tabela 44 — Resultados da coleta de dados sobre Vila Isabel.....	229
Tabela 45 — Resultados da coleta de dados sobre Bangu.....	232
Tabela 46 — Resultados da coleta de dados sobre Barra da Tijuca.....	234
Tabela 47 — Resultados da coleta de dados sobre Campo Grande.....	236
Tabela 48 — Resultados da coleta de dados sobre Deodoro.....	237
Tabela 49 — Resultados da coleta de dados sobre Guaratiba.....	239
Tabela 50 — Resultados da coleta de dados sobre Jacarepaguá.....	241
Tabela 51 — Resultados da coleta de dados sobre Praça Seca.....	243
Tabela 52 — Resultados da coleta de dados sobre Realengo.....	246
Tabela 53 — Resultados da coleta de dados sobre Recreio dos Bandeirantes.....	249
Tabela 54 — Resultados da coleta de dados sobre Santa Cruz.....	254
Tabela 55 — Resultados da coleta de dados sobre Taquara.....	256
Tabela 56 — Resultados da coleta de dados sobre Vila Valqueire.....	258
Tabela 57 — Distribuição dos sinais, variantes e palavras soletradas por zona da cidade do Rio de Janeiro.....	261
Tabela 58 — Distribuição de classificação toponímica dos sinais por zona da cidade do Rio de Janeiro.....	262

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Distribuição dos participantes por gênero.....	89
Gráfico 2 — Distribuição dos participantes por faixa etária.....	90
Gráfico 3 — Escolaridade dos participantes.....	90
Gráfico 4 — Local da residência dos participantes.....	91
Gráfico 5 — Correspondência entre bairro de residência do participante com a lista de bairros da coleta de dados.....	91
Gráfico 6 — Quantidade de bairros que o participante já residiu.....	92
Gráfico 7 — Tempo de residência dos participantes na cidade.....	92
Gráfico 8 — Tempo de início do contato com a Libras.....	93
Gráfico 9 — Respostas quantitativas sobre o topônimo Catumbi.....	94
Gráfico 10 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Centro.....	97
Gráfico 11 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Cidade Nova.....	101
Gráfico 12 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Estácio.....	105
Gráfico 13 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Glória.....	109
Gráfico 14 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Lapa.....	113
Gráfico 15 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Santa Teresa.....	116
Gráfico 16 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Botafogo.....	121
Gráfico 17 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Catete.....	122
Gráfico 18 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Copacabana.....	125
Gráfico 19 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Flamengo.....	127
Gráfico 20 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Gávea.....	128
Gráfico 21 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Ipanema.....	130
Gráfico 22 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Jardim Botânico.....	133
Gráfico 23 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Laranjeiras.....	136
Gráfico 24 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Leblon.....	138
Gráfico 25 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Leme.....	139
Gráfico 26 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Rocinha.....	141
Gráfico 27 — Respostas dos participantes sobre o topônimo São Conrado.....	145
Gráfico 28 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Urca.....	148
Gráfico 29 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vidigal.....	151

Gráfico 30 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Abolição.....	156
Gráfico 31 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Bonsucesso.....	161
Gráfico 32 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Cascadura.....	164
Gráfico 33 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Coelho Neto.....	166
Gráfico 34 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Engenho de Dentro.....	171
Gráfico 35 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Engenho Novo.....	178
Gráfico 36 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Irajá.....	185
Gráfico 37 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Jacaré.....	188
Gráfico 38 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Madureira.....	191
Gráfico 39 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Maracanã.....	192
Gráfico 40 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Maré.....	197
Gráfico 41 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Marechal Hermes....	200
Gráfico 42 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Maria da Graça.....	205
Gráfico 43 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Méier.....	209
Gráfico 44 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Olaria.....	214
Gráfico 45 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Pavuna.....	216
Gráfico 46 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Penha.....	218
Gráfico 47 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Piedade.....	220
Gráfico 48 — Respostas dos participantes sobre o topônimo São Cristóvão.....	223
Gráfico 49 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Tijuca.....	226
Gráfico 50 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vicente de Carvalho.....	227
Gráfico 51 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vila Isabel.....	229
Gráfico 52 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Bangu.....	231
Gráfico 53 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Barra da Tijuca.....	233
Gráfico 54 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Campo Grande.....	235
Gráfico 55 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Deodoro.....	237
Gráfico 56 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Guaratiba.....	239
Gráfico 57 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Jacarepaguá.....	241
Gráfico 58 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Praça Seca.....	243
Gráfico 59 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Realengo.....	246
Gráfico 60 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Recreio dos	

Bandeirantes.....	249
Gráfico 61 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Santa Cruz.....	254
Gráfico 62 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Taquara.....	255
Gráfico 63 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vila Valqueire.....	258

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACS	Associação Alvorada Congregadora de Surdos
AC	Acre
AL	Alagoas
AM	Amazonas
ASURJ	Associação dos Surdos do Rio de Janeiro
BA	Bahia
CAS	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
CE	Ceará
CM	Configuração de Mão
ELiS	Escrita de Língua de Sinais
ES	Espírito Santo
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHA	Instituto Helena Antipoff
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LDB	Lei de Diretrizes
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PA	Pará
PB	Paraíba
PE	Pernambuco

PI	Piauí
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SOPA-Lab	Laboratório de Línguas de Sinais e Orais em Psicolinguística e Aquisição
SP	São Paulo
SW	<i>SignWriting</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Tocantins
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	28
2 A ÁREA DE ESTUDO CONHECIDA POR TOPONÍMIA.....	34
2.1 TOPONÍMIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....	40
2.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E A COMUNIDADE SURDA.....	42
3 TOPONÍMIA: FOCO NOS ESTUDOS SOBRE LIBRAS.....	48
3.1 SOUZA-JÚNIOR (2012).....	48
3.2 AGUIAR (2012).....	51
3.3 SOUSA E QUADROS (2019); SOUSA (2019).....	54
3.4 MIRANDA (2020).....	56
3.5 URBANSKI, XAVIER E FERREIRA (2019).....	60
3.6 FERREIRA E XAVIER (2019); XAVIER E FERREIRA (2021).....	62
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	70
4.1 PARTICIPANTES.....	78
4.2 PROCEDIMENTOS.....	78
4.3 MATERIAIS.....	79
5 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS.....	87
5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	88
5.2 ZONA CENTRAL.....	93
5.2.1 Catumbi.....	94
5.2.2 Centro.....	96
5.2.3 Cidade Nova.....	101
5.2.4 Estácio.....	104
5.2.5 Glória.....	108
5.2.6 Lapa.....	113
5.2.7 Santa Teresa.....	116
5.3 ZONA SUL.....	119
5.3.1 Botafogo.....	120
5.3.2 Catete.....	122
5.3.3 Copacabana.....	125

5.3.4 Flamengo.....	126
5.3.5 Gávea.....	128
5.3.6 Ipanema.....	130
5.3.7 Jardim Botânico.....	133
5.3.8 Laranjeiras.....	135
5.3.9 Leblon.....	137
5.3.10 Leme.....	139
5.3.11 Rocinha.....	141
5.3.12 São Conrado.....	144
5.3.13 Urca.....	148
5.3.14 Vidigal.....	151
5.4 ZONA NORTE.....	155
5.4.1 Abolição.....	156
5.4.2 Bonsucesso.....	160
5.4.3 Cascadura.....	164
5.4.4 Coelho Neto.....	166
5.4.5 Engenho de Dentro.....	171
5.4.6 Engenho Novo.....	178
5.4.7 Irajá.....	185
5.4.8 Jacaré.....	188
5.4.9 Madureira.....	190
5.4.10 Maracanã.....	192
5.4.11 Maré.....	197
5.4.12 Marechal Hermes.....	200
5.4.13 Maria da Graça.....	204
5.4.14 Méier.....	209
5.4.15 Olaria.....	213
5.4.16 Pavuna.....	216
5.4.17 Penha.....	218
5.4.18 Piedade.....	220
5.4.19 São Cristóvão.....	223
5.4.20 Tijuca.....	225
5.4.21 Vicente de Carvalho.....	227

5.4.22 Vila Isabel.....	228
5.5 ZONA OESTE.....	230
5.5.1 Bangu.....	231
5.5.2 Barra da Tijuca.....	233
5.5.3 Campo Grande.....	235
5.5.4 Deodoro.....	236
5.5.5 Guaratiba.....	239
5.5.6 Jacarepaguá.....	240
5.5.7 Praça Seca.....	242
5.5.8 Realengo.....	246
5.5.9 Recreio dos Bandeirantes.....	249
5.5.10 Santa Cruz.....	253
5.5.11 Taquara.....	255
5.5.12 Vila Valqueire.....	257
6 DISCUSSÃO.....	260
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	264
8 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS.....	266
REFERÊNCIAS.....	268
APÊNDICE A — BAIRROS ATRIBUÍDOS POR ZONA.....	272
APÊNDICE B — TCLE.....	273
APÊNDICE C — FICHA DO PARTICIPANTE.....	277
APÊNDICE D — SLIDES PARA ENTREVISTA.....	278
APÊNDICE E — LISTA DE BAIRROS PARA ENTREVISTA.....	282
APÊNDICE F — DADOS DOS PARTICIPANTES.....	284
APÊNDICE G — COLETA DE DADOS.....	285
ANEXO A — BAIRROS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....	286
ANEXO B — CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (INES).....	287

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir do interesse pessoal do pesquisador por geografia, mapas e nomes de lugares, como bairros, regiões, cidades, estados e países. Tanto em português quanto em Libras, sempre houve uma curiosidade em compreender os significados por trás dos topônimos, termos para se referir a lugares, assim como os sinais utilizados pela comunidade surda para representá-los. Essa curiosidade foi alimentada ao longo de viagens por diversas regiões do Brasil, nos quais surgiram questionamentos sobre os sinais (grosso modo, termos em uma língua de sinais) em Libras utilizados para designar determinados lugares. Foi então que o pesquisador descobriu a área da Toponímia, despertando um profundo interesse pelo tema.

A Libras é uma língua de modalidade gesto-visual utilizada pela comunidade surda brasileira que está em constante contato com o português do Brasil, língua de modalidade oral-auditiva. Mesmo em línguas de mesma modalidade nota-se mudanças nos topônimos de país para país, por vezes há mudanças fonológicas para adequar o termo a língua de chegada, por vezes o termo é bastante diferente. Em português, temos o termo Pequim para designar a capital da China, no entanto, em escrita alfabética o termo como é grafado na China seria Beijing. Também é possível observar exemplos como New York que em português passa a Nova Iorque. Vê-se que os processos de criação de topônimos variam. Esses mesmos processos, e também outros, podem ocorrer em Libras, mesmo ela sendo uma língua de outra modalidade.

É importante destacar que Libras não é apenas uma língua em outra modalidade como são também Cena (PI), Língua Maxakali de Sinais (MG), Língua Terena de Sinais (MS), Língua Sateré-Mawé de Sinais (AM), Língua Kaingang de Sinais (SC) etc. Essas línguas são Línguas Indígenas de Sinais (LIS), mas não possuem o status de língua regulamentada por lei nacional como a Libras, que já tem seu status legal reconhecido há mais de 20 anos, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Esse reconhecimento gerou aumento significativo nas pesquisas acadêmicas

voltadas para descrição de Libras e também sobre o contexto bilíngue da educação de surdos. Parte desse avanço se baseia no fato de que línguas de sinais são línguas naturais como todas as outras e que portanto o acesso em atendimento médico, jurídico, educacional e qualquer outro é um direito do povo surdo. No entanto, esse povo ainda luta diariamente pela garantia de seus direitos. Recentemente houve a alteração da LDB que desloca a educação de surdos, dado que é um campo de educação bilíngue¹, do campo da educação de pessoas com deficiência para ser entendida como um espaço de um povo com uma língua minoritária, tal qual as línguas indígenas. O ativismo do povo surdo é no sentido de garantir acesso a Libras, primeiramente, dado que muitas crianças surdas nascem no âmbito de famílias que não sinalizam, e em um segundo momento acesso ao português escrito via escolarização em modalidade bilíngue. O autor desta dissertação é surdo congênito. Seria assim seu direito adquirir Libras como L1 e português escrito na escola. No entanto, essa não foi a experiência do autor.

O primeiro contato do pesquisador com a Libras ocorreu aos 18 anos de idade, momento em que percebeu o “conforto linguístico” proporcionado pela possibilidade de se comunicar com a comunidade surda, em uma língua em que poderia ter acesso pleno, sem barreiras. Desde então, a Libras passou a ocupar um papel central em sua vida: pessoal, acadêmica e profissional. Em 2014, após nascer em sua cidade natal, Itaperuna (RJ), viver por quase dois anos na cidade imperial de Petrópolis (RJ), e residir em sua cidade de coração, Belo Horizonte (MG), o pesquisador mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ) aos 24 anos, iniciando uma nova etapa em sua formação ao ingressar no curso de Letras-Libras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fazendo parte da primeira turma do curso nessa instituição. Nesse percurso, desenvolveu não apenas o desejo de atuar como professor de Libras, mas também uma grande paixão pela cidade do Rio de Janeiro e pelos estudos relacionados a mapas políticos.

Sendo atualmente morador da cidade e membro da comunidade surda, o pesquisador passou a observar relações entre os sinais em Libras e os nomes em

¹ A lei nº 14.191/2021 regulamenta a educação bilíngue de surdos no Brasil, incluindo-a como modalidade de ensino independente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Esta lei estabelece que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a primeira língua da comunidade surda e o português escrito é a segunda língua. A lei também prevê a oferta de educação bilíngue desde a educação infantil até o ensino superior, com professores bilíngues e materiais didáticos adequados.

português. A partir do convívio com surdos em diferentes contextos como no INES, nas associações de surdos da cidade do Rio de Janeiro – como a Associação dos Surdos do Rio de Janeiro (ASURJ) e a Associação Alvorada Congregadora de Surdos (AACD) –, no Instituto Helena Antipoff (IHA)², – que promove encontros de instrutores surdos da rede municipal – e em eventos acadêmicos – palestras e congressos voltados à Libras e à educação de surdos –, somado às visitas a diversos bairros da cidade, o interesse por seus sinais em Libras se intensificou. A leitura do artigo de Silveira (2022), que discute a toponímia dos bairros de Petrópolis, também foi um fator motivador para a delimitação deste estudo.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo principal levantar os dados sobre os sinais utilizados para designar bairros do Rio de Janeiro tendo como informantes surdos que moram na cidade com foco na compreensão das motivações que levam à escolha de cada sinal e possíveis explicações de origem. A partir disso, analisamos os sinais em Libras coletados a partir de sua composição (configuração de mão, orientação da palma da mão, ponto de articulação³ e movimento) para discutir as categorias de formação de topônimos. Pretende-se, dessa forma, contribuir para os estudos na área de toponímia, a partir da perspectiva da comunidade surda (Hauser *et al.*, 2010; Cue *et al.*, 2019).

Nesta pesquisa, o conceito de *Deaf Gain*⁴ é fundamental para compreender os sinais em Libras atribuídos aos bairros do Rio de Janeiro. Ao contrário da visão que enxerga a surdez como uma limitação, o *Deaf Gain* valoriza o que o povo surdo produz — como formas únicas de nomear lugares com base na experiência visual e cultural. Esses sinais toponímicos criados por surdos não apenas identificam os bairros, mas também revelam saberes e percepções específicas, que enriquecem a compreensão da cidade. Segundo Bauman e Murray (2014), o *Deaf Gain* refere-se aos benefícios que a diferença surda oferece à sociedade em termos de diversidade linguística, criatividade e modos alternativos de comunicação e conhecimento. A inclusão da Libras no ambiente acadêmico tornou os surdos mais visíveis, impactando sua vida social e cultural (Quadros; Strobel; Masutti, 2014). Assim, a

² Instituto de referência voltado para a pessoa com deficiência na cidade do Rio de Janeiro, atrelado a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro.

³ Este aspecto pode ser descrito como locação ou ponto de articulação. Nesta dissertação optou-se por ponto de articulação.

⁴ Em nossa percepção, usamos o termo *Deaf Gain* porque entendemos que a existência da perspectiva de pesquisadores surdos, deafhood, um ganho coletivo ocorre para toda a sociedade.

criação e o uso desses sinais demonstram como a diferença surda é fonte de inovação linguística e cultural, contribuindo para a diversidade dos modos de viver e de se relacionar com o espaço urbano.

A partir da valorização da diferença surda proposta pelo conceito de *Deaf Gain*, torna-se pertinente aprofundar a discussão sobre a forma como sujeitos surdos constroem conhecimento, o que leva à noção de epistemologia surda. Segundo Hauser *et al.* (2010), a epistemologia surda diz respeito à natureza e à extensão do conhecimento dos indivíduos surdos desenvolvem em uma sociedade predominantemente ouvinte, estruturada a partir de audição. Por serem orientados visualmente, em contraste com seus pares ouvintes, os surdos aprendem e interagem com o mundo por meio de experiências perceptivas e cognitivas distintas, muitas vezes mediadas pela língua de sinais e pela cultura surda. A interação com pessoas ouvintes e as estruturas sociais em que estão inseridos também influencia a forma como esses sujeitos constroem saberes. Mais do que uma consequência da surdez em si, essas formas específicas de perceber e conhecer o mundo estão ligadas à *Deafhood*, ou seja, à vivência identitária e cultural da surdez. Assim, reconhecer a epistemologia surda amplia a compreensão sobre as práticas educativas, comunicacionais e sociais do povo surdo, ao destacar formas plurais de produzir conhecimento e de estar no mundo.

Pensando a partir dessa perspectiva, o autor desta dissertação propõe o conceito de toponímia visual para destacar a percepção predominantemente visual do povo surdo e seus modos de categorizar o mundo. Assim, essa área de pesquisa estaria voltada para os estudos de línguas de sinais e nomeação dos espaços geográficos a partir da perspectiva do povo surdo.

Apesar desta não ser uma dissertação que discute questões específicas de identidade e cultura surda, é importante destacar como o povo surdo tem feito avanços no campo acadêmico pensando nas formas de saber dos surdos e os ganhos desses modos de vida em cooperação com a comunidade surda.

A relevância desta pesquisa se dá por diversos fatores. Em primeiro lugar, os estudos toponímicos associados à Libras ainda são escassos, o que torna este trabalho inovador ao abordar os sinais usados para designar bairros do Rio de

Janeiro sob a ótica do povo surdo. Além disso, compreender a percepção de pessoas surdas sobre a motivação por trás desses sinais contribui não apenas para o registro linguístico e cultural da Libras, mas também para o fortalecimento da identidade surda e para a valorização do conhecimento produzido dentro da própria comunidade.

Outro aspecto que justifica esta investigação é a importância de reconhecer a diversidade linguística presente nos sinais regionais. A Libras, enquanto língua viva e dinâmica, é rica em variações que refletem contextos culturais, históricos e sociais específicos. Estudos como os de Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) evidenciam a complexidade estrutural da Libras, abordando aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, o que reforça seu caráter plenamente linguístico. Mapear e analisar esses sinais oferece subsídios para o ensino de Libras, a formação de professores e intérpretes, e o desenvolvimento de materiais didáticos mais conectados à realidade dos falantes da língua.

A cidade do Rio de Janeiro conta, atualmente, com 165 bairros. No entanto, observa-se que nem todos possuem sinais convencionados: em alguns casos, utiliza-se a soletração manual do termo em português, por desconhecimento de um sinal específico. Considerando a extensão da pesquisa e as limitações de tempo do mestrado, optou-se por investigar um terço dos bairros, ou seja, 55 bairros. Os demais poderão ser objeto de pesquisa futura, especialmente no doutorado, quando se pretende desenvolver uma nova metodologia de investigação.

Com base no objetivo principal, definem-se os seguintes objetivos específicos: (i) investigar quais bairros do Rio de Janeiro já tem sinais em Libras, mesmo que ainda não sejam amplamente difundidos; (ii) testar os conhecimentos dos topônimos a partir de uma entrevista com informantes surdos residentes da cidade do Rio de Janeiro, (iii) investigar as motivações dos sinais utilizados pelos informantes a partir da percepção, (iv) analisar os sinais com base em uma classificação toponímica.

A estrutura deste trabalho está organizada da seguinte forma. No primeiro capítulo, este que se apresenta, corresponde à introdução, contendo o contexto, os objetivos e a justificativa da pesquisa. No segundo capítulo, discute-se os

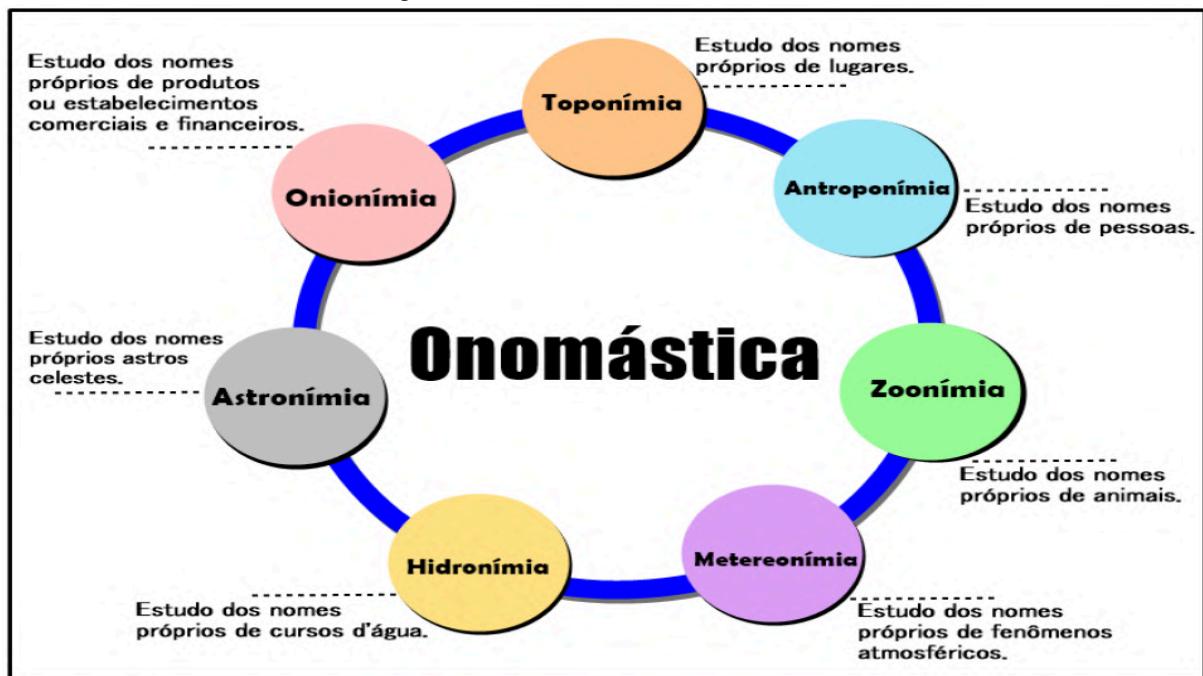
referenciais teóricos que fundamentam o estudo, abordando o conceito de toponímia, com ênfase em português, além da toponímia da cidade do Rio de Janeiro e da trajetória histórico-geográfica da cidade e a comunidade surda local. No terceiro capítulo, apresenta-se os referenciais teóricos que tratam da toponímia em Libras, com foco nas abordagens metodológicas para a classificação dos sinais dos lugares. No quarto capítulo, descreve-se os materiais e métodos utilizados, incluindo o percurso metodológico, os critérios de seleção de participantes e a classificação toponímica dos sinais. No quinto capítulo, apresenta-se os resultados obtidos por meio das entrevistas e a análise dos dados coletados, com foco na motivação e descrição linguística dos sinais. No sexto capítulo, discute-se a análise dos dados à luz dos referenciais teóricos. No sétimo capítulo, traz-se as considerações finais, destacando as contribuições da pesquisa e suas limitações. Por fim, no oitavo capítulo, apresenta-se as sugestões para estudos futuros.

2 A ÁREA DE ESTUDO CONHECIDA POR TOPONÍMIA

A toponímia, derivada do grego *topo*, que significa lugar, e *onoma*, que significa nome, refere-se ao estudo dos nomes de lugares. Esses lugares podem incluir tanto espaços geográficos humanos, como: ruas, avenidas, praças, vilas, bairros, distritos, cidades, estados, países e continentes; quanto espaços geográficos físicos, como: rios, baías, serras, lagos, lagoas, chapadas, cachoeiras, cordilheiras, planaltos e vales, entre outros. É uma subárea da onomástica que descreve, analisa e investiga os motivos por trás da nomeação de elementos geográficos, conforme descrito por Dick (1990).

A onomástica é uma área da lexicologia que estuda os nomes próprios. Segundo Sousa (2022a), a onomástica tem várias subáreas que ajudam a compreender as diferentes categorias e funções dos nomes, como mostrado na figura 1.

Figura 1 — Onomástica e as subáreas



Fonte: Sousa (2022a, p. 14).

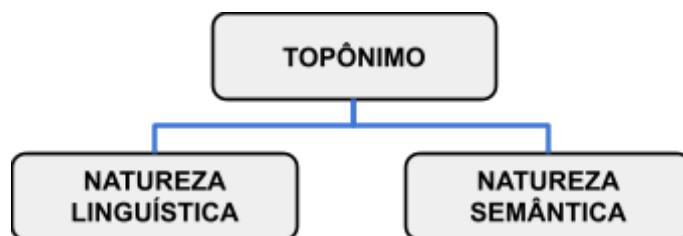
A toponímia investiga como a etimologia dos nomes, a influência das línguas, culturas locais e as mudanças históricas podem ter afetado a nomenclatura de um lugar. Por exemplo, a toponímia pode analisar por que uma cidade é chamada de “Rio de Janeiro” ou como nomes de rios e montanhas refletem características geográficas ou eventos históricos. É uma disciplina que ajuda a compreender a

relação entre a linguagem e o espaço, e pode fornecer percepções sobre a história e a cultura de diferentes regiões.

Dick (1992) esclarece que a toponímia (Figura 2) tem dois objetivos principais:

- a- estudo da natureza linguística dos topônimos que conformam a nomenclatura geográfica brasileira, provenientes das camadas linguísticas intercorrentes: a indígena, distribuída em suas diversas famílias; a portuguesa (ou brasileira propriamente dita); a africana; nomes de origem estrangeira, de filiação mais recente; análise dos fenômenos de linguagens pertinentes;
- b- estudo da motivação ou da natureza semântica dos nomes envolvidos no ordenamento onomástico brasileiro, de modo a se configurar as tipologias dominantes, segundo áreas específicas de ocorrências (DICK, 1992, p. 46).

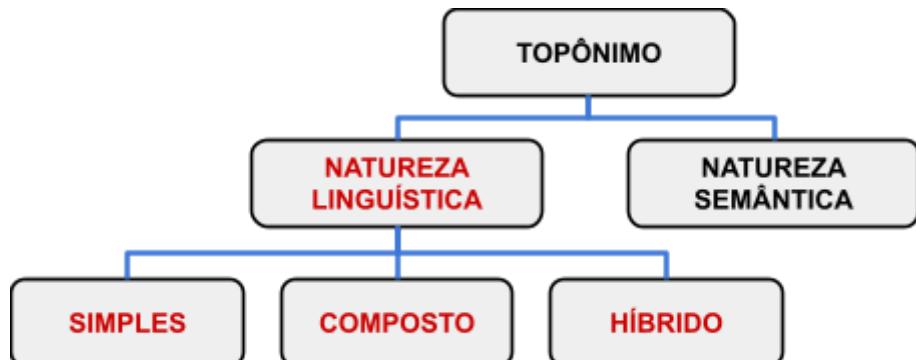
Figura 2 — Categorias principais propostas por Dick (1992) para a análise dos topônimos



Fonte: adaptado de Dick (1992).

No estudo da natureza linguística, Dick (1992) sugere um modelo que organiza os topônimos em três categorias morfológicas (Figura 3). Ele baseia essa classificação nos dados da toponímia brasileira e propõe uma abordagem analítica detalhada sobre como os nomes de lugares se formam e se estruturam na língua portuguesa, especialmente em relação à realidade brasileira. No Quadro 1, cada categoria é definida e acompanhada de exemplos de topônimos com base no IBGE, incluindo aqueles analisados a partir da percepção do pesquisador desta dissertação.

Figura 3 — Categorias morfológicas da categoria de natureza linguística



Fonte: adaptado de Dick (1992).

Quadro 1 — Categorias morfológicas para os topônimos de natureza linguística propostas por Dick (1992)

Categoria	Definição	Exemplos de topônimos
Topônimo simples ou elemento específico simples	Topônimo que possui somente o elemento formador, e que nas línguas orais pode ser acompanhado de sufixos, aumentativos e diminutivos.	Lajeado (RS) Petrópolis (RJ) Uberlândia (MG)
Topônimo composto ou elemento específico composto	Topônimo que possui mais de um elemento formador de origens diversas entre si.	Araguaçu (TO) Caldas Novas (GO) Itaperuna (RJ)
Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido	Topônimo constituído por elementos provenientes de línguas diferentes.	Marabá Paulista (SP) Ponta Porã (MS)

Fonte: adaptado de Dick (1992).

Para analisar a motivação ou natureza semântica do topônimo, Dick (1990, 1992) propõe um modelo metodológico de classificação baseado em 27 taxes⁵, divididos em duas categorias (Figura 4). A primeira, com 11 taxes (Quadro 2), é classificada como de natureza física e está relacionada ao ambiente natural do lugar a ser nomeado. A segunda, com 16 taxes (Quadro 3), é de natureza antropocultural e está relacionada às questões culturais, históricas e psicossociais. Abaixo estão apresentados os dois quadros, cada taxa com seus conceitos e exemplos de topônimos correspondentes, os quais se baseiam no IBGE e são, também, analisados a partir da percepção do pesquisador desta dissertação.

Figura 4 — Categorias morfológicas da categoria de natureza semântica



Fonte: adaptado de Dick (1990, 1992).

⁵ Taxe é um conceito proposto por Dick (1990; 1992) na área da toponímia, utilizado para descrever uma categoria morfológica que caracteriza a estrutura ou a forma dos topônimos, especialmente no contexto da toponímia brasileira.

Quadro 2 — Nomenclatura de classificação toponímica de categoria de natureza física proposta por Dick (1990, 1992)

Taxionomias toponímicas de natureza física		
Taxe	Conceito	Exemplos de topônimos
Astrotopônimos	Topônimos relativos aos corpos celestes em geral.	Cruzeiro do Sul (AC) Estrela (RS) Vale do Sol (RS)
Cardinotopônimos	Topônimos relativos às posições geográficas em geral.	Juazeiro do Norte (CE) Paraíba do Sul (RJ) Primavera do Leste (MT)
Cromotopônimos	Topônimos relativos às cores, ou seja, à escala cromática.	Pedra Dourada (MG) Rio Verde (GO) Serra Negra (SP)
Dimensiotopônimos	Topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, altura, profundidade.	Campo Maior (PI) Ilha Comprida (SP) Ponta Grossa (PR)
Fitotopônimos	Topônimos relativos aos vegetais.	Bacuri (MA) Palmital (SP) Pinheiral (RJ)
Geomorfotopônimos	Topônimos relativos às formas topográficas.	Colina do Tocantins (TO) Montes Claros (MG) Morros (MA)
Hidrotopônimos	Topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral.	Cachoeira (BA) Riachão (MA) Ribeirão Preto (SP)
Litotopônimos	Topônimos relativos de minerais, relativos à constituição do solo, representados por indivíduos.	Areia (PB) Diamantina (MG) Ouro Preto (MG)
Meteorotopônimos	Topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.	Primavera (PE) Ribeirão das Neves (MG) Ventania (PR)
Morfotopônimos	Topônimos relativos às formas geométricas.	Campo Redondo (RN) Poço Redondo (SE) Volta Redonda (RJ)
Zootopônimos	Topônimos relativos de animais.	Carneiros (AL) Formiga (MG) Galinhos (RN)

Fonte: adaptado de Dick (1990, 1992).

Quadro 3 — Nomenclatura de classificação toponímica de categoria de natureza antropocultural proposta por Dick (1990, 1992)

Taxionomias toponímicas de natureza antropocultural		
Taxe	Conceito	Exemplos de topônimos
Animotopônimos ou Nootopônimos	Topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria-prima fundamental não pertence à cultura física.	Almas (TO) Belo Horizonte (MG) Vitória (ES)
Antropotopônimos	Topônimos relativos aos nomes próprios individuais.	Antônio Carlos (MG) Maria Helena (PR) Miguel Pereira (RJ)
Axiotopônimos	Topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.	Duque de Caxias (RJ) Marechal Deodoro (AL) Presidente Figueiredo (AM)
Corotopônimos	Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.	Filadélfia (BA) Nova Iorque (MA) Palestina (AL)
Cronotopônimos	Topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova/velho/velha.	Nova Friburgo (RJ) Novo Progresso (PA) Vila Velha (ES)
Dirrematotopônimos	Topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos.	Não-Me-Toque (RS) Passa e Fica (RN) Varre-Sai (RJ)
Ecotopônimos	Topônimos relativos às habitações de um modo geral.	Casa Nova (BA) Dois Vizinhos (PR) Morada Nova (CE)
Ergotopônimos	Topônimos relativos aos elementos da cultura material.	Balsas (MA) Canoas (RS) Relógio (PR)
Etnotopônimos	Topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas).	São Félix do Xingu (PA) Xambioá (TO) Xavante (MT)
Hierotopônimos	Topônimos relativos aos nomes de sagrados de diferentes crenças; às associações religiosas; às efemeridades religiosas. Estes se subdividem em dois (abaixo).	Capela (SE) Natal (RN) Natividade (RJ)
	Hagiotopônimos: topônimos relativos aos nomes de santos e santas do hagiólógio romano.	Santa Luzia (MG) Santa Teresa (ES) São Paulo (SP)
	Mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas.	Exu (PE) Fênix (PR) Muzambinho (MG)

Historiotopônimos	Topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes.	Inconfidentes (MG) Pedro II (PI) Quinze de Novembro (RS)
Hodotopônimos	Topônimos relativos às vias de acesso rurais ou urbanas.	Duas Estradas (PB) Ponte Nova (MG) Quatro Pontes (PR)
Numerotopônimos	Topônimos relativos aos adjetivos numerais.	Duas Barras (RJ) Três Corações (MG) Sete Lagoas (MG)
Poliotopônimos	Topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.	Aldeias Altas (MA) Arraial do Cabo (RJ) Vila Velha (ES)
Sociotopônimos	Topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça).	Caçador (SC) Engenheiro Beltrão (PR) Pescador (MG)
Somatotopônimos	Topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou animal.	Boca do Acre (AM) Braço do Norte (SC) Coração de Jesus (MG)

Fonte: adaptado de Dick (1990; 1992).

Após pesquisa proposta por Dick (1990, 1992), outros autores acrescentaram novas taxes com os seus conceitos e exemplos (Quadro 4).

Quadro 4 — Novas taxes propostas por pesquisadores em toponímia

Autor (ano)	Taxe	Conceito	Exemplos de topônimos
Francisquini (1998)	Acronimotopônimos	Topônimos representados por siglas.	Sinop (MT)
Francisquini (1998)	Grafemotopônimos	Topônimos representados pelas letras do alfabeto.	Rua A Rua B
Carvalho (2010)	Igneotopônimos	Topônimos relativos ao fogo, à produção pela ação do fogo e aos produtos resultantes de sua ação direta.	Morro da Fumaça (SC) Queimadas (PB) Queimados (RJ)

Fonte: elaborado pelo autor.

Similarmente com Francisquini (1998), Curvelo-Matos (2014, p. 67) acrescentou uma taxe ao modelo de classificação toponímica da categoria de natureza antropocultural: os siglatopônimos. Esses topônimos são formados por siglas de nomes de cidades, instituições, empresas, casas comerciais, indústrias, marcas de fábricas, de propaganda e afins. A pesquisa da autora destaca os bairros

de São Luís (MA) classificados como siglatopônimos, como Cohab (**Companhia de Habitação Popular do Maranhão**), Cohama (**Cooperativa Habitacional do Maranhão**), Cohafuma (**Cooperativa Habitacional dos Funcionários da Universidade Federal do Maranhão**), e Cohatrac (**Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores do Comércio**). Um exemplo de cidade brasileira, segundo IBGE, é Sinop (MT), cuja sigla deriva das letras da colonizadora **Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná**.

O estudo da toponímia oferece uma perspectiva única sobre a história, a cultura e a relação dos seres humanos com os espaços que habitam. A abordagem proposta por Dick (1990, 1992), que classifica os topônimos de acordo com sua natureza linguística e semântica, tem se mostrado útil para compreender a diversidade e a complexidade dos nomes geográficos no Brasil. Nesse contexto, na próxima seção será explorado o estudo da toponímia especificamente da cidade do Rio de Janeiro, que oferece uma rica fonte de dados para a análise das influências históricas, sociais e culturais que contribuíram para a formação dos nomes dos seus bairros.

2.1 TOPONÍMIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Nesta pesquisa, que se foca nos bairros da cidade do Rio de Janeiro, destacam-se os primeiros pesquisadores que abordaram os topônimos cariocas, com livros publicados por Oliveira e Silva. Oliveira publicou “Toponímia Carioca” (1957), e Silva publicou “Geonomásticos Cariocas de Procedência Indígena” (1962) e “Denominações indígenas da toponímia carioca” (1966). Esses três livros funcionam como dicionários, contendo diversos verbetes e seus significados, abrangendo não apenas bairros, mas também nomes de ruas, avenidas, travessas, estradas, praças e afins. Os dois livros de Silva, em particular, focam nos significados de origem indígena.

Silva (1962, 1966) destaca que o dicionário toponímico:

“Uma toponímia do Rio de Janeiro, ou de outra qualquer cidade é uma história miúda e divertida. Tal história ensinará que certos nomes impostos não pegam e não mudam os outros.” (Afrânio Peixoto, sem ano, *apud* Silva, 1962; 1966)

No Quadro 5, são apresentadas as categorias toponímicas no campo

semântico com o objetivo de proporcionar uma melhor compreensão sobre a origem e a caracterização dos nomes dos bairros cariocas. O quadro inclui a definição de categorias e exemplos de topônimos cariocas, baseados na percepção dos nomes e complementados por pesquisas em dicionários de Oliveira e Silva.

Quadro 5 — Categorias topográficas de campo semântico

Categoria	Definição	Exemplos de topônimos
Religioso	Topônimos que fazem referência a santos, figuras religiosas ou termos associados à religião.	Água Santa, Penha, São Cristóvão, Santa Cruz, Santa Teresa, Santo Cristo, São Conrado.
Elemento ambiental	Topônimos relacionados a características naturais ou ambientais.	Água Santa, Caju, Campo Grande, Jardim Botânico, Laranjeiras, Maré, Rio Comprido.
Qualificativo	Topônimos que descrevem características ou qualidades do lugar.	Campo Grande, Engenho Novo, Praça Seca, Rio Comprido, Vista Alegre.
Nomes de pessoas	Topônimos baseados em nomes de pessoas, frequentemente figuras históricas ou locais importantes.	Barros Filho, Brás de Pina, Botafogo, Costa Barros, Estácio, Leblon, Maria da Graça, Vasco da Gama, Vila Isabel.
Elemento físico	Topônimos associados à característica física ou estrutura urbana.	Praça da Bandeira, Praça Seca.
Títulos / cargos	Topônimos que fazem referência a títulos ou cargos políticos e militares.	Bento Ribeiro, Deodoro, Marechal Hermes, Senador Camará, Senador Vasconcelos.
Origem da língua indígena	Topônimos oriundos de línguas indígenas, refletindo a influência dos povos originários.	Cachambi, Guaratiba, Ipanema, Jacarepaguá, Maracanã, Paquetá, Pavuna, Taquara, Tijuca, Sepetiba.
Mito	Topônimos associados à entidades mitológicas.	Zumbi.

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro acima elaborado pelo autor fornece uma visão geral sobre como os diferentes tipos de topônimos, classificados por categoria no campo semântico, são utilizados para nomear os bairros da cidade do Rio de Janeiro. Os campos semânticos na primeira coluna foram categorias desenvolvidas pelo pesquisador a partir da literatura na área. Acredita-se que esse quadro deve ajudar o leitor a ter uma dimensão visual da complexidade topográfica e assim entender melhor a diversidade e a origem dos nomes desses lugares.

Nesta seção discutimos a topografia voltada para os dados da cidade do Rio

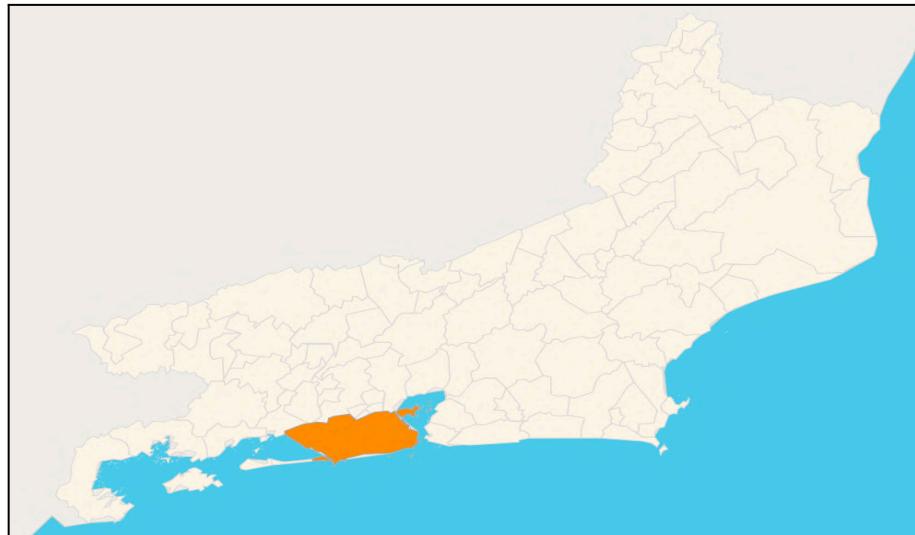
de Janeiro em português, no intuito de apresentar a discussão de bairros cariocas que será aprofundada ao longo desta dissertação. Na seção seguinte, apresentamos as características histórico-geográficas desse local para que o público entenda um pouco das potenciais motivações históricas, bem como a importância histórica dessa cidade para a trajetória de resistência da comunidade surda.

2.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E A COMUNIDADE SURDA

A apresentação da trajetória histórico-geográfica da cidade do Rio de Janeiro nesta seção tem como objetivo contextualizar a análise toponímica desenvolvida nesta dissertação e a relação desses espaços geográficos com a comunidade surda local. A toponímia está intrinsecamente relacionada à história, à geografia e às dinâmicas sociais e culturais de um território. Dessa forma, compreender a fundação do município, a origem dos gentílicos “carioca” e “fluminense”, a configuração territorial das zonas e bairros, bem como os principais marcos históricos da cidade é fundamental para a análise dos topônimos utilizados no contexto carioca. Essa perspectiva permite refletir sobre como esses nomes carregam sentidos identitários e simbólicos, sendo apropriados e reinterpretados por diferentes grupos sociais, inclusive pela comunidade surda, cujas formas de nomeação em Libras também dialogam com os referenciais teóricos e espaciais da cidade.

O município do Rio de Janeiro, localizado no estado homônimo na região Sudeste, como mostrado na Figura 5, é o segundo mais populoso do Brasil, de acordo com dados do IBGE (2022). A cidade tem uma população estimada de aproximadamente 6,2 milhões de habitantes e uma área de 1.200,329 km². Reconhecido mundialmente por suas belezas naturais e vibrante vida cultural, o Rio de Janeiro é um dos principais destinos turísticos internacionais. Conhecida como a “Cidade Maravilhosa”, a cidade é famosa por suas atrações icônicas, como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e suas praias, além de eventos culturais como o Carnaval.

Figura 5 — Localização do município do Rio de Janeiro em destaque, situado no estado do Rio de Janeiro



Fonte: adaptado com dados do IBGE (2022)⁶.

Vale ressaltar que os habitantes naturais da cidade do Rio de Janeiro são denominados “cariocas”, enquanto o termo “fluminenses” é utilizado para se referir aos naturais do estado do Rio de Janeiro. A confusão entre esses termos é bastante comum entre a população brasileira, que frequentemente usa “carioca” e “fluminense” de forma intercambiável, embora cada um tenha uma designação específica relacionada à origem geográfica. O termo “carioca” tem origem na língua tupi e significa “casa de homem branco”. A palavra é uma combinação dos termos “kari” (homem branco) e “oka” (casa), refletindo a interação entre os indígenas e os colonizadores portugueses.

A fundação da cidade do Rio de Janeiro ocorreu em 1º de março de 1565, realizada pelo português Estácio de Sá (Figura 6). Ele inicialmente nomeou a cidade de “São Sebastião do Rio de Janeiro” em homenagem ao rei de Portugal, Dom Sebastião. Estácio de Sá partiu de Portugal com destino à Baía de Guanabara com o objetivo de expulsar os franceses que haviam tentado se estabelecer na região, nas proximidades do Morro do Pão de Açúcar. A cidade começou a se expandir gradualmente e desenvolveu-se como um importante centro comercial e militar no Brasil colonial.

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Figura 6 — Painel de azulejos da Igreja dos Capuchinhos, na Tijuca, que representa a fundação da cidade do Rio de Janeiro por Estácio de Sá



Fonte: Rio Memórias, ano não definido⁷.

O nome “Rio de Janeiro” foi escolhido em referência ao fato de que a baía foi inicialmente confundida com um grande rio pelos exploradores portugueses. O termo “Janeiro” se refere ao mês em que a descoberta ocorreu, janeiro de 1502, embora a fundação oficial da cidade tenha ocorrido em 1565. Com o tempo, a cidade evoluiu e se desenvolveu, tornando-se uma das mais importantes do Brasil e desempenhando um papel significativo na história e cultura do país.

Na história do Brasil, antes de Salvador, a cidade do Rio de Janeiro foi a segunda capital do país no período de 1763 a 1960. Em 1960, a capital foi transferida para Brasília. Após essa mudança, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o único município do Estado de Guanabara, e se manteve dessa forma por 15 anos. Em 1975, com a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, a cidade voltou a ser capital do Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, por meio do Instituto Pereira Passos (IPP), órgão responsável pela produção e sistematização de dados urbanos e cartográficos, o município é oficialmente dividido em 165 bairros, conforme estabelecido por lei municipal e regulamento por decreto. Recentemente, o

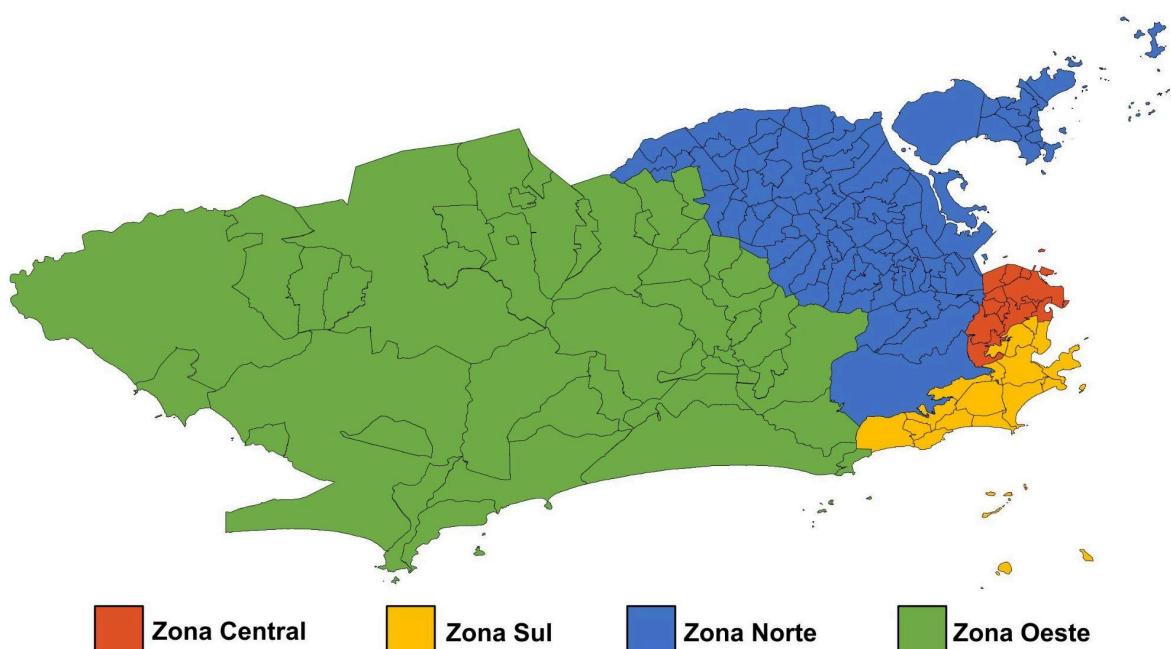
⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/brazilbrussels/posts/est%C3%A1cio-de-s%C3%A1-o-fundador-da-cidade-do-rio-de-janeiroem-2020-o-brasil-celebra-os-3329470970399682/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

bairro mais novo é a Barra Olímpica⁸. No entanto, o mapa ainda não foi atualizado para refletir essa nova inclusão, mostrando apenas 164 bairros, como ilustrado em ANEXO A.

O município do Rio de Janeiro é dividido em quatro zonas geográficas: Zona Central, Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste, conforme ilustrado na Figura 7. Na figura, a Zona Central está representada pela cor vermelha, a Zona Sul pela cor amarela, a Zona Norte pela cor azul e a Zona Oeste pela cor verde — cores que serão utilizadas ao longo da dissertação para manter a coerência visual e facilitar a identificação espacial. Embora essa divisão não esteja claramente delimitada em todas as fontes oficiais, ela é amplamente adotada pelos cariocas para localizar regiões e acompanhar informações sobre notícias e eventos na cidade.

Com o intuito de esclarecer essa divisão, especialmente no que diz respeito à distribuição dos bairros, apresenta-se no Apêndice A uma listagem dos bairros elaborada pelo pesquisador desta dissertação, que organiza os bairros conforme sua localização geográfica em cada zona da cidade.

Figura 7 — Zoneamento da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: mapa-base adquirido no site MapasBR; edição, coloração por zonas e inserção de legendas elaboradas pelo autor.

⁸ Ver

<https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/lei-ordinaria/2022/764/7646/lei-ordinaria-n-7646-2022-cria-o-bairro-barra-olimpica-pela-subdivisao-dos-bairros-barra-da-tijuca-camorim-e-jacarepagua.>

Acesso em: 30 mar. 2025.

Esta divisão em quatro zonas é relevante e amplamente empregada na comunicação cotidiana entre os cariocas, inclusive os surdos, sendo recorrente em mídias, reportagens, notícias, redes sociais e outros meios de circulação de informação. Com o tempo, novos bairros podem surgir, dependendo das decisões da Prefeitura.

Na época em que a cidade do Rio de Janeiro ainda era capital do Brasil, estabeleceu-se ali o primeiro grande marco na educação de surdos no país. Segundo Rocha (2008), em 1855, o professor surdo francês E. Huet solicitou ao imperador Dom Pedro II a autorização para fundar a primeira escola voltada à educação de surdos no Brasil, atualmente conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A fundação oficial da instituição foi registrada em 26 de setembro de 1857. Desde então, o INES consolidou-se como uma importante referência tanto na educação de surdos quanto no desenvolvimento e na difusão da língua de sinais do Brasil.

Ao longo do tempo, escolas destinadas à educação de surdos foram sendo implantadas em diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro, consolidando-se como instituições bilíngues, nas quais a Libras é adotada como primeira língua e o português escrito como segunda língua. Essa configuração é resultado de uma luta histórica e política da comunidade surda brasileira, que tem reivindicado o reconhecimento da Libras como meio legítimo de comunicação. Essa reivindicação culminou na promulgação da Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como língua oficial de comunicação das pessoas surdas no Brasil, e na sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005, que estabelece diretrizes para surdos representam uma conquista política e social, promovendo a acessibilidade linguística e a valorização da identidade surda.

Dessa forma, a trajetória histórico-geográfica da cidade do Rio de Janeiro, bem como o papel central da capital na constituição da educação de surdos no Brasil, oferece uma base sólida para a compreensão dos processos de nomeação que envolvem tanto a toponímia oficial quanto as nomeações em Libras. A delimitação dos bairros, a origem dos gentílicos e a relevância do INES enquanto marco identitário e educacional da comunidade surda evidenciam como os espaços urbanos são apropriados e ressignificados por diferentes grupos sociais. Esse

panorama permite compreender como os topônimos em Libras são atravessados por elementos históricos, culturais e territoriais específicos, que dialogam com a identidade surda e com a configuração socioespacial da cidade do Rio de Janeiro.

Conclui-se, portanto, que a toponímia é uma ferramenta fundamental para compreender não apenas os aspectos linguísticos e históricos dos nomes de lugares, mas também os processos culturais e identitários que atravessam o espaço geográfico. Ao considerar esses elementos, torna-se possível perceber como os topônimos refletem diferentes camadas de significados atribuídas pelas comunidades ao longo do tempo. No capítulo seguinte, essa perspectiva será ampliada ao se discutir como a toponímia também se insere nos estudos sobre Libras, evidenciando como os nomes de lugares são representados e compreendidos na língua de sinais brasileira.

3 TOPONÍMIA: FOCO NOS ESTUDOS SOBRE LIBRAS

Nesta dissertação estamos investigando os topônimos relativos aos bairros do município do Rio de Janeiro. Apesar do tema toponímia já ter sido investigado por outros pesquisadores, os focos são em outras localidades ou relativos a entidades federativas de forma mais ampla. A seguir, apresento uma revisão de literatura sobre os estudos com topônimos em Libras, divididos em seções: 3.1 Souza-Júnior (2012); 3.2 Aguiar (2012); 3.3 Sousa e Quadros (2019); Sousa (2019); 3.4 Miranda (2020); 3.5 Urbanski, Xavier e Ferreira (2019); 3.6 Ferreira e Xavier (2019); Xavier e Ferreira (2021). Esses estudos podem ser analisados a partir de diferentes perspectivas teóricas que exploram a relação entre essa língua de sinais e os nomes de lugares.

3.1 SOUZA-JÚNIOR (2012)

A pesquisa proposta por Souza-Júnior (2012) constitui um marco inicial e fundamental nos estudos toponímicos sobre Libras no Brasil. Isso se deve especialmente ao fato de ser uma das primeiras investigações sistemáticas sobre sinais que representam os 16 estados brasileiros, além do Distrito Federal, também foram pesquisados sinais que nomeiam cidades desses estados e regiões administrativas do Distrito Federal.

O pesquisador conclui que o objetivo geral de sua pesquisa era:

[...] registrar as características linguísticas dos sinais dos nomes próprios dos lugares da Língua de Sinais Brasileira – LSB, para que por meio dessas informações sejam identificadas e distribuídas as frequências do tipo de motivação que ocorrerá nos topônimos da LSB⁹. (Souza-Júnior, 2012, p. 21).

Souza-Júnior (2012) buscou documentar as características dos sinais que representam os nomes próprios dos lugares, incluindo a análise da forma, da estrutura e dos elementos icônicos e/ou arbitrários desses sinais.

Destaca-se, segundo Souza-Júnior (2012, p. 27), que um topônimo em Libras é classificado de acordo com a sua formação morfológica, como mostram os exemplos na Figura 8.

⁹ O termo LSB para Libras será utilizado apenas quando for o termo referido pelo autor citado.

Figura 8 — Exemplos de sinais topográficos com sua estrutura morfológica

Topônimo simples	Apenas um sinal representa o acidente geográfico ¹⁰ .			Florianópolis (SC)
Topônimo composto	Dois sinais representam o conceito.			Pau dos Ferros (RN)
Topônimo híbrido	O termo RIO soletrado é um empréstimo da Língua Portuguesa mais Libras.			Rio de Janeiro (RJ)

Fonte: adaptado de Souza-Júnior, 2012, p. 28.

O pesquisador seguiu a metodologia elaborada por Dick (1990) para descrever e classificar os dados, que foram divididos em 27 taxes de duas categorias taxionômicas.

Após a análise de dados, a figura 9 mostra uma ficha lexicográfico-topográfica proposta por Souza-Júnior (2012) com um exemplo de topônimo do Rio de Janeiro, que revela informações específicas sobre a Libras, como a fotografia da sinalização do topônimo, sua classificação taxionômica em Libras, sua classificação morfológica de elemento específico, além da escrita de sinais segundo a ELiS¹¹.

¹⁰ Segundo Souza-Júnior (2012), o acidente geográfico é um espaço territorial. Pode ser do tipo físico, ou seja, formações espaciais naturais como rios, montanhas, vales etc, ou do tipo humano, que refere-se aos espaços forjados pelo homem como divisões políticas, ruas, bairros, etc.

¹¹ ELiS é um sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais desenvolvido por Mariângela Estelita Barros (2015).

Figura 9 — Ficha lexicográfico-toponímica proposta por Souza-Júnior (2012) sobre o topônimo Rio de Janeiro

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA					
PESQUISA: Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma Perspectiva de Toponímia por Sinais					
PESQUISADOR: José Ednilson Gomes de Souza Júnior					
REVISOR: Grupo de Validação					
DATA DA COLETA: 19/11/2010					
TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental					
FICHA	137	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA	Rio de Janeiro				
TOPÔNIMO RIO DE JANEIRO EM LSB	R.I <1				
LOCALIZAÇÃO	RJ				
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LSB	Grafotopônimo				
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Híbrido				
CONTEXTO	Sinal soletrado parcialmente: R-I-O.				
FONTE	http://geografiaemlibras.blogspot.com.br/2009/11/rio-de-janeiro_23.html				

Fonte: Souza-Júnior, 2012 (p. 217).

Nesta ficha, segundo Souza-Júnior (2012, p. 60), a classificação taxionômica em Libras do topônimo Rio de Janeiro é grafotopônimo, o que significa que é um topônimo motivado pela escrita do nome original do lugar. A classificação da estrutura morfológica do elemento específico desse topônimo é topônimo híbrido, pois o termo RIO, quando soletrado, é um empréstimo da língua portuguesa para Libras.

A conclusão do pesquisador, ao observar características etimológicas dos 265 topônimos pesquisados, foi que uma maior porcentagem desses topônimos são grafotopônimos, ou seja, 122 topônimos possuem sinais estabelecidos a partir da forma escrita do topônimo do português, via alfabeto manual.

Nesta seção foi apresentado o trabalho de Souza-Junior (2012) que foi o precursor desta temática com a Libras. Além de inovar ao estudar uma língua de sinais, Souza-Júnior (2012) também propõe a primeira classificação para topônimos nesta língua.

3.2 AGUIAR (2012)

A pesquisa proposta por Aguiar (2012) descreve e analisa a classificação dos sinais atribuídos aos nomes de lugares utilizados no Dicionário Encyclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, o Deit-Libras, dos autores Capovilla e Raphael (2009), com foco específico na motivação desses sinais.

A pesquisadora define que o objetivo de seu estudo é analisar o grau de iconicidade dos sinais e as possíveis influências que os topônimos em Libras recebem da língua oral, no caso, a língua portuguesa. Aguiar (2012) destaca que o estudo:

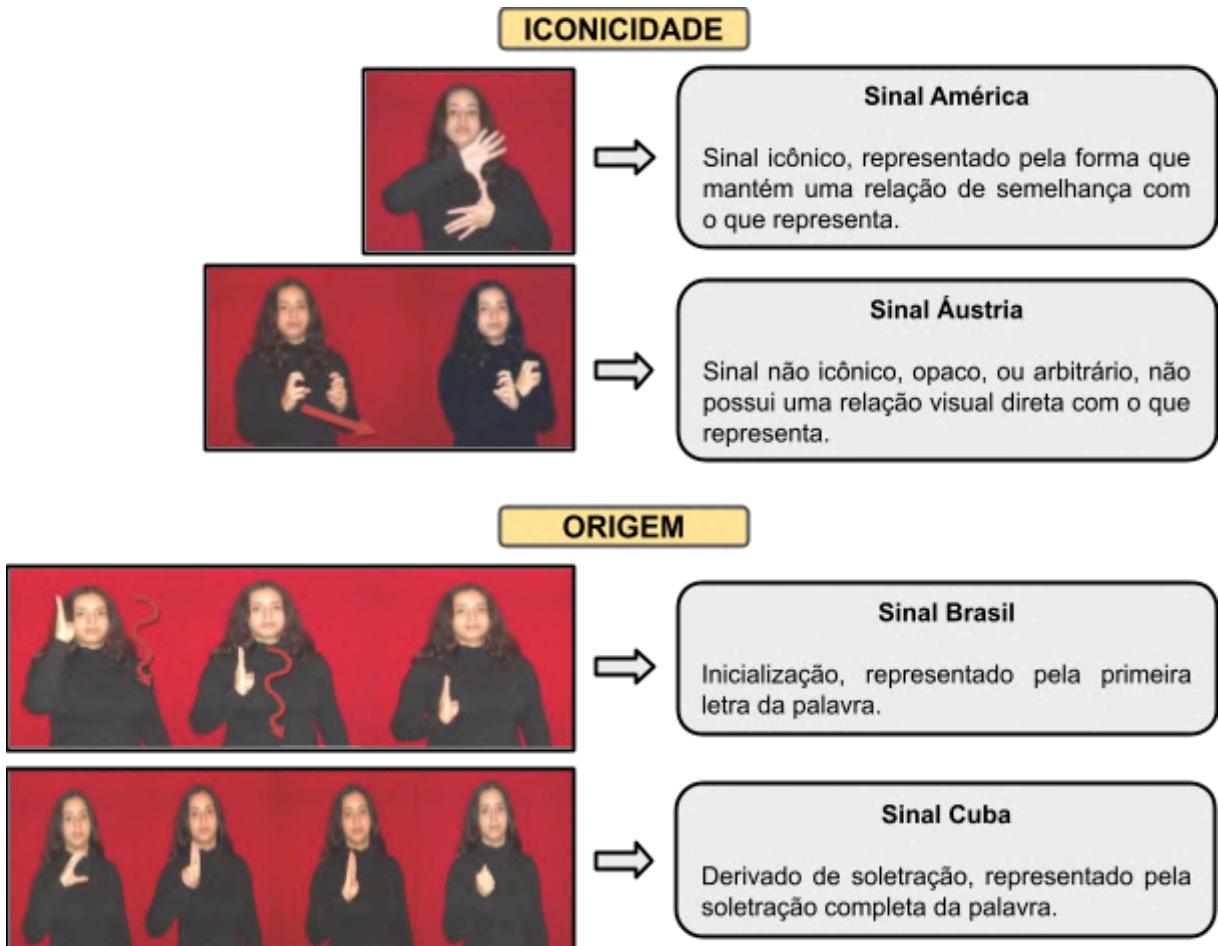
[...] que pode ser caracterizado como sendo realizado na interface de duas subáreas da linguística: a fonologia e a toponímia, abordagem que focaliza características formais dos sinais de um campo lexical específico (nomes de lugares) da língua em questão. (Aguiar, 2012, p. 109).

A pesquisadora utilizou como ferramenta a identificação de topônimos presentes no dicionário de Libras, Deit-Libras de 2009, e categorizou o campo semântico das “localidades geográficas”. Dentro dessa categoria, foram identificados 472 sinais. Desses, 208 sinais referem-se a nomes de continentes, ilhas, países, estados, cidades, regiões e bairros de São Paulo, local em que o dicionário foi publicado. Além desses, foram incluídos outros 44 sinais, totalizando 252 entradas, que foram analisados de acordo com dois critérios: iconicidade e origem.

Segundo Aguiar (2012, p. 111), a iconicidade é definida como “possível relação entre a forma do sinal e o lugar designado por ele”. Foram classificados 45 sinais como icônicos, o que representa 18% do total analisado. Em contraste com a iconicidade, a origem é definida como sinais que “advêm de empréstimos linguísticos feitos à língua portuguesa escrita por meio de duas formas: a inicialização ou a soletração manual”. Inicialização significa utilizar a primeira letra do alfabeto manual apenas na construção do sinal, já a soletração manual indica o uso de mais letras do alfabeto manual na construção do sinal. Foram identificados 161 sinais, com base no critério de origem, o que corresponde a 64% do total analisado. Desses, a maioria apresenta configurações de mãos relacionadas ao alfabeto datilológico ou numérico, indicando que há mais sinais em foco com a inicialização do que com a soletração manual.

Na figura 10, utilizamos exemplos de Aguiar (2012) no entanto a descrição apresentada na figura foi construída para essa dissertação para melhor visualização da língua e das características do sinal.

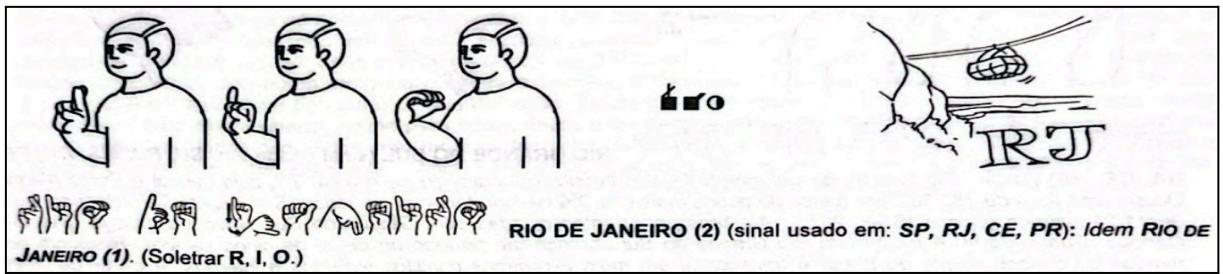
Figura 10 — Análise dos topônimos segundo Aguiar (2012)



Fonte: adaptado de Aguiar (2012).

Para exemplificar a categoria soletração trazida por Aguiar (2012) apresentamos a imagem abaixo (Figura 11), retirada do dicionário de Capovilla *et al.* (2017) em que os autores apresentam a sinalização que ocorre para o sinal da cidade do Rio de Janeiro, R-I-O. É importante mencionar que atualmente também circula um outro sinal para a cidade do Rio de Janeiro, comum em selfies e contextos artísticos, em que a soletração ocorre de forma simultânea, como ilustrado na Figura 12.

Figura 11 — Topônimo da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Capovilla et al., 2017 (p. 2461).

Figura 12 — Sinal da cidade do Rio de Janeiro com soletração simultânea



Fonte: produzido pelo autor.

Aguiar (2012) concluiu que das 252 entradas retiradas no dicionário de Libras, o Deit-Libras de 2009, 45 topônimos eram do critério de iconicidade. A pesquisadora declarou que a análise foi feita a partir de um dicionário e que os surdos não foram consultados para confirmar ou não a iconicidade desses sinais. Do critério de origem, 161 sinais apresentaram configuração de mão correspondente ao alfabeto datilológico ou numérico, ou seja, influenciados pela língua portuguesa e também pela inicialização; e 91 apresentaram outras configurações, a pesquisadora declarou que não pode fazer afirmações definitivas, porque os dados revelaram uma situação ainda difícil de definir quanto ao critério de origem.

O trabalho de Aguiar (2012) foi importante para destacar a origem e a relação imagética do sinal e o local, ou seja, a iconicidade. No entanto com essas duas categorias não conseguimos dar conta de toda a diversidade presente nos topônimos desta língua, por isso mais pesquisas foram construídas como a que descreveremos na seção abaixo em que os autores oferecem uma proposta de descrição mais detalhada.

3.3 SOUSA E QUADROS (2019); SOUSA (2019)

Sousa e Quadros (2019) documentaram, descreveram e analisaram os topônimos em Libras que nomeiam os 22 municípios do Acre, com o objetivo de investigar aspectos formais e motivacionais dos sinais. Os topônimos foram classificados com base nas taxionomias propostas por Dick (1990), de forma semelhante à pesquisa de Souza-Júnior (2012). Além disso, incluíram uma taxonomia proposta por Francisquini (1998): o acronimotopônimo, que se refere ao topônimo representado por siglas ou letras do alfabeto.

Conclui-se que 13 topônimos pertencem à taxonomia acronimotopônimo, que é a taxa com maior porcentagem de classificação em Libras (Quadro 6).

Quadro 6 — Topônimos acreanos em português e em Libras

Topônimo	Taxionomia em português	Taxionomia em Libras
Acrelândia	Corotopônimo	Acronimotopônimo
Bujari	Etnotopônimo	
Epitaciolândia	Antropotopônimo	
Mâncio Lima	Antropotopônimo	
Manoel Urbano	Antropotopônimo	
Marechal Thaumaturgo	Axiotopônimo	
Porto Acre	Sociotopônimo	
Porto Walter	Sociotopônimo	
Rodrigues Alves	Antropotopônimo	
Santa Rosa do Purus	Hierotopônimo	
Sena Madureira	Antropotopônimo	
Senador Guiomard	Axiotopônimo	
Tarauacá	Hidrotopônimo	
Rio Branco	Historiotopônimo	Cromotopônimo
Capixaba	Etnotopônimo	Dimensiotopônimo
Jordão	Hidrotopônimo	Ergotopônimo
Plácido de Castro	Historiotopônimo	
Assis Brasil	Antropotopônimo	Geomorfotopônimo

Cruzeiro do Sul	Astrotopônimo	Hagiotopônimo
Brasiléia	Corotopônimo	Hodotopônimo
Feijó	Antropotopônimo	Sociotopônimo
Xapuri	Etnotopônimo	

Fonte: adaptado de Sousa e Quadros (2019, p. 69).

O primeiro autor (2019) em sua pesquisa de pós-doutorado, seguindo Souza-Júnior (2012), propôs uma classificação para análise dos topônimos em Libras dividida em quatro aspectos formativos. Esses aspectos são definidos de acordo com as características da Libras e envolvem as seguintes classificações. Como é mostrado no Quadro 7, cada tipo de formação é acompanhado de sua definição e um exemplo de localidade do Acre, retirado de Sousa (2022b).

Quadro 7 — Formação dos termos específicos

Tipo de formação	Definição	Exemplo
Topônimo simples	O topônimo é formado por um sinal nativo.	 Bujari (AC)
Topônimo composto	O topônimo é formado pela justaposição de dois sinais nativos.	 Calçadão da Gameleira Atração turística do Rio Branco (AC)
Topônimo híbrido simples	O topônimo combina letras do alfabeto manual de línguas orais, mas é formado por um sinal.	 Capixaba (AC)

Topônimo híbrido composto	O topônimo é formado pela justaposição de dois sinais e também incorpora letras de línguas orais.	 Marechal Thaumaturgo (AC)
---------------------------	---	---

Fonte: adaptado de Sousa (2019; 2022b).

Dessa forma, os estudos de Sousa e Quadros (2019) e de Sousa (2019) contribuem significativamente para a compreensão da toponímia em Libras, ao evidenciarem tanto os aspectos motivacionais quanto os formais dos sinais que nomeiam os municípios do Acre. A análise mostrou que os acronimotopônimos representam a categoria predominante, refletindo uma tendência na formação de topônimos em Libras baseada em siglas. Além disso, a classificação proposta por Sousa (2019), inspirada em Souza-Júnior (2012), amplia o entendimento das estruturas morfológicas desses topônimos ao considerar suas particularidades linguísticas e culturais. Assim, esta seção reforça a importância de abordagens específicas para a toponímia em Libras, valorizando suas dinâmicas próprias de nomeação e contribuindo para o reconhecimento da diversidade linguística no espaço urbano brasileiro.

3.4 MIRANDA (2020)

Miranda (2020) constitui um marco inicial da comunidade surda tocantinense para pesquisa em relação à toponímia em Libras dos municípios de Tocantins. A autora descreve e analisa os aspectos estruturais e motivacionais dos sinais topônimos desses municípios. O objetivo da pesquisa de Miranda (2020) era fazer o levantamento, o registro e a análise de sinais de municípios do Tocantins em Libras.

O estado do Tocantins é composto por 139 municípios, dos quais 51 municípios possuem sinais em Libras, desses 10 possuem variação, totalizando 61 sinais, tanto lexical quanto referencial da grafia em língua portuguesa. Nesse último caso, segundo Miranda (2020, p. 78) destaca que “a comunidade surda tocantinense usa a estratégia de transliteração, que corresponde à representação visual da grafia do topônimo em português na Libras, através da articulação de configurações de

mão em sequência que correspondem à ortografia do nome".

A autora distribuiu os sinais dos municípios tocantinenses em três categorias, com suas definições e exemplos (Quadro 8).

Quadro 8 — Categorização de sinais topônimos das cidades tocantinenses

Categoria	Definição	Exemplo
Nativos (ou puros)	Sinais cujos parâmetros articulatórios não remetem à ortografia do topônimo em língua portuguesa.	 Palmas (TO)
Inicializados (ou híbridos)	Sinais cuja configuração de mão remete à ortografia do topônimo em língua portuguesa.	 Natividade (TO)
Soletrados	Sinais oriundos de um processo de lexicalização de menção ao nome em língua portuguesa, através da datilologia (ou soletração).	 Guaraí (TO)

Fonte: elaborado em base de Miranda (2020).

Segundo Miranda (2020, p. 89), os sinais topônimos são classificados em três categorias, que remetem apenas à forma do topônimo de acordo com a gradiente do português, que mostra a figura 13. Os topônimos nativos (ou puros) não remetem ao nome em português. Os topônimos inicializados (ou híbridos) remetem o nome em português quando comparados aos topônimos nativos, porém remetem menos o nome em português quando comparados aos topônimos soletrados. E por fim, os topônimos soletrados remetem mais o nome em português.

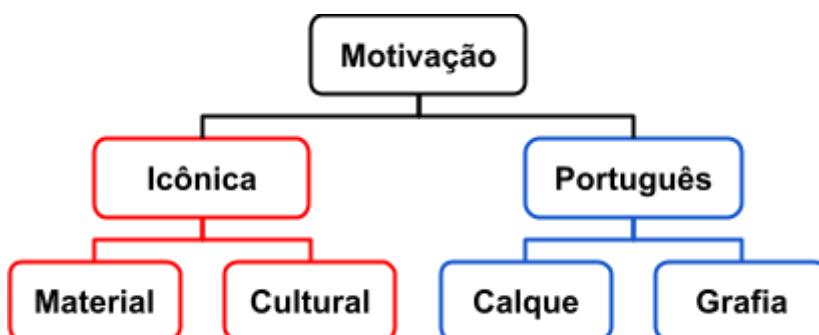
Figura 13 — Gradiência entre as categorias de topônimos



Fonte: adaptado de Miranda (2020).

Os sinais topônimos, segundo Miranda (2020, p. 90), também foram classificados a partir de dois tipos de motivação, que mostra a figura 14. O primeiro tipo é a motivação icônica, que considerou tanto características físicas do lugar, que intitula a motivação como material, quanto características culturais relacionadas ao lugar, que intitula a motivação como cultural. Outro tipo é a motivação em português, que pode ter motivado tanto por calque, sendo intitulado como calque, quanto presença de uma configuração de mão que remete à grafia do nome em português, intitulado como grafia.

Figura 14 — Tipos de motivação nos topônimos em Libras



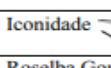
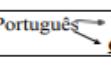
Fonte: adaptado de Miranda (2020).

Na figura 15 representa a ficha lexicográfico-toponímica do topônimo tocantinense Porto Nacional, município de onde tem referência do curso de Letras-Libras pela UFT.

Na ficha lexicográfico-toponímica proposta por Miranda (2020, p. 85), a pesquisadora apresentou, em ordem de cima para baixo: imagem do topônimo em Libras; imagem do mapa da localização do município; *link* de acesso ao vídeo do YouTube; escrita de sinais por meio de *SignWriting*; topônimo em português e sua região administrativa a qual o município pertence; descrição do sinal a qual descreve os parâmetros articulatórios do sinal; morfologia do sinal: simples ou composto;

categoria para identificar o sinal de nativo/puro ou inicializado/híbrido ou soletrado; motivação para identificar o sinal tanto motivação icônica que pode ser proveniente de alguma propriedade física do lugar (material) ou de alguma manifestação cultural do lugar (cultural) quanto motivado em português que pode ser por calque, que corresponde a uma tradução literal do termo do português para a Libras (calque), ou da grafia do nome que acaba por refletir na configuração de mão do sinal (grafia); nome da pesquisadora que é a autora da pesquisa; validação; tipo de fonte que pode ser oral ou documental; e data da coleta do topônimo.

Figura 15 — Ficha lexicográfico-toponímica proposta por Miranda (2020)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DIGITAL Porto Nacional – TO			
Toponímia em Libras Levantamento e análise dos sinais de cidades do Tocantins			
Topônimo em Libras			
Mapa e Localização do Município			
Link de acesso ao vídeo	https://youtu.be/zzPD_10e31I		Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/sil/to/porto-nacional/panorama
Escrita de sinais			
Topônimo em Português	Porto Nacional-TO	Região Administrativa	Região Metropolitana de Palmas
Descrição do sinal	O sinal é bimanual, simétrico e simples. As mãos estão configuradas em P, posicionadas no espaço neutro. Há um movimento de flexão de punho, de maneira de a palma das mãos, ao término do movimento, fica voltada para baixo.		
Morfologia	Sinal simples		
Categoria	Nativo/Puro Hibridismo /Inicialização Soletração		
Motivação	Iconidade  Português  Calque  Grafia		
Pesquisadora	Roselba Gomes de Miranda		
Validação	Grupo de validação		
Tipo de Fonte	Fonte Oral		
Data da coleta	1º semestre de 2019		

Fonte: Miranda, 2020, p. 175.

A conclusão da pesquisa de Miranda (2020) foi identificar que os 61 topônimos tocantinenses, das categorias que remetem à forma do sinal, 14 sinais eram nativos/puros, 39 eram inicializados/híbridos e 8 eram soletrados. Dos tipos de

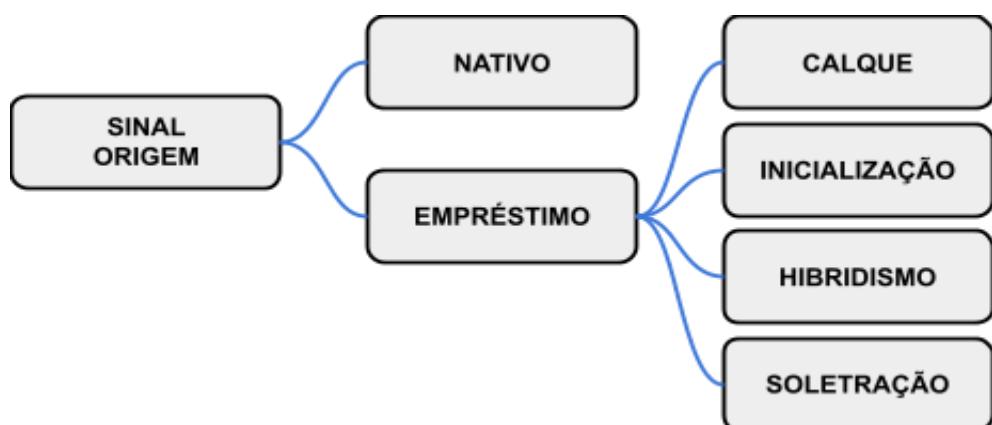
motivação do sinal, 43 sinais eram motivados pela grafia do topônimo em português, 17 motivados pelo calque, 11 motivados pelo material, 3 motivados pela cultura e 1 sem motivação aparente.

3.5 URBANSKI, XAVIER E FERREIRA (2019)

Os três autores da pesquisa, Urbanski, Ferreira e Xavier (2019), propuseram um estudo para coletar sinais de 399 municípios do estado do Paraná, além de suas motivações toponímicas. Pessoas surdas idosas residentes de Curitiba foram informantes da pesquisa e indicaram sinais de 64 municípios. A pesquisa foi conduzida em uma igreja católica, na Pastoral do Surdo da Arquidiocese de Curitiba, e também na associação de surdos, ambas referências da comunidade surda local.

A análise dos sinais topônimos dos 64 municípios do estado do Paraná seguiu a metodologia de Aguiar (2012) e determinou a classificação dos sinais como nativos ou resultantes de empréstimos do português. Os três autores categorizaram os empréstimos com base em Adam (2012) e Xavier (2019), subdividindo-os em calques, inicializações, hibridismos (ou formados a partir de letras) e soletrações (figura 16), com conceitos e exemplos apresentados no Quadro 9.

Figura 16 — Critérios de classificação segundo Urbanski, Xavier e Ferreira (2019); Ferreira e Xavier (2019)



Fonte: adaptado de Urbanski, Xavier e Ferreira (2019, p. 68); Ferreira e Xavier (2019, p. 12).

Segundo Adam (2012), a inicialização ocorre quando um sinal nativo teve sua configuração de mão original substituída por uma das formas do alfabeto manual, fazendo referência à letra inicial do topônimo escrito.

Xavier (2019) destacou o hibridismo, por sua vez, refere-se a sinais formados pela combinação de letras do alfabeto manual e outros parâmetros fonológicos da Libras.

Os critérios de classificação de Urbanski, Xavier e Ferreira (2019) são apresentados no Quadro 9, com conceitos e seus exemplos de sinais dos municípios do Paraná produzidos por eles.

Quadro 9 — Critérios de classificação segundo Urbanski, Xavier e Ferreira (2019)

Sinal origem	Definição	Exemplo
Native	Sinal que não apresenta nenhuma relação com o português.	 Castro (PR)
Empréstimo	Sinal que constitui caso de empréstimo do português.	Veja os exemplos de subcategorias do empréstimo.
Calque	Sinal que representa a tradução das palavras do português.	 Pato Branco (PR)
Inicialização	Sinal em que teve sua configuração de mão original substituída por uma das que compõem o alfabeto manual.	 Iraty (PR)
Hibridismo	Sinal combinado da configuração de mão com a primeira letra da palavra do português e outros parâmetros fonológicos da Libras.	 Londrina (PR)

Soletração	Sinal formado por letras da palavra do português.	 Cornélio Procópio (PR)
------------	---	--

Fonte: elaborado pelo autor com base em Urbanski, Xavier e Ferreira (2019).

Além de classificação e análise dos sinais toponímicos, também foram identificadas variações fonológicas e lexicais desses sinais, que serão explicadas na próxima seção.

A pesquisa revelou que, dos 64 topônimos dos municípios paranaenses, os sinais foram formados por empréstimos, com 41 casos, dos quais 33 são de subcategoria hibridismo, ou seja, maior influência com o português.

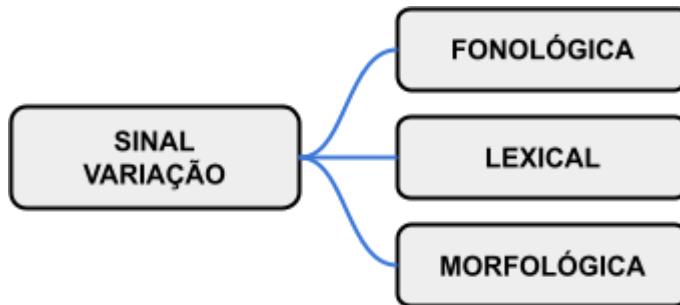
O trabalho de Urbanski, Xavier e Ferreira (2019) foi relevante ao destacar os critérios de classificação morfológica dos topônimos, com um enfoque específico nos municípios do Paraná. Na seção seguinte, dois dos três autores realizaram uma pesquisa adicional no mesmo ano (2019), com ênfase nos bairros de Curitiba, oferecendo uma descrição mais detalhada da morfologia dos nomes desses bairros.

3.6 FERREIRA E XAVIER (2019); XAVIER E FERREIRA (2021)

A pesquisa de Ferreira e Xavier (2019) inicialmente documentou sinais em Libras que nomeiam todos os 75 bairros de Curitiba. Em 2021 (p. 131), constatou-se que apenas 51 bairros possuíam sinais, que foram coletados pelos autores em 2019 juntamente com os vídeos disponibilizados no canal do Youtube do CAS Curitiba, além de apresentarem variação.

No primeiro estudo, a pesquisa também considerou a classificação dos topônimos com relação à origem dos sinais (nativos ou empréstimos) e ao tipo de empréstimos (calque, inicialização, hibridismo, e soletração), como mostrado na figura 16 da seção anterior. Além disso, os autores também analisaram os sinais com variação (fonológica, lexical e morfológica) como mostrado na figura 17, observando que esses sinais também podem sofrer mudanças.

Figura 17 — Categoria de análise dos sinais com ênfase do tipo de variação segundo Ferreira e Xavier (2019)

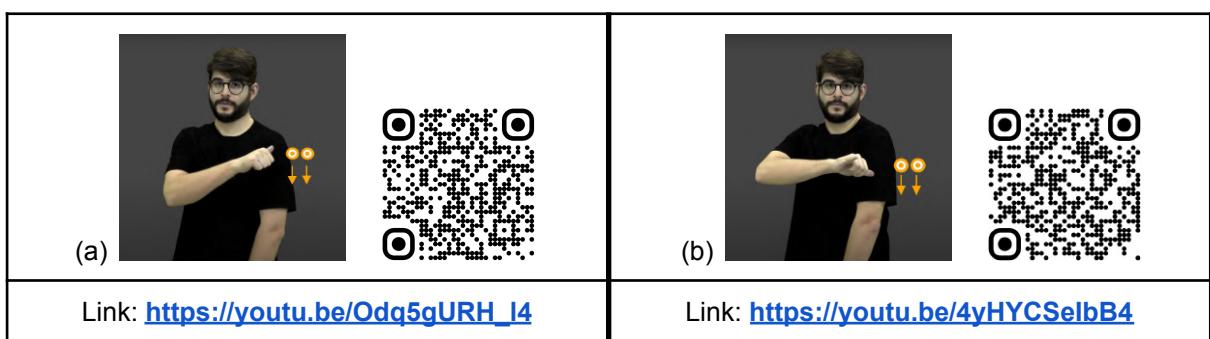


Fonte: adaptado de Ferreira e Xavier (2019, p. 12).

Os sinais com variação fonológica para categorias de sinais não topográficos da libras, segundo Xavier e Barbosa (2014), são definidos como sinais que podem variar de acordo com a configuração de mão, a localização, o movimento, a orientação, o número de mãos ou as marcações não manuais. Tais variações também podem ser encontradas em sinais topográficos.

Os exemplos mostrados no Quadro 10 são dos sinais do estado do Rio de Janeiro com variação fonológica em que a única diferença é o dedo mínimo estendido, que é muito comum entre a comunidade surda brasileira. A motivação mais sugerida para esse sinal são as vacinas da Fiocruz, pioneira na imunização da população brasileira.

Quadro 10 — Sinais com variação fonológica para o estado do Rio de Janeiro

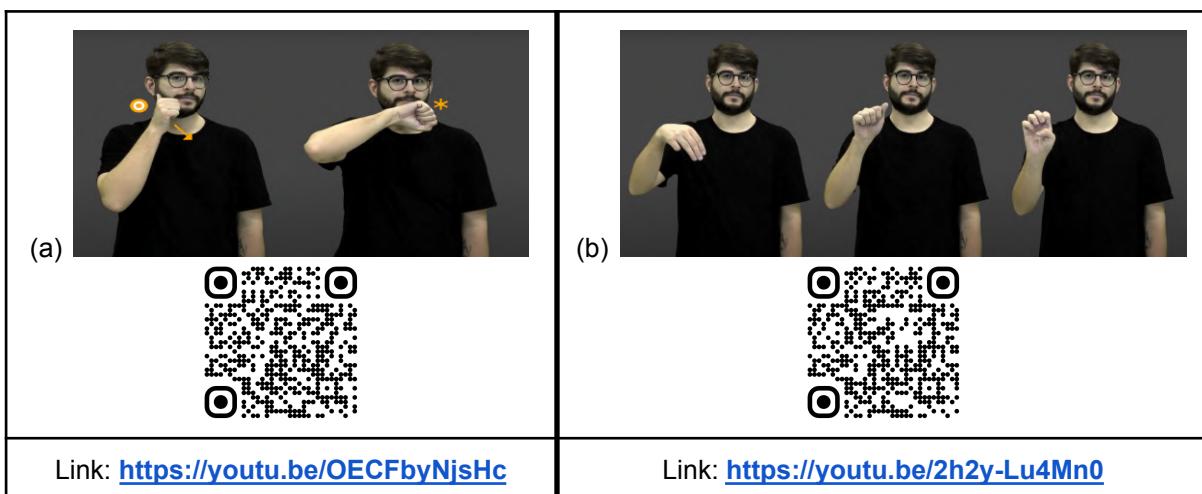


Fonte: produzido pelo autor.

De acordo com Xavier e Ferreira (2021, p.133), os sinais com variação lexical são aqueles que, embora fonologicamente diferentes, “representam formas alternativas e lexicalmente independentes para nomear o mesmo referente”.

No Quadro 11, são apresentados exemplos de sinais com variação lexical que são mais utilizados pela comunidade surda carioca.

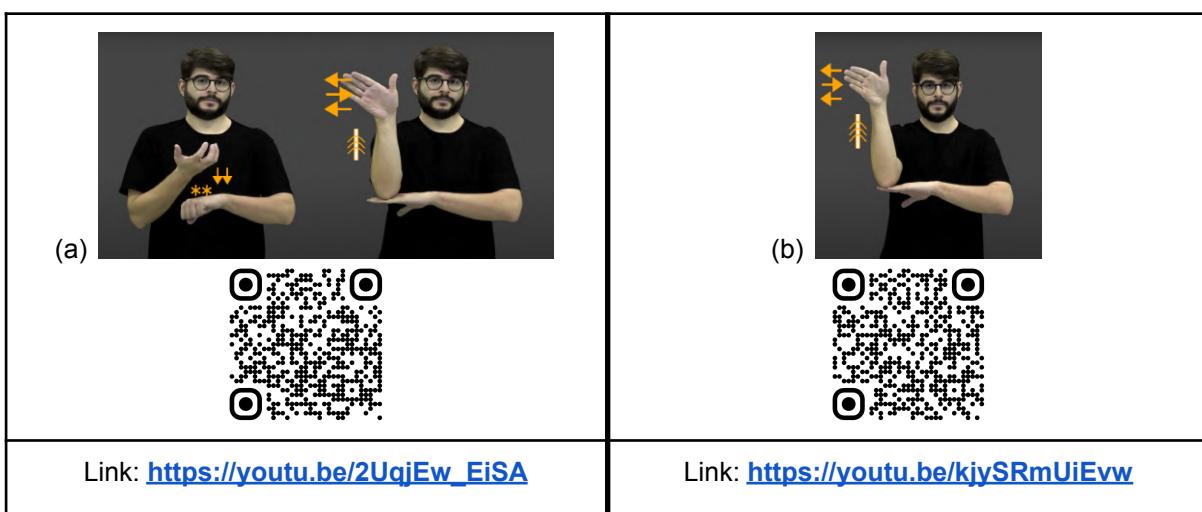
Quadro 11 — Sinais com variação lexical para mãe



Fonte: produzido pelo autor.

Os sinais com variação morfológica, segundo Xavier e Ferreira (2021, p. 132), podem ser formados como um composto ou como uma forma simples e também podem ser formados de forma híbrida, ou seja, composto de um sinal nativo e uma inicialização. Apresentam-se exemplos de sinais com variação morfológica que são mais utilizados pela comunidade surda carioca (Quadro 12).

Quadro 12 — Sinais com variação morfológica para o bairro carioca Praça da Bandeira



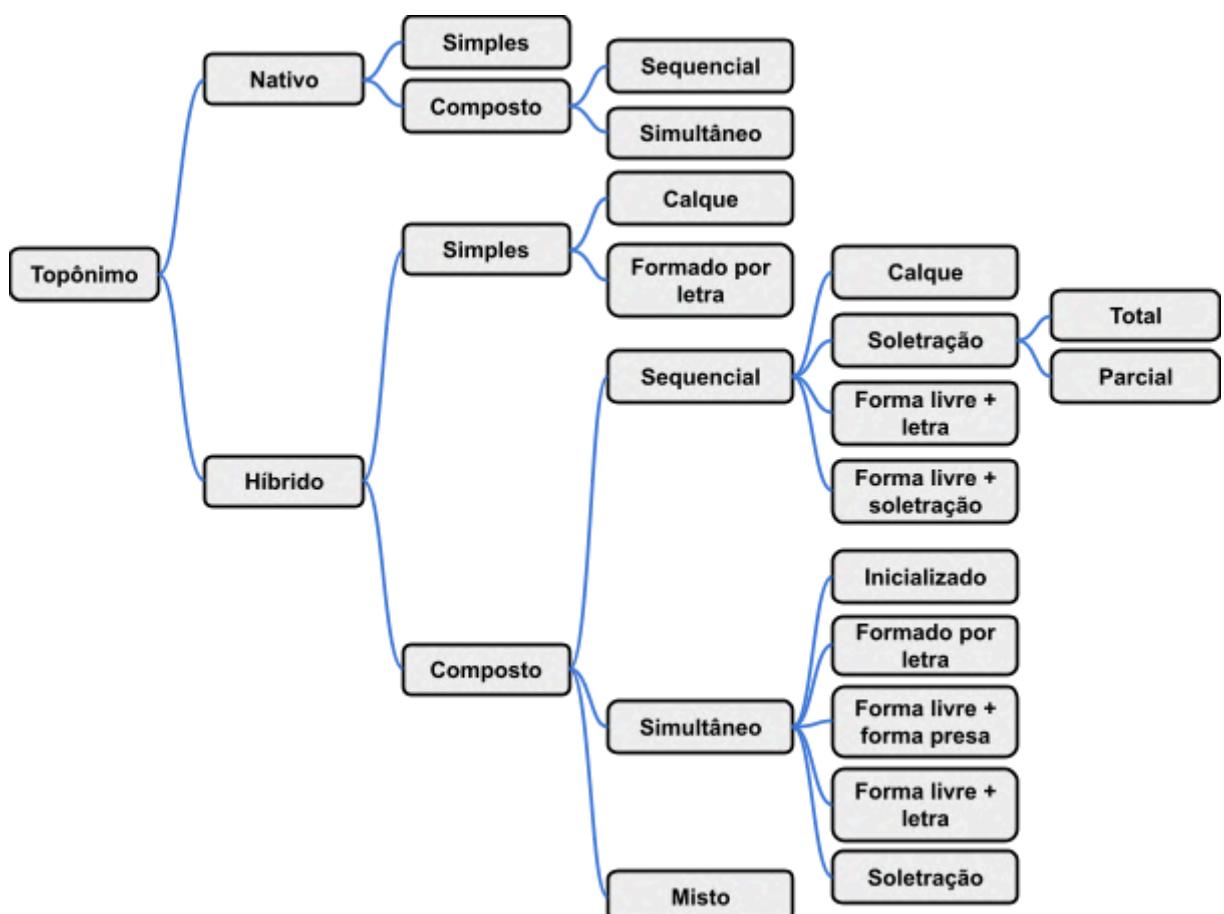
Fonte: produzido pelo autor.

Nos resultados do primeiro estudo, 2019, dos 37 topônimos curitibanos, observou-se que quase metade das ocorrências eram de empréstimos, com 25 casos, contra 12 nativos. Esses topônimos apresentaram variação fonológica, lexical e morfológica, incluindo mudanças nesses níveis linguísticos. Essas mudanças representam processos que ocorrem a partir de formas antigas que não são mais utilizadas atualmente.

No estudo de 2021¹², os autores reformularam a classificação da formação dos sinais de maneira mais complexa e específica (Figura 18), para análise morfológica dos sinais dos bairros de Curitiba. Eles realizaram, com base em estudos sobre os processos de criação de palavras em línguas de sinais discutidos em Meir (2012), uma classificação toponímica que foi proposta em 2019.

Os resultados desse estudo (2021) foram: sete topônimos com casos de variação fonológica, quatro com casos de variação morfológica, e 14 casos de variação lexical. Com os 16 tipos de processos de formação de 75 sinais identificados, com maior frequência de sinais classificados como nativos, com 19 ocorrências.

Figura 18 — Tipos de processos de formação de sinais identificados nos dados analisados por Xavier e Ferreira (2021)



Fonte: adaptado de Xavier e Ferreira (2021, p. 136).

A partir dos estudos de Urbanski, Xavier e Ferreira (2019), apresentados na

¹² Ver <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/80573>. Acesso em 29 mar. 2025.

seção anterior, e de Ferreira e Xavier (2019), esta dissertação foca nos sinais de topônimos dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, incluindo aqueles produzidos por meio da soletração rítmica, ou seja, sinais soletrados. Diante disso, retomamos a discussão sobre os processos de soletração, conforme proposto por Gripp-Diniz (2023), em sua tese de doutorado, a qual distingue entre palavra soletrada e sinal soletrado, sendo este último próximo do conceito de soletração rítmica (Ferreira-Brito, 1995; Quadros; Karnopp, 2004).

Segundo Gripp-Diniz (2023, p. 16), a palavra soletrada corresponde à soletração manual da palavra, resultante da combinação de letras manuais executadas por meio da datilologia. A autora destaca que é um recurso sempre presente na comunicação em Libras entre pessoas surdas e nas comunidades surdas.

Gripp-Diniz (2023, p. 16) explica que o sinal soletrado, por sua vez, em comparação com a palavra soletrada:

[...] sofreu mais por alterações nos traços fonológicos, com enfraquecimento na visualização de letras manuais, mudanças para outras configurações de mãos que não se assemelha às letras, redução fonológica, consequentes devido aos diferentes tipos de direções e movimentos (movimento interno da mão e do pulso) em relação à soletração rítmica na referida língua de sinais. (Gripp-Diniz, 2023, p. 16).

Também vale destacar que a autora fala sobre a produção de palavras soletradas e sinais soletrados:

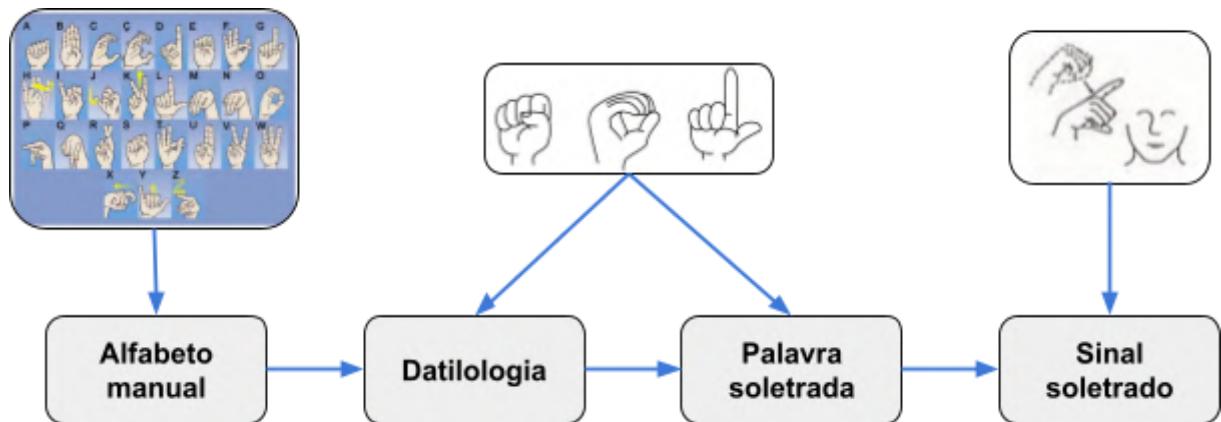
“[...] pode variar de acordo com o contexto da conversa, ocorrendo em sobreposição da outra mão, na proximidade do corpo (com e sem toque) e, no espaço de sinalização.” (Gripp-Diniz, 2023, p. 17)

Gripp-Diniz (2023) discute os recursos linguísticos da Libras relacionados à soletração manual, explorando o *continuum* que vai do alfabeto manual à datilologia, à palavra soletrada e, por fim, ao sinal soletrado. Parte-se da datilologia, ou seja, a soletração letra por letra utilizando o alfabeto manual, como um processo inicial da representação lexical, especialmente para palavras do léxico não nativo.

A análise do termo “sol” exemplifica essa transição: inicialmente soletrado com as letras do alfabeto manual, ele se transforma em um sinal soletrado com características fonológicas próprias da Libras, como mudança de locação,

orientação da palma da mão e movimento direcional, como é mostrado na Figura 19.

Figura 19 — O processo contínuo da palavra “sol” na Libras



Fonte: adaptado de Gripp-Diniz (2023).

O sinal soletrado #SOL¹³ evidencia como determinados elementos lexicais evoluem e passam a integrar o léxico nativo da Libras, adquirindo forma, movimento e localização específicas. Nesse processo, também pode ocorrer redução fonológica, como a omissão de letras com formas semelhantes no alfabeto manual. Ainda assim, nem toda palavra soletrada se converte em sinal soletrado; algumas recebem um sinal lexical baseado em morfemas típicos das línguas de sinais.

A partir da proposta de Gripp-Diniz (2023), Figura 20, o pesquisador formula uma proposta preliminar de um *continuum* de soletração em que no campo esquerdo (em amarelo) observarmos formas -LS (menos característica de línguas de sinais) e no campo direito (em verde) +LS (mais característica de línguas de sinais)¹⁴. No canto esquerdo, encontra-se o alfabeto manual visto que corresponde a um banco de letras na forma de mão. Na esquerda, mas em posição mais central, observa-se a soletração manual que seria o uso desse banco de forma de mão canônica na construção de palavras, com lateralidade sequencial de letras da palavra. A soletração rítmica, já na parte central do lado direito, ou seja +LS, corresponde a mudança na sinalização em que a forma dos parâmetros pode sofrer alteração como

¹³ Segundo Gripp-Diniz (2023), com base em Battison (1978), o elemento #SOL é uma expressão convencionalizada, representada em letras maiúsculas, na qual o símbolo (#) indica que se trata de um sinal soletrado.

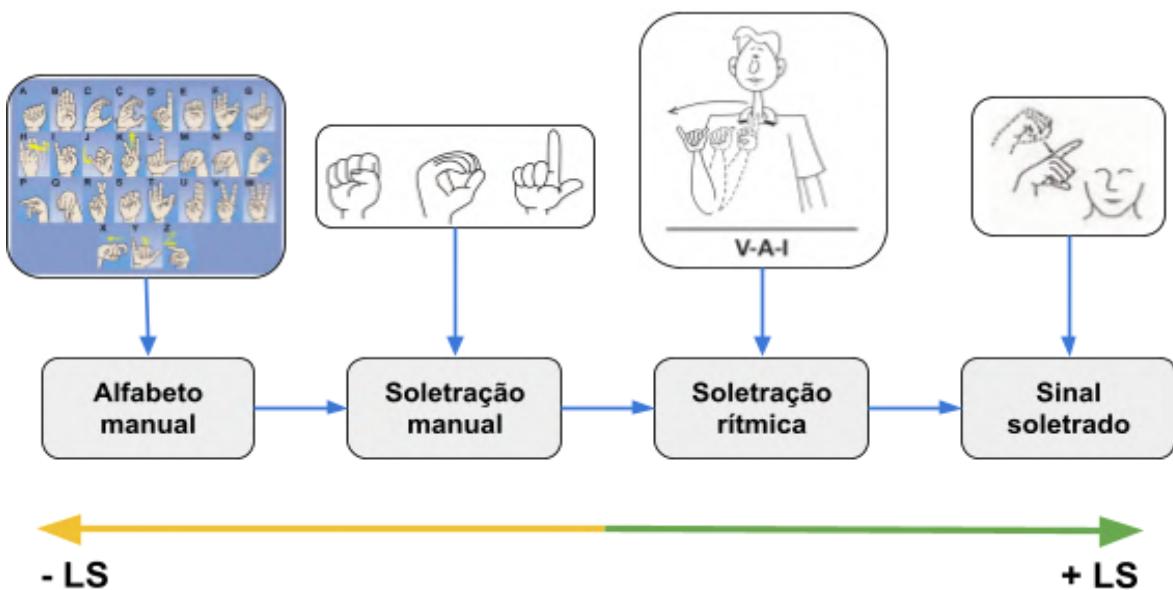
¹⁴ É importante mencionar que há um processo de repulsa a elementos advindos de línguas orais como se esses fossem algo negativo para a língua. Não temos a intenção de participar desse movimento. Em alguns casos nesta dissertação apresentaremos a existência de características ainda perceptíveis de soletração, mesmo quando este é um sinal amplamente utilizado como é o caso do sinal do bairro Tijuca.

o tipo de movimento, ou rotação dos punhos, ou movimentos dos dedos como extensão e flexão. No canto direito, temos o sinal soletrado que pode ter relação com a soletração, mas ter perdido reconhecimento pelos falantes dessa relação.

Para saber que o sinal soletrado #SOL tem origem nas letras do alfabeto manual é necessário conhecimento histórico. Pessoas adquirindo o sinal hoje não vão perceber essa relação, pois ela já é opaca, visto que não ocorre na localização padrão de sinalização, espaço neutro. No entanto, essa pessoa adquirindo a língua pode perceber a motivação de raiz de luz no sinal de #SOL. O mesmo pode ser observado no sinal de P-A-I soletrado no espaço neutro com aglutinação das duas últimas letras da palavra *versus* o sinal de pai também soletrado, mas que é produzido com a letra P do alfabeto manual na altura do bigode, com contato na lateral do dedo indicador sequido das demais letras A e I.

Assim, traz-se uma importante discussão da separação entre sinais que tem adição de movimento, como em DIA, que é soletrado com movimento lateral semicircular, e VAI, que é soletrado com movimento lateral retilíneo — mas que ainda recuperam uma nítida relação com a soletração — e sinais como #SOL que são mais opacos quanto aos itens do alfabeto manual. O primeiro será categorizado, nesta dissertação, como sinais por soletração rítmica, já o segundo como sinal soletrado.

Figura 20 — O processo *continuum* da soletração em Libras



Fonte: elaborado pelo autor.

Dessa forma, a soletração rítmica será incluída na categoria de empréstimo, com base em Urbanski, Ferreira e Xavier (2019), como parte da análise metodológica desta pesquisa voltada para os sinais toponímicos dos bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Os estudos apresentados neste capítulo demonstram perspectivas metodológicas de relevância para o estudo da toponímia dos sinais e seus processos de formação, tanto fonológicos quanto morfológicos e lexicais da Libras. Nosso estudo terá como foco os bairros do Rio de Janeiro.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar os sinais em Libras dos bairros da cidade do Rio de Janeiro e suas motivações, por meio de uma abordagem metodológica que integra os métodos qualitativo e quantitativo. Para isso, foram realizadas entrevistas com pessoas surdas residentes na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de examinar o conhecimento dessas pessoas sobre os sinais em Libras associados aos bairros, bem como a percepção das possíveis motivações que determinam a forma desses sinais.

A pesquisa foi iniciada com a elaboração de uma lista contendo os 165 bairros da cidade do Rio de Janeiro, divididos em quatro zonas (Apêndice A). Em seguida, foi realizada uma consulta com surdos falantes de Libras de cada região para identificar quais bairros eram mais conhecidos e frequentados pela comunidade surda. A partir dessa consulta, foi construída uma nova lista contendo os bairros para os quais havia indícios de sinais em circulação.

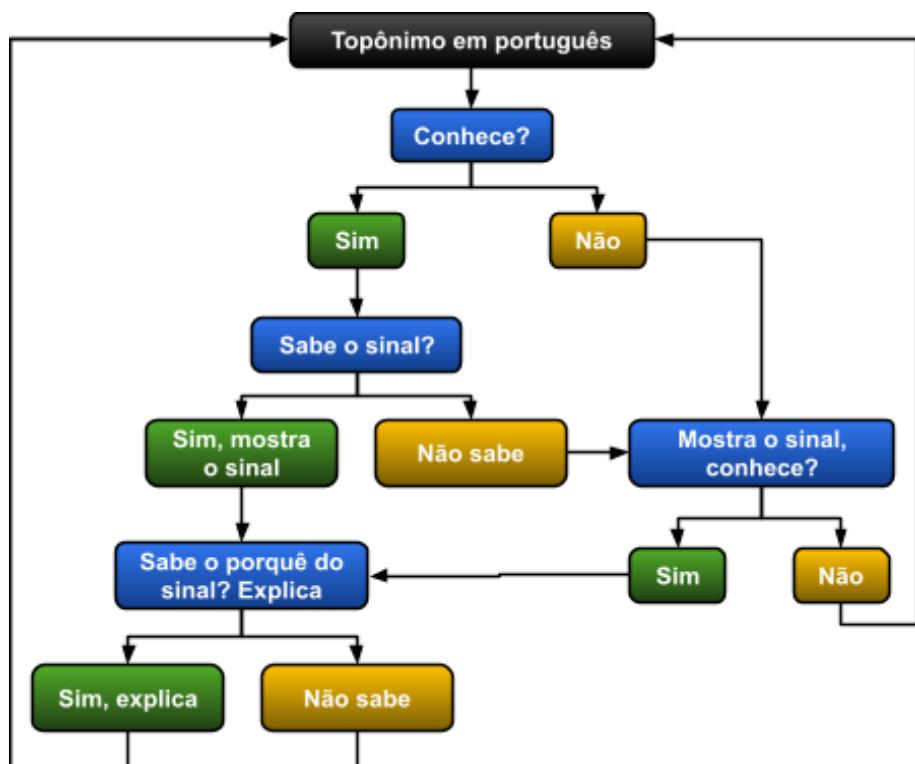
Dado o tempo restrito para a realização de uma pesquisa de mestrado, optou-se por realizar a coleta de dados de um terço dos bairros, o que correspondia a 55 bairros. Para tanto, foi organizada uma planilha (Quadro 13) com os topônimos desses bairros. O objetivo dessa etapa foi verificar, junto aos informantes, o conhecimento e o uso de sinais associados a esses bairros, bem como possíveis variações entre os sinais utilizados.

Quadro 13 — Lista de bairros para entrevista

Zona	Bairros	Subtotal
Zona Central	Catumbi, Centro, Cidade Nova, Estácio, Glória, Lapa, Santa Teresa	7
Zona Sul	Botafogo, Catete, Copacabana, Flamengo, Gávea, Ipanema, Jardim Botânico, Laranjeiras, Leblon, Leme, Rocinha, São Conrado, Urca, Vidigal	14
Zona Norte	Abolição, Bonsucesso, Cascadura, Coelho Neto, Engenho de Dentro, Engenho Novo, Irajá, Jacaré, Madureira, Maracanã, Maré, Marechal Hermes, Maria da Graça, Méier, Olaria, Pavuna, Penha, Piedade, São Cristóvão, Tijuca, Vicente de Carvalho, Vila Isabel	22
Zona Oeste	Bangu, Barra da Tijuca, Campo Grande, Deodoro, Guaratiba, Jacarepaguá, Praça Seca, Realengo, Recreio dos Bandeirantes, Santa Cruz, Taquara, Vila Valqueire	12
Fonte: elaborado pelo autor.		Total 55

A partir dessa consulta, foi formulada uma entrevista semiestruturada organizada da seguinte forma: (i) apresentação do termo toponímico em português, seguida da pergunta “Você conhece este bairro?”, e, caso a resposta fosse positiva, a pergunta subsequente era “Você conhece o sinal correspondente a esse bairro?”; (ii) caso o participante não conhecesse o sinal, seria apresentado o sinal levantado inicialmente, e seria perguntado se ele sabia a qual bairro o sinal correspondia; (iii) se o participante reconhecesse o sinal, seria perguntado: “Você sabe por que esse sinal tem essa forma?”. A entrevista seguia essa sequência até todos os 55 bairros serem abordados. O participante podia interromper sua participação a qualquer momento. Foram feitas pausas sempre que o participante demonstrou cansaço ou necessidade de intervalo.

Figura 21 — Fluxograma para entrevista semiestruturada



Fonte: elaborado pelo autor.

O fluxograma apresentado acima (Figura 21) ilustra a sequência de etapas para a condução das entrevistas. Durante a entrevista, foi apresentado ao participante um slide, em formato de Google Apresentação (similar ao PowerPoint), contendo a palavra correspondente a um bairro em português. Em seguida, foram realizadas perguntas sobre o conhecimento do participante em relação ao sinal em Libras associado ao bairro e sobre as motivações que explicam a forma desse sinal.

Antes de realizar a entrevista, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B), seguindo as diretrizes submetidas na Plataforma Brasil¹⁵, e preencheram a ficha do participante (Apêndice C), que consistia em um formulário com um conjunto de perguntas sobre o perfil do participante.

Após a condução das entrevistas, foi realizada a análise dos dados coletados relacionados aos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Essa análise incluiu uma observação das motivações por trás da criação dos sinais, bem como uma descrição e uma categorização das características associadas à sua origem – se nativa ou por empréstimo, com base em trabalhos anteriores (Urbanski, Xavier e Ferreira, 2019; Ferreira e Xavier, 2019). Essa diferenciação entre essas duas origens fundamenta-se, principalmente, na presença ou ausência de influência da língua portuguesa na formação dos sinais de Libras.

Os sinais classificados como nativos são aqueles cuja origem não revela traços evidentes de influência do português. Em geral, tratam-se de sinais criados internamente pela comunidade surda, baseando-se em aspectos visuais, culturais, históricos ou espaciais associados ao local designado. É importante destacar que esta classificação exige cautela dado que alguns sinais parecem ser inspirados em letras do alfabeto manual, mas não tem a letra no topônimo como no caso de Niterói/RJ (Quadro 14).

Quadro 14 — Sinal de Niterói/RJ



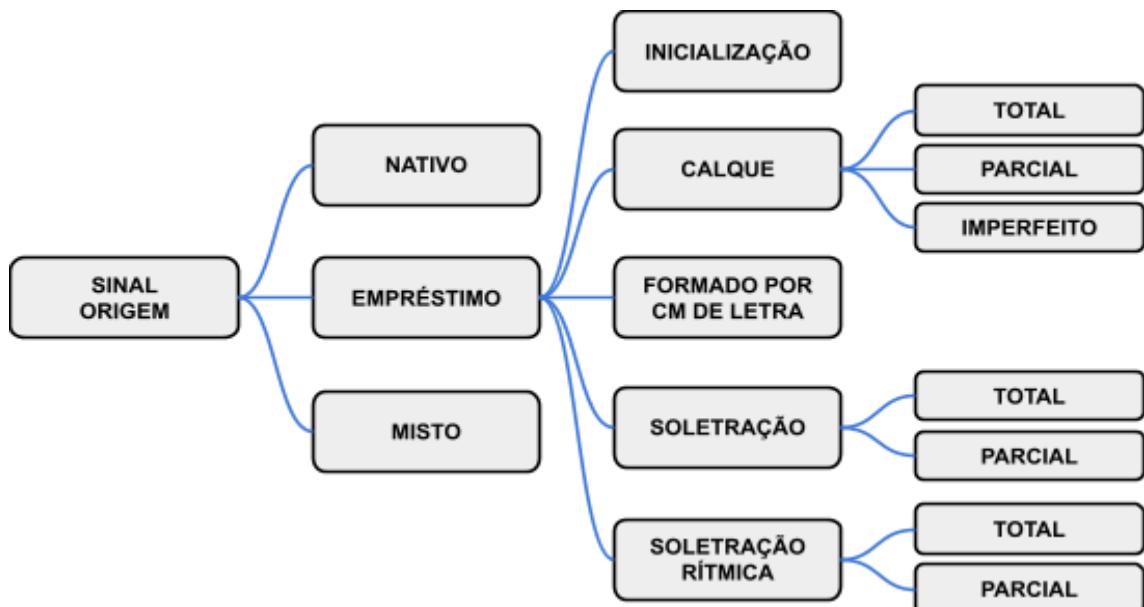
Fonte: produzido pelo autor.

¹⁵ A Plataforma Brasil é um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país.

Já os sinais considerados empréstimos apresentam algum grau de influência de outra língua. Na maioria dos casos, há influência do português em sua constituição. Inspirado na tipologia apresentada por Urbanski, Xavier e Ferreira (2019) e Ferreira e Xavier (2019), este estudo adota quatro categorias originalmente propostas pelos autores — inicialização, calque, soletração e hibridismo¹⁶. No entanto, nesta dissertação, este último será denominado de “formado por CM de letra”, dado que a formação se dá a partir de um formato presente no alfabeto manual de libras, ou seja, é uma forma da mão presente no inventário desta língua.

Propõe-se ainda a ampliação da tipologia com criação de uma categoria e o refinamento de uma nova categoria: soletração que foi dividida nesta dissertação em duas categorias (soletração e soletração rítmica) e calque divididos em três categorias (total, parcial e imperfeito). Assim, totalizam-se cinco categorias de empréstimo, além da categoria de origem misto, desenvolvida no escopo desta investigação para abranger composições mais complexas. As definições dessas categorias são apresentadas nos parágrafos seguintes, e a classificação dos topônimos está esquematizada na Figura 22.¹⁷

Figura 22 — Categorias propostas pela pesquisa metodológica



Fonte: Sueth Netto (2025) em base de Urbanski, Ferreira e Xavier (2019); Ferreira e Xavier (2019).

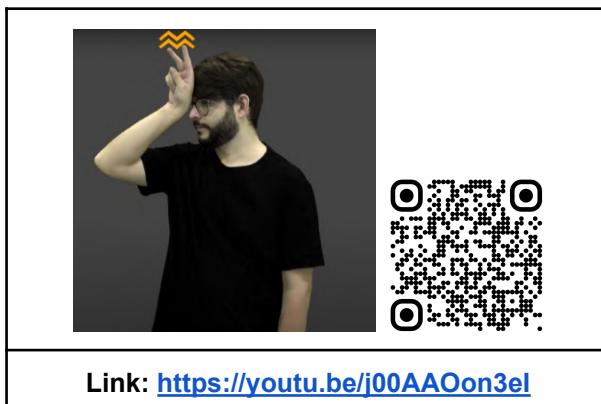
¹⁶ A categoria hibridismo, segundo Urbanski, Ferreira e Xavier (2020), foi substituída pela expressão “formado a partir de letras”.

¹⁷ Optamos por não descrever em nossas análises as expressões não-manais devido ao grau de complexidade adicional que isso traria para os quadros ilustrativos com *SignWriting* e caracteres de movimento (ver quadro 15 para entender a organização dos quadros de análise).

A primeira categoria de empréstimo é a inicialização, em que a configuração de mão é modificada para incorporar a letra inicial da palavra da língua de empréstimo para o alfabeto manual de libras, segundo Adam (2012). É importante notar que se houver empréstimo de um sinal soletrado de outra língua de sinais ele virá com a estrutura de soletração da língua de sinais em questão.

A segunda categoria é o calque, que consiste na tradução do significado da palavra da língua de empréstimo para a Libras. Essa categoria foi subdividida em três tipos, conforme o grau de correspondência entre o sinal e o termo original: (i) calque total: tradução completa da forma original (exemplo: PRAÇA^BANDEIRA¹⁸ para Praça da Bandeira); (ii) calque parcial: tradução de apenas parte da forma original (exemplo: JACARÉ-CL¹⁹ para Jacarepaguá); e (iii) calque imperfeito: ocorre quando há influência da forma escrita da palavra em português, resultando em um sinal que remete visualmente ou fonologicamente a um termo graficamente próximo, mas cujo significado não corresponde ao original (exemplo: sinal nativo de mosquito para a cidade Mesquita/RJ), como mostrado no Quadro 15.

Quadro 15 — Sinal de Mesquita/RJ



Fonte: produzido pelo autor.

A terceira categoria é denominada “formado por configuração de mão de letra”, na qual se utiliza a primeira letra do alfabeto manual— ou, em alguns casos, mais de uma letra — da palavra da língua em que o empréstimo ocorre, português na maioria dos casos, associada a outros parâmetros fonológicos, como movimento e ponto de articulação, mesmo que sem uma motivação específica²⁰ clara. Essa

¹⁸ Transcrição.

¹⁹ Classificador.

²⁰ No contexto desta pesquisa, entende-se por motivação específica a presença de uma justificativa clara indicada pelos participantes da pesquisa para a forma do sinal, geralmente relacionada a características visuais, históricas, culturais ou funcionais do referente. Quando essa motivação não é

configuração pode ocorrer tanto em topônimos simples quanto compostos.

A quarta categoria é a soletração, que consiste na representação da palavra por meio das letras do alfabeto manual. Também subdividida em: (i) soletração total: representação de todas as letras da palavra; e (ii) soletração parcial: representação de apenas algumas letras da palavra. Vale ressaltar que a palavra soletrada sempre se enquadra na categoria de soletração total.

A partir da análise dos dados coletados, esta pesquisa propõe a introdução de uma nova (quinta) categoria: soletração rítmica. Nessa forma de empréstimo, a soletração é realizada com ritmo específico, envolvendo alterações na configuração de mão, no movimento e/ou no uso do punho. Vale destacar que o processo de diferenciação entre palavra soletrada e soletração rítmica foi detalhado na seção 3.6. Essa categoria também é subdividida em: (i) soletração rítmica total: quando todas as letras são articuladas com ritmo (exemplo: **URCA**); e (ii) soletração rítmica parcial: quando há ausência de algumas letras na soletração rítmica (exemplo: **TIJUCA**).

Por fim, propõe-se a categoria misto, destinada para classificar sinais que resultam da combinação de dois ou mais elementos com origens distintas. Essa categoria abrange composições que articulam um sinal nativo com um sinal por empréstimo, ou ainda a união de diferentes tipos de empréstimos em um único sinal, como, por exemplo, um segmento formado por CM de letra seguido por outro formado por calque (exemplo: **ENGENHO NOVO**). Nota-se que há caso de composto simultâneo dado que há articulação simultânea pelas duas mãos (Pizzio *et al.* 2023, p. 200).

O Quadro 16 apresenta, sistematicamente, os critérios de classificação, os conceitos envolvidos e exemplos representativos observados ao longo da pesquisa. Além disso, no corpo da dissertação descrevemos as motivações dos sinais correspondentes a cada topônimo analisado.

Identificável e o sinal se limita, por exemplo, à reprodução da letra inicial do nome em português com algum movimento, considera-se que não há motivação específica.

Quadro 16 — Critérios de classificação de topônimos²¹

Categoria	Conceito	Exemplo
Native	Sinal cuja origem é própria de libras, sem influência do português.	Penha
Emprestimo	Sinal cuja origem apresenta influência do português; subdivide-se em sete categorias distintas.	
Inicialização	Alteração da configuração de mão nativa pela incorporação da letra inicial da palavra em português a partir do alfabeto manual de libras.	Engenho de Dentro (CM “E” de ESTÁDIO)
Calque	Tradução do significado da palavra em português. Subdivide-se em: Calque total: tradução completa da forma original. Calque parcial: tradução incompleta da forma original. Calque imperfeito: influência pela forma gráfica da palavra em português, associado a um termo semelhante na escrita, mas com significado distinto.	Total: Coelho Neto (COELHO NETO) Parcial: Coelho Neto (COELHO) Imperfeito: Engenho Novo (ENGENHEIRO + NOVO)
Formado por CM de letra	Uso da primeira letra da palavra, ou mais de uma letra, em português a partir do alfabeto manual de libras combinada a parâmetros fonológicos como movimento e/ou ponto de articulação; quando não há motivação específica.	Botafogo (B no espaço neutro e movimento tremulante) São Gonçalo (S→G na região do coração)
Soletração	Representação da palavra por meio das letras do alfabeto manual. Subdivide-se em: Soletração total: uso de todas as letras da palavra original. Soletração parcial: uso de algumas letras da palavra original.	Total: Estácio (E-S-T-A-C-I-O) Parcial: Santa Teresa (S-T)
Soletração rítmica	Soletração realizada com ritmo específico (alteração da configuração de mão, movimento e/ou punho). Subdivide-se em: Soletração rítmica total: todas as letras da palavra original são representadas com ritmo. Soletração rítmica parcial: ausência de algumas letras da palavra original que é representada com ritmo.	Total: Urca (U-R-C-A) Parcial: Tijuca (T-J-C-A)
Misto	Sinal composto por dois elementos de origens distintas, podendo combinar um native com um empréstimo, ou dois sinais de tipos diferentes de empréstimo.	Engenho Novo (ENGENHO → formado por CM de letra “E” + NOVO → calque)

Fonte: elaborado pelo autor.

Para apresentação de cada sinal coletado, foram produzidos vídeos de todos os sinais coletados para os 55 bairros, ou mais, caso houvesse variação e/ou

²¹ Apresentamos os casos de empréstimo indicando o português como a língua de origem destes empréstimos para simplificar a apresentação, mas os empréstimos podem ocorrer a partir de outras línguas de sinais ou línguas orais.

variante. Esses vídeos foram disponibilizados na dissertação por meio de *QR Codes*, os quais direcionarão para vídeos hospedados no *YouTube*, facilitando a visualização. Também foi incluído o *link* que leva diretamente para o *site YouTube*. Além disso, os sinais foram representados em escrita de sinais, *SignWriting*, conforme proposta de Sutton (1981; s.d.).

Adicionalmente, foram apresentadas imagens das configurações de mãos (CM) utilizadas nos sinais dos bairros, com base na tabela do INES (Anexo B), a fim de auxiliar na identificação das configurações de mãos empregadas nos sinais, com exceção daqueles referentes aos topônimos formados por palavras soletradas ou soletração rítmica. Exibe-se também as CM, juntamente com as indicações de movimento por meio das fotografias com setas indicando a dinâmica de movimentos, para identificação dos elementos fonológicos da Libras. Vale ressaltar que esse formato de apresentação se justifica pelo caráter gesto-visual da Libras.

No quadro 17, consta um exemplo de como os sinais produzidos pelos participantes são apresentados nesta dissertação. Caso haja mais de uma realização para o mesmo sinal, cria-se um novo quadro em que aparecerá o nome em português seguido de um número que indica a quantidade de itens diferentes produzidos para o mesmo topônimo.

Quadro 17 — Modelo proposto pelo pesquisador

Topônimo em português (bairro) — Sinal X (se houver variação e/ou variante)		
Fotografia com símbolos de contato, dos movimentos dos dedos e dinâmicas de movimentos		Escrita de sinais (SW) segundo Sutton (1981; s.d.)
CM segundo INES (2015)	Classificação toponímica (Quadro 16)	Topônimo em Libras Vídeo QR Code
Link do vídeo no <i>YouTube</i>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta seção, apresentou-se os critérios de análise para essa pesquisa destacando as diferentes categorias utilizadas para o enquadramento dos sinais, bem como foi feita a apresentação da estrutura de apresentação em formato de quadro que facilita a visualização dos elementos principais para identificação dos topônimos.

4.1 PARTICIPANTES

Esta pesquisa contou com a participação de 22 indivíduos que atenderam aos seguintes critérios: pessoas surdas, residentes na cidade do Rio de Janeiro, com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos e de quaisquer orientações sexuais. Não houve restrição quanto à escolaridade, tendo em vista a diversidade de formação educacional da população surda. Além disso, os participantes não deveriam apresentar problemas de visão não corrigidos nem transtornos globais do desenvolvimento.

4.2 PROCEDIMENTOS

Os procedimentos adotados nesta pesquisa foram realizados em conformidade com os critérios éticos estabelecidos para a pesquisa com seres humanos. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, com participantes que atendiam aos critérios de inclusão definidos na seção anterior. Para a condução das entrevistas, o projeto foi submetido à Plataforma Brasil (parecer número 7.070.839 e CAAE 75186323.2.0000.5286), a fim de obter a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e, assim, garantir a autorização necessária para o início da coleta de dados.

As entrevistas foram realizadas individualmente e ocorreram em locais previamente combinados, de preferência em ambientes tranquilos que garantiram a privacidade e o conforto dos participantes. A entrevista foi conduzida de forma a respeitar a autonomia e os tempos dos participantes, com a opção de interromper a participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

O processo foi iniciado com a assinatura do TCLE (Apêndice B), que explicita os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem seguidos, e a garantia de confidencialidade das informações fornecidas. Em seguida, foi solicitado aos participantes que prenchessem uma ficha de perfil (Apêndice C).

As entrevistas foram registradas por meio de gravação em vídeo, com o consentimento dos participantes, e transcritas para análise. As gravações foram utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e armazenadas de maneira segura,

preservando o anonimato dos participantes. Por isso, todos os sinais apresentados nesta dissertação foram produzidos pelo autor deste texto para garantir que a identidade dos participantes não fosse revelada.

Após a coleta, os dados foram analisados de acordo com os objetivos da pesquisa. Os sinais coletados foram organizados conforme (Quadro 13) por zonas da cidade do Rio de Janeiro, começando pela Zona Central, seguida pelas demais zonas: Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste, com base na localização geográfica dos bairros mencionados. Em seguida, apresentamos os resultados quantitativos, respostas dos participantes sobre conhecer ou não cada sinal. Após essa apresentação, os dados por zona da cidade foram destrinchados conforme modelo (ver Quadro 16). Essa categorização permitiu observar possíveis padrões na formação dos sinais em Libras e favoreceu uma análise mais estruturada, articulando aspectos linguísticos e toponímicos. As análises seguiram tanto uma abordagem quantitativa, levando em consideração a frequência e distribuição dos tipos toponímicos identificados, quanto uma abordagem qualitativa, centrada na descrição e interpretação dos sinais e suas motivações.

4.3 MATERIAIS

Os materiais utilizados nesta pesquisa consistem nos instrumentos e recursos necessários para a coleta e a análise dos dados relacionados aos sinais em Libras correspondentes aos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Estes materiais foram selecionados para garantir a qualidade metodológica e a adequação às necessidades específicas da investigação. Abaixo estão descritos os principais materiais utilizados:

1. Questionário de perfil do participante (Apêndice C)

O questionário foi utilizado para coletar informações sobre o perfil dos participantes. Ele incluiu perguntas sobre dados pessoais (nome, idade, sexo, escolaridade, e-mail e telefone celular [opcional]), além de informações relacionadas ao bairro de residência, aos bairros em que já residiram, ao tempo de residência na cidade do Rio de Janeiro e ao tempo de contato com a Libras. Este questionário também foi elaborado e disponibilizado por meio de Google Documentos.

2. Dispositivos de gravação

Para registrar as entrevistas, foram utilizados dispositivos de gravação de vídeo. As gravações foram realizadas com o consentimento dos participantes, com o objetivo de documentar a coleta de dados e permitir a transcrição fiel das entrevistas para análise posterior. As gravações foram armazenadas de maneira segura, garantindo o anonimato dos participantes.

Os dispositivos de gravação utilizados foram: 1 câmera filmadora Canon EOS Rebel SL3 com Lente EF-S 18-55mm e 1 tripé (propriedades do pesquisador); 2 câmeras de ação GoPro Hero 9 Black 4K 60fps Ultra HD, 3 cartões de memória 256GB e 1 tripé para a GoPro (propriedade do SOPA-Lab). Esse último foi fruto de um projeto com apoio de verba FAPERJ por meio do edital Jovem Cientista do Nosso Estado (edital de 2020).

3. Slides para entrevista (Apêndice D)

Este apêndice apresenta os slides utilizados durante as entrevistas, exibindo os topônimos dos bairros em português. Os slides foram projetados no Google Apresentações e exibidos individualmente a cada participante, com o objetivo de fornecer uma referência visual para as perguntas relacionadas ao sinal correspondente em Libras.

Cada slide contém o nome do bairro, ajudando os participantes a visualizar o topônimo enquanto são perguntados sobre o sinal correspondente. Esses slides foram um recurso para facilitar a comunicação durante a coleta de dados e receber uma resposta espontânea sobre a existência ou não de um sinal. Em uma segunda etapa, o pesquisador apresentava o sinal da lista do levantamento inicial para identificar se o participante lembraria, ou seja, a resposta nesse caso era estimulada pela sugestão do pesquisador.

O slide apresentava fundo preto, com a fonte Arial na cor branca, em negrito e tamanho 100 para o topônimo do bairro (com exceção da capa, onde o título da pesquisa estava no tamanho 40; e o subtítulo (entrevista para pesquisa e nome do pesquisador) no tamanho 24), visando uma visualização nítida. Além disso, cada slide apresentava a contagem dos bairros com um pequeno círculo branco

localizado no canto inferior direito, com o número em tamanho 20 e a cor correspondente a cada zona da cidade do Rio de Janeiro: vermelho para a Zona Central, amarelo para a Zona Sul, azul para a Zona Norte e verde para Zona Oeste, a fim de dar previsibilidade sobre o andamento da pesquisa que contava com 55 bairros. Os slides também incluíam uma legenda antes dos topônimos com a cor correspondente para indicar cada zona. E por fim, o último slide de agradecimento foi exibido com a cor violeta.

4. Lista de bairros selecionados para entrevista (Apêndice E)

O apêndice E é uma tabela elaborada pelo pesquisador para registrar as respostas dos participantes durante as entrevistas, bem como inserir aspectos observados posteriormente na conferência minuciosa de cada gravação em vídeo das entrevistas.

Esta tabela contém os bairros selecionados de cada zona, com colunas dedicadas a três perguntas principais: (a) “Conhece a palavra?”, (b) “Sabe o sinal?” e (c) “Sabe a explicação do sinal?”. As opções de resposta eram: (i) Sim, (ii) Não, (iii) Dúvida e (iv) Parcial. Ressalta-se que a opção (iii) Dúvida foi utilizada exclusivamente para a pergunta (b), enquanto a opção (iv) Parcial aplicou-se apenas à pergunta (c), nos casos em que a explicação fornecida pelo participante não era completa. Foram identificadas como parciais todas as explicações em que o participante não soube explicar todos os detalhes do sinal. Por exemplo, em alguns casos havia movimento da mão não-dominante, mas o participante não soube responder qual seria a motivação para aquele movimento, apesar de conseguir identificar a motivação da CM da mão dominante.

Além dessas três colunas, havia uma última destinada ao registro da tentativa de motivação do sinal, na qual os participantes explicavam a origem ou o motivo da forma do sinal, segundo sua percepção. A tabela foi organizada com o objetivo de sistematizar e comparar as respostas dos entrevistados por bairro.

5. Ferramenta de análise de dados qualitativos e quantitativos

Para a análise das entrevistas, utilizou-se a ferramenta Google Planilhas (similar ao Excel). Essa ferramenta possibilitou a organização e a análise dos dados transcritos,

abrangendo as informações da ficha de participante quanto às respostas das entrevistas.

O uso dessa ferramenta facilitou a codificação, a categorização e a identificação de padrões nas respostas, além da criação de gráficos ilustrativos para representar os resultados de cada topônimo, proporcionando uma visualização clara e acessível dos dados coletados.

6. Plataforma de armazenamento e compartilhamento de vídeos (YouTube e QR Codes)

Após a coleta e validação dos sinais, foram produzidos vídeos demonstrativos da realização dos sinais em Libras, gravados no estúdio do Departamento de Letras-Libras da UFRJ e editados pelo pesquisador com o editor de vídeo Movavi Video Editor 2020. Estes vídeos foram hospedados no *YouTube* e integrados à dissertação por meio de *QR Codes*.

O uso de *QR Codes* permite aos leitores o acesso direto aos vídeos, por meio de dispositivos móveis. Além disso, foram incluídos *links* diretos para cada vídeo, como forma alternativa de acesso. Essa estratégia visou garantir maior acessibilidade e praticidade na visualização dos sinais apresentados na pesquisa.

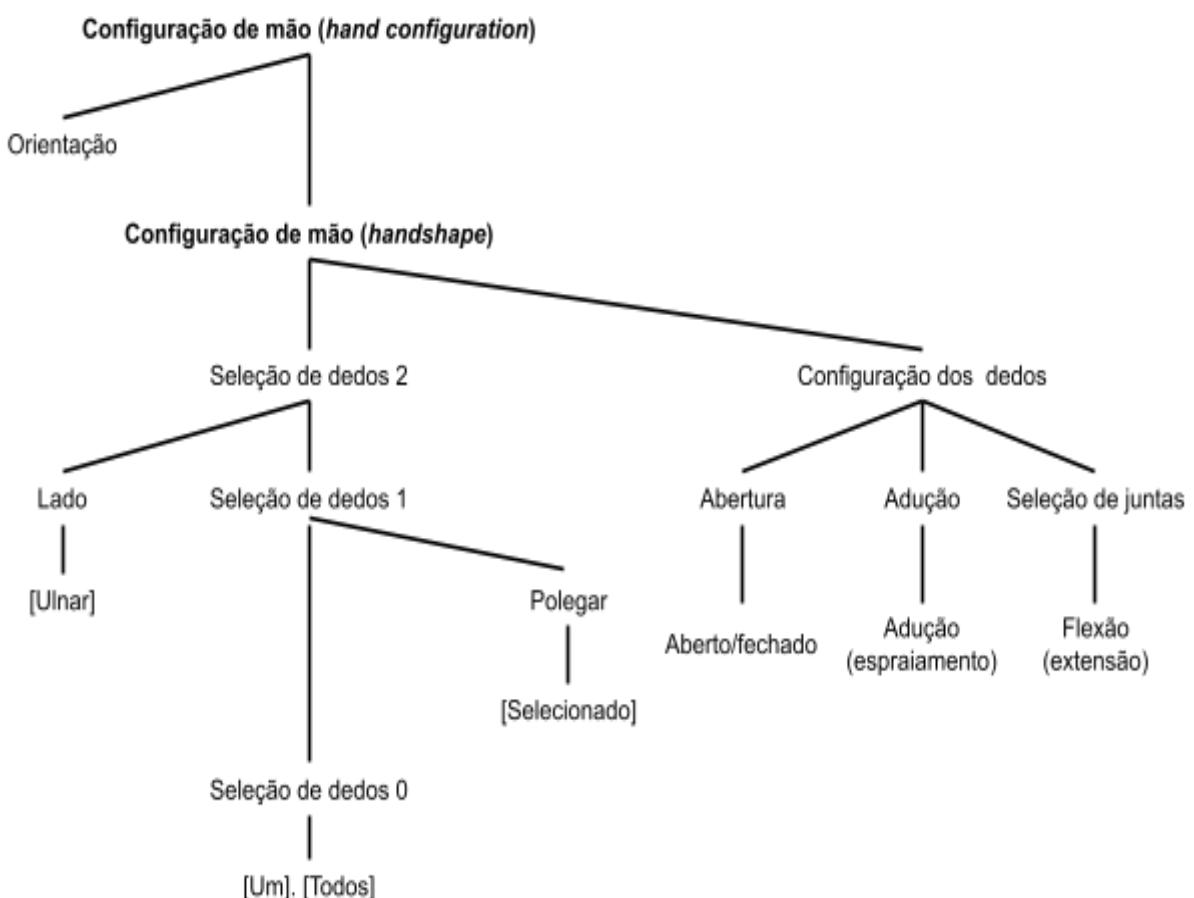
7. Tabela de configurações de mãos (CM) (Anexo C)

A tabela de configurações de mãos (CM) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) foi utilizada como referência para a identificação das configurações de mãos empregadas nos sinais analisados.

A CM é um construto teórico utilizado para representar parâmetros fonológicos das línguas de sinais. A CM corresponde à forma assumida pelas mãos durante a produção de um sinal. Em todas as propostas fonológicas CM aparece. Em algumas propostas podemos encontrar o termo *handshape*, do inglês forma da mão, mas traduzido em português como configuração de mão, e configuração de mão para configuração de mão e orientação, no inglês *hand configuration* (ver Quadros e Karnopp, 2004, p. 67), conforme mostrado na Figura 23. Nessa dissertação o termo CM se refere a *handshape* dado que utilizamos apenas a informação da forma da mão e não utilizamos o padrão de CM+orientação como indicado em Quadros e

Karnopp (2004, p. 67). Não optamos pelo termo em inglês, pois a CM já está consolidada na área. Indicamos apenas que a CM que apresentamos nesta dissertação, não abarca orientação de mão. Essa configuração envolve ainda a disposição dos dedos, das palmas e das articulações, sendo essencial para a distinção entre os diferentes sinais. Assim como os demais parâmetros da Libras — movimento, ponto de articulação, orientação da palma e expressão facial —, a CM contribui diretamente para o significado e a estrutura linguística dos sinais.

Figura 23 — Representação de configurações de mão



Fonte: adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 67) em base de Brentari, Hulst, Kooij e Sandler (manuscrito)²².

Há diversas formas de se apresentar CMs com análises indicando posicionamento dos dedos e polegar, bem como a curvatura e abertura dos dedos. Nesta dissertação, optamos pelo uso de tabela do INES que tem uma apresentação em imagem de cada CM por número e é bastante conhecida da comunidade surda. No entanto, não há uma descrição detalhada das articulações como em outras

²² Encontramos um artigo com essa referência, mas não tivemos acesso ao texto original.

propostas. Mesmo assim, a tabela auxilia na análise fonológica dos sinais, proporcionando uma descrição precisa dos parâmetros utilizados, com exceção daqueles sinais formados por soletração e soletração rítmica.

Ao apresentar as CMs dos topônimos, utilizamos dois caracteres que indicam o uso das mãos e a sequência de movimentos. O ícone (+) é utilizado para indicar o uso simultâneo das duas mãos na realização do sinal. Já o ícone (>) representa a sequência de movimentos ou transição para uma configuração de mão diferente daquela do início do sinal, podendo se aplicar tanto ao uso de uma única mão quanto de ambas.

8. Material de apoio visual (Fotografias)

Foram feitas capturas de tela a partir dos vídeos produzidos pelo pesquisador, com o objetivo de ilustrar a execução dos sinais dos topônimos. As setas indicam a direção dos movimentos. Além disso, foram incluídos, quando presente, os símbolos de contato (Quadro 18), os símbolos de movimento dos dedos (Quadro 19) e as dinâmicas de movimento (Quadro 20) da escrita de sinais (*SignWriting*), conforme elaborados por Sutton (1981; s.d.) e Stumpf (2005). Estas inclusões nas fotografias são semelhantes às apresentadas por Santos (2020).

Quadro 18 — Símbolos de contatos

*	Tocar	@	Esfregar	*	Entre
○	Escovar	#	Bater	+	Pegar

Fonte: Sutton (1981, p. 109) e Stumpf (2005, p. 79).

Quadro 19 — Símbolos de movimento dos dedos

	●	Dedo flexiona na articulação medial.		↗	Dedo estende na articulação proximal.
	○	Dedo estende na articulação medial.		↖	Dedos flexionam e estendem na articulação proximal conjuntamente.

	▼	Dedo flexiona na articulação proximal.			Dedos flexionam e estendem na articulação proximal separadamente.
--	---	--	--	--	---

Fonte: Stumpf (2005, p. 80).

Quadro 20 — Símbolos de dinâmica de movimentos

	Linha de simultaneamente - ambas as mãos se movem na mesma direção e ao mesmo tempo.
	Linhas de movimento alternado - ambas as mãos se movem em direções opostas e ao mesmo tempo.
	Movimento “tremendo” a mão/o antebraço.
	Flexão contínua de punho.

Fonte: adaptado de Stumpf (2005, p. 88) e Sutton (s.d., p. 162).

9. Ferramenta para construção de escrita de sinais (*SignWriting*)

A escrita de sinais foi realizada utilizando a ferramenta *online SignMaker 2017*²³, que permite a criação gráfica dos sinais em Libras por meio de *SignWriting*. Essa ferramenta foi fundamental para a transcrição visual dos sinais analisados, oferecendo suporte à leitura e interpretação dos sinais correspondentes a cada topônimo.

Optamos, nesta dissertação, por indicar, a partir da tabela do INES (Anexo C), as CM dos sinais por soletração, ou seja, apenas consta a indicação da CM e o respectivo número, sem a inserção da representação em *SignWriting*, visto que sua construção é excessivamente laboriosa. No caso da soletração rítmica, devido ao fato das CMs serem distintas do padrão de soletração, ou seja, diferente da forma canônica de soletração, optamos por manter apenas prints dos vídeos (fotografias), bem como os vídeos com a soletração em *link* e *QR Code*, mas não inserir a representação em *SignWriting*, devido a complexidade de construção das imagens e o tempo menor para conclusão desse nível de estudo.

²³ Disponível no site: <<https://www.signbank.org/signmaker.html>>. Acesso em 07 nov. 2024.

Esses materiais também garantem o cumprimento dos padrões éticos da pesquisa, respeitando a confidencialidade e o consentimento dos participantes, e permitindo que os resultados sejam apresentados de forma transparente e acessível à comunidade científica e ao público em geral.

Com base nos procedimentos descritos, tornou-se possível sistematizar os dados de maneira a evidenciar as principais tendências na criação e uso dos sinais em Libras para os bairros da cidade do Rio de Janeiro. A categorização toponímica, aliada à consideração das experiências linguísticas dos participantes surdos, fornece o suporte necessário para a análise crítica dos sinais levantados. No próximo capítulo, são apresentados os sinais coletados, acompanhados de uma discussão sobre suas motivações, características linguísticas e possíveis relações com fatores históricos, sociais e culturais.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados da entrevista. Para organizar os dados coletados, estruturamos uma tabela (Apêndice G) que facilita a visualização da correspondência entre as quantidades de sinais e os bairros, além de indicar quantos sinais cada participante produziu no respectivo bairro. Para facilitar a compreensão geral dos dados, elaboramos a Tabela 1, que sintetiza a quantidade de sinais coletados distintos por bairro, excluindo as palavras soletradas²⁴, uma vez que estas não são consideradas sinais. Ao todo, foram coletados 130 sinais para os 55 topônimos listados na pesquisa.

Foram encontrados 20 bairros com apenas um sinal. A partir de dois sinais, considera-se a possibilidade de variação lexical, fonológica ou morfológica (Ferreira e Xavier, 2019). Dentre os bairros analisados, 13 possuem dois sinais, 12 possuem três sinais e seis possuem quatro sinais. Nos casos de bairros com cinco sinais ou mais, quatro bairros apresentam múltiplos sinais produzidos sob diferentes perspectivas por diversos participantes. Essa análise revela que a variação no uso dos sinais pode ser influenciada por diferentes fatores, como a percepção de cada indivíduo sobre o topônimo, a identidade cultural e a diversidade linguística da comunidade surda.

Tabela 1 — Correspondência entre os sinais coletados e os bairros por zona

Quantidade de sinais identificados		1 sinal	2 sinais	3 sinais	4 sinais	5 sinais	6 sinais	8 sinais
Quantidade de bairros	Zona Central	1	2	2	2	-	-	-
	Zona Sul	7	3	4	-	-	-	-
	Zona Norte	7	4	5	3	1	1	1
	Zona Oeste	5	4	1	1	1	-	-
Total de bairros		20	13	12	6	2	1	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Organizamos as seções de acordo com as zonas da cidade: 5.2 Zona Central, 5.3 Zona Sul, 5.4 Zona Norte e 5.5 Zona Oeste. Em cada seção, apresentamos os bairros em ordem alfabética que compõem a respectiva zona e,

²⁴ Segundo Gripp-Diniz (2023), a palavra soletrada é utilizada quando não há sinal lexical. Ver mais, na página 64.

em seguida, os resultados específicos por bairro, indicando quantos participantes conhecem o termo que designa o bairro em português, quantos sabem o sinal que designa o bairro em Libras e, por fim, uma tentativa de explicação das motivações que eles indicaram para cada sinal.

Após essa etapa, foi elaborado um quadro com a quantidade de sinais produzidos na coleta de dados, detalhando a frequência de cada sinal por bairro, levando em consideração que cada participante pode ter produzido mais de um sinal, incluindo soletração rítmica, que é, de fato, considerado sinal. Também foi apresentada a quantidade de vezes em que a palavra soletrada foi utilizada, seja quando o participante não souber o sinal correspondente, seja quando utilizar como sinal. Em seguida, serão apresentados os quadros correspondentes a cada sinal registrado, com a inclusão de quadros separados para possíveis variações e, se houver, variantes, conforme o modelo proposto (ver Quadro 17, no capítulo 4). A apresentação seguirá a ordem decrescente do número de vezes em que cada sinal produzido pelos participantes durante a coleta de dados. Cada quadro será acompanhado de uma breve análise, e ao final, será apresentada uma conclusão geral.

Antes da exposição dos resultados, dedicamos uma seção à caracterização do perfil dos participantes dado que temos mais detalhes sobre o perfil do que apenas as informações apresentadas no capítulo 4. Levantamos informações relevantes sobre o tempo de moradia no Rio de Janeiro, contato com a Libras que podem nos dar pistas sobre a motivação das suas respostas na entrevista.

5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

As entrevistas foram realizadas com um total de 22 participantes, convidados a relatar suas experiências na área de toponímia. A amostra foi selecionada de forma intencional, com o intuito de garantir a diversidade de pontos de vista sobre o tema, essenciais para a análise tanto qualitativa quanto quantitativa dos sinais.

A amostragem intencional, embora mais comum em pesquisas qualitativas, consiste em uma estratégia na qual os participantes são escolhidos com base em características específicas que possam fornecer dados relevantes para a

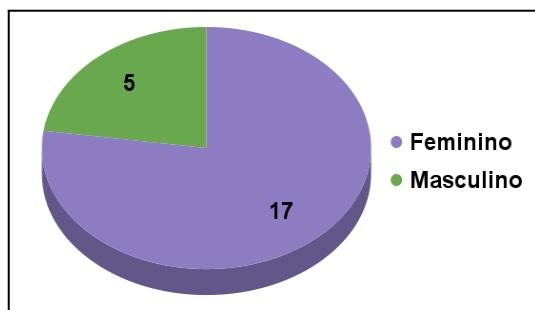
investigação, permitindo um aprofundamento na compreensão das motivações dos sinais. No entanto, apesar da seleção tenha sido não probabilística, os dados coletados foram também analisados quantitativamente, com foco na quantificação das respostas e na análise estatística dos resultados.

Os dados dos participantes foram registrados de forma anônima e organizados em uma planilha do Google Planilhas (Apêndice F). Após a análise dos dados, obtivemos os resultados dos participantes.

Os participantes eram surdos e residentes da cidade do Rio de Janeiro, com idades a partir de 18 anos, independentemente da formação acadêmica. A média de idade foi de 40,86 anos, sendo 5 homens e 17 mulheres. Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados por pseudônimos, representados por códigos alfanuméricos.

Observa-se que a maioria dos participantes era do sexo feminino, representando aproximadamente três vezes o número de participantes do sexo masculino, conforme ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 — Distribuição dos participantes por gênero

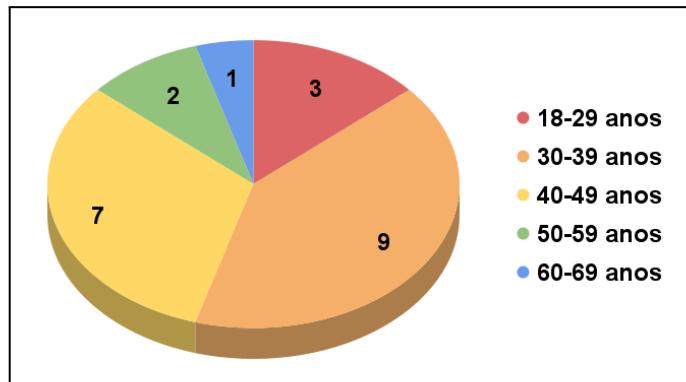


Fonte: elaborado pelo autor.

A idade dos participantes foi classificada em faixas etárias para facilitar a análise dos grupos, respeitando a privacidade dos indivíduos. Cabe destacar que não houve restrição etária na seleção da amostra: todos os indivíduos com 18 anos ou mais puderam participar, independentemente da idade. Também não foi definido um critério quantitativo prévio para garantir a representatividade equitativa entre as faixas etárias. Considerando que os participantes pertencem à comunidade surda, optou-se por não divulgar idades exatas, a fim de evitar possíveis identificações. Por essa razão, a classificação por faixas etárias contribuiu para preservar o anonimato dos dados.

Observa-se que quase um terço dos participantes pertencem às faixas etárias 30-39 anos e 40-49 anos, enquanto apenas um participante se enquadra na faixa etária mais avançada, conforme ilustrado no Gráfico 2.

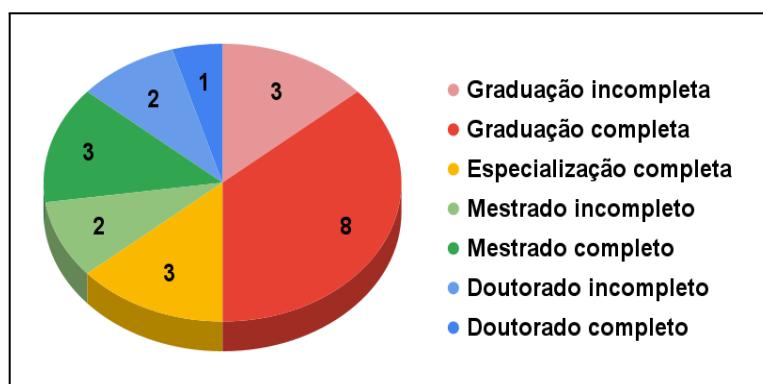
Gráfico 2 — Distribuição dos participantes por faixa etária



Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 3 representa a escolaridade dos participantes. Metade deles está na categoria de graduação, tanto completa quanto incompleta. A outra metade está na categoria de pós-graduação, abrangendo tanto *lato sensu*, com apenas três participantes tendo concluído, quanto *stricto sensu*, com três participantes com título de mestrado e um com título de doutorado.

Gráfico 3 — Escolaridade dos participantes

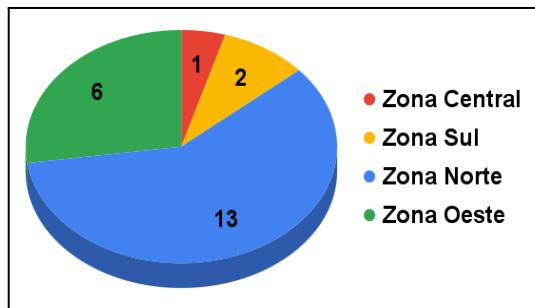


Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 4 representa a distribuição geográfica dos participantes quanto a moradia, considerando suas zonas de residência na cidade do Rio de Janeiro. Optou-se por apresentar os dados de forma generalizada por zona da cidade, a fim de preservar o anonimato dos participantes, uma vez que pertencem à comunidade surda e poderiam ser facilmente reconhecidos caso seus bairros fossem identificados. Observa-se que a maioria dos participantes reside na Zona Norte,

seguida pela Zona Oeste. Apenas um participante declarou residência na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro.

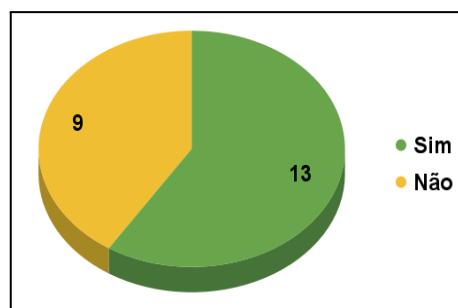
Gráfico 4 — Local da residência dos participantes



Fonte: elaborado pelo autor.

Na análise de dados dos participantes, foi necessário manter o anonimato em relação aos bairros de residência, de modo a preservar a identidade dos entrevistados e garantir a correspondência com a lista de bairros utilizados na coleta de dados. Observou-se que 13 participantes residem em bairros que constam na lista, conforme ilustrado no Gráfico 5.

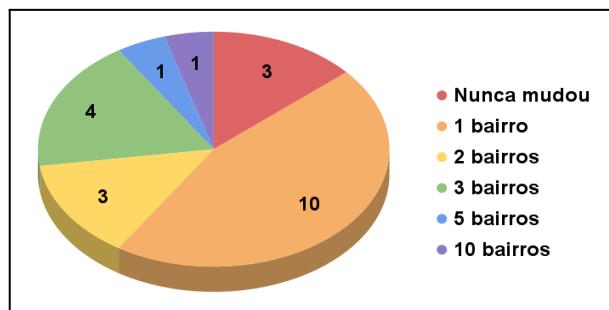
Gráfico 5 — Correspondência entre bairro de residência do participante com a lista de bairros da coleta de dados



Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 6 representa a quantidade de bairros em que os participantes já residiram, excluindo suas moradias atuais. Observa-se que três participantes nunca mudaram de bairro. Aproximadamente metade dos participantes declarou ter residido em apenas um bairro ao longo da vida, enquanto um único participante relatou ter vivido em dez bairros diferentes.

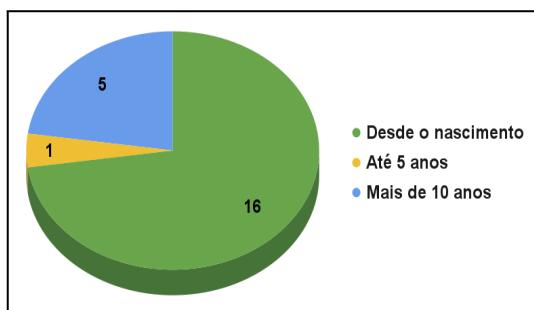
Gráfico 6 — Quantidade de bairros que o participante já residiu



Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos participantes reside na cidade do Rio de Janeiro desde o nascimento, totalizando 16 pessoas. No entanto, observa-se que apenas um participante mora na cidade há menos de 5 anos, enquanto cinco moram há mais de 10 anos. Cabe destacar que esse tempo de residência não implica, necessariamente, que todos participantes sejam naturais da cidade, conforme ilustrado no Gráfico 7.

Gráfico 7 — Tempo de residência dos participantes na cidade



Fonte: elaborado pelo autor.

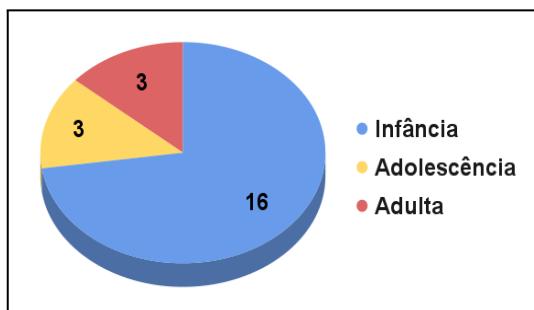
Por último, o Gráfico 8 representa o início do contato com a Libras. Dezesseis participantes tiveram seu primeiro contato com a língua ainda na infância, enquanto três iniciaram esse contato na adolescência. Já três participantes tiveram o primeiro contato na vida adulta.

A definição das faixas etárias pode variar conforme diferentes perspectivas. No entanto, adotamos o critério estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)²⁵, que categoriza em dois grupos: crianças até 11 anos e adolescentes entre 12 e 18 anos. Já o grupo a partir de 19 anos são classificados como adultos.

²⁵ Ver artigo 2º, da lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 03 abr. 2025.

Na ficha de participante, a categoria “jovem” foi utilizada inicialmente, mas optamos por seguir um critério conhecido como a nomenclatura praticada pelo ECA. Assim, optamos por substituir a categoria “jovem” por “adulto”, considerando participantes com 19 anos ou mais.

Gráfico 8 — Tempo de início do contato com a Libras



Fonte: elaborado pelo autor.

Em todos os gráficos, observamos que o Apêndice E apresenta os dados de forma geral e anônima. Nas próximas seções, analisamos os bairros listados e os resultados obtidos a partir das entrevistas.

Em seguida, discutimos os resultados das entrevistas e iniciamos a análise linguística dos sinais, começando pela Zona Central da cidade do Rio de Janeiro.

5.2 ZONA CENTRAL

Nesta seção apresentamos os resultados da Zona Central do Rio de Janeiro, que concentra grande parte da história e da identidade da cidade, com uma arquitetura que reflete o passado colonial e imperial. A região é composta por 11 bairros.

Para a comunidade surda, essa zona representa um ponto de referência frequente para encontros como centros culturais e eventos acessíveis em Libras, além de pontos turísticos e museus históricos.

Na entrevista, apenas um participante declarou residir nessa região, o que indica que há uma menor concentração de pessoas surdas na área.

Apresentamos os bairros da Zona Central investigados nesta dissertação, totalizando sete bairros selecionados (Quadro 21) para análise.

Quadro 21 — Bairros listados da Zona Central do Rio de Janeiro para coleta de dados

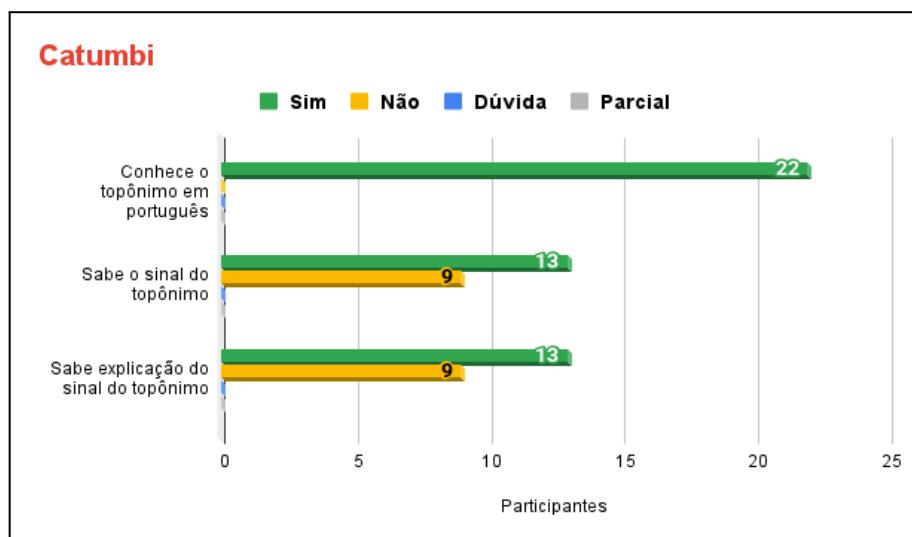
Bairros listados da Zona Central			
Catumbi	Centro	Cidade Nova	Estácio
Glória	Lapa	Santa Teresa	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.1 Catumbi

Todos os participantes conhecem o termo que designa o bairro em português; no entanto, apenas treze sabiam o sinal correspondente a esse bairro, incluindo a explicação do sinal fornecida pelos participantes. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 9.

Gráfico 9 — Respostas quantitativas sobre o topônimo Catumbi



Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico apresentado revela os resultados das respostas sobre o topônimo Catumbi, com destaque para o sinal específico e a sua explicação da motivação do sinal do Catumbi. Na tabela 2 foram apresentados um total de 24 sinais, pois dois participantes utilizam mais de um sinal. Desses, 13 participantes utilizaram apenas um sinal, enquanto outros 11 adotaram a palavra soletrada em sua resposta. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

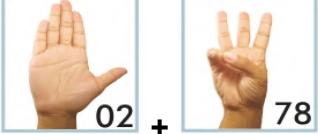
Tabela 2 — Resultados da coleta de dados sobre Catumbi

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	13	11	1

Fonte: elaborado pelo autor.

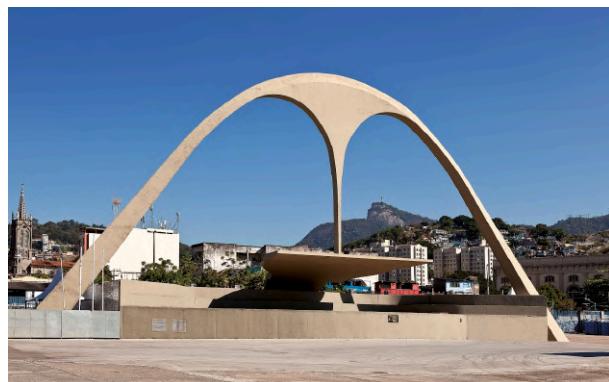
Os 13 participantes adotaram o sinal específico (Quadro 22) para o bairro Catumbi devido à proximidade com o Sambódromo Marquês de Sapucaí, de grande relevância para o Carnaval da cidade do Rio de Janeiro. O sinal é icônico, representando o arco da Praça de Apoteose, estrutura montada no final do desfile no Sambódromo, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, conforme mostrado na Figura 24.

Quadro 22 — Catumbi

Catumbi		
	<p>Classificação topográfica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/-BifyISIKTl</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 24 — Praça do Apoteose - Sambódromo Marquês de Sapucaí



Fonte: Google Arts & Culture²⁶.

Vale ressaltar que os 11 participantes desconhecem o sinal, portanto um deles não confirma o sinal específico proposto pelo pesquisador, pois ele se refere especificamente ao Sambódromo Marquês de Sapucaí e não ao bairro Catumbi, geralmente utilizando soletração (Quadro 23). Cabe destacar que o Sambódromo está localizado no bairro Cidade Nova, e não no Catumbi.

Quadro 23 — Catumbi (palavra soletrada)

Catumbi — palavra soletrada		
	<p>Classificação topográfica: Emprestimo / Soletração total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/enjwAFzmowo</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.2 Centro

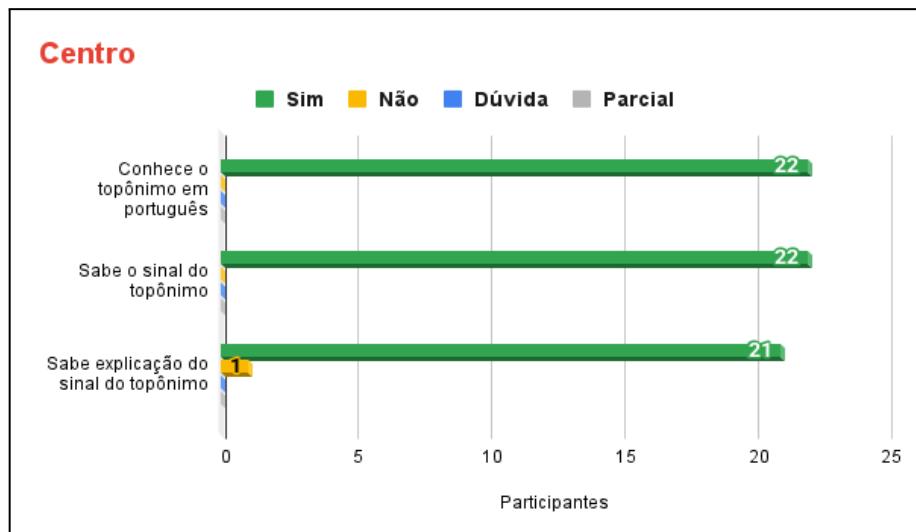
Todos os participantes demonstraram conhecimento do termo que designa o

²⁶ Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/asset/grande-arco-oscar-niemeyer/TQHKahBhAVkbg?hl=pt-br>.
Acesso em: 27 abr. 2025.

bairro em português, bem como saber o sinal correspondente a esse bairro. No entanto, apenas um deles não soube explicar o sinal apresentado (variação 1). Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 10.

Gráfico 10 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Centro



Fonte: elaborado pelo autor.

Na tabela 3, foi apresentado um total de 27 sinais, considerando que alguns participantes utilizam mais de um sinal. Dentre esses, 18 participantes utilizaram sinal de variação 1, seis utilizaram o de variação 2, dois recorreram à soletração rítmica (variação 3) e um utilizou um quarto sinal (variação 4). Conclui-se, portanto, que foram considerados apenas quatro sinais distintos. Sendo que o quarto sinal não é especificamente associado ao bairro em questão. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada.

Tabela 3 — Resultados da coleta de dados sobre Centro

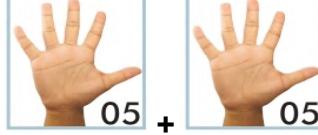
Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
27	18	6	2	1	0	4

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal mais frequentemente utilizado para o bairro “Centro” foi produzido por 18 participantes. Trata-se de um sinal específico (Quadro 24), associado à movimentação de pessoas que circulam pelas ruas e avenidas. O sinal é de natureza icônica, representando os dedos em ambas as mãos como se fossem pessoas deslocando-se em direções opostas nesses logradouros, conforme

ilustrado na Figura 25.

Quadro 24 — Centro (variação 1)

Centro — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/mOJ9oOESJg0</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 25 — Logradouro movimentado nas ruas do Centro, com destaque para a Avenida Presidente Vargas



Fonte: G1²⁷.

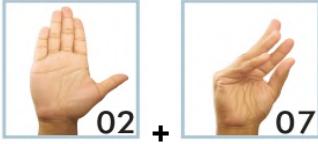
Já o segundo sinal mais frequente, com seis ocorrências, como mostra no

²⁷ Disponível em:

<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2024/09/6912459-avenida-presidente-vargas-80-anos-por-onde-a-historia-do-rio-passa.html?foto=5>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Quadro 25, tem como motivação a tradução da palavra em português, associada à ideia de núcleo, ou “meio de tudo” pensando uma descrição geométrica. Os participantes que utilizaram esse sinal adotaram a noção de “meio” como referência principal à localização central da cidade. Vale pontuar que a mesma sinalização pode ser encontrada com outras acepções ainda com a ideia de núcleo, como para se referir a setores, por exemplo.

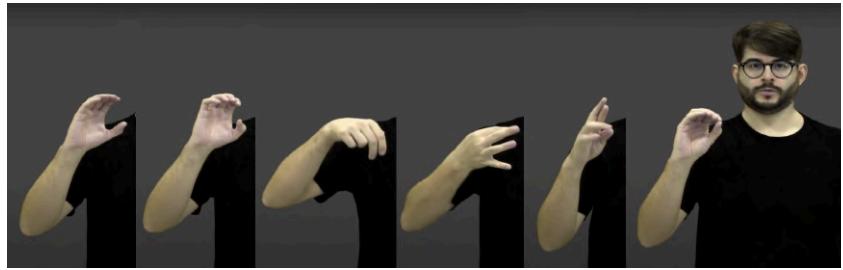
Quadro 25 — Centro (variação 2)

Centro — Variação 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total</p>	
Link: https://youtu.be/rqBJH7BE31w		

Fonte: elaborado pelo autor.

Dois participantes utilizaram a forma com soletração rítmica. Inicialmente, são soletradas ritmicamente as três primeiras letras: “C”, “E” e “N”. Em seguida, a letra “T” é direcionada da palma da mão para baixo, aglutinando-se rapidamente com a letra “R” para formar a letra “O”, como ilustrado no Quadro 26. A soletração rítmica é amplamente utilizada pela comunidade surda como uma forma de representar sinais formados por letras de maneira em que há alteração de movimento ou articulação ampliada do pulso. Diferentemente das palavras soletradas, em que cada CM de letras pode ser percebida de forma mais discreta, separada, os sinais com soletração rítmica tem um caráter de maior aglutinação.

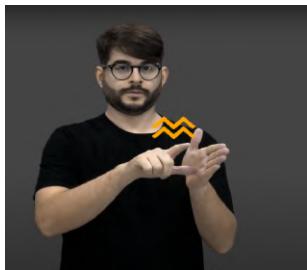
Quadro 26 — Centro (variação 3)

Centro — Variação 3		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>	
Link: https://youtu.be/qpfZPoNyUHE		

Fonte: elaborado pelo autor.

Somente um participante utilizou um sinal associado ao bairro Centro, como mostra no Quadro 27, que, na realidade, faz referência a uma localidade no entorno, a estação dos trens chamada Central do Brasil. O participante optou por indicar algo como “bairro da Central do Brasil”. Segundo o próprio relato, ele tem o hábito de utilizar ônibus com a descrição “Central”. Acredita-se, nesta dissertação, que a motivação desse participante baseou-se no radical CENTR- presente no nome para construir o sinal.

Quadro 27 — Centro (variação 4)

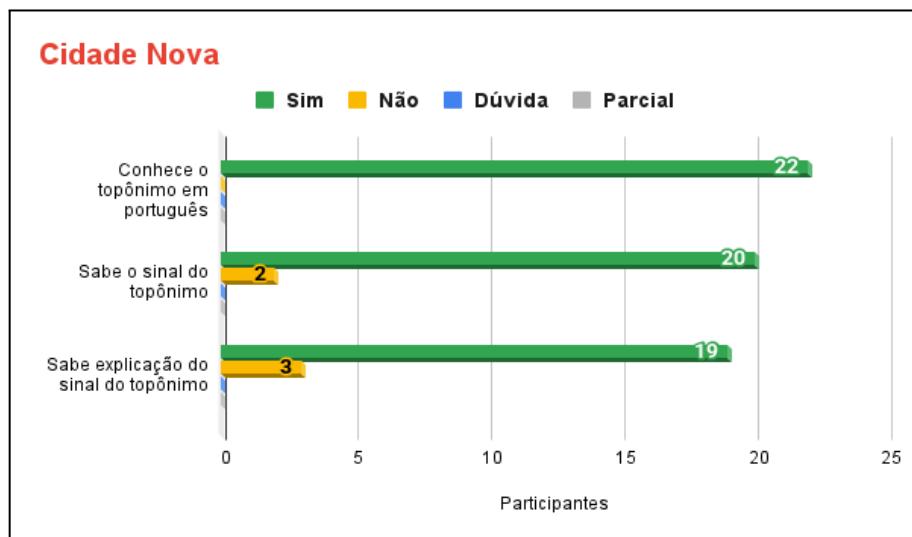
Centro — Variação 4		
		
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>	
Link: https://youtu.be/z5g3GBHegqs		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.3 Cidade Nova

Todos os participantes conhecem o termo para o topônimo em português, mas dois deles não sabem o sinal correspondente e, por isso, utilizaram a palavra soletrada. No entanto, excluindo os que soletraram, apenas um participante, de idade mais avançada, não soube explicar o sinal que produziu. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 11.

Gráfico 11 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Cidade Nova



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 4, foi apresentado um total de 26 sinais, considerando que quatro participantes utilizaram mais de um sinal. Dentre esses, 18 participantes utilizaram sinal de variação 1, quatro utilizaram o de variação 2, dois utilizaram o de variação 3 e dois recorreram à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram considerados apenas três sinais distintos.

Tabela 4 — Resultados da coleta de dados sobre Cidade Nova

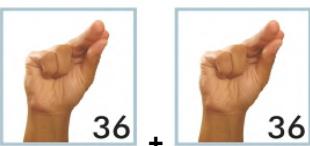
Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra Soletrada	Total de sinais identificados
26	18	4	2	2	3

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal mais frequente do bairro Cidade Nova foi registrado em 18 ocorrências. A maioria relatou que o sinal faz referência à passarela principal localizada na Avenida Presidente Vargas (Figura 26), que conecta a estação de

metrô Cidade Nova à Prefeitura do Rio, incluindo as vias. Os dedos indicador e médio são utilizados para representar as estruturas metálicas laranjas, o que leva à conclusão de que o sinal é icônico, como é mostrado no Quadro 28. Os dois dedos começam fechados em contato com o polegar, se afastam do polegar em um movimento de abdução, ou seja, o dedo indicador e médio se afastam entre si. Em seguida há um movimento de retorno a posição inicial em que os três dedos se tocam, no entanto dado que o movimento das mãos é distal no campo lateral, o movimento termina próximo dos ombros, sem contato.

Quadro 28 — Cidade Nova (variação 1)

Cidade Nova — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/GlvN6vodVeM</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 26 — Passarela da estação de metrô Cidade Nova

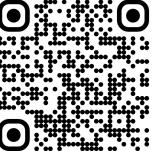


Fonte: Diário do Rio²⁸.

²⁸ Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-da-cidade-nova/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

Com quatro ocorrências, encontrou-se um sinal composto em que o primeiro elemento corresponde à tradução da palavra “Cidade” e o segundo a soletração rítmica da palavra “Nova”. Conclui-se que esse sinal segue a estrutura do nome do bairro, como é mostrado no Quadro 29. A classificação toponímica atribuída a esse sinal é de empréstimo misto, pois envolve a composição de duas categorias distintas: o primeiro elemento é um calque total e o segundo corresponde à soletração rítmica total.

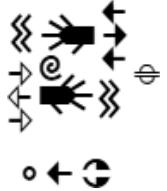
Quadro 29 — Cidade Nova (variação 2)

Cidade Nova — Variação 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
<p>Link: <u>https://youtu.be/Jd1VC8n0OqM</u></p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Houve ainda o uso de outro sinal composto por dois participantes. Eles relataram que o sinal refere-se à tradução literal do topônimo do bairro, ou seja calque total de dois elementos. O primeiro elemento corresponde ao sinal CIDADE e o segundo, ao sinal NOVA, conforme mostrado no Quadro 30.

Quadro 30 — Cidade Nova (variação 3)

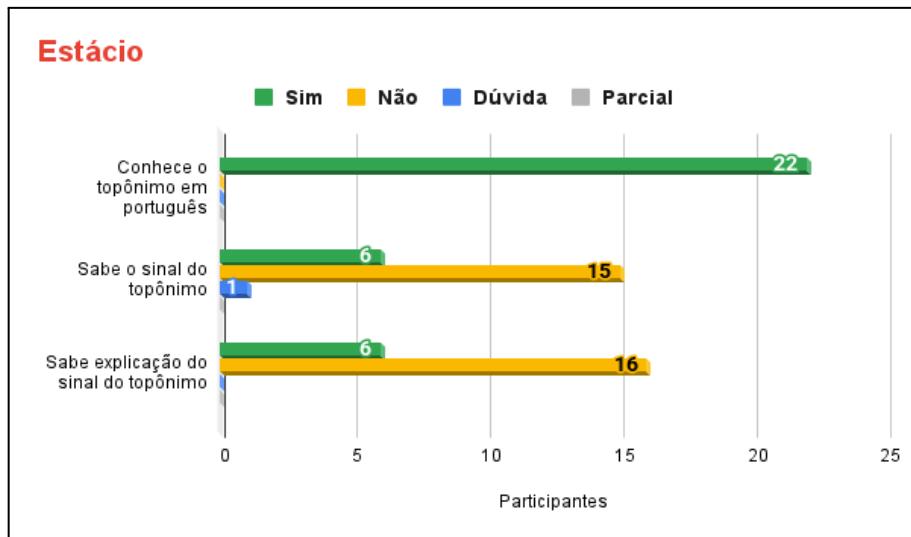
Cidade Nova — Variação 3	
	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total
Link: https://youtu.be/b4OD7gKqg0U	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.4 Estácio

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas seis sabiam o sinal correspondente ao bairro. Na coleta de dados, três participantes especificaram o sinal do bairro; enquanto outros três, adotaram a palavra soletrada como resposta a “qual seria o sinal para Estácio?”, a mesma soletração foi adotada por aqueles que não sabiam o sinal, a resposta desses participantes, porém, não corresponde à soletração rítmica. Somente um participante ficou em dúvida, relatando que não recordava com o sinal correspondente quando o pesquisador perguntou sobre seu conhecimento de um sinal específico. Em relação à explicação do sinal desse topônimo, todos os seis indicaram uma explicação. Três utilizaram uma explicação baseada no sinal apresentado, e os outros três indicaram a palavra soletrada como motivação, dado que responderam com a soletração quando perguntavam se sabiam o sinal. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 12.

Gráfico 12 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Estácio



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 5, são apresentados os resultados da coleta de dados referentes ao bairro “Estácio”, que teve um total de 23 registros, considerando que apenas um participante apresentou duas respostas: um sinal e a outra foi por meio da palavra soletrada. Dentre os participantes, 20 recorreram à palavra soletrada, dois utilizaram sinais apresentados aqui como “variação 1” e apenas um utilizou a forma indicada como “variação 2”. Apesar do alto número de respostas indicando palavra soletrada, indicamos a existência de apenas dois sinais distintos, dado que palavra soletrada não é considerada um sinal.

Tabela 5 — Resultados da coleta de dados sobre Estácio

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra Soletrada	Total de sinais identificados
23	2	1	20	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Tendo em vista o alto número de respostas com palavra soletrada, maioria dos participantes, apresentamos no Quadro 31 a palavra soletrada para o bairro “Estácio”. Esse dado é interessante, pois mesmo com alto grau de resposta com palavra soletrada observamos que a soletração não sofreu alteração de sua base canônica, apenas a CM da letra “C” apresenta rotação do punho, sendo possível visualizar a palma da mão orientada para frente.

Quadro 31 — Estácio (palavra soletrada)

Estácio — palavra soletrada	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração total
Link: https://youtu.be/kaBdcxInGcc	

Fonte: elaborado pelo autor.

Dois participantes utilizaram um sinal composto, cujo primeiro elemento corresponde a mão não-dominante como apoio, à frente do corpo, para o sinal feito com a mão dominante, orientação diagonal em relação ao corpo do sinalizante, mão em punho fechado. Supomos aqui que a motivação para o uso da mão não-dominante seja o sinal PRAÇA, provável local em que se soltava pipa, referência ao segundo sinal, PIPA. Eles declararam que, historicamente, no bairro Estácio — especificamente na Praça do Estácio²⁹, onde está localizada a estação do metrô homônima — era comum a prática de soltar pipa. Essa atividade lúdica tornou-se um patrimônio cultural, histórico e imaterial da cidade, conforme ilustrado na Figura 27. Apesar de poucas respostas com esse sinal, este também é o sinal utilizado pelo pesquisador responsável por esta dissertação. O sinal pode ser visualizado no Quadro 32.

²⁹ No bairro do Estácio, a denominação mais comum e reconhecida é Largo do Estácio. Embora a Praça Roberto de Campos, também conhecida como Praça do Estácio, exista no mesmo local, o Largo do Estácio é a referência mais utilizada para o espaço público central do bairro.

Quadro 32 — Estácio (variação 1)

Estácio — Variação 1	
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>
<p>Link: https://youtu.be/mFuHF-mjn34</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 27 — Crianças empinando pipa na Praça do Estácio



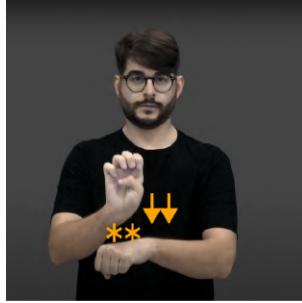
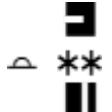
Fonte: O Globo Rio³⁰.

Um único participante utilizou um sinal composto por dois elementos: o primeiro corresponde à mão não-dominante, tal qual a anterior, e o segundo sinal à letra inicial do topônimo. O participante declarou que a motivação do sinal está relacionada à presença de uma praça no bairro e a letra “E” representativa da inicial do termo em português, Estácio. O sinal pode ser visualizado no Quadro 33.

³⁰ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/rio/brincadeira-com-jeito-carioca-pipa-vira-patrimonio-cultural-historico-imaterial-do-rio-22455685>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Quadro 33 — Estácio (variação 2)

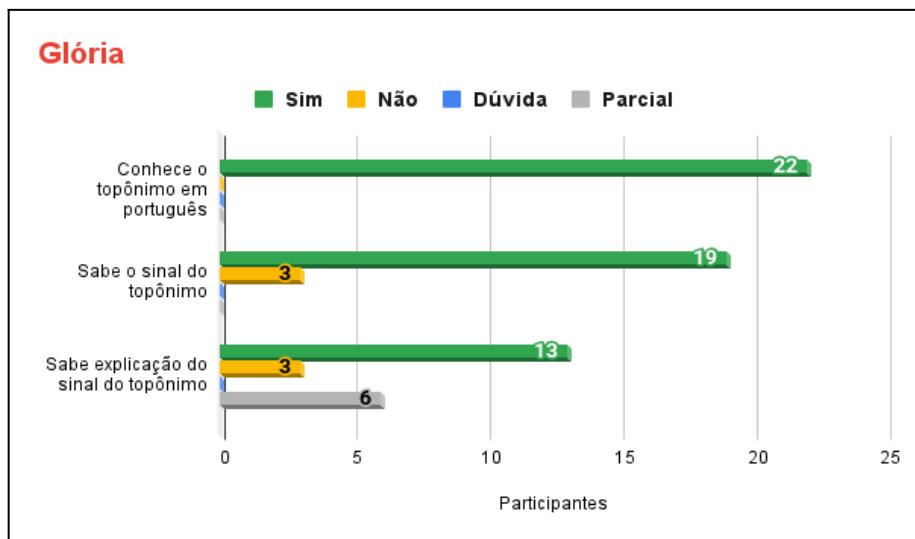
Estácio — Variação 2	
	
	Classificação toponímica: Misto
Link: https://youtu.be/DWHsvo9EFPc	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.5 Glória

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. Três participantes afirmaram não saber o sinal correspondente a esse bairro. Verificou-se que a explicação atribuída ao sinal varia conforme a forma de sua produção, sendo identificadas quatro variações. Três participantes não souberam explicar a motivação para o sinal utilizado por eles, enquanto seis apresentaram conhecimento parcial sobre a explicação do sinal que produziram. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 13.

Gráfico 13 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Glória



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 6, foi apresentado um total de 26 sinais, considerando que quatro participantes utilizaram mais de um sinal para o mesmo topônimo. Dentre esses, 15 participantes utilizaram a “variação 1”, seis utilizaram a “variação 2”, apenas um utilizou “variação 3” e houve ainda uma pessoa que utilizou a “variação 4”. Além disso, três participantes recorreram à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que, apesar da quantidade total de ocorrências, foram identificados apenas quatro sinais distintos.

Tabela 6 — Resultados da coleta de dados sobre Glória

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4	Palavra Soletrada	Total de sinais identificados
26	15	6	1	1	3	4

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal de maior frequência entre os participantes foi a soletração rítmica. Inicialmente, são soletradas as duas primeiras letras: “G” e “L”. Em seguida, os dedos indicador e polegar, que formam o “L”, se reorganizam para configurar a letra “O”, sem a seleção dos dedos: médio, anelar e mínimo. Da maneira ritmada e ágil, a letra “R” é articulada e, na sequência, combinada com a letra “I”, que é ajustada com o polegar aberto para formar a letra “A”. Vale ressaltar que apesar de o sinal ser identificado como soletração rítmica o movimento é lateral e linear, conforme visualizado no Quadro 34, que também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 34 — Glória (variação 1)

Glória — Variação 1		
		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total	
Link: https://youtu.be/XdlfH8A88Ds		

Fonte: elaborado pelo autor.

A segunda maior frequência observada entre os sinais produzidos pelos participantes foi de seis ocorrências. Os participantes declararam que o sinal é um empréstimo da primeira letra da palavra do topônimo em português, “G”; no entanto, não souberam explicar o motivo pelo qual o sinal surgiu com o ponto de articulação localizado no nariz, conforme ilustrado no Quadro 35. Um deles levanta a hipótese de que o sinal em questão esteja relacionado à palavra “grego”, possivelmente à presença de elementos da cultura grega na região. Já para o pesquisador, a hipótese é de que o sinal se relacione ao nariz do “Cabeção de Getúlio” (Figura 28), figura bastante conhecida pelos cariocas.

Quadro 35 — Glória (variação 2)

Glória — Variação 2		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização</p>	
Link: https://youtu.be/gBC-xSFG_X0		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 28 — Busto de Getúlio Vargas, conhecido popularmente como Cabeção de Getúlio

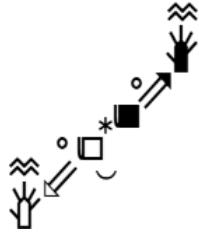
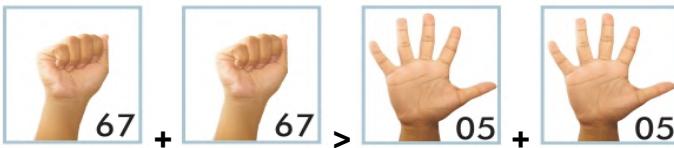


Fonte: O Globo³¹.

Um participante declarou que o sinal pode ter como motivação a ideia de “glória” no contexto religioso, conforme ilustrado no Quadro 36. A percepção desse participante foi, de fato, a tradução literal da palavra do português.

³¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/o-cabecao-periga-rolar-14462288>. Acesso em: 06 maio 2025.

Quadro 36 — Glória (variação 3)

Glória — Variação 3	
	
	<p>Classificação topográfica: Empréstimo / Calque total</p>
<p>Link: https://youtu.be/Vl2Df-WQSy4</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Outro participante, de idade mais avançada, declarou que o sinal produzido é um empréstimo, formado a partir da primeira letra do topônimo em português — no caso, a letra G — com orientação da palma da mão voltada para o corpo, acompanhado de um movimento da mão tremulante, conforme ilustrado no Quadro 37. Vale mencionar que o sinal é realizado de forma simultânea com a articulação da boca através de *mouthing*³². O efeito de *mouthing* na sinalização precisa ser mais pesquisado no caso dos topônimos para saber se seu uso é categórico e qual a contribuição oferece para compreensão.

³² Segundo Costa, Barbosa e Nevins (2022), *mouthing* refere-se à representação visual das palavras faladas pelos lábios durante a sinalização. É uma marcação não-manual para refletir as ideias de informações gramaticais, modificar sinais ou fornecer esclarecimentos a partir de uma fonte de língua de sinais.

Quadro 37 — Glória (variação 4)

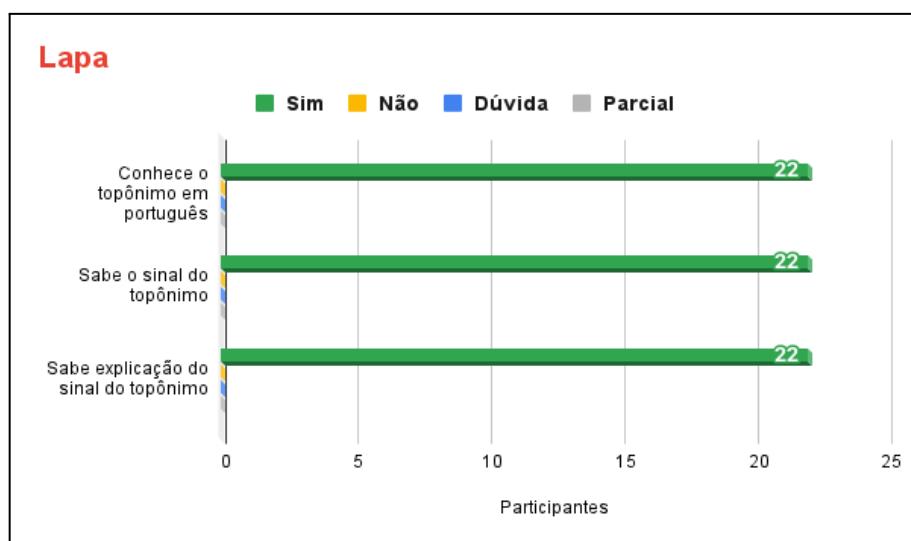
Glória — Variação 4		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/faphI8Jh6RQ</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.6 Lapa

Todos participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, incluindo o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 14.

Gráfico 14 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Lapa



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 7, foi apresentado um total de 25 sinais, considerando que três

participantes utilizaram mais de um sinal para o mesmo topônimo. Dentre esses, todos participantes utilizaram a “variação 1”, dois utilizaram a “variação 2” e apenas um utilizou a “variação 3”. Conclui-se, portanto, que foram identificados apenas três sinais distintos.

Tabela 7 — Resultados da coleta de dados sobre Lapa

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra Soletrada	Total de sinais identificados
25	22	2	1	0	3

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os participantes, incluindo o pesquisador desta dissertação, utilizaram o sinal baseado na soletração rítmica. As letras são soletradas de forma ritmada e rápida durante toda a execução do sinal. Diferente das demais letras soletradas, a configuração da letra “P” tem orientação da palma de mão voltada para baixo, com movimento rápido do punho, que retorna para orientação de palma da mão para frente para a realização da letra “A”, conforme ilustrado no Quadro 38. Todos os participantes associaram a motivação do sinal ao uso da soletração rítmica.

Quadro 38 — Lapa (variação 1)

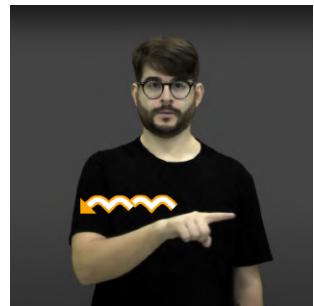
Lapa — Variação 1		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>	
Link: https://youtu.be/52-2DqC8kb0		

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 39, apresentamos a variação 2 utilizada por dois participantes que fizeram uso de sinal icônico e declararam que sua motivação está associada ao

Aqueduto da Carioca, mais conhecido como Arcos da Lapa, conforme ilustrado na Figura 29.

Quadro 39 — Lapa (variação 2)

Lapa — Variação 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>	
Link: https://youtu.be/tbS7tdS_PsY		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 29 — Arcos da Lapa



Fonte: Foto Rio³³.

Um participante utilizou um classificador como sinal icônico do topônimo, também motivado pela referência aos Arcos da Lapa, o que classificamos como um sinal nativo. Ele declarou que recorre a esse sinal para proporcionar aos surdos estrangeiros uma melhor visualização e percepção do local, conforme ilustrado no Quadro 40.

³³ Disponível em: <https://www.foto.rio.br/centro/lapa>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Quadro 40 — Lapa (variação 3)

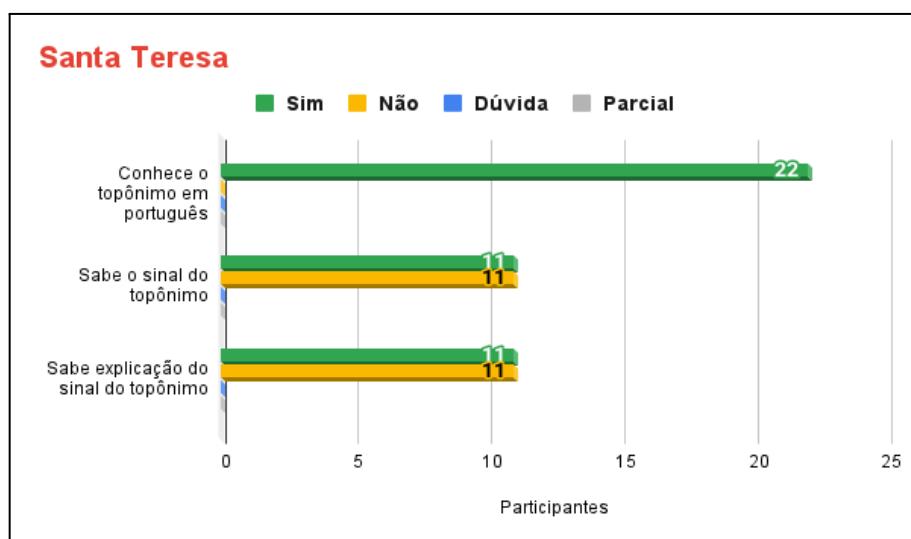
Lapa — Variação 3		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/yB3zSO6eDOQ		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.7 Santa Teresa

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. Metade dos participantes afirmou saber o sinal correspondente, incluindo sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 15.

Gráfico 15 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Santa Teresa



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 8, foram registrados um total de 22 sinais. Dentre esses, 11

participantes recorreram à palavra soletrada por não conhecerem o sinal correspondente, enquanto 10 utilizaram a “variação 1” e apenas um utilizou “variação 2”. Apesar do alto número de respostas indicando palavra soletrada, indicamos a existência de apenas dois sinais distintos, dado que palavra soletrada não é considerada um sinal.

Tabela 8 — Resultados da coleta de dados sobre Santa Teresa

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra Soletrada	Total de sinais identificados
22	10	1	11	2

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 41 apresenta-se a soletração da palavra, utilizada pelos participantes como sinal adotado para o topônimo.

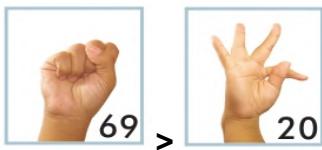
Quadro 41 — Santa Teresa (palavra soletrada)

Santa Teresa — palavra soletrada		
	<p>Classificação topográfica: Empréstimo / Soletração total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/EeAz1zKYiUU</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Além da palavra soletrada, o sinal com maior número de ocorrências, totalizando 10 registros, foi aquele formado pelo empréstimo das primeiras letras das palavras do topônimo em português — “S” e “T” — conforme o Quadro 42, que também foi utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 42 — Santa Teresa (variação 1)

Santa Teresa — Variação 1		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração parcial	
Link: <u>https://youtu.be/HNI7lw5WKZ8</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante indicou um sinal para o bairro e declarou que o dedo indicador da mão não-dominante, que faz referência ao trilho do bonde, transporte considerado um ícone da região (Figura 30), funciona como apoio para realização da mão dominante que incorpora o empréstimo das primeiras letras das palavras “Santa” e “Teresa” — S e T — com movimento de rotação de punho da mão dominante. Note que a mão dominante em forma de punho fechado não começa posicionada como o S padrão de soletração, está orientada de forma contralateral, mas apenas termina nesta posição. O sinal pode ser visualizado no Quadro 43.

Quadro 43 — Santa Teresa (variação 2)

Santa Teresa — Variação 2	
	
	Classificação toponímica: Misto
Link: https://youtu.be/1pwdqUZjEn4	

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 30 — Bonde que circula em rua de Santa Teresa



Fonte: Prefeitura do Rio³⁴.

5.3 ZONA SUL

É a região mais nobre da cidade do Rio de Janeiro, conhecida por seus bairros de alto padrão e infraestrutura de qualidade. A região oferece praias e opções de lazer muito procuradas, tanto pelos cariocas quanto pelos turistas, além de contar com pontos turísticos de fama internacional, como o Cristo Redentor e o

³⁴ Disponível em:

<https://prefeitura.rio/cet-rio/via-de-santa-teresa-sera-interditada-para-obras-a-partir-de-2-de-janeiro/>.
Acesso em: 21 abr. 2025.

Pão de Açúcar. É necessário pontuar esses elementos, pois eles influem no grau de conhecimento e existência de sinais para a região mesmo tendo apenas dois participantes que declararam residir nesta parte da cidade. A região contém 17 bairros.

Nesta seção apresentamos os bairros selecionados para a investigação, totalizando 14, conforme mostrado no Quadro 43.

Quadro 44 — Bairros listados da Zona Sul do Rio de Janeiro para coleta de dados

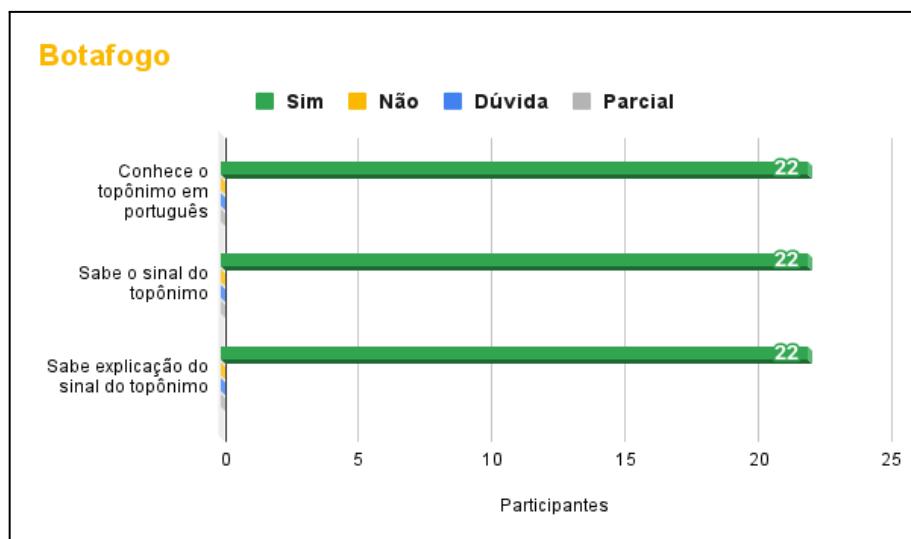
Bairros listados da Zona Sul			
Botafogo	Catete	Copacabana	Flamengo
Gávea	Ipanema	Jardim Botânico	Laranjeiras
Leblon	Leme	Rocinha	São Conrado
Urca	Vidigal		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.1 Botafogo

Os resultados referentes ao bairro de Botafogo foram positivos, uma vez que todos participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, saber o sinal correspondente e compreender sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 16. Esses dados podem indicar que o sinal de Botafogo é amplamente difundido na comunidade surda, possivelmente em razão da influência da primeira letra da palavra do topônimo. Além disso, o fato de todos conhecerem também a explicação do sinal sugere que há uma circulação do conhecimento sobre a motivação do sinal, o que nem sempre foi observado em outros casos.

Gráfico 16 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Botafogo



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 9 apresenta o resultado da coleta de dados do bairro Botafogo. O resultado indica que todos os participantes utilizaram um único sinal para se referirem ao bairro. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado apenas um único sinal para o bairro.

Tabela 9 — Resultados da coleta de dados sobre Botafogo

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal utilizado para Botafogo corresponde a um empréstimo da configuração de mão “B”, com orientação da palma da mão voltada para forma contralateral, acompanhada de um movimento tremulante. Sete participantes relataram que a motivação do sinal está associada ao time de futebol homônimo, enquanto outros 15 declararam que a motivação está relacionada à primeira letra da palavra. O sinal está ilustrado no Quadro 45 e utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 45 — Botafogo

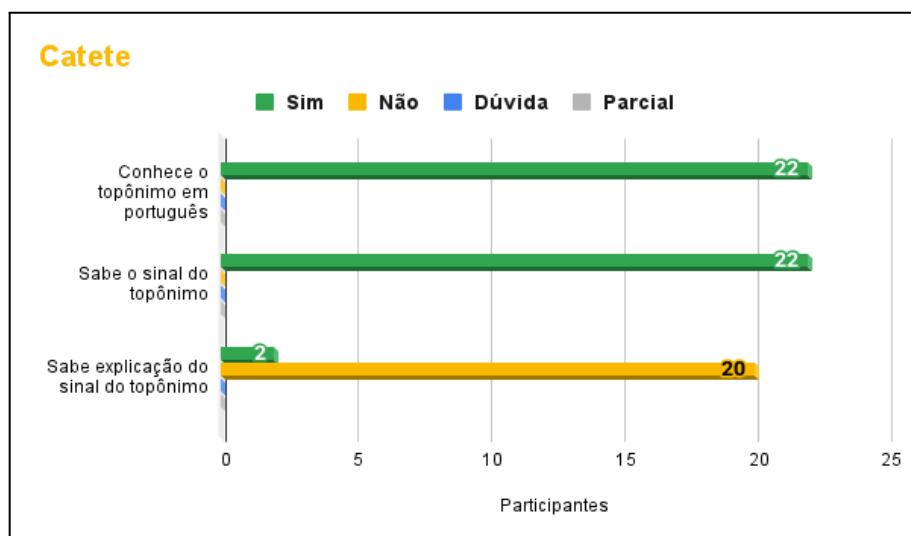
Botafogo		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/cqEzN4I1UpM</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.2 Catete

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português e também sabiam o sinal associado a ele. No entanto, apenas dois participantes souberam a possível explicação do sinal do bairro, o que demonstra que a motivação parece opaca para os participantes, sendo assim não foi possível identificar a motivação por trás do sinal específico para Catete. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 17.

Gráfico 17 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Catete



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 10, foram registrados um total de 26 sinais. Quatro participantes utilizaram mais de um sinal. Dentre esses, 20 participantes utilizaram a “variação 1”, enquanto seis utilizaram a “variação 2”. Ninguém recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados apenas dois sinais distintos.

Tabela 10 — Resultados da coleta de dados sobre Catete

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra Soletrada	Total de sinais identificados
26	20	6	0	2

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 46 ilustra o sinal de Catete, utilizado pela maioria dos participantes, incluindo o pesquisador desta dissertação. Nenhum dos participantes conseguiu identificar a motivação para o uso desse sinal em referência ao bairro Catete, e nem o próprio pesquisador pôde determinar sua origem. Observou-se que a maioria dos participantes associou o sinal de Catete, Quadro 46, a outra localidade, Largo do Machado, logradouro situado no mesmo bairro e amplamente conhecido pela comunidade surda, sobretudo por sua proximidade com o INES e por ter uma estação de metrô de mesmo nome. Os participantes mais jovens, por sua vez, utilizaram um outro sinal específico para o Largo do Machado — formado pela configuração da letra “M”, cujas pontas dos dedos ficam posicionadas sobre o polegar do “L”, com um duplo toque —, e não o sinal reportado pelos demais participantes atribuído ao Catete.

O sinal mais reportado para Catete, Quadro 46, é realizado com o polegar com a palma da mão voltada para frente, com o polegar deslizando na direção da mão dominante, e os demais dedos em movimento com alternância dos nódulos dos dedos, começando com o dedo mínimo até o indicador, de forma síncrona ao movimento do polegar.

Quadro 46 — Catete (variação 1)

Catete — Variação 1		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/QC-SG9sEVyA		

Fonte: elaborado pelo autor.

Apenas dois participantes utilizaram o sinal formado por meio do empréstimo da soletração rítmica, além de terem explicado sua motivação. O sinal inicia com a soletração das duas primeiras letras — “C” e “A” — seguida, de maneira rítmica e ágil, pela sequência “T”, “E”, “T” e “E”, utilizando os dedos polegar e indicador, conforme ilustrado no Quadro 47. Esses participantes relataram que o sinal correspondente à “variação 1” é, na verdade, utilizado para se referir ao Largo do Machado, como mencionado anteriormente.

Quadro 47 — Catete (variação 2)

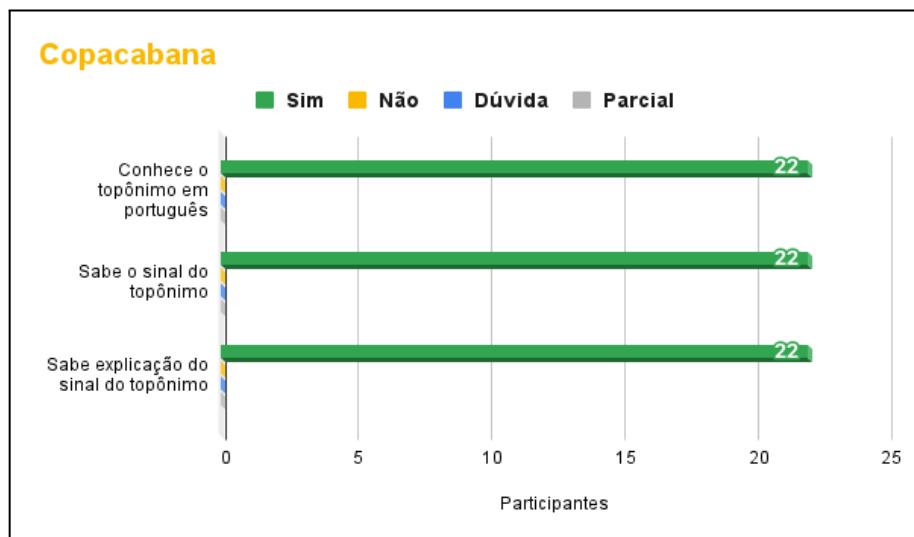
Catete — Variação 2		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total	
Link: https://youtu.be/keEiZ2LU42U		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.3 Copacabana

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como o sinal correspondente e sua explicação. Assim como ocorre com o sinal de Botafogo, o sinal de Copacabana é amplamente difundido na comunidade surda, possivelmente em razão da influência da primeira letra da palavra do topônimo. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 18.

Gráfico 18 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Copacabana



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 11, apresenta-se o resultado da coleta de dados sobre o bairro Copacabana, que registrou um total de 22 sinais. O resultado indica que todos os participantes utilizaram um único sinal para se referirem ao bairro. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para o bairro.

Tabela 11 — Resultados da coleta de dados sobre Copacabana

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os participantes adotaram o mesmo sinal para o bairro Copacabana, motivado pela primeira letra da palavra em português, com um movimento tremulante. Além disso, apenas cinco participantes complementaram a motivação do sinal, associando-o ao icônico calçadão da região, conforme ilustrado na Figura 31.

O Quadro 48 mostra o sinal de Copacabana que pode ser observado a seguir.

Quadro 48 — Copacabana

Copacabana		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/xfHJ0aNVJpU</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 31 — Calçadão de Copacabana



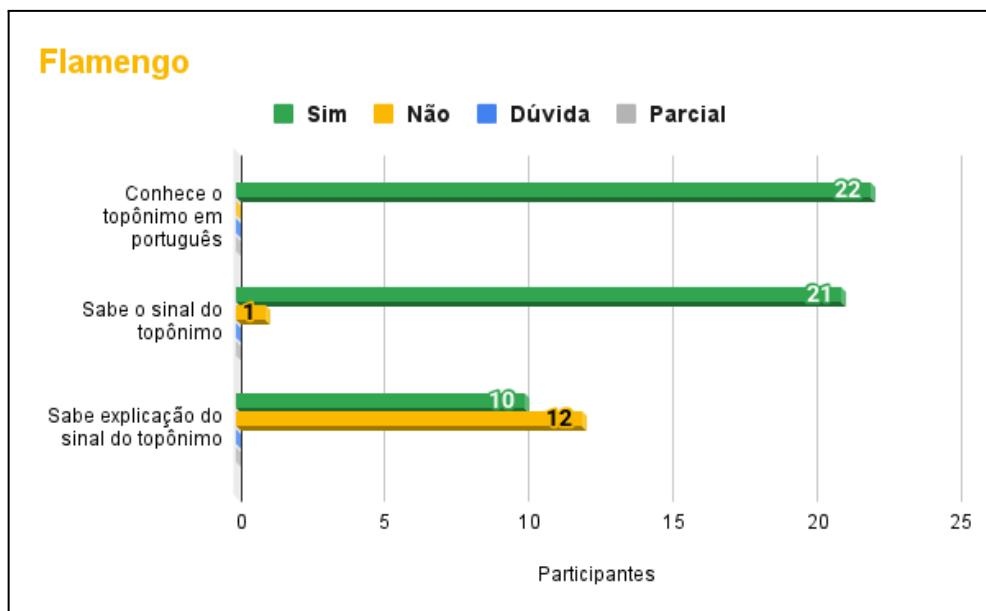
Fonte: Foto Rio³⁵.

5.3.4 Flamengo

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. Apenas um deles afirmou não utilizar o sinal correspondente, por discordar de sua aplicação para o referido bairro, optando, assim, pela palavra soletrada. Dez participantes declararam saber a explicação do sinal associado ao topônimo. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 19.

³⁵ Disponível em: <https://www.foto.rio.br/Zona-Sul/copacabana>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Gráfico 19 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Flamengo



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 12, pode ser observado os resultados obtidos na coleta de dados sobre o bairro Flamengo. A maioria dos participantes utilizou um único sinal, enquanto apenas um recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado apenas um único sinal para o bairro.

Tabela 12 — Resultados da coleta de dados sobre Flamengo

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	21	1	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Os 11 participantes adotaram o sinal em referência ao time de futebol homônimo, por associação com a palavra em português, embora três deles não tenham conseguido identificar a motivação do sinal. Um dos participantes relatou, ainda, que o sinal é homônimo ao utilizado para o Estado de Minas Gerais. Por outro lado, dos dez participantes que não associaram o sinal ao time de futebol, apenas um mencionou a possibilidade de a motivação estar relacionada à ideia de “sujo”, por se tratar do mascote do time, o urubu — hipótese que também foi considerada pelo pesquisador desta dissertação. No entanto, o movimento nos sinais de PRAÇA e SUJO é diferente, no primeiro caso o indicador da mão dominante desliza no pescoço em direção a frente do corpo, o toque começa na lateral do pescoço, já no segundo caso o indicador da mão dominante tem um movimento rotacional de

punho. O sinal correspondente ao bairro Flamengo pode ser visualizado no Quadro 49, a seguir.

Quadro 49 — Flamengo

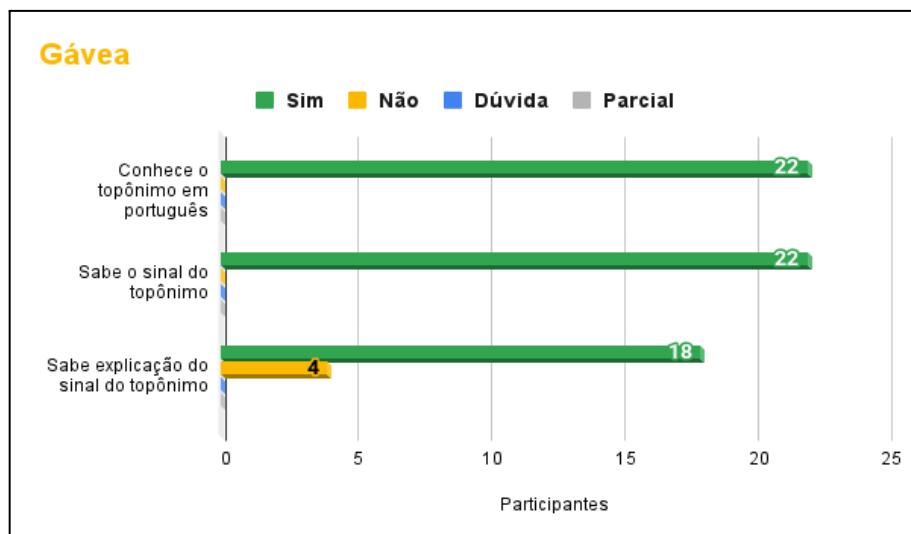
Flamengo		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/yICvs8Klc14		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.5 Gávea

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, incluindo o sinal correspondente. Quatro deles não sabiam a explicação do sinal correspondente. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 20.

Gráfico 20 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Gávea



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 13, apresenta-se o resultado da coleta de dados, que registrou um total de 22 sinais. O resultado indica que todos os participantes utilizaram um único sinal para se referirem ao bairro. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado apenas um único sinal para o bairro.

Tabela 13 — Resultados da coleta de dados sobre Gávea

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os participantes utilizaram o mesmo sinal para o bairro Gávea, incluindo o pesquisador desta dissertação, conforme visualizado no Quadro 50. A maioria deles percebeu que o sinal é o mesmo de “cavalo” e é motivado pela referência ao Jockey Club Brasileiro, que possui uma pista de turfe³⁶ (Figura 32) e está localizado no bairro da Lagoa. Na verdade, a entrada para o Jockey Club Brasileiro situa-se na Gávea. Além disso, dois participantes associaram o sinal ao Instituto Nossa Senhora de Lourdes — Inosel³⁷, uma escola privada que atende surdos e ouvintes localizada no referido bairro, que tem a mesma forma fonológica do sinal da Gávea.

Quadro 50 — Gávea

Gávea		
	<p>Classificação topográfica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/W3qNLdBAtA</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

³⁶ Turfe é o esporte que promove e incentiva corridas de cavalos.

³⁷ Ver <https://www.inosel.org.br/nossa-escola/historia/>. Acesso em 18 maio 2025.

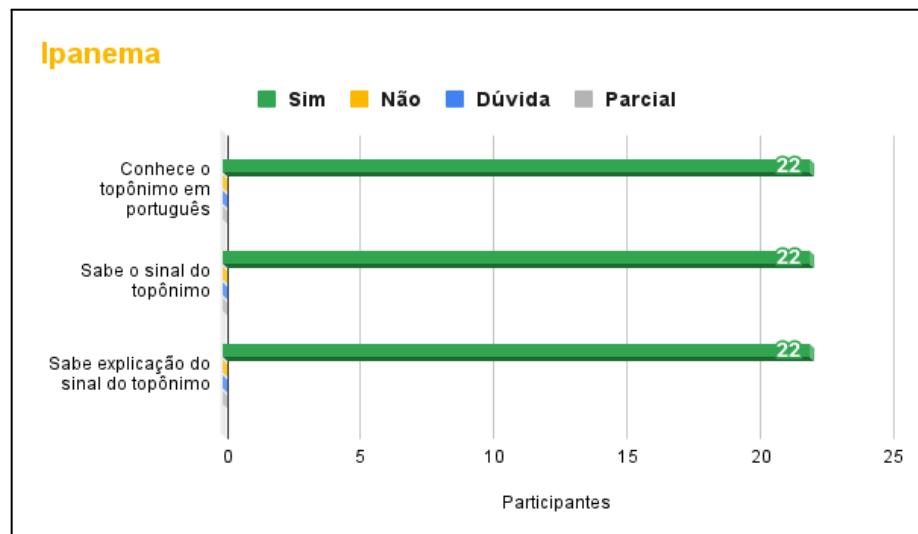
Figura 32 — Jockey Club Brasileiro

Fonte: iBooked³⁸.

5.3.6 Ipanema

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua respectiva explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 21.

Gráfico 21 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Ipanema



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 14, são apresentados os resultados obtidos na coleta de dados sobre o bairro Ipanema. A maioria dos participantes utilizou o sinal correspondente (variação 1) com duas variantes fonológicas, enquanto apenas dois recorreram ao uso do sinal composto (variação 2). Nenhum participante utilizou a palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para o bairro.

³⁸ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/37AX4QkiEt9DmmAF8>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Tabela 14 — Resultados da coleta de dados sobre Ipanema

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1 Variante 1	Sinal Variação 1 Variante 2	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	17	3	2	0	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes declararam que o sinal é motivado pela primeira letra do topônimo em português, utilizando a configuração de mão correspondente à letra “I”, com um leve movimento lateral repetido, começando contralateral para ipsilateral³⁹. A única diferença observada entre os sinais refere-se à posição do polegar na formação da letra “I”. Assim, o Quadro 51.1 apresenta o sinal de Ipanema, sendo que 17 participantes utilizaram a CM 65, que também foi utilizada pelo pesquisador desta dissertação, enquanto três optaram o sinal com a CM 66, que pode ser visualizado no Quadro 51.2.

Quadro 51.1 — Ipanema (variação 1 / variante 1)

Ipanema — Variação 1 / Variante 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/_sDT3zu4krA</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

³⁹ Utilizamos a nomenclatura ipsilateral e contralateral, pois a posição pode variar dependendo de qual mão é dominante para uma dado sinalizante.

Quadro 51.2 — Ipanema (variação 1 / variante 2)

Ipanema — Variação 1 / Variante 2		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
Link: https://youtu.be/Y3L8wOiamNg		

Fonte: elaborado pelo autor.

Dois participantes utilizaram um sinal composto por dois elementos: o primeiro corresponde à “variação 1”, e o segundo é o sinal de praia. Segundo os participantes, a motivação do sinal está na combinação da inicial do topônimo do português com o sinal de praia, fazendo referência à característica geográfica do bairro. O sinal pode ser visualizado no Quadro 52.

Quadro 52 — Ipanema (variação 2)

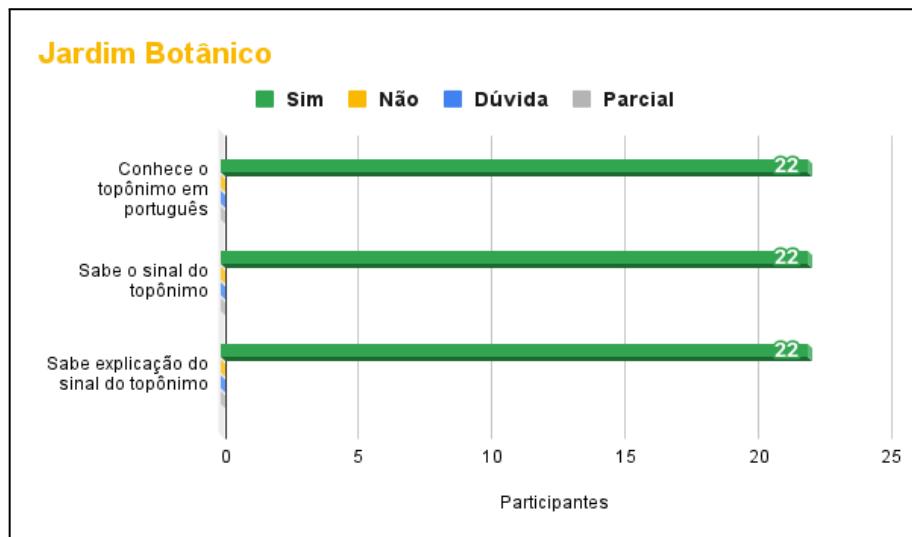
Ipanema — Variação 2		
	<p>ou > + </p>	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
Link: https://youtu.be/VhpuZEgmbuc		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.7 Jardim Botânico

Conforme apresentado no Gráfico 22, todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Esse resultado indica que o sinal é amplamente utilizado e compreendido na comunidade surda.

Gráfico 22 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Jardim Botânico



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 15, são apresentados os resultados obtidos na coleta de dados sobre o bairro do Jardim Botânico. A maioria dos participantes utilizou o sinal correspondente (variação 1), a qual apresenta duas variantes fonológicas. Apenas um participante recorreu ao uso do sinal composto (variação 2) e nenhum participante utilizou a forma soletrada da palavra. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para o bairro.

Tabela 15 — Resultados da coleta de dados sobre Jardim Botânico

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1 Variante 1	Sinal Variação 1 Variante 2	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	13	8	1	0	2

Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos participantes apresentou o sinal correspondente ao bairro Jardim Botânico, declarando que a motivação está no empréstimo das letras iniciais do topônimo. Verificou-se que, nesta variação, há variantes fonológicas, cuja única

diferença consiste na orientação da palma da mão da letra “B”. Os 13 participantes realizaram o sinal com a letra “B” voltada para frente (ver Quadro 53.1), enquanto os outros oito apresentaram a letra “B” voltada para o lado contralateral (ver Quadro 53.2). O pesquisador desta dissertação utiliza a “variante 2” dessa variação.

Quadro 53.1 — Jardim Botânico (variação 1 / variante 1)

Jardim Botânico — Variação 1 / Variante 1		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração Parcial	
Link: <u>https://youtu.be/MpPn611AdyM</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

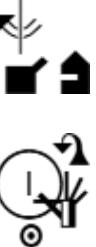
Quadro 53.2 — Jardim Botânico (variação 1 / variante 2)

Jardim Botânico — Variação 1 / Variante 2		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração Parcial	
Link: <u>https://youtu.be/qmXHsDKvl8c</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou o sinal com o complemento do sinal FLOR, justificando sua escolha pela associação com o Parque Nacional do Jardim Botânico, local que remete às flores. Assim, a classificação toponímica para este sinal é misto, composto por dois elementos: a soletração das iniciais do topônimo — “J” e “B” —, seguida do sinal FLOR, caracterizando-o como um sinal de origem híbrida. O sinal pode ser visualizado no Quadro 54.

Quadro 54 — Jardim Botânico (variação 2)

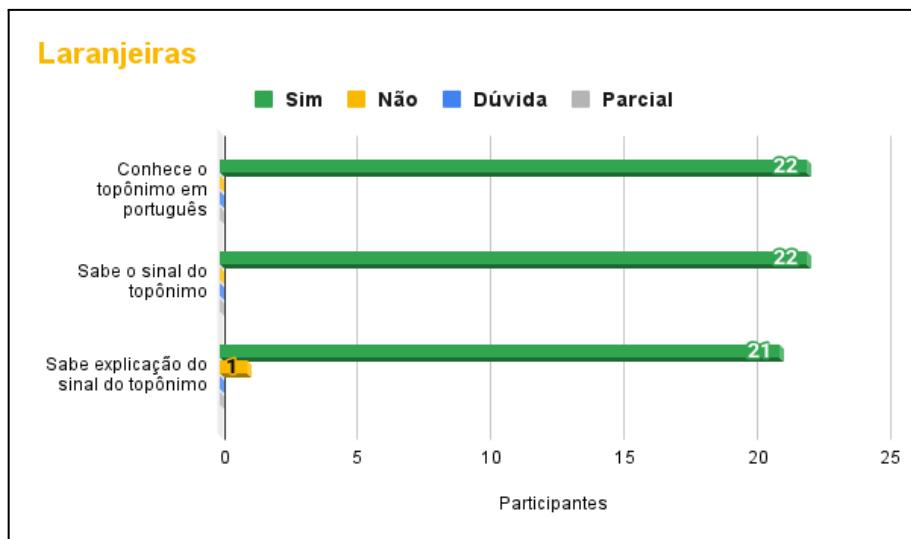
Jardim Botânico — Variação 2	
	
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
<p>Link: https://youtu.be/8YtViCqm4WA</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.8 Laranjeiras

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. Apenas um dos participantes afirmou não saber a explicação do sinal utilizado para representar esse bairro. Esses dados podem ser visualizados no Gráfico 23.

Gráfico 23 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Laranjeiras



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 16, apresenta-se o resultado da coleta de dados, que registrou um total de 22 sinais. O resultado indica que todos os participantes utilizaram um único sinal para se referirem ao bairro. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado apenas um único sinal para o bairro.

Tabela 16 — Resultados da coleta de dados sobre Laranjeiras

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 55, apresenta-se o sinal utilizado pelos participantes para representar o bairro Laranjeiras, também utilizado pelo pesquisador desta dissertação. Esse sinal corresponde ao mesmo utilizado para a palavra “laranja”. Apenas um participante declarou que a motivação do sinal está associada à tradução literal do nome do bairro, em referência às árvores de laranjas, ou seja, as laranjeiras. No entanto, não produziu o sinal de forma a indicar LARANJA + ÁRVORE. Os 11 participantes afirmaram que a motivação do sinal decorre da fruta laranja, considerando o radical LARANJ-. Outros dez participantes relataram que o bairro possui um histórico relacionado à presença de laranjeiras na região, além da existência, no passado, de uma feira de venda de laranjas. Destacaram ainda que, segundo relatos do povo surdo, estudantes do INES costumavam chupar laranjas aos sábados. Não podemos, porém afirmar qual a direcionalidade desta influência.

Se o bairro recebeu influência pelo hábito de chupar laranjas ou se o termo sábado recebeu o sinal com fonologia com identidade com o termo laranja decorrente do dia em que o hábito de chupar laranja acontecia. A classificação toponímica desse sinal é calque parcial, pois ele se baseia principalmente na tradução de uma parte do termo em português, a saber **LARANJEIRA**, refletindo diretamente o significado do nome do bairro.

Quadro 55 — Laranjeiras

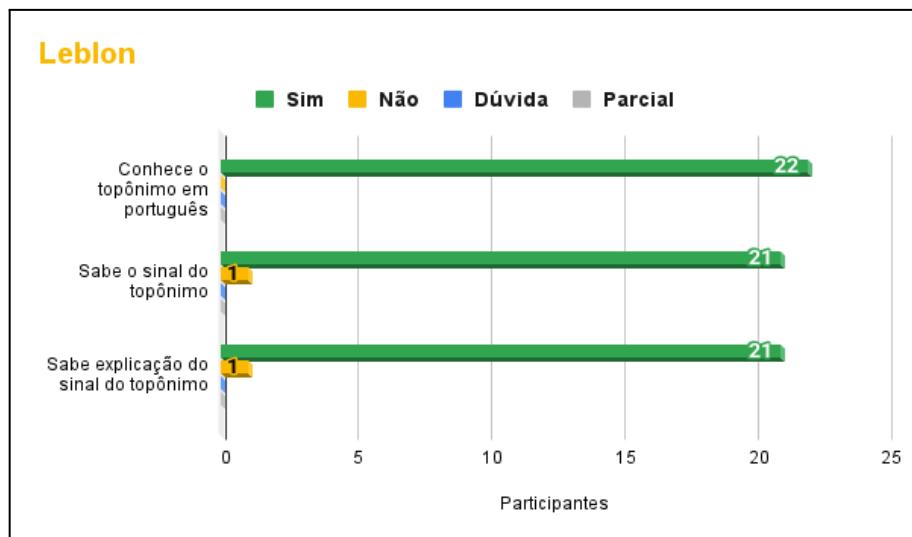
Laranjeiras		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque parcial</p>	
<p>Link: https://youtu.be/TsPozDjwcEw</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.9 Leblon

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. Apenas um participante não sabia o sinal correspondente nem a explicação sobre a motivação do sinal, recorrendo à palavra soletrada. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 24.

Gráfico 24 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Leblon



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 17 apresenta os resultados obtidos na coleta de dados sobre o bairro Leblon. Observa-se que a maioria dos participantes utilizou um único sinal, enquanto apenas um recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado apenas um único sinal para o bairro, pesquisador desta dissertação também utiliza este sinal.

Tabela 17 — Resultados da coleta de dados sobre Leblon

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	21	1	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Segundo os participantes, o sinal de Leblon é motivado pela primeira letra da palavra em português, sendo realizado com um movimento circular, cuja origem não é conhecida por eles. O sinal pode ser observado no Quadro 56.

Quadro 56 — Leblon

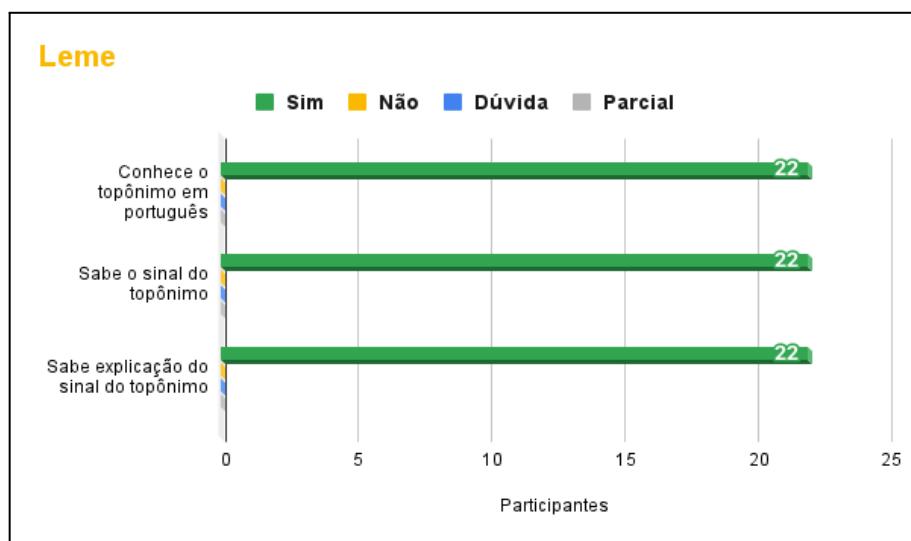
Leblon		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de Letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/-kWauTbEbtg</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.10 Leme

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 25.

Gráfico 25 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Leme



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 18, apresenta-se o resultado da coleta de dados, que registrou um

total de 22 sinais. O resultado indica que todos os participantes utilizaram um único sinal para se referirem ao bairro. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado apenas um único sinal para o bairro.

Tabela 18 — Resultados da coleta de dados sobre Leme

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com os participantes, o sinal correspondente ao bairro Leme é realizado por meio de uma soletração rítmica, característica comum em contextos nos quais não há um sinal consolidado. O processo inicia-se com a soletração das letras “L” e “E”; após a letra “E”, os três dedos: indicador, médio e anelar, formam a letra “M”, com articulação com a orientação da palma da mão para baixo, retornando à letra “E” na sequência. As quatro letras são soletradas de forma ágil, conferindo fluidez ao sinal. O Quadro 57 apresenta a visualização do sinal de Leme, que também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 57 — Leme

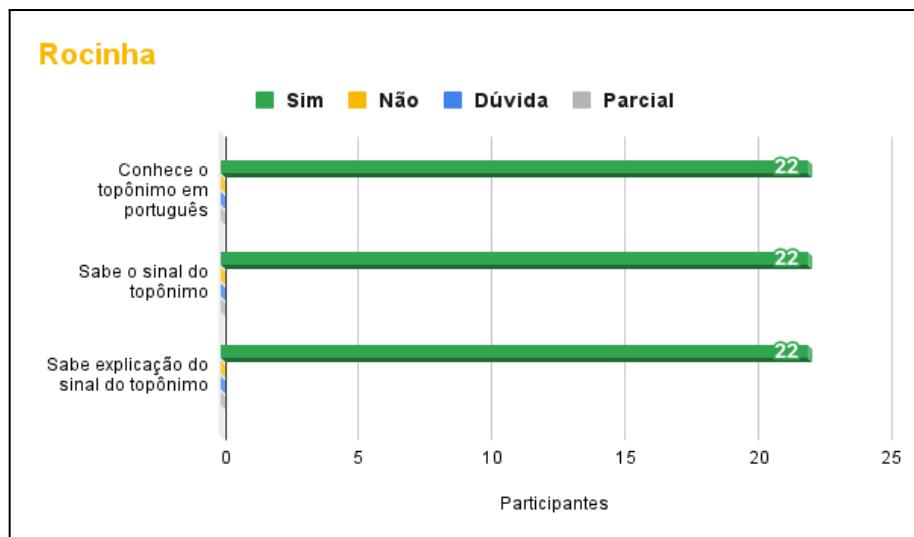
Leme		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>	
Link: https://youtu.be/-aqwo46-c0o		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.11 Rocinha

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados estão representados no Gráfico 26.

Gráfico 26 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Rocinha



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 19, são apresentados os resultados obtidos na coleta de dados sobre o bairro da Rocinha. Seis participantes apresentaram mais de um sinal. A maioria dos participantes empregou o sinal correspondente (variação 1), enquanto dez recorreram à soletração rítmica (variação 2) e apenas um utilizou o sinal da variação 3. Nenhum participante fez uso da palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para o bairro, apesar de terem níveis distintos de identificação, a variação 1 e 2 tiveram o maior número de respostas, 17 e 10 respectivamente, enquanto a variação 3 foi utilizada por apenas um participante.

Tabela 19 — Resultados da coleta de dados sobre Rocinha

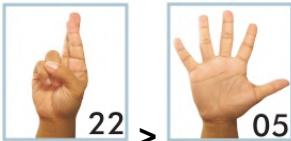
Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
28	17	10	1	0	3

Fonte: elaborado pelo autor.

Os 17 participantes utilizaram o sinal composto e relataram que ele é

motivado pela letra “R”, inicial do topônimo, seguida do sinal COMUNIDADE⁴⁰. Já que a Rocinha é inteiramente composta por comunidades de favelas (Figura 33) e é considerada a maior favela do Brasil, tendo-se posteriormente consolidado como um bairro. O sinal pode ser visualizado no Quadro 58 e também é utilizado por pesquisador responsável por esta dissertação.

Quadro 58 — Rocinha (variação 1)

Rocinha — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
<p>Link: https://youtu.be/3whOPdfM2X4</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 33 — Vista da Rocinha, maior favela do Brasil



Fonte: G1⁴¹.

⁴⁰ O sinal COMUNIDADE tem características geográficas por essas localidades estarem situadas em encosta de morros, diferentes de outros usos possíveis para grupos, comunidades, que não tem essa relação de movimento ascendente.

⁴¹ Além da fonte, também consta o texto que aponta a Rocinha como a maior favela do Brasil segundo Censo 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/11/08/rocinha-maior-favela-do-pais-segundo-censo-possui-mais-habitantes-que-municípios-do-rj.ghtml>. Acesso em 23 abr. 2025.

O segundo sinal mais recorrente entre os participantes, com dez ocorrências, é motivado por meio de uma soletração rítmica. Inicialmente, são soletradas as letras “R” e “O” com orientação da palma da mão voltada para frente; seguida de “C” que continua com a mesma orientação da letra anterior. Posteriormente, soletra-se a letra “I”, com o polegar posicionado lateralmente. A soletração da letra “N” não ocorre de forma padrão pois observamos a extensão do polegar e a rotação do punho para tomar a forma de “H” com a palma em posição reversa, na direção do corpo do sinalizante. Para formar a letra “A” o sinalizante fecha os dedos polegar, indicador e médio com a mesma orientação. O sinal pode ser visualizado no Quadro 59.

Quadro 59 — Rocinha (variação 2)

Rocinha — Variação 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/9hssyPTilXk</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal abaixo, com uma única ocorrência, foi utilizado por um participante. Ele foi formado pelo sinal de “comunidade”, ou seja, sinal que seleciona todos os dedos da mão, sendo que nesta configuração os dedos indicador e médio se cruzam formando a letra “R”. Dessa forma, não há duas configurações de mão separadas, mas uma incorporação do R na CM de “comunidade”. Esse sinal pode ser visualizado no Quadro 60. Note que a configuração de mão do sinal correspondente não está disponível entre as configurações de mão propostos pelo INES. A classificação toponímica desse sinal é um misto, por se tratar de uma combinação entre elementos: empréstimo por meio da formação por CM de letra e nativo

(representado pelo sinal de “comunidade”). Nota-se que o sinal é realizado com uma configuração de mão não atestada na tabela do INES, mas podemos interpretar que esta produção é na verdade a realização de duas configurações de mão de forma simultânea CM 22 e 05. É importante destacar que ao produzir essas duas configurações de mão simultaneamente uma delas, o CM 05, se altera não sendo percebida em sua completude. É possível que o sinal de “comunidade” que motiva o uso dessa configuração de mão fique menos perceptível no futuro, por exemplo em contextos em que se utilizam outros termos para marcar aquela região. Isso não ocorre no caso de Vila Isabel (Quadro 137) que discutiremos mais a frente.

Quadro 60 — Rocinha (variação 3)

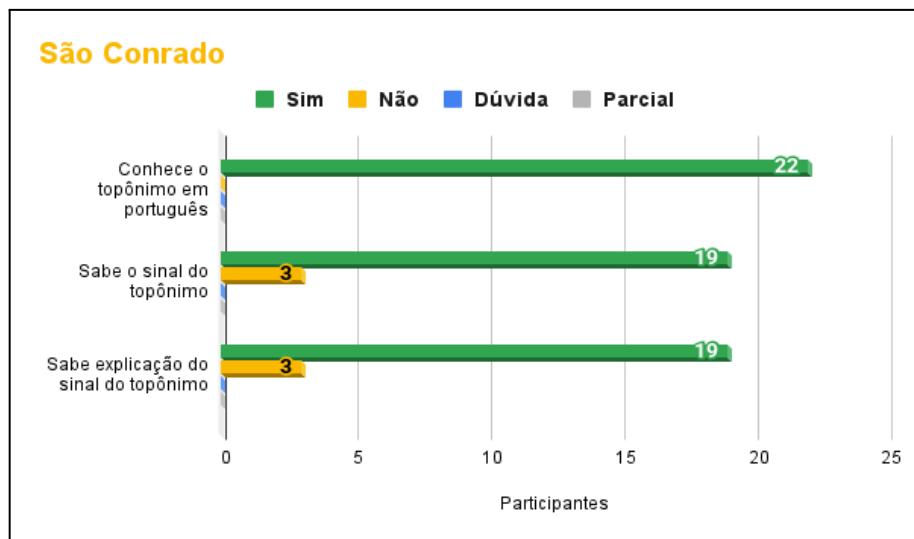
Rocinha — Variação 3		
		Não disponível em SW.
Não disponível do INES. CM diferente.	Classificação toponímica: Misto	
Link: https://youtu.be/06mYRAH91WE		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.12 São Conrado

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, três participantes não sabiam o sinal correspondente nem sua explicação, recorrendo à palavra soletrada. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 27.

Gráfico 27 — Respostas dos participantes sobre o topônimo São Conrado



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 20, são apresentados os resultados obtidos na coleta de dados sobre o bairro do São Conrado. Dois participantes apresentaram mais de um sinal. A maioria dos participantes empregou o sinal correspondente (variação 1), enquanto um participante utilizou a “variação 2” e ainda outro, “a variação 3”. Três participantes fizeram uso da palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para o bairro. Note porém que houve 19 respostas para a variação 1 que parece ser a mais conhecida e utilizada.

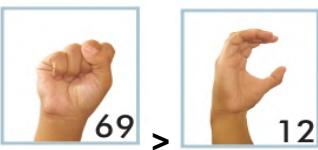
Tabela 20 — Resultados da coleta de dados sobre São Conrado

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	19	1	1	3	3

Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos participantes, também pesquisador desta dissertação, utilizou o sinal representado no espaço neutro, conforme ilustrado no Quadro 61. Eles declararam que o sinal é um empréstimo das primeiras letras das palavras “São” e “Conrado” — S e C.

Quadro 61 — São Conrado (variação 1)

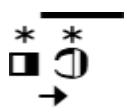
São Conrado — Variação 1	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração Parcial
Link: <u>https://youtu.be/8E9z_uOqdEM</u>	

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal, com uma única ocorrência, foi utilizado por um participante da faixa 40-49 anos. Assim como o sinal de maior ocorrência, observa-se que a única diferença desse sinal é o ponto de articulação, representado no peito com contato e duplo toque, não é arrastado no peito⁴². A motivação deste sinal também é um empréstimo das primeiras letras das palavras “São” e “Conrado”, mas não foi possível determinar a origem da motivação da localização. Na percepção do pesquisador, este sinal pode relacionar-se com a logomarca do time de futebol. O sinal pode ser visualizado no Quadro 62.

⁴² O sinal ocorre em geral de forma contralateral. Para a maioria da população que é destra, a localização segue o local do coração. No entanto, optamos por não indicar essa marcação dado que há pessoas que mesmo destrás utilizam a mão esquerda como mão dominante, além das pessoas canhotas. Essa opção tende a ser menos “destrocêntrica”, o que facilita na descrição dos sinais.

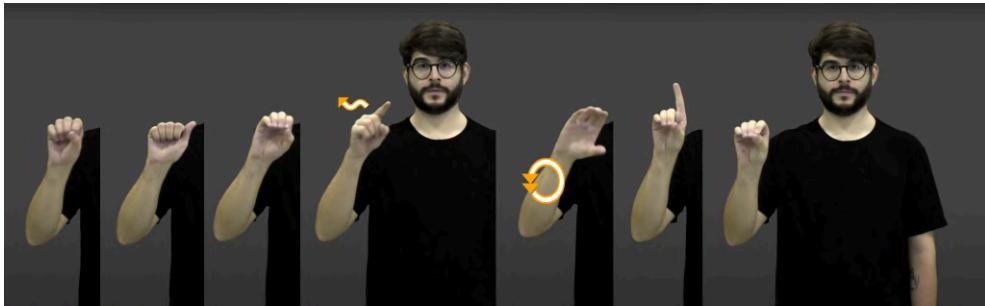
Quadro 62 — São Conrado (variação 2)

São Conrado — Variação 2	
	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de Letra
Link: https://youtu.be/PFDe8vUqpMM	

Fonte: elaborado pelo autor.

Um participante utilizou sinal com empréstimo por soletração rítmica. São soletradas as letras “S” e “A”, seguido do sinal de til feito com o dedo indicador, seguido da letra “O”, com movimento lateral. Em seguida, após a letra “O” o dedo polegar separa dos outros dedos para formar a letra “C”, com uma rotação circular do punho. Em seguida, os dedos médio, anelar e mínimo flexionam com o contato com dedo polegar, estendendo o dedo indicador para formar a letra “D”, finalizando com o dedo indicador flexionado para formar a letra “O”. Todas as letras são realizadas com orientação da palma da mão voltada para frente. Esse sinal pode ser visualizado no Quadro 63.

Quadro 63 — São Conrado (variação 3)

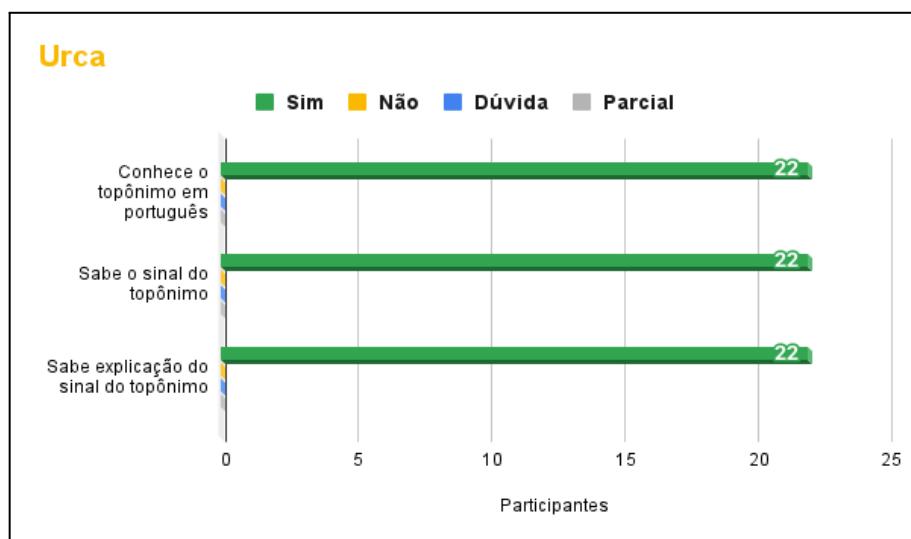
São Conrado — Variação 3	
	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica parcial
Link: <u>https://youtu.be/cSYnjBe53K0</u>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.13 Urca

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 28.

Gráfico 28 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Urca



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 21, são apresentados os resultados obtidos na coleta de dados

sobre o bairro da Urca. Dois participantes apresentaram mais de um sinal. Todos os participantes empregaram o sinal correspondente (variação 1), enquanto cada um dos dois participantes utilizou a variação 2 e 3. Nenhum participante fez uso da palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para o bairro.

Tabela 21 — Resultados da coleta de dados sobre Urca

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	22	1	1	0	3

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os participantes utilizaram o sinal para o bairro da Urca por meio da soletração rítmica. Soletraram-se, de forma ágil, as letras “U”, “R”, “C” e “A”, sendo que a letra “C” é articulada com a orientação da palma da mão voltada para frente, não com a lateral da mão voltada para frente, soletração canônica. Note que dado a articulação das letras a mudança de “C” para “A” é quase transicional, sem marcação da posição, isso tem relação com a forma mais acelerada empregada na soletração rítmica. O sinal pode ser visualizado no Quadro 64, e também utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 64 — Urca (variação 1)

Urca — Variação 1		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>	
Link: https://youtu.be/9MAGqcdw2yo		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um participante utilizou um sinal para o referido bairro, mas declarou que a sua motivação está relacionada à existência do Bondinho do Pão de Açúcar. No entanto, esse sinal refere-se especificamente à atração turística localizada na região (Figura 34). O sinal pode ser observado no Quadro 65.

Quadro 65 — Urca (variação 2)

Urca — Variação 2	
+	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>
<p>Link: https://youtu.be/wb7yaKuZWYw</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 34 — Bondinho do Pão de Açúcar

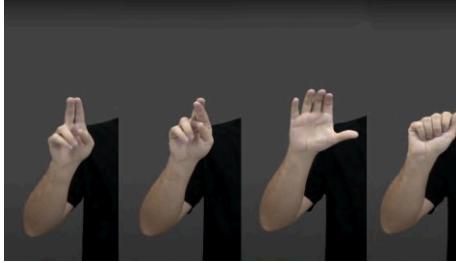


Fonte: Foto Rio⁴³.

Um participante utilizou um sinal para o bairro da Urca, combinando a “variação 1” com a “variação 2”, formando um sinal composto. Ele declarou que é necessário apresentar a soletração seguida da representação da maior referência do local para complementar a informação, algo como “URCA local do BONDINHO”. O sinal pode ser visualizado no Quadro 66.

⁴³ Disponível em: <https://www.foto.rio.br/Zona-Sul/urca>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Quadro 66 — Urca (variação 3)

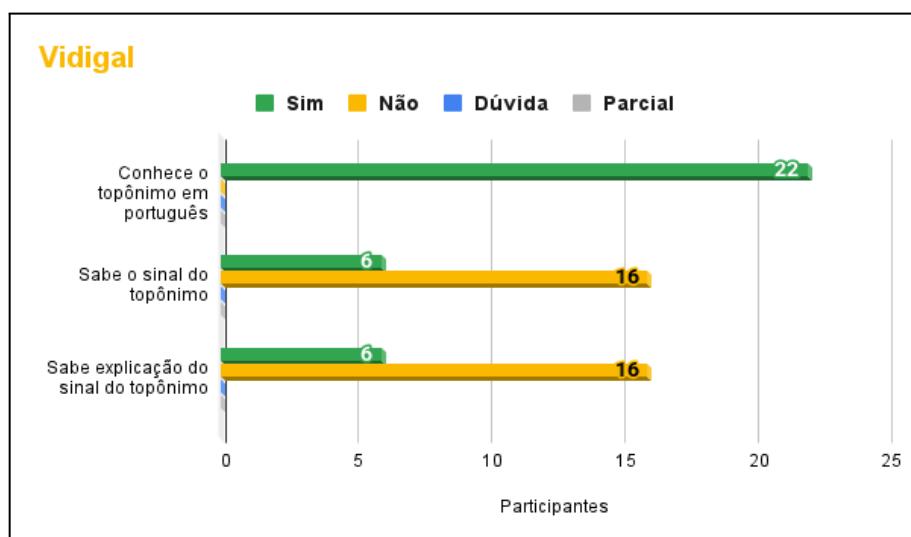
Urca — Variação 3		
		Soletração rítmica URCA 
Soletração rítmica URCA >  49 +  32	Classificação toponímica: Misto	
Link: https://youtu.be/lGOx-WzA_Wo		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.3.14 Vidigal

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas seis participantes afirmaram saber o sinal correspondente e sua explicação, enquanto as demais recorreram à palavra soletrada. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 29.

Gráfico 29 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vidigal



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 22 são apresentados os resultados obtidos na coleta de dados sobre o bairro de Vidigal. Somente um participante apresentou dois sinais: um sinal e, no outro caso, recorreu à palavra soletrada. Quatro participantes empregaram o sinal correspondente (variação 1), enquanto cada um dos dois participantes utilizou a variação 2 e 3. Os demais recorreram à palavra soletrada por desconhecerem o sinal correspondente. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para o bairro com baixo número de respostas.

Tabela 22 — Resultados da coleta de dados sobre Vidigal

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	4	1	1	17	3

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 67, pode ser visualizado o sinal utilizado por 17 participantes, que recorreram à palavra soletrada, o que, de fato, não é considerado um sinal, portanto não será incluído aqui.

Quadro 67 — Vidigal (palavra soletrada)

Vidigal — palavra soletrada		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/oKqEh-RD3d8</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Fora a palavra soletrada, o sinal com maior frequência — com quatro ocorrências — apresentou maior relação com a localidade e a ideia da comunidade de favela (Figura 35). Assim como na variação 1 do sinal de Rocinha, este sinal é

formado pela letra “V” por se tratar de um empréstimo da primeira letra do topônimo, seguida do sinal de comunidade. No entanto, aqui há uma marcação de dois momentos, posicionamento da mão em V, essa CM se desfaz para a posição de mão aberta e então recebe o movimento característico do sinal de COMUNIDADE. O sinal pode ser visualizado no Quadro 68 e também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 68 — Vidigal (variação 1)

Vidigal — Variação 1		
		
 54 >  05	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
<p>Link: https://youtu.be/6CSoFoeY8Xs</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 35 — Vista de Vidigal e sua comunidade



Fonte: iStock⁴⁴.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br/search/2/image-film?phrase=praia+do+vidigal>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Assim como no sinal da Rocinha, de “variação 3”, um participante utilizou o sinal de “comunidade”, com os três dedos, polegar, indicador e médio, já com movimento característico do sinal de “comunidade”. Ele declarou que a motivação do sinal está centrada na representação do sinal de “comunidade”, além de incorporar a letra “V”, correspondente à inicial do topônimo em português, nota-se no entanto que o participante opta pela inclusão do polegar estendido. O sinal pode ser visualizado no Quadro 69. A classificação toponímica desse sinal é misto, resultante da combinação entre um elemento nativo (o sinal de comunidade, mas com dedos anelar e mínimo fechados) e a formação da primeira letra do topônimo.

Quadro 69 — Vidigal (variação 2)

Vidigal — Variação 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
<p>Link: https://youtu.be/5fxSNJ_GKUs</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um participante utilizou o sinal formado por meio de uma soletração parcial, composta por duas letras: inicialmente a letra “V”, seguida da letra “G”. Ele declarou que a motivação do sinal foi o empréstimo dessas duas letras da palavra em português para representar o topônimo. O sinal pode ser visualizado no Quadro 70.

Quadro 70 — Vidigal (variação 3)

Vidigal — Variação 3			
			
		<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração parcial</p>	
<p>Link: https://youtu.be/rv9pNRXPeJI</p>			

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4 ZONA NORTE

A Zona Norte é caracterizada pela grande concentração de bairros, muitos deles de dimensões pequenas, totalizando 92 bairros. Nessa região, localizam-se estádios de futebol de grande notoriedade, como o Maracanã e o Engenhão. Além disso, a Quinta da Boa Vista, que abriga o zoológico, e o aeroporto internacional, situado no bairro Galeão, na Ilha do Governador, são marcos importantes da área.

Na lista de bairros selecionados para a investigação, foram incluídos 22 bairros, conforme mostrado no Quadro 71.

Quadro 71 — Bairros listados da Zona Norte do Rio de Janeiro para coleta de dados

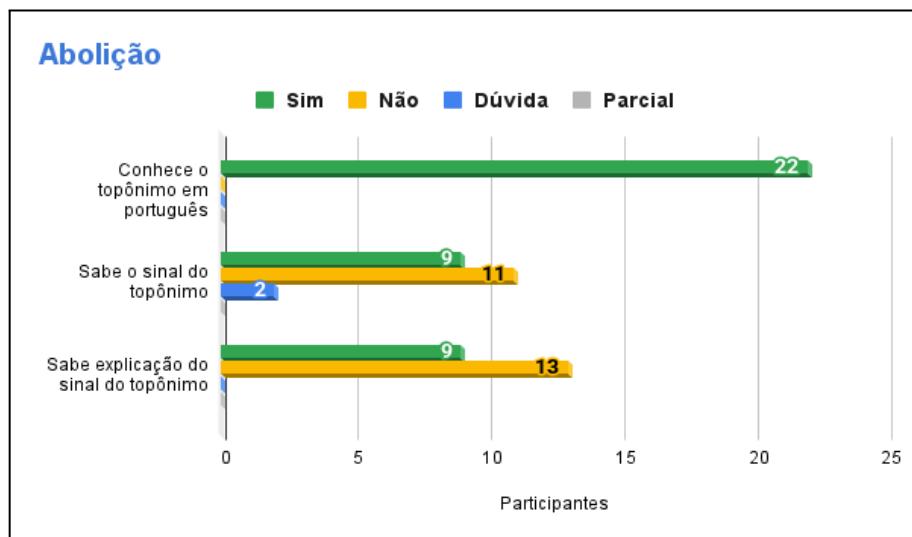
Bairros listados da Zona Norte			
Abolição	Bonsucesso	Cascadura	Coelho Neto
Engenho de Dentro	Engenho Novo	Irajá	Jacaré
Madureira	Maracanã	Maré	Marechal Hermes
Maria da Graça	Méier	Olaria	Pavuna
Penha	Piedade	São Cristóvão	Tijuca
Vicente de Carvalho	Vila Isabel		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.1 Abolição

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, dois participantes demonstraram dúvidas quanto ao sinal correspondente, enquanto nove participantes sabiam o sinal, embora parte deles não soube explicar sua motivação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 30.

Gráfico 30 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Abolição



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 23, apresenta-se os resultados da coleta de dados referentes ao bairro Abolição. Um dos participantes utilizou duas formas de representação: uma por soletração e outra por sinal. Quatro participantes utilizaram a “variação 1”, três participantes utilizaram a “variação 2” e dois utilizaram a “variação 3”. Os demais participantes utilizaram a forma soletrada da palavra, por não conhecerem um sinal correspondente. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para o bairro, mas com baixo número de respostas para cada um deles.

Tabela 23 — Resultados da coleta de dados sobre Abolição

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1 Variante 1	Sinal Variação 1 Variante 2	Sinal Variação 2 Variante 1	Sinal Variação 2 Variante 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	2	2	2	1	2	14	3

Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos participantes recorreu à utilização da palavra soletrada, conforme pode ser visualizada no Quadro 72, indicando o desconhecimento do sinal correspondente ao bairro Abolição.

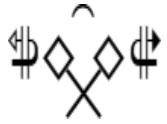
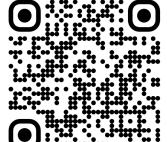
Quadro 72 — Abolição (palavra soletrada)

Abolição — palavra soletrada	
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração total</p> 
<p>Link: https://youtu.be/nd9x6XS52Ms</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

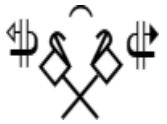
O sinal correspondente à “variação 1” apresenta duas variantes fonológicas, cuja distinção está na configuração de mão: a primeira utiliza a CM 69, que pode ser visualizado no Quadro 73.1; e a segunda, a CM 46, no Quadro 73.2. Segundo os participantes, a motivação do sinal está relacionada ao conceito de anulação da escravidão, sendo interpretado como uma tradução literal. O sinal inicia com os antebraços cruzados com o dorso da mão para frente, seguido de um movimento de punho para fora que termina o movimento com a palma fechada para frente, ou seja, a alteração da orientação do punho na realização destes sinais.

Quadro 73.1 — Abolição (variação 1 / variante 1)

Abolição — Variação 1 / Variante 1		
		
 + 	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque Total</p>	
Link: <u>https://youtu.be/bI14uqMAo9c</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 73.2 — Abolição (variação 1 / variante 2)

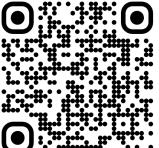
Abolição — Variação 1 / Variante 2		
		
 + 	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque Total</p>	
Link: <u>https://youtu.be/M9bzmKPG9i8</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Assim como no sinal da “variação 1”, os participantes atribuíram à “variação 2” a mesma motivação. Foram identificadas duas variantes fonológicas para essa variação, que se diferenciam pela configuração de mão: a primeira utiliza a letra “A”, inicial do topônimo, enquanto a segunda emprega a CM 46. Cada variante pode ser observada nos Quadros 74.1 e 74.2, respectivamente. A variante 1 dessa variação é utilizada pelo pesquisador desta dissertação. O sinal inicia com os antebraços juntos

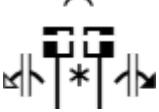
em contato com a mão em punho orientada voltada para cima, seguido de um movimento de punho para fora que termina o movimento com a mesma configuração inicial, com a orientação voltada para frente. A classificação toponímica para a primeira variante é inicialização, com a configuração de mão da letra “A” motivada pela inicial da palavra em português com movimento representando a quebra das correntes dos escravizados, enquanto a segunda variante é a tradução literal que representa a ideia de quebra das correntes dos escravizados.

Quadro 74.1 — Abolição (variação 2 / variante 1)

Abolição — Variação 2 / Variante 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização</p>	
Link: https://youtu.be/z3tn5Zohihk		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 74.2 — Abolição (variação 2 / variante 2)

Vidigal — Variação 2 / Variante 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total</p>	
Link: https://youtu.be/nsqPqX5J308		

Fonte: elaborado pelo autor.

Apenas dois participantes utilizaram este sinal para o bairro Abolição, declararam que a escolha deste sinal se refere à proximidade com a Associação Alvorada Congregadora dos Surdos (AACD). O sinal utilizado é o mesmo empregado para representar essa associação e pode ser visualizado no Quadro 75. A classificação toponímica deste sinal é nativa.

Quadro 75 — Abolição (variação 3)

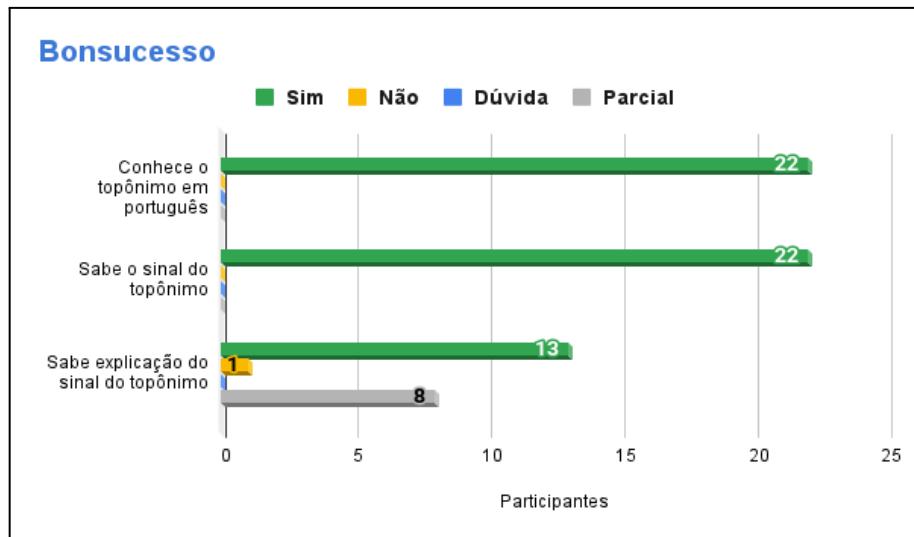
Abolição — Variação 3		
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/nC_fM-gppbs</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.2 Bonsucesso

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. No entanto, ao serem questionados sobre a explicação do sinal, apenas um não soube fornecer a explicação, enquanto outros oito explicaram parcialmente, indicando não saber a origem da motivação de um dos dois sinais que compõem a composição. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 31.

Gráfico 31 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Bonsucesso



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 24, são apresentados os resultados da coleta de dados sobre o bairro de Bonsucesso. Dois participantes apresentaram mais de um sinal. Foram identificados quatro variações, das quais: a “variação 1” foi utilizada por 15 participantes, a “variação 2” por seis participantes, a “variação 3” por dois participantes e a “variação 4” por um único participante. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados quatro sinais para o bairro. As variações 3 e 4 apresentaram baixo número de respostas.

Tabela 24 — Resultados da coleta de dados sobre Bonsucesso

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	15	6	2	1	0	4

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal de maior frequência é apresentado no Quadro 76, com 15 ocorrências. Os participantes declararam que a motivação do sinal é um empréstimo da primeira letra do topônimo, a letra “B”. Observa-se que esse sinal é articulado com um movimento direcional repetido de cima-baixo, embora os participantes não tenham mencionado esse aspecto em suas descrições. Além disso, ele também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 76 — Bonsucesso (variação 1)

Bonsucesso — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
Link: https://youtu.be/w3U0kCyaHcM		

Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo sinal de maior frequência é apresentado no Quadro 77. Segundo os participantes, trata-se de um sinal composto, resultante da combinação entre o sinal localizado no queixo e o sinal da “variação 1”, apresentado anteriormente. Os participantes não souberam identificar a motivação do primeiro elemento; contudo, indicaram que o sinal se refere ao bairro da Penha, o qual geograficamente muito próximo a Bonsucesso.

Quadro 77 — Bonsucesso (variação 2)

Bonsucesso — Variação 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
Link: https://youtu.be/s1gCiPFPZ5E		

Fonte: elaborado pelo autor.

De forma similar ao apresentado anteriormente, dois participantes utilizaram um sinal composto, resultante da combinação entre o sinal da “variação 1” e o sinal localizado no queixo, apenas com a ordem dos elementos invertida (ver Quadro 78). Esta produção traz reflexões sobre a ordem dos compostos na língua, mas o tema não será aprofundado nesta dissertação. Os participantes também não souberam identificar a motivação do segundo elemento; contudo, indicaram que o sinal se refere ao bairro da Penha, o qual geograficamente muito próximo a Bonsucesso.

Quadro 78 — Bonsucesso (variação 3)

Bonsucesso — Variação 3	
	
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
<p>Link: https://youtu.be/KViPBPK_lwl</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou o sinal com localização no queixo, mas afirmou não saber a motivação de sua origem. No entanto, declarou tratar-se de um sinal histórico. Vale mencionar que o sinal é realizado de forma simultânea com a articulação da boca através de *mouthing*. O efeito de *mouthing*, como mencionado anteriormente, na sinalização precisa ser mais pesquisado no caso dos topônimos para saber se seu uso é categórico e qual a contribuição oferece para compreensão. O sinal pode ser visualizado no Quadro 79 e, segundo o pesquisador desta dissertação, está associado ao bairro da Penha, conforme relataram diversos participantes desta pesquisa.

Quadro 79 — Bonsucesso (variação 4)

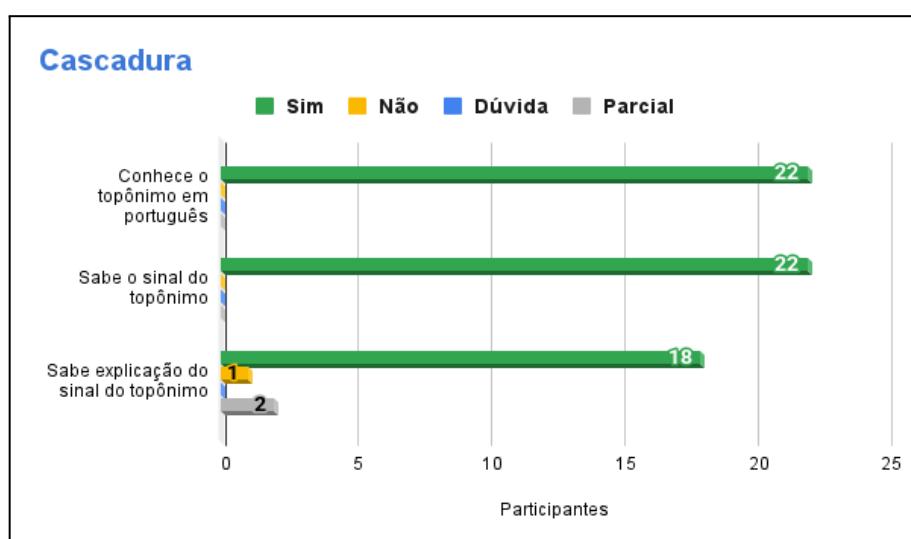
Bonsucesso — Variação 4		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/pz8hJR9cROY		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.3 Cascadura

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. No entanto, apenas um participante não soube fornecer a explicação do sinal, enquanto outros dois explicaram parcialmente, indicando que a motivação surge na região do peito. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 32.

Gráfico 32 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Cascadura



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 25 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro de Cascadura. Todos os participantes utilizaram um único sinal. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado apenas um único sinal para o bairro.

Tabela 25 — Resultados da coleta de dados sobre Cascadura

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 80, apresenta-se o sinal de Cascadura, utilizado por todos os participantes, incluindo o pesquisador desta dissertação. Eles declararam que o sinal é um empréstimo da primeira letra do topônimo, a letra “C”. O sinal é configurado com a letra “C”, com a orientação da palma da mão para o lado contralateral, localizado no peito com contato e duplo toque com a lateral da mão (radial) dominante que se posiciona de forma contralateral. No entanto, dois participantes mencionaram que o sinal pode ter relação com a logomarca do uniforme do time de futebol Cascadura Football Club⁴⁵, que esteve em atividade até meados dos anos 30. O sinal é semelhante ao utilizado para o bairro vizinho, Madureira, com a diferença na configuração de mão.

Quadro 80 — Cascadura

Cascadura		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/fi0IZN3qf6Y</p>		

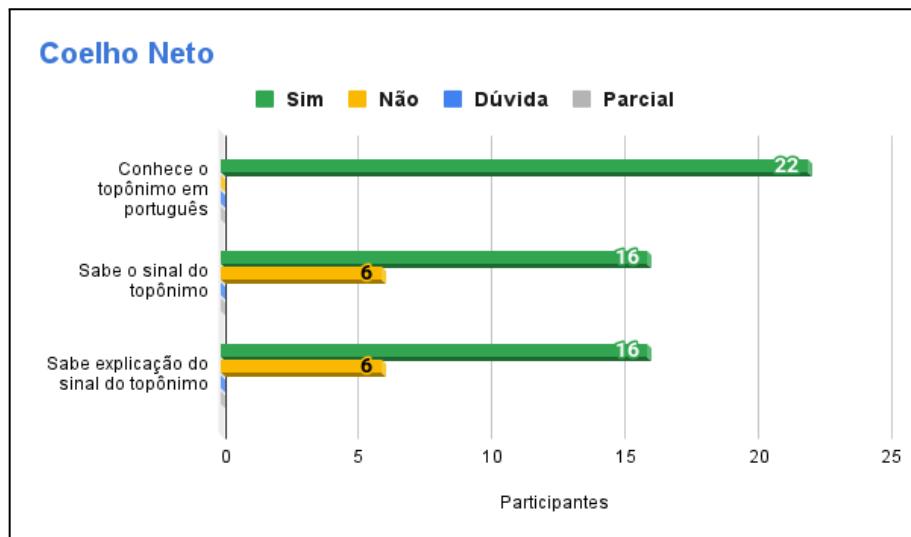
Fonte: elaborado pelo autor.

⁴⁵Ver <https://historiadofutebol.com/blog/?p=102145>. Acesso em 23 abr. 2025.

5.4.4 Coelho Neto

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas seis não sabiam o sinal correspondente nem sua explicação, recorrendo à palavra soletrada para o referido bairro. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 33.

Gráfico 33 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Coelho Neto



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 26, apresenta-se os resultados da coleta de dados referentes ao bairro Coelho Neto. Treze participantes utilizaram a “variação 1”, dois participantes utilizaram a “variação 2” e apenas um utilizou a “variação 3”. Os demais participantes optaram pela forma soletrada do topônimo, por não conhecerem um sinal correspondente. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para o bairro. As variações 2 e 3 apresentaram baixo número de respostas.

Tabela 26 — Resultados da coleta de dados sobre Coelho Neto

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1 Variante 1	Sinal Variação 1 Variante 2	Sinal Variação 2 Variante 1	Sinal Variação 2 Variante 2	Sinal Variação 3 Variante 1	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	10	3	1	1	1	6	3

Fonte: elaborado pelo autor.

Segundo os participantes, apenas Coelho, primeira palavra do topônimo em português, é um sinal motivado com base em sua tradução para Libras — sinal da

“variação 1”. Portanto, a classificação toponímica desse sinal é de calque parcial. Identificaram-se duas variantes fonológicas dentro dessa variação, cuja distinção está na inclusão do polegar na configuração de mão. A maioria dos participantes utilizou a CM 25 (variante 1), também utilizado pelo pesquisador desta dissertação, enquanto três recorreram à CM 21 (variante 2) (ver Quadro 81.1 e 81.2, respectivamente). Cabe destacar que, entre os participantes que utilizaram a “variante 2”, um deles também mencionou a segunda palavra do topônimo — Neto — apontando que a configuração de mão corresponde à letra inicial “N”. O sinal é realizado com a orientação da palma da mão voltada para o sinalizante, com os dedos indicador e médio para cima com movimento de flexão da falange proximal conjuntamente dos dois dedos, em geral feita por duas vezes, e com contato da porção ulnar da mão na lateral da testa, a diferença da variante é o dedo estendido do polegar.

Quadro 81.1 — Coelho Neto (variação 1 / variante 1)

Coelho Neto — Variação 1 / Variante 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque parcial</p>	
Link: https://youtu.be/h2iuvlaB1Xk		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 81.2 — Coelho Neto (variação 1 / variante 2)

Coelho Neto — Variação 1 / Variante 2			
			
	Classificação toponímica: Empréstimo / Calque parcial		
Link: https://youtu.be/j70eiRR8Lgg			

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal com a segunda maior frequência foi registrado com duas ocorrências. Segundo os participantes, a motivação desse sinal é uma tradução literal total, contemplando as duas palavras do topônimo. Essa variação também apresenta duas variantes fonológicas, cuja distinção, assim como na “variação 1”, está na inclusão do polegar na configuração de mão. As variantes podem ser visualizadas nos Quadros 82.1 e 82.2, correspondendo, respectivamente, à inclusão e à ausência do polegar, utilizando a mesma configuração de mão para os dois elementos do sinal. O sinal é realizado, como mostrado nos quadros anteriores 81.1 e 81.2, mais a inclusão do sinal NETO, realizado com a mesma configuração de mão, com a orientação da palma da mão para baixo, com contato do dedo indicador lateral radial no queixo.

Quadro 82.1 — Coelho Neto (variação 2 / variante 1)

Coelho Neto — Variação 2 / Variante 1		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/2p79QRZwBnQ</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 82.2 — Coelho Neto (variação 2 / variante 2)

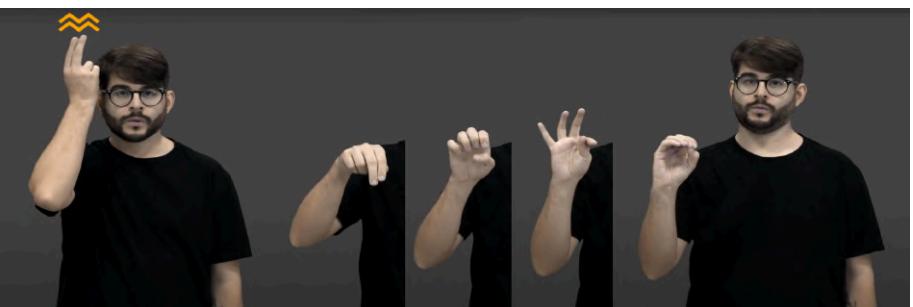
Coelho Neto — Variação 2 / Variante 2		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/AG2K417fHRc</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal composto para o referido bairro. Ele declarou que a motivação do sinal está na combinação de dois elementos: o primeiro corresponde à tradução literal da primeira palavra do topônimo, calque, enquanto o segundo consiste na soletração da segunda palavra, por não concordar com o sinal previamente estabelecido para “Neto”. O sinal pode ser visualizado no

Quadro 83. A classificação toponímica atribuída a esse sinal é um misto, pois envolve dois tipos distintos de empréstimo: o calque total do primeiro elemento e a soletração total do segundo elemento.

Quadro 83 — Coelho Neto (variação 3)

Coelho Neto — Variação 3		
		+ soletração NETO
 + soletração NETO	Classificação toponímica: Misto	
<p>Link: https://youtu.be/N1tKJqHXrxo</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Seis participantes declararam desconhecer o sinal para o bairro Coelho Neto, optando, portanto, pela palavra soletrada. Na percepção do pesquisador, essa produção configura-se como um caso de soletração rítmica: a primeira palavra é soletrada com ritmo marcado — “C”, “O”, “E”, “L”, com aglutinação da letra “H” com a seleção do dedo polegar, o que difere da soletração canônica da letra “H”, há rotação do punho, movimento característico da soletração da letra “H”. No entanto, o movimento continua até culminar no fechamento dos dedos para formar a letra “O”, que é realizado com orientação voltada para sinalizante — enquanto a segunda palavra é soletrada de maneira mais ágil. Do ponto de vista toponímico, o primeiro termo trata-se de um empréstimo por meio da soletração rítmica, enquanto o segundo termo trata-se de um empréstimo por meio da soletração. Conclui-se que a classificação toponímica desse sinal é um misto. Essa informação pode ser visualizada no Quadro 84.

Quadro 84 — Coelho Neto (palavra soletrada)

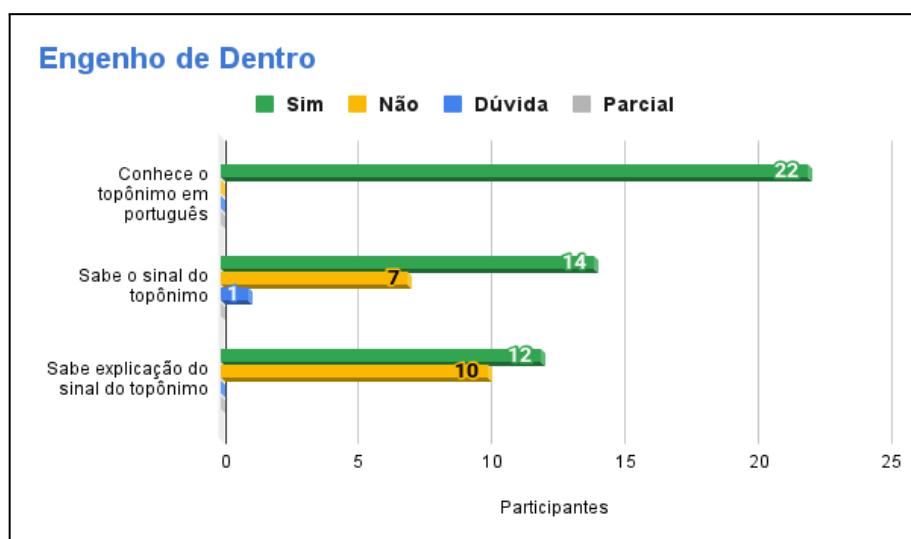
Coelho Neto — Palavra soletrada	
	<p>Classificação toponímica: Misto</p> <p></p>
<p>Link: https://youtu.be/Jcw07HgScKQ</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.5 Engenho de Dentro

Todos os participantes declararam conhecer o termo do topônimo em português. Apenas um participante demonstrou dúvida ao identificar o sinal correspondente, e sete não souberam o sinal, recorrendo à palavra soletrada. Quanto à explicação do sinal, dez participantes sabiam a sua motivação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 34.

Gráfico 34 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Engenho de Dentro



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 27, apresenta-se os resultados da coleta de dados sobre o bairro

Engenho de Dentro. Observa-se que a existência de variantes entre os sinais. Apenas um participante utilizou mais de um sinal. Sete participantes utilizaram a “variação 1”, três utilizaram a “variação 2”, dois utilizaram a “variação 3”, outros dois utilizaram a “variação 4”, um utilizou a “variação 5” e outro utilizou a “variação 6”. Além disso, apenas sete participantes recorreram à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados seis sinais distintos para esse bairro. As variações 3, 4, 5 e 6 apresentaram baixo número de respostas.

Tabela 27 — Resultados da coleta de dados sobre Engenho de Dentro

Total de sinais coletados	Sinal VÇ 1 VT 1	Sinal VÇ 1 VT 2	Sinal VÇ 1 VT 3	Sinal VÇ 2	Sinal VÇ 3 VT 1	Sinal VÇ 3 VT 2	Sinal VÇ 4	Sinal VÇ 5	Sinal VÇ 6	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	4	2	1	3	1	1	2	1	1	7	6

Legenda: VÇ = Variação / VT = Variante

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes utilizaram a “variação 1”, com sete ocorrências, e declararam que a motivação está associada ao estádio Nilton Santos, o Engenhão (Figura 36), utilizando o sinal de estádio com a configuração de mão em “E”, complementada pela tradução de “Dentro”. Nos Quadros 85.1 e 85.2, apresenta-se essa variação, cuja diferença é o ponto de articulação: em um caso, o sinal inicia no espaço neutro; em outro, ao lado das bochechas. No Quadro 85.3, apresenta-se uma variante com pequena diferença em relação às duas anteriores, utilizando a configuração de mão para a letra “D” na representação do “Dentro”. O pesquisador desta dissertação utiliza a “variante 1” dessa variação.

Figura 36 — Estádio do Engenhão

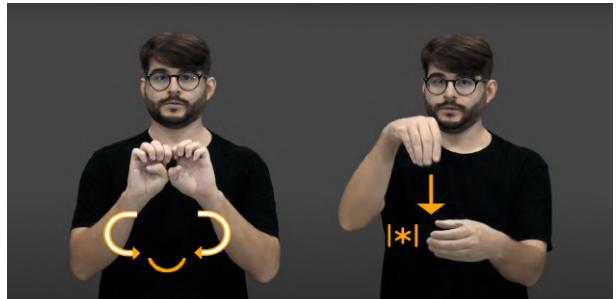


Fonte: O Globo Esportes⁴⁶.

⁴⁶ Disponível em:

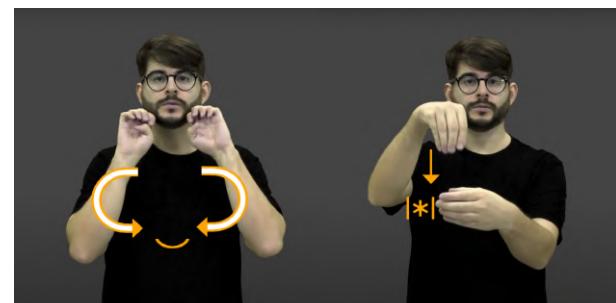
<https://oglobo.globo.com/esportes/carioca-2013/engenhao-nao-tem-prazo-para-reabrir-diz-prefeito-do-rio-7951832>. Acesso em: 26 abr. 2025.

Quadro 85.1 — Engenho de Dentro (variação 1 / variante 1)

Engenho de Dentro — Variação 1 / Variante 1	
	
	Classificação toponímica: Misto
Link: https://youtu.be/gLXHSR_htiA	

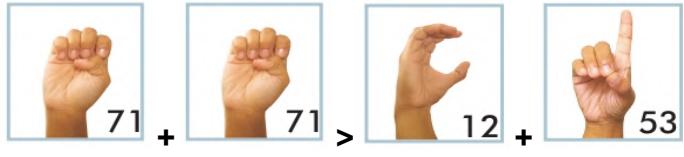
Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 85.2 — Engenho de Dentro (variação 1 / variante 2)

Engenho de Dentro — Variação 1 / Variante 2	
	
	Classificação toponímica: Misto
Link: https://youtu.be/VjtqV1DRuE	

Fonte: elaborado pelo autor.

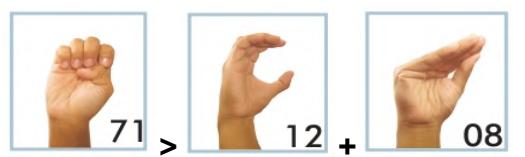
Quadro 85.3 — Engenho de Dentro (variação 1 / variante 3)

Engenho de Dentro — Variação 1 / Variante 3	
	
	Classificação toponímica: Misto 
Link: https://youtu.be/-kyV6t1y0tA	

Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo sinal mais frequente corresponde, segundo os participantes, a uma motivação composta: o primeiro elemento associa-se à inicial da primeira palavra do topônimo, a letra “E”, enquanto o segundo elemento relaciona-se à tradução literal da segunda palavra do topônimo, “Dentro”. Este sinal pode ser visualizado no Quadro 86 e também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 86 — Engenho de Dentro (variação 2)

Engenho de Dentro — Variação 2	
	
	Classificação toponímica: Misto 
Link: https://youtu.be/accz8Lac_Pl	

Fonte: elaborado pelo autor.

Assim como na “variação 1”, o sinal da “variação 3” foi registrado com duas ocorrências e, segundo os participantes, sua motivação está associada à primeira palavra do topônimo, “Engenho”, representada pela configuração de mão à letra “E”. Na percepção do pesquisador, essa variação destaca-se pela referência mais explícita ao estádio Engenhão.

Quadro 87.1 — Engenho de Dentro (variação 3 / variante 1)

Engenho de Dentro — Variação 3 / Variante 1		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização</p>	
Link: https://youtu.be/V4Z0nI59f1Q		

Fonte: elaborado pelo autor.

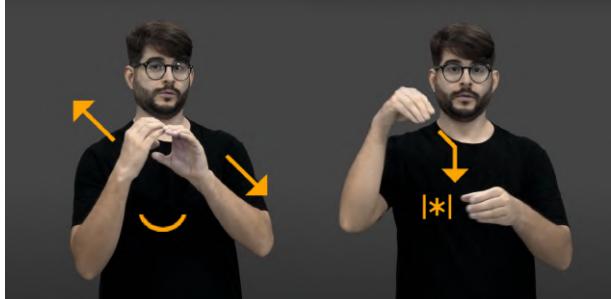
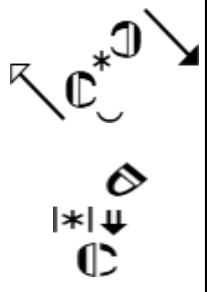
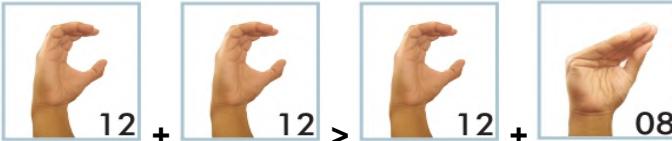
Quadro 87.2 — Engenho de Dentro (variação 3 / variante 2)

Engenho de Dentro — Variação 3 / Variante 2		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização</p>	
Link: https://youtu.be/2mZdOWAGFuw		

Fonte: elaborado pelo autor.

Apenas dois participantes, da faixa etária de 40-49 anos, utilizaram um sinal composto associado ao bairro Engenho de Dentro, o qual pode ser visualizado no Quadro 87. Os participantes utilizaram o sinal composto, com o primeiro elemento sendo o sinal *ENGENHEIRO* e o segundo, o sinal *DENTRO*. Esse sinal baseia-se, aparentemente, no radical *ENGENH-* presente em ambas palavras do português “engenheiro” e “engenho”, assim observa-se um calque imperfeito em que a escrita semelhante pode ter influenciado na escolha do sinal em libras. Do ponto de vista da classificação toponímica, o primeiro sinal trata-se de um empréstimo por calque imperfeito, enquanto o segundo sinal trata-se de um empréstimo por meio da soletração. Conclui-se que o topônimo é classificado como misto.

Quadro 88 — Engenho de Dentro (variação 4)

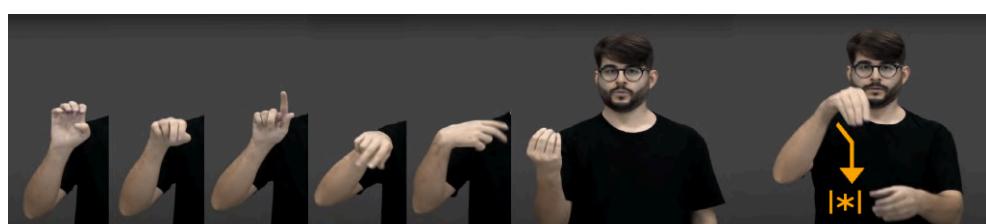
Engenho de Dentro — Variação 4	
	
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
<p>Link: https://youtu.be/VrdELuyreza</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal composto que pode ser visualizado no Quadro 89. A motivação pode ser identificada com o primeiro elemento associado à soletração rítmica, de maneira ágil, da palavra “Engenho”, e o segundo relaciona-se à tradução da palavra “Dentro”. A soletração rítmica de “Engenho” inicia-se agilmente com as letras “E”, “N”, “G”, “E”, “N” aglutinando com o “H” e finalizando com o “O”, com a orientação da palma da mão voltada para sinalizante. Do ponto de vista da classificação toponímica, o primeiro sinal trata-se de um empréstimo por soletração rítmica, enquanto o segundo sinal trata-se de um empréstimo por calque.

Conclui-se que o topônimo é classificado como misto.

Quadro 89 — Engenho de Dentro (variação 5)

Engenho de Dentro — Variação 5		Soletração rítmica #ENGENHO + 
		
Soletração rítmica #ENGENHO >  12 +  08	Classificação toponímica: Misto	
Link: https://youtu.be/jmL4BW7d2dM		

Fonte: elaborado pelo autor.

Único participante utilizou o sinal derivado da soletração rítmica completa do topônimo, com exceção da preposição. O sinal pode ser visualizado no Quadro 90. O primeiro elemento já foi mostrado anteriormente, enquanto o segundo elemento inicia-se com as letras “D”, “E” e “N”; em seguida, a letra “T” é direcionada da palma da mão para baixo, aglutinando-se rapidamente com a letra “R” para formar a letra “O”.

Quadro 90 — Engenho de Dentro (variação 6)

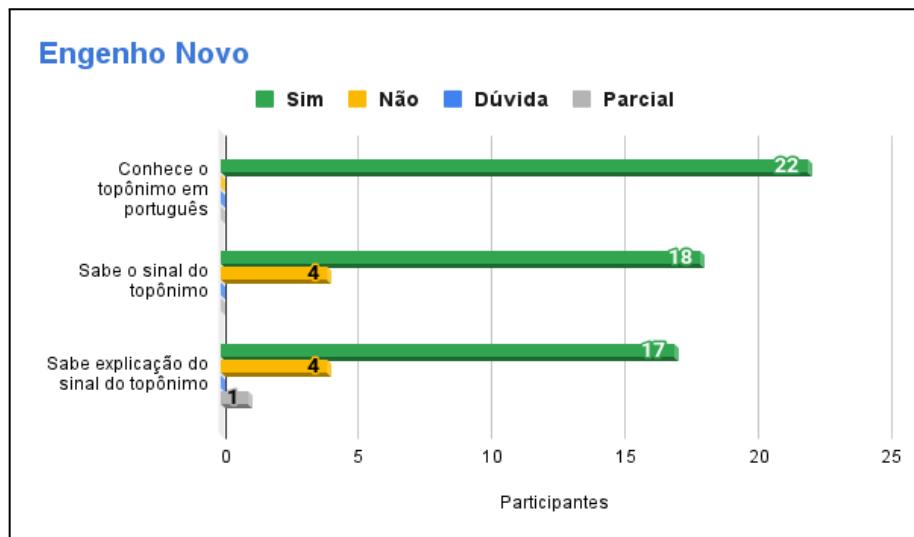
Engenho de Dentro — Variação 6		
		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total	
Link: https://youtu.be/UzesvdZiJZM		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.6 Engenho Novo

Todos os participantes declararam conhecer o termo do topônimo em português. No entanto, quatro participantes não souberam informar o sinal nem sua explicação, e um participante soube explicar parcialmente a motivação do sinal utilizado. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 35.

Gráfico 35 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Engenho Novo



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 28, apresenta-se os resultados da coleta de dados sobre o bairro Engenho Novo. Foram identificados oito sinais distintos, sendo duas variações que apresentaram duas variantes cada uma. Quatro participantes recorreram à palavra soletrada por desconhecer o sinal do bairro. Conclui-se, portanto, que foram identificados oito sinais para o bairro.

Tabela 28 — Resultados da coleta de dados sobre Engenho Novo

Total de sinais coletados	Sinal VÇ 1	Sinal VÇ 2 VT 1	Sinal VÇ 2 VT 2	Sinal VÇ 3	Sinal VÇ 4 VT 1	Sinal VÇ 4 VT 2	Sinal VÇ 5	Sinal VÇ 6	Sinal VÇ 7	Sinal VÇ 8	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
25	5	3	2	3	1	1	2	2	1	1	4	8

Legenda: VÇ = Variação / VT = Variante

Fonte: elaborado pelo autor.

Cinco participantes utilizaram o sinal para o bairro Engenho Novo, tendo como motivação a soletração. No entanto, nota-se que essa soletração já sofreu processos fonológicos que a caracteriza como soletração rítmica, que seria mais nativa do que a soletração canônica, dado que ocorre de maneira mais ágil e

também apresenta alterações fonéticas, o qual pode ser visualizado no Quadro 91.

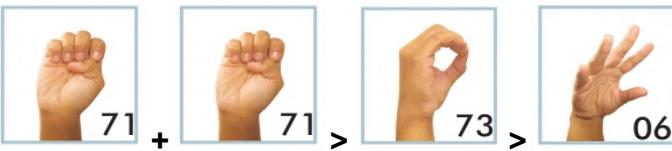
Quadro 91 — Engenho Novo (variação 1)

Engenho Novo — Variação 1	
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>
<p>Link: https://youtu.be/0DjJtLFnxpo</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

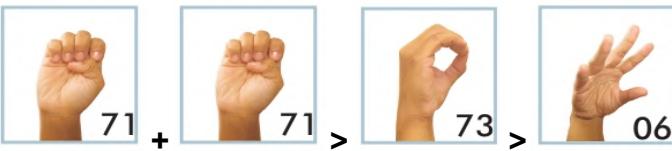
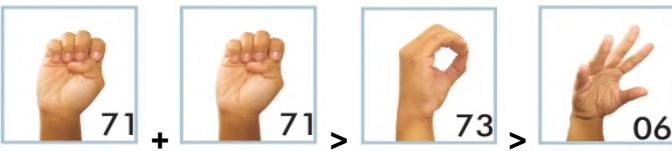
Cinco participantes utilizaram o sinal empregando o primeiro elemento do sinal de Engenho de Dentro para compor o primeiro elemento do sinal de Engenho Novo, complementando-o com o sinal novo, motivado pela tradução da palavra. Foram encontradas duas variantes, cuja única diferença corresponde à origem do ponto de articulação em que o sinal se inicia. O ponto de articulação da primeira variante é o espaço neutro (Quadro 92.1) e a outra variante tem como ponto de articulação as laterais das bochechas (Quadro 92.2). As variantes podem ser visualizadas nos Quadros 92.1 e 92.2. Note que o primeiro sinal tem produção igual ao ENGENHO em “Engenho de Dentro”, em que a motivação era o estádio existente no bairro. Na percepção do pesquisador, o primeiro elemento do sinal de Engenho Novo não corresponde ao bairro, pois este não possui um estádio, diferentemente do Engenho de Dentro. Parece que neste caso usou-se o sinal ENGENHO como o sinal para qualquer menção a mesma palavra em português. Atribuímos esse sinal a categoria inicialização, dado que nota-se a letra E do alfabeto manual. No entanto, identificamos que a semântica presente no primeiro sinal formado por E e “coisa redonda” se perde dado que não há tal elemento neste bairro.

Quadro 92.1 — Engenho Novo (variação 2 / variante 1)

Engenho Novo — Variação 2 / Variante 1	
	
	<p>Classificação topográfica: Misto</p>
Link: <u>https://youtu.be/n2ueK6HSpt8</u>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 92.2 — Engenho Novo (variação 2 / variante 2)

Engenho Novo — Variação 2 / Variante 2	
	
	<p>Classificação topográfica: Misto</p>
Link: <u>https://youtu.be/ld-12GmLxpQ</u>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Três participantes utilizaram um sinal composto, que pode ser visualizado no Quadro 93. Sua motivação é a seguinte: o primeiro elemento corresponde à inicial da palavra “Engenho”, com a configuração de mão da letra “E”, enquanto o segundo elemento associa-se à tradução da palavra “Novo”. Esse sinal também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 93 — Engenho Novo (variação 3)

Engenho Novo — Variação 3	
 71 > 73 > 06	Classificação toponímica: Misto 
Link: https://youtu.be/TekgCRsFEqw	

Fonte: elaborado pelo autor.

Dois participantes utilizaram um sinal composto, assim como na variação 2, que apresenta duas variantes, cuja diferença corresponde ao ponto de articulação do inicial do sinal, podendo ser visualizadas nos Quadro 94.1 e 94.2. O segundo elemento do sinal é motivado pela soletração rítmica da palavra “Novo”.

Quadro 94.1 — Engenho Novo (variação 4 / variante 1)

Engenho Novo — Variação 4 / Variante 1	
	 + Soletração rítmica NOVO
 71 + 71 > Soletração rítmica NOVO	Classificação toponímica: Misto 
Link: https://youtu.be/80HguTylL0Y	

Fonte: elaborado pelo autor.

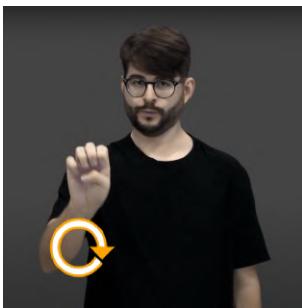
Quadro 94.2 — Engenho Novo (variação 4 / variante 2)

Engenho Novo — Variação 4 / Variante 2	
	
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
<p>Link: https://youtu.be/NeC8AjT5h4E</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Dois participantes utilizaram um sinal, que pode ser visualizado no Quadro 95. Eles declararam que o sinal é semelhante ao da variação 1 de Vila Isabel (ver Quadro 136), por se tratar de um bairro vizinho, e sua motivação associa-se à inicial da primeira palavra do topônimo.

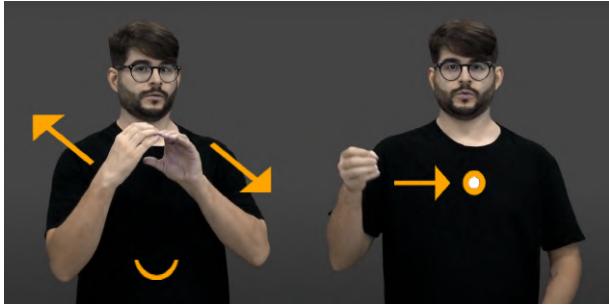
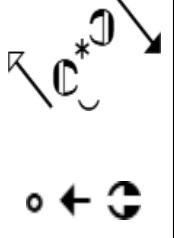
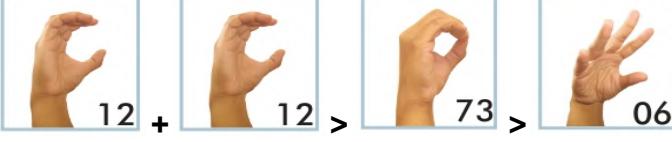
Quadro 95 — Engenho Novo (variação 5)

Engenho Novo — Variação 5	
	
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>
<p>Link: https://youtu.be/XUecMEohlw4</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Assim como no Engenho de Dentro, de variação 4, os mesmos participantes utilizaram um sinal associado ao bairro Engenho Novo, o qual pode ser visualizado no Quadro 96. Esse sinal baseia-se, aparentemente, no radical ENGENH- na leitura presente no nome para sua construção. Os participantes utilizaram o sinal composto, com o primeiro elemento sendo o sinal ENGENHEIRO e o segundo, a tradução da palavra “Novo”.

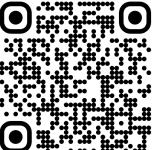
Quadro 96 — Engenho Novo (variação 6)

Engenho Novo — Variação 6	
	
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
<p>Link: https://youtu.be/irG7OwkDcfl</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal cuja motivação se refere às iniciais das palavras do topônimo — E e N. Este sinal pode ser visualizado no Quadro 97.

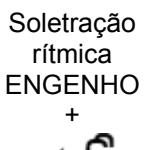
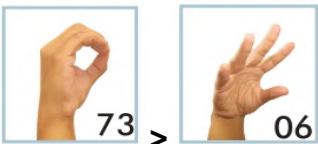
Quadro 97 — Engenho Novo (variação 7)

Engenho Novo — Variação 7	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração parcial 
Link: https://youtu.be/7FVG55Jo0zQ	

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante, de idade mais avançada, utilizou um sinal composto, que pode ser visualizado no Quadro 98. O primeiro associa-se à soletração rítmica, enquanto o segundo relaciona-se à tradução da palavra “Novo”.

Quadro 98 — Engenho Novo (variação 8)

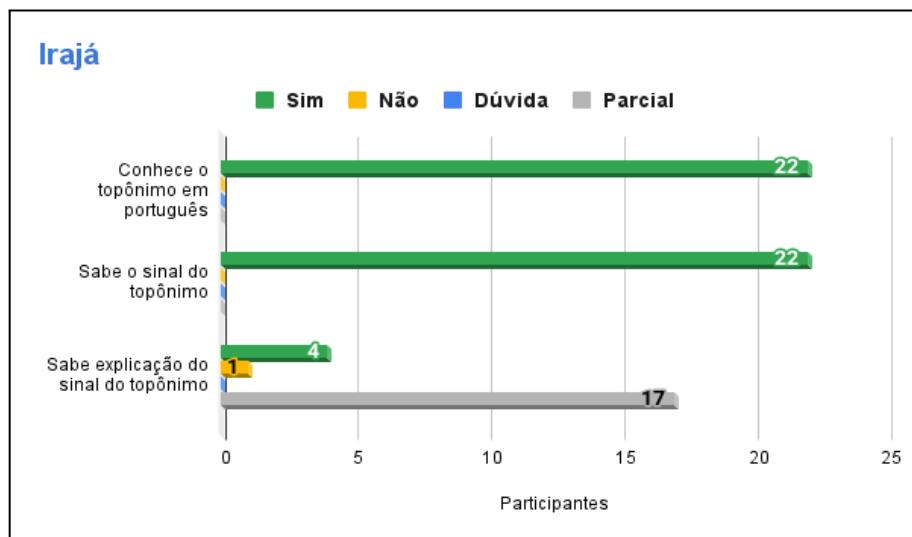
Engenho Novo — Variação 8	
	Soletração rítmica ENGRENHO + 
Soletração rítmica ENGRENHO + 	Classificação toponímica: Misto 
Link: https://youtu.be/HN8gnUTp_xE	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.7 Irajá

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como o sinal correspondente. Em relação ao conhecimento sobre a origem ou motivação do sinal, apenas um participante afirmou não saber sua explicação, enquanto 17 relataram conhecê-la apenas parcialmente. Esses dados estão representados no Gráfico 36.

Gráfico 36 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Irajá



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 29, apresenta-se os resultados da coleta de dados referentes ao bairro Irajá. Os 12 participantes utilizaram a “variação 1”, sete participantes utilizaram a “variação 2” e apenas um utilizou a “variação 3”. Cinco dos participantes apresentaram a forma soletrada da palavra do topônimo. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para o bairro.

Tabela 29 — Resultados da coleta de dados sobre Irajá

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
25	12	7	1	5	3

Fonte: elaborado pelo autor.

Os 12 participantes utilizaram o sinal que pode ser visualizado no Quadro 99, também utilizado pelo pesquisador desta dissertação. Eles declararam que a motivação do sinal é composta: a mão dominante é configurada na forma da letra “I”

e realiza um movimento com a rotação do punho, enquanto a função da mão não-dominante é desconhecida. Por esse motivo, a maioria apresentou explicações parciais. Inclusive, o próprio pesquisador não conseguiu identificar a razão da configuração da mão não-dominante, que pode ser identificada pela CM 75 como se tentasse segurar o braço da mão dominante. No entanto, o movimento da mão dominante pode ser relacionado às letras “I” e “J”, em associação com o movimento repetitivo da rotação do punho. Nota-se um caso de composto simultâneo dado que há articulação simultânea de dois radicais (ver Pizzio *et al.* 2023).

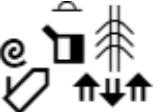
Quadro 99 — Irajá (variação 1)

Irajá — Variação 1		
 + 	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
<p>Link: https://youtu.be/sCLbbwE3Nyo</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo sinal de maior frequência foi registrado em sete ocorrências, conforme apresentado no Quadro 100. Os participantes declararam que a motivação do sinal é semelhante à do sinal anterior. Segundo suas observações, trata-se de um sinal composto: a mão dominante é configurada com as letras “I” e “J” combinadas com movimento repetitivo da rotação do punho — interpretação apontada por um dos participantes —, enquanto a função da mão não-dominante permanece desconhecida. No entanto, um participante sugeriu que o sinal poderia estar relacionado à Igreja Batista de Irajá.

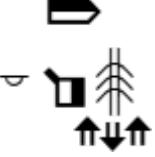
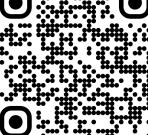
Quadro 100 — Irajá (variação 2)

Irajá — Variação 2		
		
 + 	Classificação toponímica: Misto	
Link: https://youtu.be/AjroZzYv3QM		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal que pode ser visualizado no Quadro 101. Ele declarou não saber a motivação desse sinal, incluindo o uso da mão não-dominante, embora afirme utilizá-lo em sua prática. Na percepção do pesquisador, a motivação do sinal, assim como nos dois primeiros sinais descritos anteriormente, também é composta: a mão dominante é configurada pelas letras “I” e “J” combinadas com movimento de rotação de punho, posicionadas sob a mão não-dominante sem contato, cuja motivação permanece desconhecida.

Quadro 101 — Irajá (variação 3)

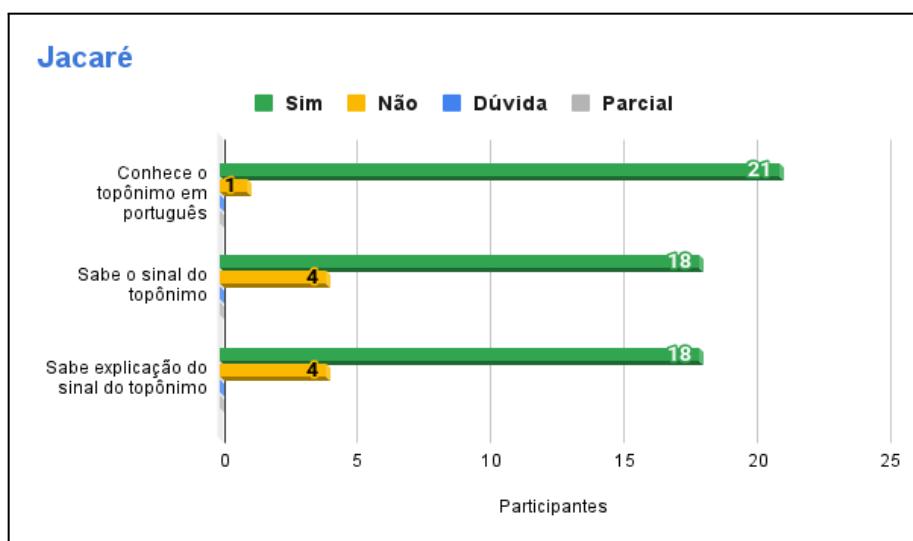
Irajá — Variação 3		
		
 + 	Classificação toponímica: Misto	
Link: https://youtu.be/3AZTdxcNPKQ		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.8 Jacaré

Quase todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, com exceção de um, que afirmou não saber da existência do bairro e o confundiu com Jacarezinho. No entanto, quatro deles declararam não conhecer o sinal correspondente nem sua explicação, por discordarem do uso de um sinal associado a um animal que, segundo eles, não possui relação com o bairro. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 37.

Gráfico 37 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Jacaré



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 30, apresenta-se os resultados da coleta de dados referentes ao bairro Jacaré. Os 18 participantes utilizaram o único sinal, que possui duas variantes fonológicas, enquanto outros cinco recorreram à palavra soletrada. Vale ressaltar que um participante utilizou ambas as formas. Conclui-se que, portanto, foi identificado um sinal para o referido bairro.

Tabela 30 — Resultados da coleta de dados sobre Jacaré

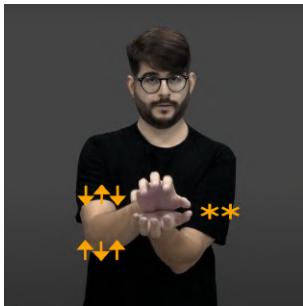
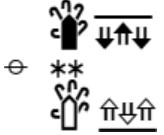
Total de sinais coletados	Sinal Variante 1	Sinal Variante 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	17	1	5	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Tanto no Quadro 102.1 quanto Quadro 102.2, a única diferença observada está na configuração da mão utilizada para representar o sinal. Os participantes declararam que se trata do termo para um animal, sendo a motivação do sinal

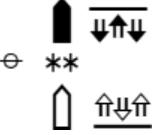
baseada na tradução literal do topônimo. Único participante que utilizou a variante 2 declarou que o uso do sinal é para evitar confusão com o sinal do bairro Santa Cruz, que é idêntico. Vale ressaltar que o sinal da variante 1 também é utilizado pelo pesquisador.

Quadro 102.1 — Jacaré (variante 1)

Jacaré — Variante 1		
		
 + 	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total</p>	
Link: <u>https://youtu.be/DrbpQZyoies</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 102.2 — Jacaré (variante 2)

Jacaré — Variante 2		
		
 + 	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total</p>	
Link: <u>https://youtu.be/G8Ozg5UVbUY</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Outros participantes adotaram a forma soletrada do topônimo Jacaré, conforme ilustrado no Quadro 103. Como explicado anteriormente, esses participantes não concordaram com o sinal utilizado, considerando-o inadequado visto que o bairro, em sua opinião, não se relaciona com o animal.

Quadro 103 — Jacaré (palavra soletrada)

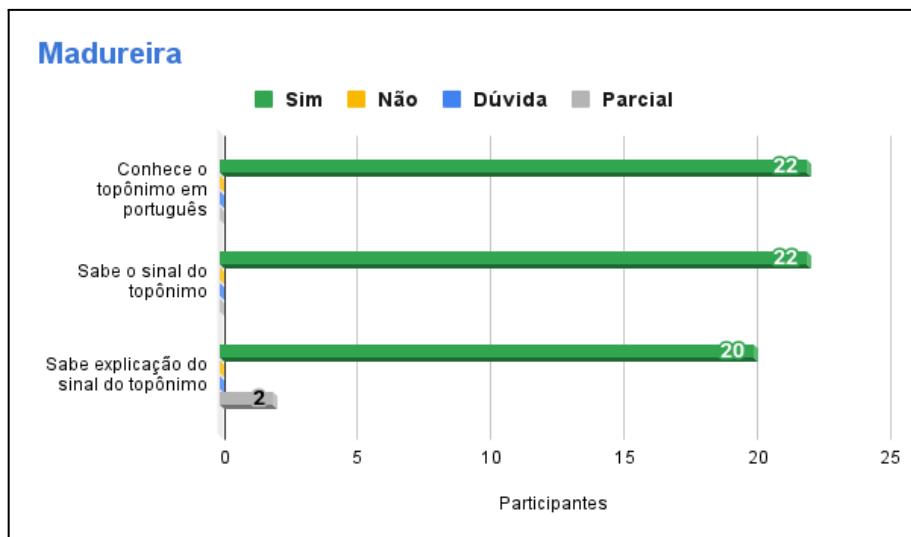
Jacaré — palavra soletrada	
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração total</p>
<p>Link: https://youtu.be/W8N4yGkw3wk</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.9 Madureira

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como o sinal correspondente. No entanto, apenas dois participantes apresentaram explicação parcial: primeira letra da palavra em português, mas indicaram não saber a motivação para ponto de articulação na região do peito. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 38.

Gráfico 38 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Madureira



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 31 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro de Madureira. Todos os participantes utilizaram um único sinal. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

Tabela 31 — Resultados da coleta de dados sobre Madureira

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 104, é apresentado o sinal de Madureira, utilizado por todos os participantes, incluindo o pesquisador desta dissertação. Eles declararam que o sinal é um empréstimo da primeira letra do topônimo, realizado tanto com os dedos juntos quanto com os dedos separados. O sinal é configurado com a letra “M”, com a orientação da palma da mão para o corpo, localizado no peito com contato e duplo toque a mão dominante se posiciona de forma contralateral.

Dois participantes mencionaram que o sinal pode ter relação com a logomarca da blusa do time de futebol Madureira Esporte Clube⁴⁷. Na percepção do pesquisador, a localização do sinal na região do coração pode simbolizar “Coração da Zona Norte”⁴⁸. O sinal é semelhante ao utilizado para o bairro vizinho, Cascadura,

⁴⁷ Ver <https://madureiraec.com.br/>. Acesso em 24 abr. 2025.

⁴⁸ Ver <https://www.foto.rio.br/madureira>. Acesso em 24 abr. 2025.

com a diferença na configuração de mão, em “C” (CM 12) para Cascadura

Quadro 104 — Madureira

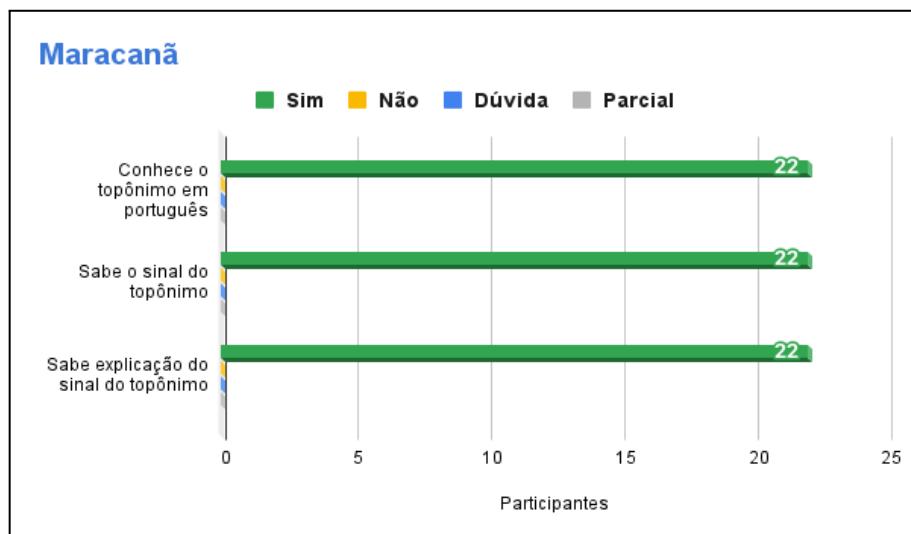
Madureira		
		— ** →□
 78	ou	 77
<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p> <p>Link: <u>https://youtu.be/Hyj96qTC-CM</u></p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.10 Maracanã

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal em Libras correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 39.

Gráfico 39 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Maracanã



Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados da coleta de dados sobre o topônimo podem ser visualizados na Tabela 32. O bairro de Maracanã apresenta três variações de sinais, cada uma com duas variantes, de acordo com as formas produzidas pelos participantes. As diferenças entre essas variantes concentram-se unicamente no ponto de articulação: algumas são realizadas debaixo das bochechas, enquanto outras ocorrem no espaço neutro. Doze participantes utilizaram a “variação 1”, enquanto sete utilizaram a “variação 2” e seis utilizaram a “variação 3”. Nenhum participante utilizou palavra soletrada, e apenas um participante empregou quatro formas semelhantes para representar o topônimo. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para esse bairro.

Tabela 32 — Resultados da coleta de dados sobre Maracanã

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1 Variante 1	Sinal Variação 1 Variante 2	Sinal Variação 2 Variante 1	Sinal Variação 2 Variante 2	Sinal Variação 3 Variante 1	Sinal Variação 3 Variante 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
25	7	5	4	3	4	2	0	3

Fonte: elaborado pelo autor.

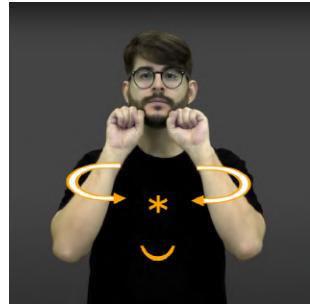
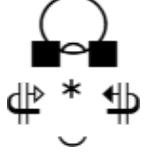
Todos os participantes utilizaram formas da mão do sinal para o bairro Maracanã motivadas, principalmente, pela associação ao estádio homônimo, um dos mais icônicos e reconhecidos mundialmente, conforme ilustrado na Figura 37. A forma de maior frequência (variação 1), com 12 ocorrências, corresponde à CM 69 e suas variantes (ver Quadros 105.1 e 105.2). A segunda forma mais frequente (variação 2), com sete ocorrências, refere-se à CM 75 e suas variantes (ver Quadros 106.1 e 106.2). Por fim, a menor frequência (variação 3), com seis ocorrências, está associada à CM 11 e suas variantes (ver Quadros 107.1 e 107.2). O pesquisador desta dissertação utiliza sinal tanto a segunda variante da variação 1 quanto a segunda variante da variação 2.

Figura 37 — Estádio do Maracanã



Fonte: adaptado de Foto Rio⁴⁹.

Quadro 105.1 — Maracanã (variação 1 / variante 1)

Maracanã — Variação 1 / Variante 1			
			
	Classificação toponímica: Nativo		
Link: https://youtu.be/tG-RWJy2YQ0			

Fonte: elaborado pelo autor.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.foto.rio.br/tijuca/Maracana>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Quadro 105.2 — Maracanã (variação 1 / variante 2)

Maracanã — Variação 1 / Variante 2		
	<p>Classificação topográfica: Nativo</p>	
Link: https://youtu.be/putbz9jK2zE		

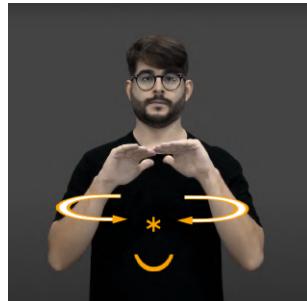
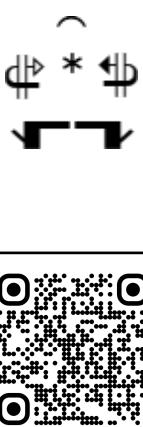
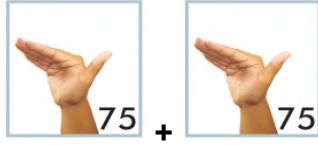
Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 106.1 — Maracanã (variação 2 / variante 1)

Maracanã — Variação 2 / Variante 1		
	<p>Classificação topográfica: Nativo</p>	
Link: https://youtu.be/ogyPioSrP_0		

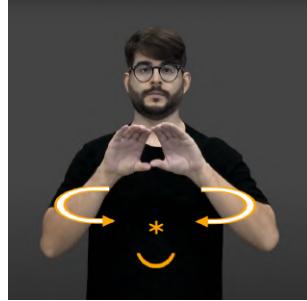
Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 106.2 — Maracanã (variação 2 / variante 2)

Maracanã — Variação 2 / Variante 2		
		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: <u>https://youtu.be/XPKetaryy_U</u>		

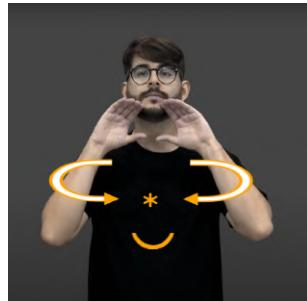
Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 107.1 — Maracanã (variação 3 / variante 1)

Maracanã — Variação 3 / Variante 1		
		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: <u>https://youtu.be/zf85Cdupcco</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 107.2 — Maracanã (variação 3 / variante 2)

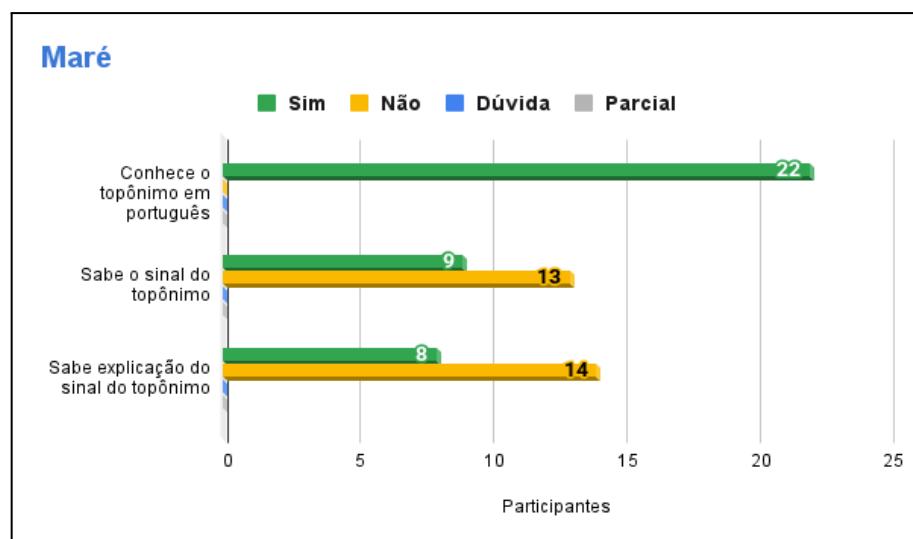
Maracanã — Variação 3 / Variante 2		
		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/6a0PmbeyEYU		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.11 Maré

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas nove afirmaram saber o sinal correspondente e sua explicação, sendo que um participante não soube explicá-lo. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 40.

Gráfico 40 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Maré



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 33, apresenta-se os resultados da coleta de dados do bairro Maré. A maioria dos participantes adotou o topônimo na forma soletrada, com 13 ocorrências. No entanto, também foram identificados dois sinais específicos: a “variação 1”, com sete ocorrências, e a “variação 2”, com duas ocorrências. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais distintos para esse bairro.

Tabela 33 — Resultados da coleta de dados sobre Maré

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	7	2	13	2

Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos participantes declarou desconhecer o sinal correspondente e recorreu à palavra soletrada, que pode ser visualizada no Quadro 108.

Quadro 108 — Maré (palavra soletrada)

Maré — Palavra soletrada		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração total	
Link: https://youtu.be/ExI79oWWqWE		

Fonte: elaborado pelo autor.

Diferente de palavra soletrada, os sete participantes utilizaram o soletração de forma ágil, caracterizando-o como soletração rítmica, empregando todas as letras e finalizando com o acento. Nota-se aqui uma fragilidade para categorizar este sinal visto que a configuração de mãos segue soletração canônica, o que altera é a velocidade da soletração, sendo assim caso haja uma soletração mais lenta, é possível que outro pesquisador categorize essa sinalização como soletração apenas e não soletração rítmica. O sinal pode ser visualizado no Quadro 109.

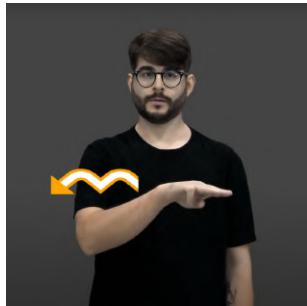
Quadro 109 — Maré (variação 1)

Maré — Variação 1		
		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total	
Link: https://youtu.be/wtOsy6owFzM		

Fonte: elaborado pelo autor.

Apenas dois participantes utilizaram o sinal específico para o bairro da Maré, sendo que um deles não soube explicar o sinal utilizado. O outro, por sua vez, declarou que a motivação do sinal está relacionada ao sinal MAR, com a configuração de mão alterada para a letra “M”, inicial do topônimo em português. Esse sinal também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação, que, ao observar, identificou duas possíveis motivações: a primeira, conforme mencionada pelo participante, e a segunda, que pode estar associada à representação da comunidade da região, cujo formato sinuoso reflete as diferentes altitudes observadas na área, além do empréstimo da letra inicial do topônimo.

Quadro 110 — Maré (variação 2)

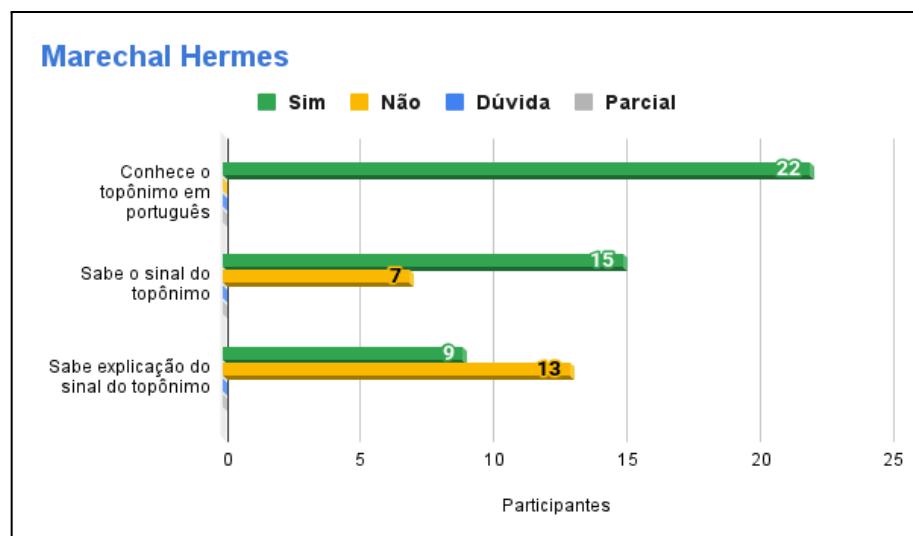
Maré — Variação 2		
		
 77	Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização	
Link: https://youtu.be/K1ASVajJUAE		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.12 Marechal Hermes

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. Quinze participantes afirmaram saber o sinal correspondente ao bairro; no entanto, apenas nove deles disseram saber a explicação do sinal utilizado. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 41.

Gráfico 41 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Marechal Hermes



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 34, apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Marechal Hermes. Um participante utilizou mais de um sinal. Oito utilizaram a “variação 1”, três utilizaram a “variação 2”, outros três utilizaram a “variação 3”, e dois utilizaram a “variação 4”. Além disso, sete recorreram à forma soletrada da palavra. Conclui-se que foram identificados quatro sinais distintos para esse bairro.

Tabela 34 — Resultados da coleta de dados sobre Marechal Hermes

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	8	3	3	2	7	4

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal mais frequente, com oito ocorrências, pode ser visualizado no Quadro 111. Note que este sinal e o sinal do Quadro 112 têm a mesma configuração de mão e movimento, mas variam quanto ao ponto de articulação e orientação da palma da mão.

Ainda sobre o Quadro 111, apenas quatro participantes apresentaram tentativas de explicação para a motivação desse sinal: dois mencionaram o uso de óculos redondos pelo ex-presidente Marechal Hermes da Fonseca, personalidade que dá nome ao bairro em português; outro participante sugeriu que o sinal poderia estar relacionado à suposta origem espanhola do homenageado, associando-o ao mesmo sinal utilizado para “espanhol”; e um quarto participante mencionou a possível existência, no bairro, de uma escola para cegos e de um hospital especializado em cirurgias oftalmológicas. No entanto, as fontes históricas consultadas não confirmam nenhuma dessas informações relacionadas ao ex-presidente ou ao bairro. O pesquisador desta dissertação, que utiliza esse sinal, não conseguiu identificar a motivação para o uso desse sinal em referência ao bairro de Marechal Hermes.

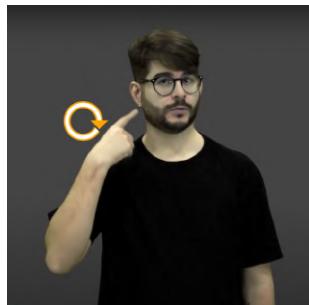
Quadro 111 — Marechal Hermes (variação 1)

Marechal Hermes — Variação 1		
		
 49	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/8KzjAa5a5g0		

Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo sinal, com três ocorrências, pode ser visualizado no Quadro 112. Trata-se de um sinal idêntico ao utilizado para “advogado”. Nem os participantes ou o próprio pesquisador desta dissertação conseguiram identificar a motivação para a associação desse sinal ao bairro de Marechal Hermes.

Quadro 112 — Marechal Hermes (variação 2)

Marechal Hermes — Variação 2		
		
 49	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/h81-dr7fl6o		

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 113 apresenta o sinal com três ocorrências. Segundo os

participantes, a motivação está relacionada a um empréstimo das iniciais das palavras que compõem o topônimo, “M” e “H”, caracterizando uma forma de soletração parcial.

Quadro 113 — Marechal Hermes (variação 3)

Marechal Hermes — Variação 3		
>	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração parcial</p>	
<p>Link: https://youtu.be/2cE9I66QvCI</p>		

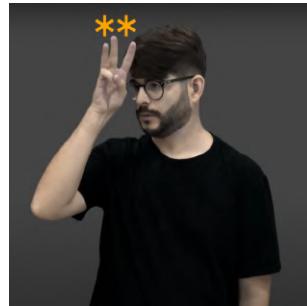
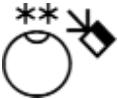
Fonte: elaborado pelo autor.

Dois participantes utilizaram o sinal que pode ser visualizado no Quadro 114. Segundo eles, a motivação está relacionada à presença do exército nas proximidades da região, com o uso da configuração de mão correspondente à letra “M”, com os dedos separados, em referência à inicial da primeira palavra do topônimo “Marechal”, comumente utilizada pelos cariocas no lugar do topônimo completo. Assim, o pesquisador identificou uma possível motivação visual complementar para o sinal: as três linhas dispostas na parte superior da boina do ex-presidente Hermes da Fonseca, sobrinho do primeiro presidente do Brasil, Deodoro da Fonseca⁵⁰, conforme ilustrado na figura 38.

⁵⁰ Ver

<https://presidentes.an.gov.br/index.php/arquivo-nacional/60-servicos/registro-de-autoridade/104-hermes-da-fonseca>. Acesso em: 07 jun. 2025.

Quadro 114 — Marechal Hermes (variação 4)

Marechal Hermes — Variação 4		
		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização	
Link: https://youtu.be/pcnv6W2mJ9s		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 38 — Marechal Hermes da Fonseca



Fonte: InfoEscola⁵¹.

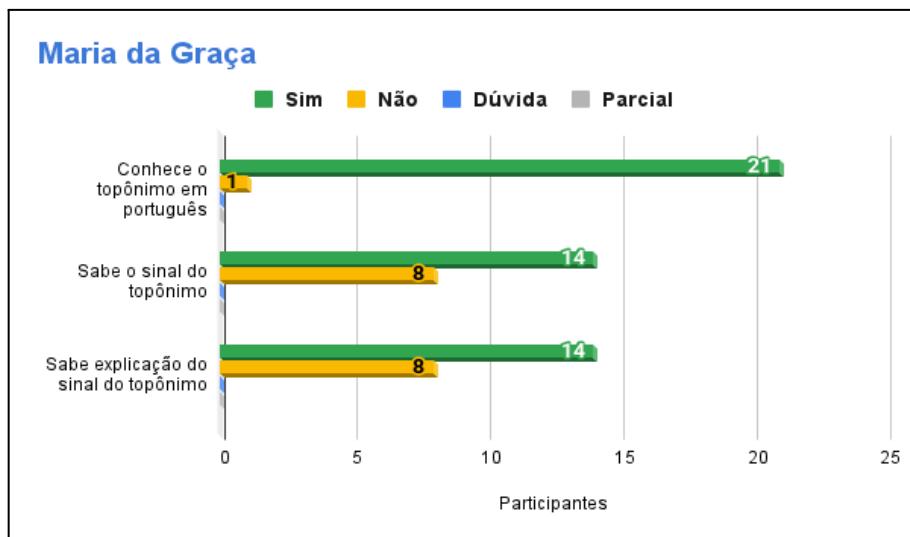
5.4.13 Maria da Graça

Quase todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, com exceção de apenas um, que afirmou nunca ter visto o nome do local. No entanto, quatorze declararam saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 42.

⁵¹ Disponível em:

<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/governo-do-marechal-hermes-da-fonseca/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

Gráfico 42 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Maria da Graça



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 35, apresenta-se os resultados da coleta de dados sobre o bairro Maria da Graça. Dois participantes utilizaram mais de um sinal. Dez utilizaram a “variação 1”, dois utilizaram a “variação 2”, outros dois utilizaram a “variação 3”, ainda outros dois utilizaram a “variação 4” e apenas um utilizou a “variação 5”. Além disso, sete recorreram à forma soletrada da palavra. Conclui-se que foram identificados cinco sinais distintos para esse bairro, mesmo que quatro deles tenham recebido baixo número de respostas.

Tabela 35 — Resultados da coleta de dados sobre Maria da Graça

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4	Sinal Variação 5	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	10	2	2	2	1	7	5

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal de maior frequência, com dez ocorrências, pode ser visualizado no Quadro 115 e, segundo os participantes, sua motivação está associada à primeira palavra do topônimo, relacionando-se à tradução da palavra “Maria” relacionada com a tradição cristã. A classificação toponímica corresponde a um empréstimo por calque parcial, uma vez que não ocorre a tradução completa do topônimo. Ressalta-se que esse sinal também é utilizado pelo pesquisador da dissertação.

Quadro 115 — Maria da Graça (variação 1)

Maria da Graça — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque parcial</p>	
Link: <u>https://youtu.be/Q5_ISyEpMNo</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Outro sinal é semelhante ao apresentado anteriormente e, segundo os participantes, sua motivação deriva de uma composição: o primeiro elemento corresponde à tradução literal da palavra “Maria” e o segundo à soletração rítmica, com execução ágil de todas as letras. Esse sinal pode ser visualizado no Quadro 116.

Quadro 116 — Maria da Graça (variação 2)

Maria da Graça — Variação 2		
		
	<p>Classificação toponímica: Misto</p> <p>+ Soletração rítmica GRAÇA</p>	
Link: <u>https://youtu.be/K5vAdJolQ2U</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal, registrado em duas ocorrências, é motivado, segundo os participantes, pela tradução literal completa do topônimo, com ênfase em seu aspecto religioso. O participante não considerou apenas a palavra “Maria”, frequentemente associada a esculturas e estátuas, considerou a tradução integral do nome do bairro, utilizando assim dois sinais para caracterizar Maria da Graça. O sinal pode ser visualizado no Quadro 117.

Quadro 117 — Maria da Graça (variação 3)

Maria da Graça — Variação 3	
	
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque total</p>
<p>Link: https://youtu.be/e6ja32QL1_I</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Segundo os participantes que utilizaram o sinal apresentado no Quadro 118, a motivação para esse sinal está associada às iniciais do topônimo em português, “M” e “G”.

Quadro 118 — Maria da Graça (variação 4)

Maria da Graça — Variação 4		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração parcial</p>	
<p>Link: https://youtu.be/Sab2dun9HPk</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Por fim, um único participante utilizou um sinal, apresentado no Quadro 119, com ênfase na soletração rítmica, realizando de forma ágil a soletração completa das palavras “Maria” e “Graça”, sem a utilização da preposição, e declarou essa motivação.

Quadro 119 — Maria da Graça (variação 5)

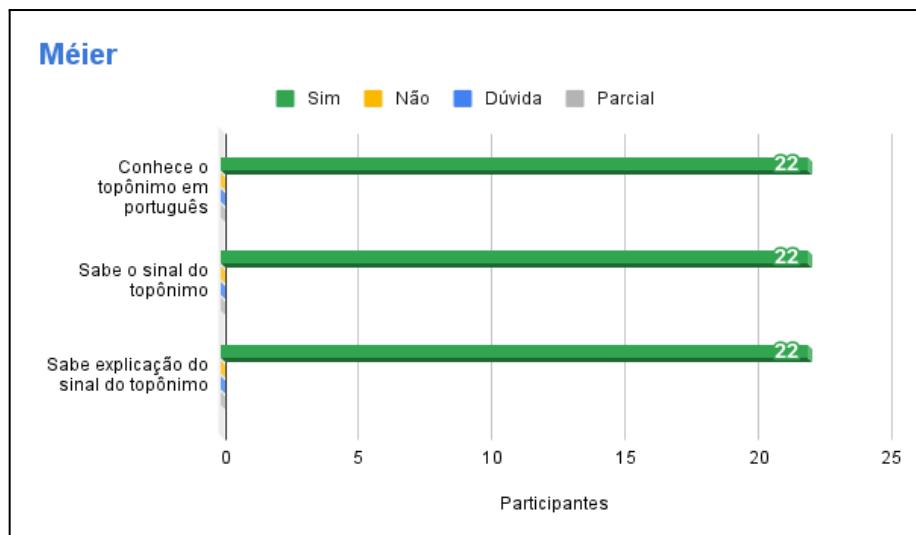
Maria da Graça — Variação 5		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/UXteguFIWF4</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.14 Méier

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 43.

Gráfico 43 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Méier



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 36, apresenta-se os resultados da coleta de dados sobre o bairro Méier. Quatro participantes utilizaram mais de um sinal. No total, 21 utilizaram a “variação 1”; dois, a “variação 2”; um, a “variação 3”; e três participantes utilizaram a “variação 4”, cada um com sua respectiva variante. Além disso, nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se que foram identificados quatro sinais distintos para esse bairro.

Tabela 36 — Resultados da coleta de dados sobre Méier

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4 Variante 1	Sinal Variação 4 Variante 2	Sinal Variação 4 Variante 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	21	2	1	1	1	1	0	4

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os participantes reportaram terem o hábito de utilizar a soletração rítmica para o sinal correspondente ao Méier, realizando a soletração de forma ágil, o que justifica a motivação do sinal. Inicialmente, soletram-se as letras “M” e “E”, com movimento do dedo mínimo estendendo e flexionando rapidamente, finalizando

com a letra “R”. Trata-se de um sinal já difundido na comunidade surda, o qual pode ser visualizado no Quadro 120 – é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 120 — Méier (variação 1)

Méier — Variação 1		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/t_mcDnTtWpE</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal é utilizado por dois participantes da faixa 40-49, que declararam que sua motivação está relacionada à inicial do topônimo, com movimento direcional repetitivo de cima-baixo, conforme pode ser observado no Quadro 121. Observa-se hoje menor presença deste sinal na produção atual.

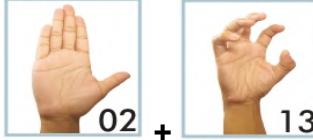
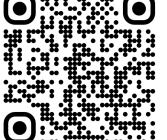
Quadro 121 — Méier (variação 2)

Méier — Variação 2		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/NVwhjV20dZs</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante, pertencente à faixa etária de 40-49 anos, utilizou um sinal antigo correspondente ao bairro, considerado nativo, conforme visualizado no Quadro 122, que foi gradativamente substituído ao longo do tempo pela soletração rítmica. O participante declarou que o sinal faz referência à Praça Agripino Grieco (Figura 39), conhecida como Pracinha do Méier pelos cariocas e situada junto à rua principal Dias da Cruz, onde, antigamente, os surdos costumavam se reunir com frequência. Acrescentou ainda que, atualmente, surdos jovens têm pouco contato com surdos idosos.

Quadro 122 — Méier (variação 3)

Méier — Variação 3		
		
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/P9t-r6xkbgl</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 39 — Praça Agripino Grieco, conhecida como Pracinha do Méier



Fonte: Wikimapia⁵².

⁵² Disponível em: <https://wikimapia.org/3521830/pt/Pra%C3%A7a-Agripino-Grieco>. Acesso em: 26 abr. 2025.

Três participantes utilizaram o sinal, composto por três variantes, e declararam que sua motivação está relacionada aos pilares de cores amarela e laranja com os nomes do bairro (Figura 40), distribuídos ao longo da rua principal Dias da Cruz. Relataram que se trata de uma inovação, ainda não validada, em razão da existência de diferentes variantes, decorrentes da variação no modo de execução do movimento e da configuração de mão, as quais podem ser visualizadas nos Quadros 123.1, 123.2 e 123.3. Os participantes explicaram que a mão não-dominante representa o pilar, enquanto a mão dominante representa a inicial do topônimo.

Figura 40 — Pilares do Méier



Fonte: foto tirada pelo autor.

Quadro 123.1 — Méier (variação 4 / variante 1)

Méier — Variação 4 / Variante 1			
+	<p>Classificação topográfica: Empréstimo / Inicialização</p>		
Link: https://youtu.be/9ZjRbYyl_D0			

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 123.2 — Méier (variação 4 / variante 2)

Méier — Variação 4 / Variante 2			
 + 	Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização		
Link: <u>https://youtu.be/FaSDmEsOjvA</u>			

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 123.3 — Méier (variação 4 / variante 3)

Méier — Variação 4 / Variante 3			
 + 	Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização		
Link: <u>https://youtu.be/y98leVwYI6Q</u>			

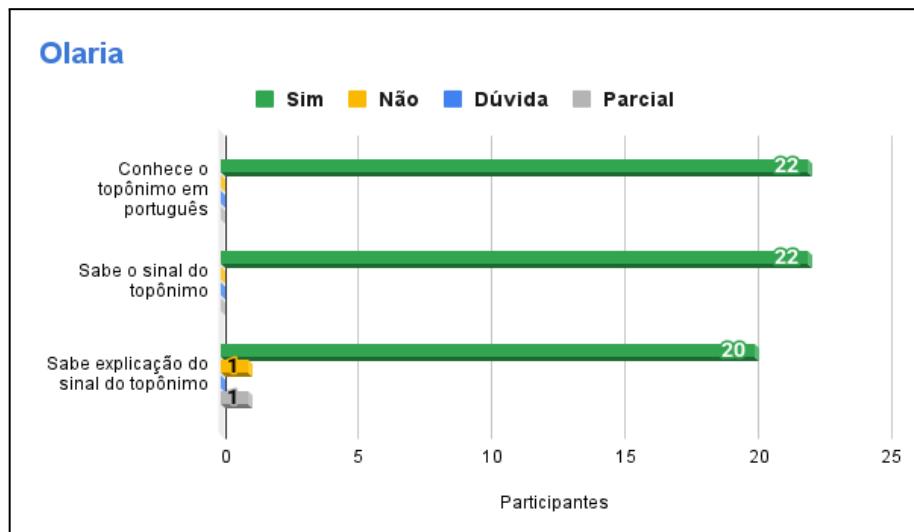
Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.15 Olaria

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. No entanto, apenas um deles

não soube explicar a motivação do sinal, enquanto outro apresentou uma explicação parcial, associando-a à região do peito. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 44.

Gráfico 44 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Olaria



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 37, apresenta-se os resultados da coleta de dados sobre o bairro Olaria. Quatro participantes utilizaram mais de um sinal. No total, 21 utilizaram a “variação 1”; quatro, a “variação 2”; e um, a “variação 3”. Além disso, nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se que foram identificados três sinais distintos para esse bairro.

Tabela 37 — Resultados da coleta de dados sobre Olaria

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
26	21	4	1	0	3

Fonte: elaborado pelo autor.

Quase todos os participantes apresentaram um sinal, que pode ser visualizado no Quadro 124, cuja motivação é a inicial do topônimo, a letra “O”. Com exceção daqueles que não souberam ou apresentaram explicações parciais, os demais associaram a tentativa de motivação à logomarca do time de futebol homônimo, Olaria Atlético Clube⁵³, assim como ocorre com os bairros Cascadura e Madureira. Esse sinal também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

⁵³Ver <https://historiadofutebol.com/blog/?p=124285>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Quadro 124 — Olaria (variação 1)

Olaria — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
Link: <u>https://youtu.be/q9UYyb2ZGp8</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quatro participantes adotaram a soletração rítmica para o bairro, realizando-a de forma ágil e soletrando todas as letras do topônimo. Este sinal pode ser visualizado no Quadro 125.

Quadro 125 — Olaria (variação 2)

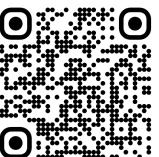
Olaria — Variação 2		
		
<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total</p>		
Link: <u>https://youtu.be/XD4Ww9e2agc</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal com a configuração de mão correspondente à inicial do topônimo, realizando um movimento tremulante. O participante declarou que a motivação do sinal está relacionada à representação da

inicial do topônimo por meio desse movimento. Este sinal pode ser visualizado no Quadro 126.

Quadro 126 — Olaria (variação 3)

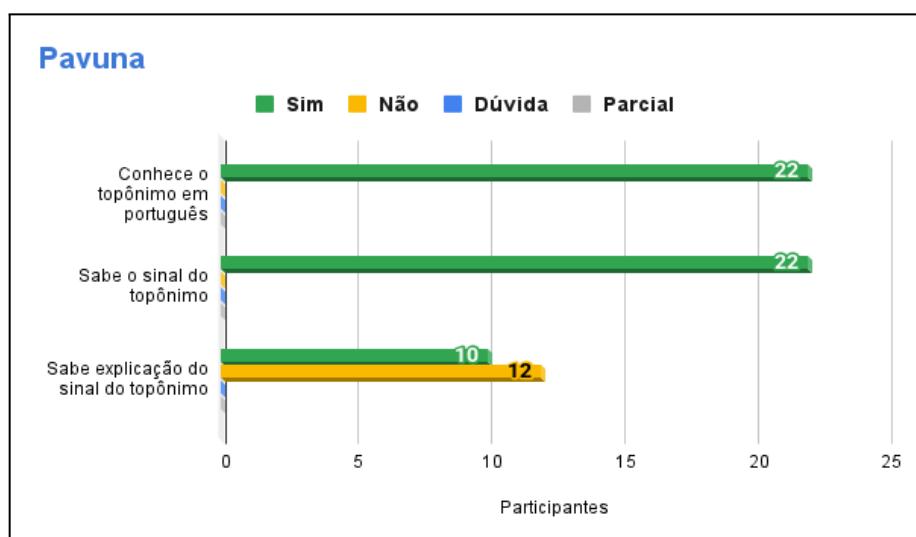
Olaria — Variação 3		
		
 73	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/yZW6DApFuxU</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.16 Pavuna

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. No entanto, apenas dez afirmaram saber a motivação do sinal utilizado. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 45.

Gráfico 45 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Pavuna



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 38 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro da Pavuna. Todos os participantes utilizaram um único sinal. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

Tabela 38 — Resultados da coleta de dados sobre Pavuna

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal de Pavuna, visualizado no Quadro 127, é amplamente utilizado na comunidade surda e também é adotado pelo pesquisador desta dissertação. Sua motivação, segundo os participantes, está relacionada ao fato de a região apresentar questões de precariedade quanto ao saneamento básico. No entanto, três desses participantes declararam que a motivação está associada a problemas históricos de saneamento básico, incluindo o esgoto a céu aberto, que afetaram a região.

Quadro 127 — Pavuna

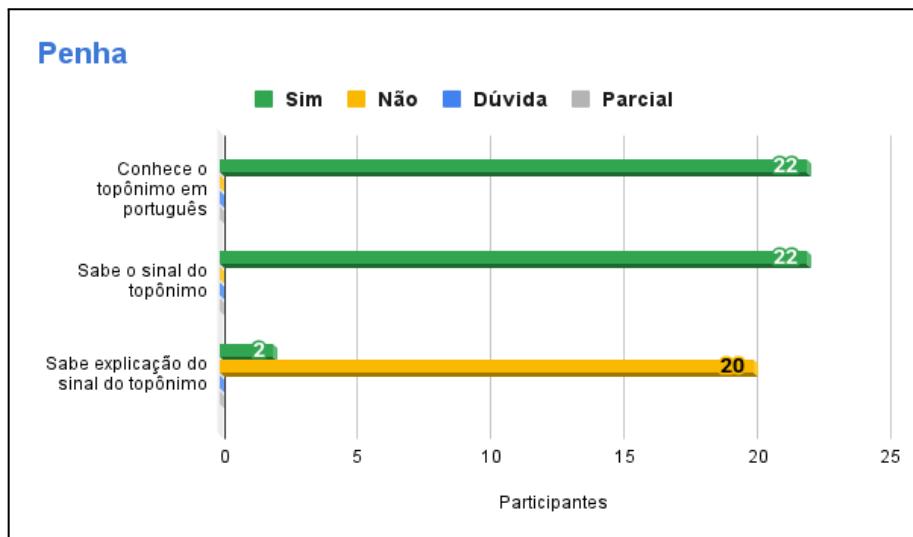
Pavuna			
	Classificação topográfica: Nativo		
Link: https://youtu.be/FXRSQ8Sf1tq			

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.17 Penha

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. No entanto, apenas dois afirmaram saber a motivação do sinal utilizado. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 46.

Gráfico 46 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Penha



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 39 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro da Penha. Quase todos os participantes, 21 pessoas, apresentaram o sinal de variação 1, enquanto nove apresentaram a “variação 2”. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para esse bairro.

Tabela 39 — Resultados da coleta de dados sobre Penha

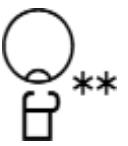
Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
30	21	9	0	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os participantes utilizaram o sinal, que pode ser visualizado no Quadro 128, assim como o próprio pesquisador. Apenas um participante declarou a possível motivação desse sinal, associando-o a uma hóstia (Figura 41), alimento feito de pão sem fermento e consagrado pelo Cristo, oferecido comumente em missas da religião católica, e portanto, na Igreja de Nossa Senhora da Penha, uma igreja católica, que

simboliza o bairro.

Quadro 128 — Penha (variação 1)

Penha — Variação 1		
		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/8WIPG XKZx3Y		

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 41 — Hóstia



Fonte: Coração Devoto⁵⁴.

Nove participantes adotaram o sinal para o bairro da Penha com a motivação de soletração rítmica. Esse sinal pode ser visualizado no Quadro 129. Inicialmente, soletra-se as letras “P”, “E”, “N”, aglutinando com a letra “H” e finalizando a letra “A”, com orientação de mão distinta da canônica, voltada para trás.

⁵⁴ Disponível em: <https://coracaodevoto.com.br/paginas/artigos/18>. Acesso em: 26 abr. 2025.

Quadro 129 — Penha (variação 2)

Penha — Variação 2	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total
Link: https://youtu.be/4Z5bkXWvtxY	

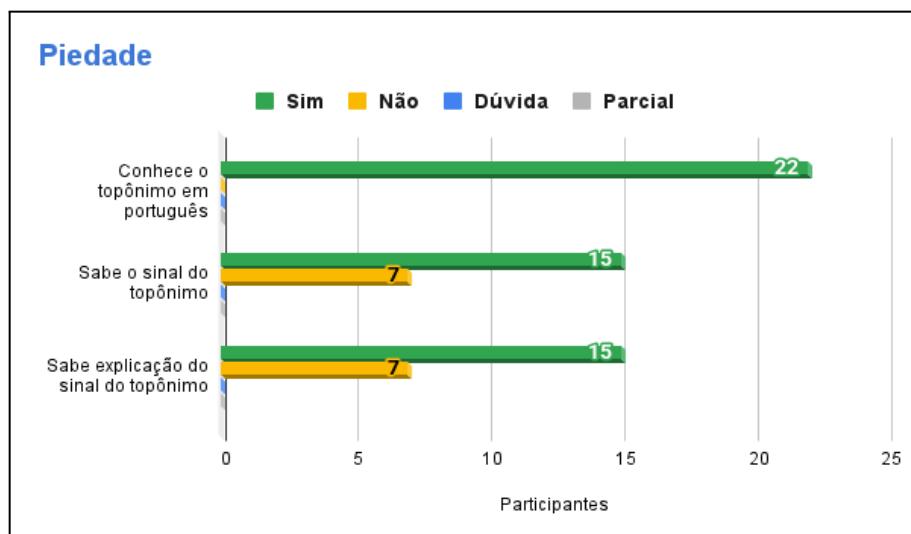
Fonte: elaborado pelo autor.

O pesquisador desta dissertação utiliza as duas variações.

5.4.18 Piedade

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas quinze conheciam o sinal correspondente e sua motivação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 47.

Gráfico 47 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Piedade



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 40 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro de Piedade. Apenas um participante utilizou duas formas: uma de palavra soletrada e uma de sinal específico. Quatorze participantes apresentaram o sinal de variação 1, enquanto apenas um apresentou a “variação 2”. Oito participantes recorreram à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para esse bairro.

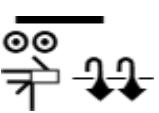
Tabela 40 — Resultados da coleta de dados sobre Piedade

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	14	1	8	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes utilizaram o sinal que pode ser visualizado no Quadro 130, assim como o pesquisador desta dissertação. Sua motivação corresponde a uma possível tradução com motivação religiosa da palavra do topônimo.

Quadro 130 — Piedade (variação 1)

Piedade — Variação 1		
		
	<p>Classificação topográfica: Empréstimo / Calque total</p>	
<p>Link: https://youtu.be/p0NKT_IhG7Y</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal para o bairro Piedade, que pode ser visualizado no Quadro 131. Assim como o bairro vizinho (Abolição), o participante declarou que o sinal era motivado pelo sinal da associação de surdos, a AACD, localizada no mesmo bairro.

Quadro 131 — Piedade (variação 2)

Piedade — Variação 2		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: <u>https://youtu.be/1AverU5ZRKg</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Os oito participantes que desconhecem o sinal específico adotaram a forma soletrada do topônimo, que pode ser visualizado no Quadro 132, sendo que um deles não concordou com a “variação 1”.

Quadro 132 — Piedade (palavra soletrada)

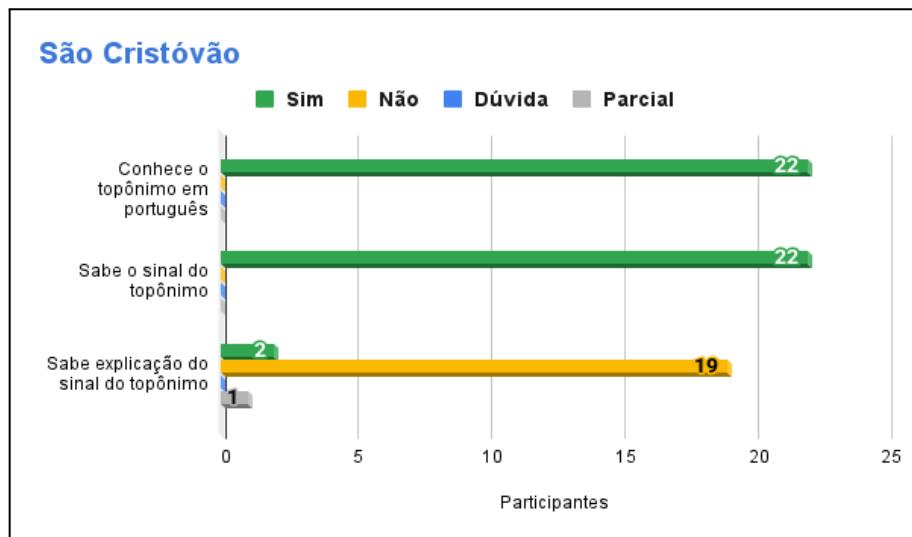
Piedade — Palavra soletrada		
Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração total		
Link: <u>https://youtu.be/0YNYCxg93pk</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.19 São Cristóvão

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, assim como o sinal correspondente. No entanto, apenas um conseguiu explicar parcialmente, e dois souberam dar uma explicação total para o sinal utilizado. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 48.

Gráfico 48 — Respostas dos participantes sobre o topônimo São Cristóvão



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 41 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro São Cristóvão. O sinal é composto de três variantes, com diferenças no movimento. Apenas um participante utilizou mais de uma variante. Quatorze participantes apresentaram a “variante 1”, enquanto oito apresentaram a “variante 2” e um apresentou a “variante 3”. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um sinal para esse bairro, com três variantes.

Tabela 41 — Resultados da coleta de dados sobre São Cristóvão

Total de sinais coletados	Sinal Variante 1	Sinal Variante 2	Sinal Variante 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	14	8	1	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Nos Quadros 133.1, 133.2 e 133.3 são apresentados as variantes do sinal para o bairro São Cristóvão. Um único participante utilizou o sinal da variante 1

(Quadro 133.1) e declarou que, por ser um bairro imperial, a motivação pode ser relacionada à primeira letra de Pedro, “P”, sendo o primeiro toque do sinal associado a Pedro I e segundo toque a Pedro II. No entanto, afirmou que não há certeza, oferecendo uma explicação parcial. Esse sinal também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

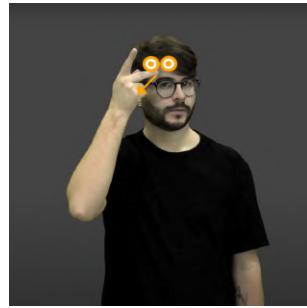
Cada um de dois participantes que utilizou a “variante 2” (Quadro 133.2) e a “variante 3” (Quadro 133.3) observou que o sinal pode estar relacionado à percepção do termo em comparação com São Paulo e seu respectivo sinal.

Quadro 133.1 — São Cristóvão (variante 1)

São Cristóvão — Variante 1			
	<p>Classificação topográfica: Nativo</p>		
<p>Link: https://youtu.be/nfzwjq_Mfc</p>			

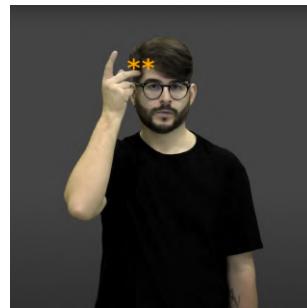
Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 133.2 — São Cristóvão (variante 2)

São Cristóvão — Variante 2		
		
	Classificação toponímica: Nativo	
Link: https://youtu.be/X5iREoQdbjA		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 133.3 — São Cristóvão (variante 3)

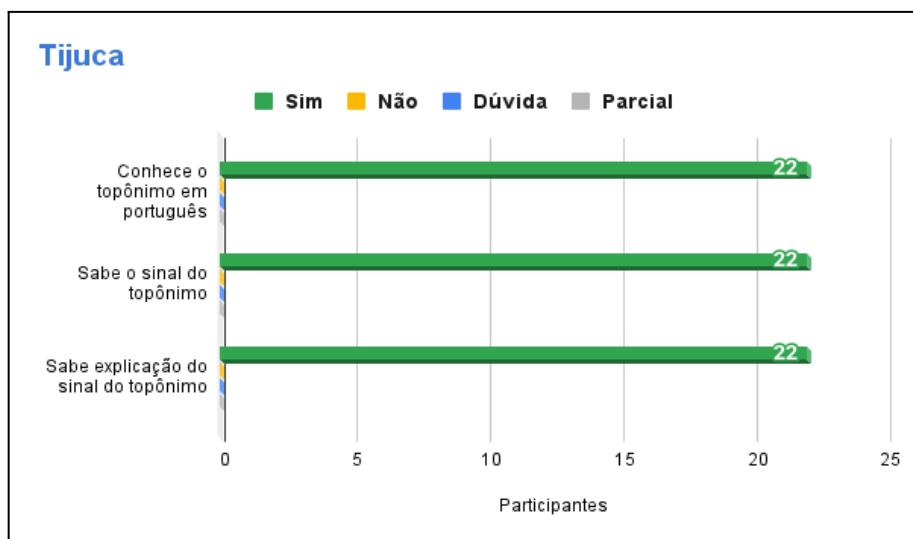
São Cristóvão — Variante 3		
		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Calque imperfeito	
Link: https://youtu.be/DCuMUggU2RE		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.20 Tijuca

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 49.

Gráfico 49 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Tijuca



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 42 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Tijuca. Todos os participantes utilizaram um único sinal. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

Tabela 42 — Resultados da coleta de dados sobre Tijuca

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os participantes utilizaram o sinal com a motivação de soletração rítmica. Soletra-se, de maneira ágil, a letra “T” e “J” (sendo que a letra “J” já está incorporada à letra “I”, por possuírem a mesma configuração de mão), seguidas das letras “C” e “A”. Nota-se o apagamento da letra “U”. O sinal pode ser visualizado no Quadro 134 e é amplamente utilizado pela comunidade surda, sendo também adotado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 134 — Tijuca

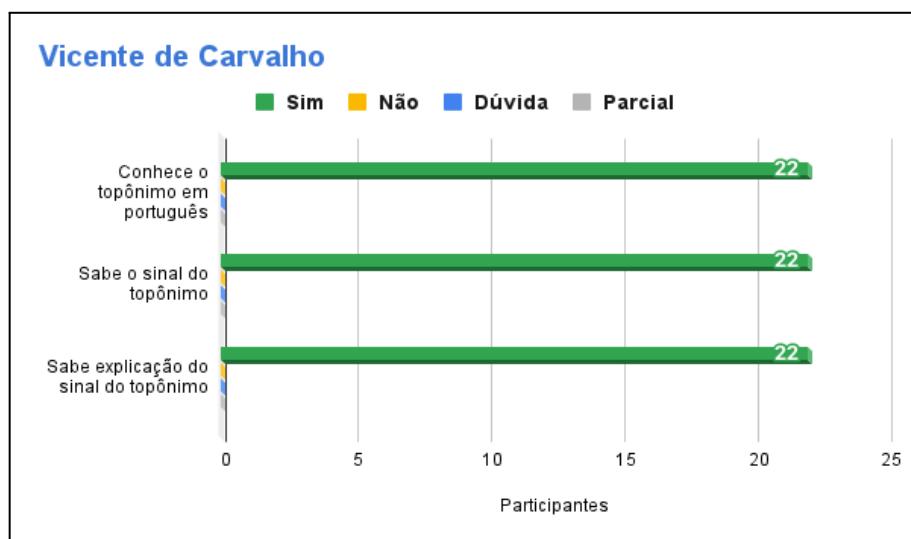
Tijuca	
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica parcial</p> 
<p>Link: https://youtu.be/T-Rv9ig-DDw</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.21 Vicente de Carvalho

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 50.

Gráfico 50 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vicente de Carvalho



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 43 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro

Vicente de Carvalho. Todos os participantes utilizaram um único sinal, e nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

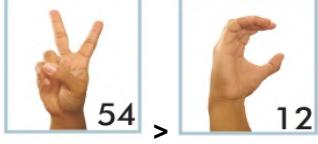
Tabela 43 — Resultados da coleta de dados sobre Vicente de Carvalho

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos participantes utilizaram o sinal representado no espaço neutro, conforme apresentado no Quadro 135. Eles declararam que o sinal é um empréstimo das primeiras letras das palavras “Vicente” e “Carvalho” — V e C. Este também é adotado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 135 — Vicente de Carvalho

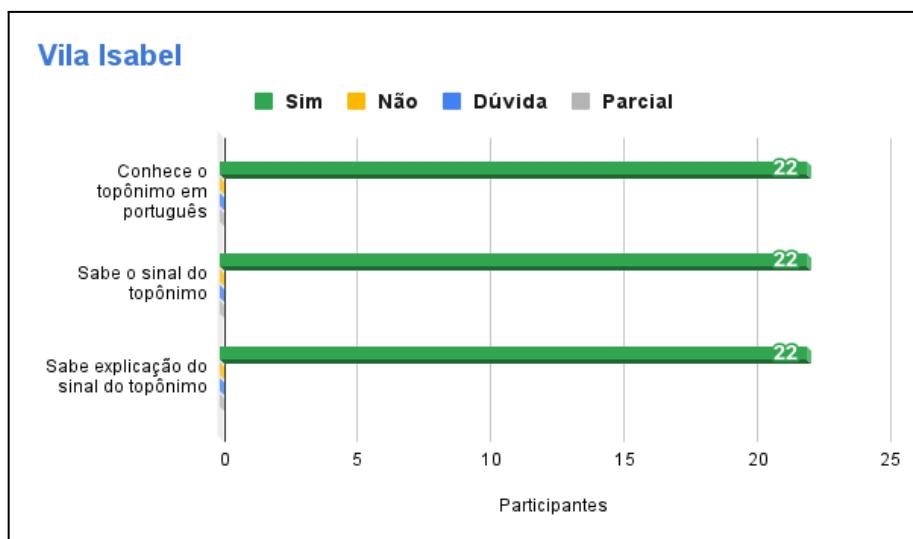
Vicente de Carvalho		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração parcial</p>	
<p>Link: https://youtu.be/q3zfFVF1Pb4</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.4.22 Vila Isabel

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 51.

Gráfico 51 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vila Isabel



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 44 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Vila Isabel. Três participantes utilizaram duas variações. Dezessete utilizaram a “variação 1”, enquanto oito utilizaram a “variação 2”. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para esse bairro.

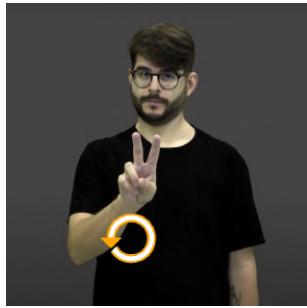
Tabela 44 — Resultados da coleta de dados sobre Vila Isabel

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
25	17	8	0	2

Fonte: elaborado pelo autor.

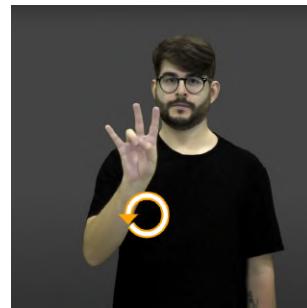
Tanto no Quadro 136 quanto no Quadro 137, a única diferença está no dedo mínimo para representar a letra inicial da segunda palavra do topônimo. Na primeira variação, os participantes relataram que a motivação vem da inicial da primeira palavra, enquanto na segunda variação, os participantes afirmaram que a motivação está nas iniciais das duas palavras, utilizando a mesma mão, com dedos anelar e polegar flexionados. Nota-se que na segunda variação observamos uma configuração de mão não atestada na tabela de configurações do INES. Percebe-se uma composição das letras iniciais do bairro produzido de forma simultânea. Uma pergunta que requer maior aprofundamento é se essa seria uma nova configuração de fato ou se temos duas configurações já atestadas CM 54 e 65 realizadas de forma simultânea. O pesquisador desta dissertação utiliza as duas variações.

Quadro 136 — Vila Isabel (variação 1)

Vila Isabel — Variação 1		
		
 54	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
Link: https://youtu.be/uhws00o_ZbU		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 137 — Vila Isabel (variação 2)

Vila Isabel — Variação 2		
		
Não disponível do INES. CM diferente.	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
Link: https://youtu.be/BTgYlf4uvzk		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5 ZONA OESTE

Ao contrário das demais zonas, a Zona Oeste do Rio de Janeiro é uma região extensa e em rápido crescimento, tanto em termos populacionais quanto em

desenvolvimento⁵⁵. Esta região possui bairros com grandes extensões territoriais, totalizando 44 bairros.

Na lista de bairros selecionados para a investigação, foram incluídos 12 bairros, conforme apresentado no Quadro 138.

Quadro 138 — Bairros listados da zona oeste do Rio de Janeiro para coleta de dados

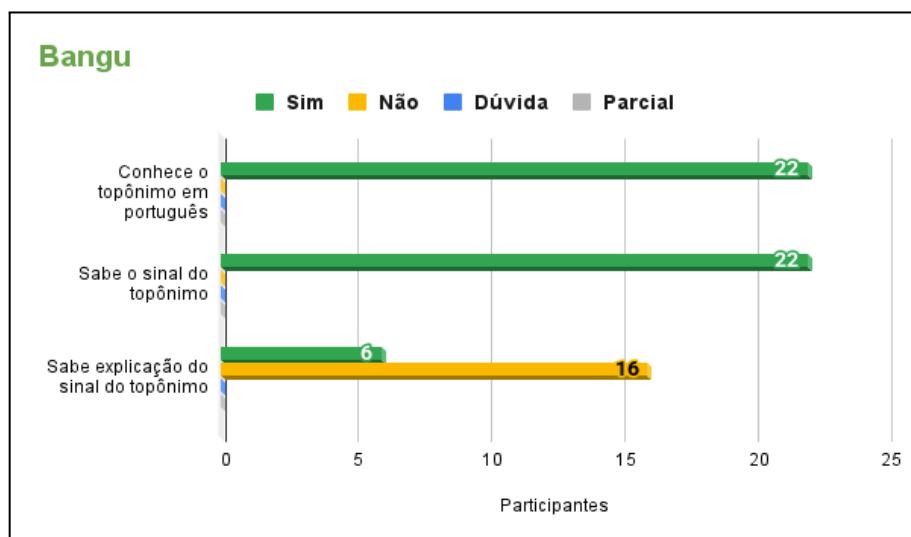
Bairros listados da Zona Oeste			
Bangu	Barra da Tijuca	Campo Grande	Deodoro
Guaratiba	Jacarepaguá	Praça Seca	Realengo
Recreio dos Bandeirantes	Santa Cruz	Taquara	Vila Valqueire

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.1 Bangu

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. No entanto, apenas seis afirmaram saber a explicação da motivação para o topônimo. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 52.

Gráfico 52 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Bangu



Fonte: elaborado pelo autor.

⁵⁵ Ver

<https://abctoabc.com.br/barra-da-tijuca-e-resto-da-zona-oeste-crescem-no-rio-enquanto-resto-da-cidade-encolhe/#fechar-aviso> e <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/ibge-bairros-na-zona-oeste-do-rio-crescem-ate-150.html>. Acesso em: 06 nov. 2024.

A Tabela 45 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Bangu. Todos os participantes utilizaram um único sinal. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

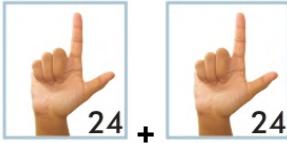
Tabela 45 — Resultados da coleta de dados sobre Bangu

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Como mencionado, todos os participantes utilizaram um sinal, conforme visualizado no Quadro 139, apenas seis deles souberam explicar a possível motivação para esse sinal. Quatro participantes declararam que a motivação relaciona-se a um equipamento de costura utilizado na fábrica de tecidos em Bangu, atualmente Bangu Shopping, o que faz mais sentido. Um deles afirmou que a motivação vem da expressão “Bang-bang”, devido à configuração de mão, que se assemelha a uma arma de fogo, o que não faz sentido, e outro declarou que sua motivação é semelhante à da palavra Bauru, dado que os dois sinais são produzidos da mesma forma, são idênticos. Conclui-se que a motivação desse sinal está mais relacionada à fábrica de tecidos, ícone do bairro, corroborando a hipótese do pesquisador desta dissertação, que também utiliza esse sinal. O sinal é produzido com duas mãos, com o contato entre os dedos polegares, com os dedos indicadores selecionado com movimento repetido de flexionar e estender a falange medial e com a orientação da palma da mão voltada para baixo.

Quadro 139 — Bangu

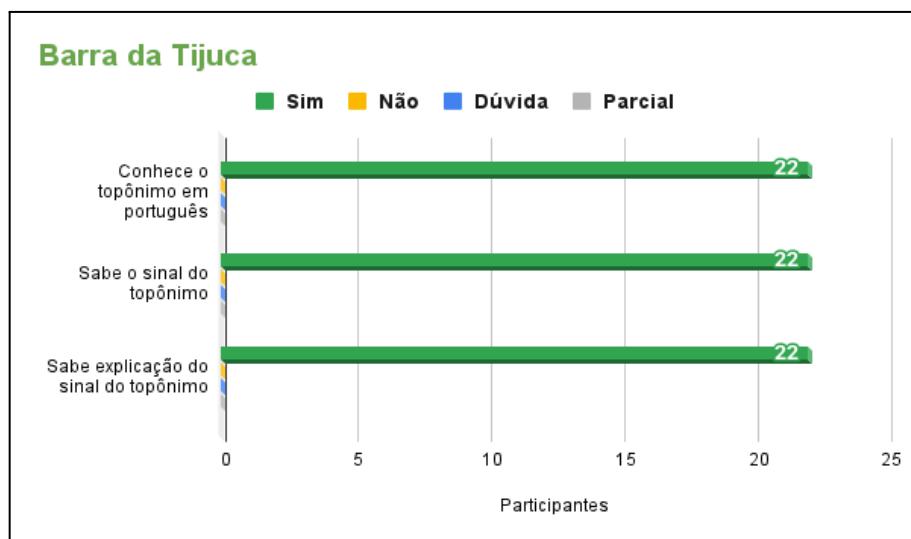
Bangu	
 +	Classificação toponímica: Nativo
Link: https://youtu.be/l4E3QBF9cx8	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.2 Barra da Tijuca

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 53.

Gráfico 53 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Barra da Tijuca



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 46 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Barra

da Tijuca. Dois participantes utilizaram duas variações. Quinze utilizaram a “variação 1”, enquanto nove utilizaram a “variação 2”. Nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para esse bairro.

Tabela 46 — Resultados da coleta de dados sobre Barra da Tijuca

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	15	9	0	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes utilizaram o sinal referente apenas à primeira palavra do topônimo, cuja motivação se baseia na soletração rítmica. Soletram ritmicamente totalmente a palavra, inicia-se às letras “B” e “A”, realizando um movimento semicircular com o “R”, incluindo o dedo polegar estendido para finalizar com a letra “A”. O sinal pode ser visualizado no Quadro 140 e também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 140 — Barra da Tijuca (variação 1)

Barra da Tijuca — Variação 1		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica parcial</p>	
Link: https://youtu.be/UIMmGDVjCjA		

Fonte: elaborado pelo autor.

Além do sinal anterior, os participantes utilizaram o sinal do Quadro 140 complementando com a soletração da segunda palavra do topônimo em português utilizando o sinal correspondente ao da Tijuca. Soletra-se, também de maneira ágil, a letra “T” e “J” (sendo que a letra “J” já está incorporada à letra “I”, por possuírem a mesma configuração de mão), seguidas das letras “C” e “A”. A letra “U” foi eliminada.

Esse sinal pode ser visualizado no Quadro 141, e sua motivação refere-se à soletração rítmica parcial.

Quadro 141 — Barra da Tijuca (variação 2)

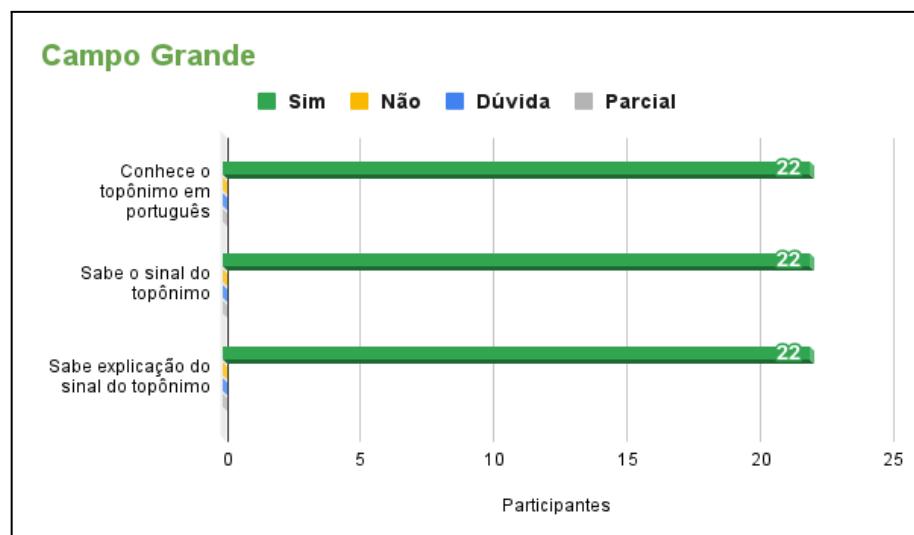


Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.3 Campo Grande

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente e sua explicação. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 54.

Gráfico 54 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Campo Grande



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 47 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Campo Grande. Todos os participantes utilizaram um único sinal, e nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

Tabela 47 — Resultados da coleta de dados sobre Campo Grande

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Todos participantes produziram o sinal no espaço neutro, conforme apresentado no Quadro 142. Eles declararam que o sinal corresponde a um empréstimo das iniciais das palavras “Campo” e “Grande” — C e G. Esse sinal também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação.

Quadro 142 — Campo Grande

Campo Grande		
		
 12 >  50	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração parcial</p>	
<p>Link: https://youtu.be/bZZmrySw-4U</p>		

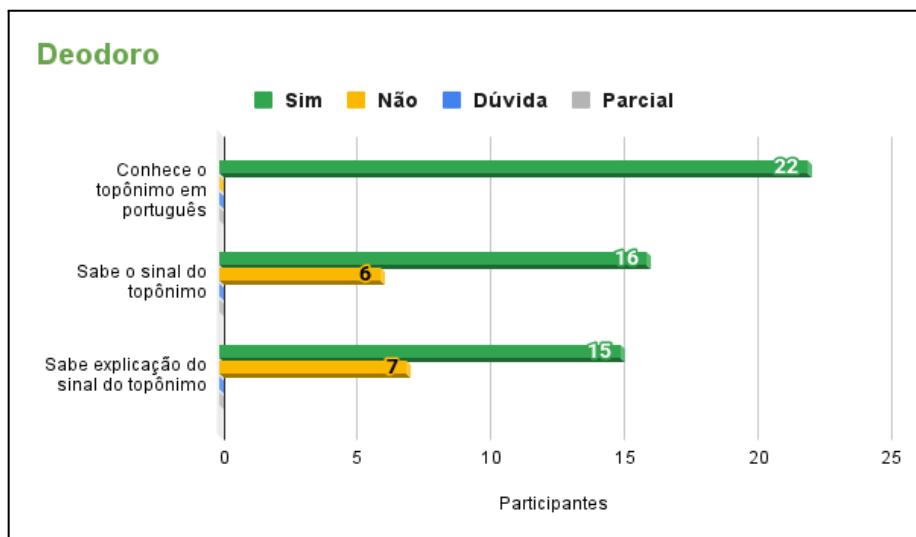
Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.4 Deodoro

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, dezesseis conheciam um sinal correspondente, e quinze deles sabiam uma possível explicação para o sinal. Os resultados podem ser

visualizados no Gráfico 55.

Gráfico 55 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Deodoro



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Tabela 48, apresenta-se os resultados da coleta de dados sobre o bairro Deodoro. Quinze pessoas utilizaram a “variação 1”, enquanto apenas uma utilizou a “variação 2”. Além disso, seis participantes recorreram à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para esse bairro.

Tabela 48 — Resultados da coleta de dados sobre Deodoro

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	15	1	6	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes utilizaram o sinal apresentado no Quadro 143, o qual também é utilizado pelo pesquisador desta dissertação. Segundo os participantes, a motivação desse sinal está associada a um soldado do Exército, que se localiza nas proximidades da região. O sinal é realizado com a configuração de mão da letra “U”, com duplo toque na têmpora, com a orientação da palma da mão direcionada para a diagonal com movimento baixo.

Quadro 143 — Deodoro (variação 1)

Deodoro — Variação 1		
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/66i8FSUW1yU</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante, mais jovem, utilizou um sinal apresentado no Quadro 144, mas não soube explicar sua motivação. Portanto, na percepção do pesquisador, o sinal é motivado pela inicial do topônimo, a letra “D”, que localiza-se especificamente no peito com contato e duplo toque, assim como os sinais de Cascadura, Madureira e Olaria. Também esse sinal pode estar relacionado à logomarca de um time de futebol Deodoro Atlético Clube⁵⁶.

Quadro 144 — Deodoro (variação 2)

Deodoro — Variação 2		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/l7KT0sY9mg</p>		

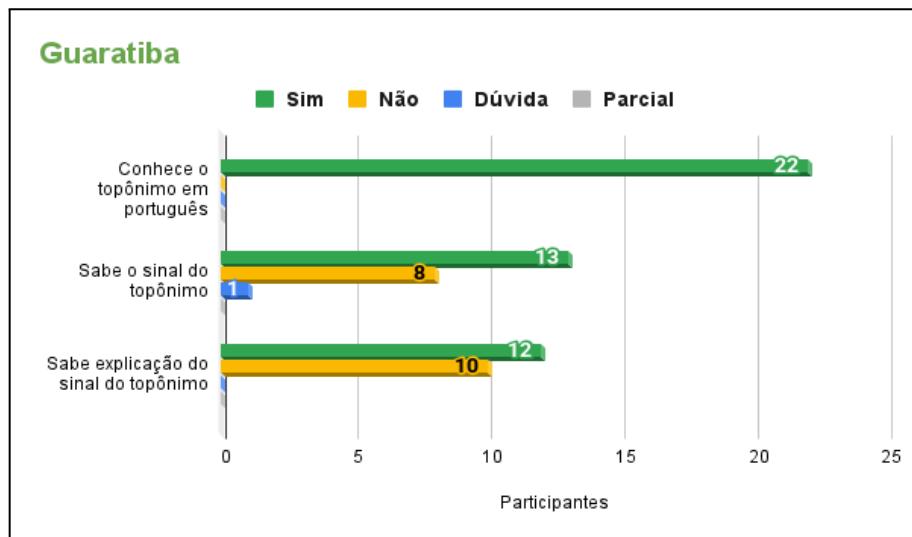
Fonte: elaborado pelo autor.

⁵⁶ Ver <https://historiadofutebol.com/blog/?p=108140>. Acesso em 27 abr. 2025.

5.5.5 Guaratiba

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, treze conheciam um sinal correspondente, e apenas um estava em dúvida ao produzir seu sinal. Doze afirmaram saber a possível explicação para o sinal produzido. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 56.

Gráfico 56 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Guaratiba



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 49 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Guaratiba. Todos os participantes utilizaram um único sinal, e nove participantes recorreram à palavra soletrada, que nesta dissertação não é classificada como sinal. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para esse bairro.

Tabela 49 — Resultados da coleta de dados sobre Guaratiba

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	13	9	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes utilizaram um sinal único para o bairro, também utilizado pelo pesquisador desta dissertação, que pode ser visualizado no Quadro 145. A motivação, segundo eles, é um empréstimo da inicial da palavra do topônimo em português, a letra “G”. O sinal utilizado para Guaratiba corresponde a um empréstimo da configuração de mão “G”, com orientação da palma da mão voltada para forma contralateral, acompanhada de um movimento tremulante. Contudo,

apenas dois participantes complementaram que o sinal pode ter uma possível relação com o sinal de “guaraná”, dado que é o mesmo sinal de Guaratiba, devido às duas primeiras sílabas das duas palavras, GUARA-.

Quadro 145 — Guaratiba

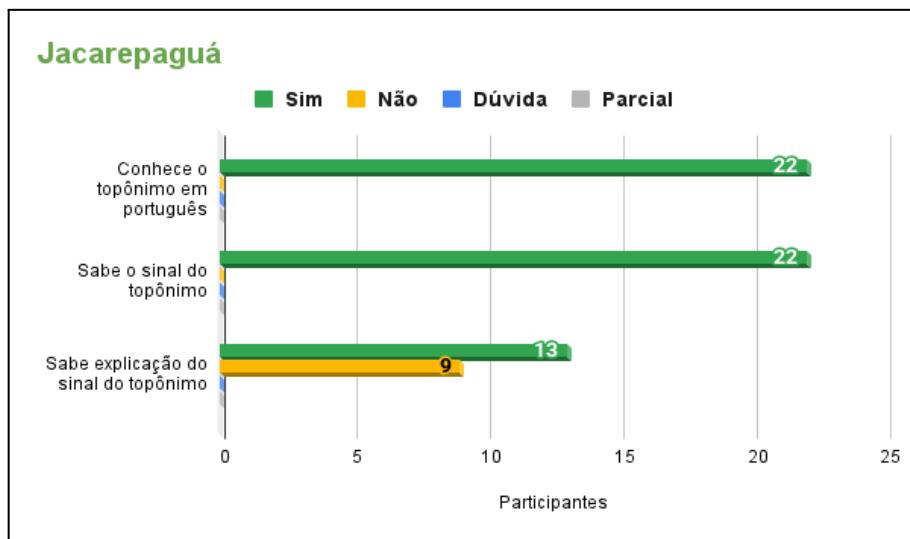
Guaratiba		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/gCL_FKjWQW0</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.6 Jacarepaguá

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português, bem como saber o sinal correspondente. No entanto, apenas 13 souberam explicar a possível explicação para o sinal utilizado. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 57.

Gráfico 57 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Jacarepaguá



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 50 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Jacarepaguá. Todos utilizaram um único sinal. Além disso, nenhum participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para o bairro.

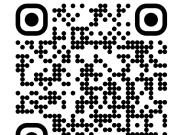
Tabela 50 — Resultados da coleta de dados sobre Jacarepaguá

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
22	22	0	1

Fonte: elaborado pelo autor.

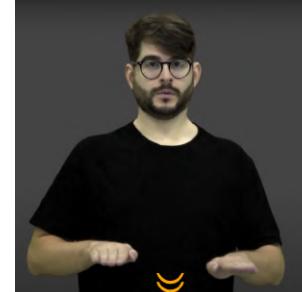
Os participantes utilizaram um sinal específico para o bairro Jacarepaguá, o mesmo utilizado pelo pesquisador desta dissertação. Esses 13 participantes declararam que a motivação do sinal pode ser associada ao termo para o topônimo, especialmente ao radical “JACARE-”, relacionando-o ao termo que designa o animal, possivelmente utilizando um classificador para representar um jacaré andando na água, com o movimento alternado das mãos. O sinal apresenta variantes, a diferença é a seleção do dedo polegar, que pode ser visualizado nos Quadros 146.1 e 146.2. É possível que estejamos diante de um caso de alofonia, mesmo contexto ocorre no sinal de INES, que também é produzido com ou sem o polegar.

Quadro 146.1 — Jacarepaguá (variante 1)

Jacarepaguá (variante 1)		
		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Calque parcial	
Link: <u>https://youtu.be/hUZuMiDabvg</u>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 146.2 — Jacarepaguá (variante 2)

Jacarepaguá (variante 2)		
		
	Classificação toponímica: Empréstimo / Calque parcial	
Link: <u>https://youtu.be/qPO3BPJTIL1</u>		

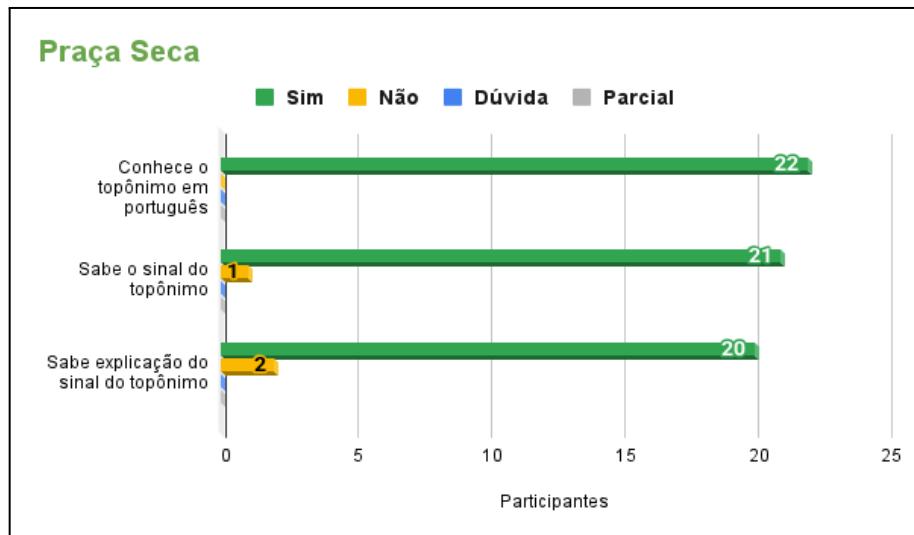
Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.7 Praça Seca

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas um não soube o sinal correspondente, e dois não

souberam explicar a motivação do sinal. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 58.

Gráfico 58 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Praça Seca



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 51 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Praça Seca. Apenas dois participantes utilizaram mais de um sinal. Doze participantes apresentaram a “variação 1”, enquanto seis apresentaram a “variação 2”, cinco apresentaram a “variação 3”, e apenas um apresentou a “variação 4”. Além disso, apenas um participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados quatro sinais para esse bairro.

Tabela 51 — Resultados da coleta de dados sobre Praça Seca

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
25	12	6	5	1	1	4

Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos participantes, com 12 ocorrências, bem como o pesquisador desta dissertação, utilizou o sinal correspondente ao bairro, apresentado no Quadro 147. De acordo com os relatos, a motivação para o sinal é composta: o primeiro elemento refere-se à tradução literal da primeira palavra do topônimo “Praça”, enquanto o segundo elemento consiste na soletração rítmica, realizada de maneira ágil. A letra “C” é orientada com a palma da mão voltada para frente.

Quadro 147 — Praça Seca (variação 1)

Praça Seca — Variação 1	
	 Soletração rítmica SECA
 Soletração rítmica SECA	Classificação toponímica: Misto
Link: https://youtu.be/PcgKyhEKYCI	

Fonte: elaborado pelo autor.

Seis participantes recorreram à soletração rítmica completa do topônimo, que pode ser visualizado no Quadro 148, com as letras “Ç” e “C” que são orientadas com a palma da mão voltadas para frente.

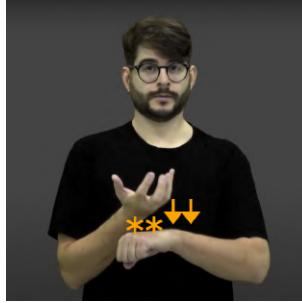
Quadro 148 — Praça Seca (variação 2)

Praça Seca — Variação 2	
	
	Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica total
Link: https://youtu.be/fd7qmeWDCtg	

Fonte: elaborado pelo autor.

Cinco participantes utilizaram um sinal, apresentado no Quadro 149, cuja motivação corresponde a um calque parcial do topônimo, com ênfase na tradução literal da primeira palavra “Praça”, sinal tipicamente utilizado pelos surdos cariocas.

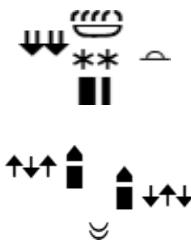
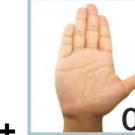
Quadro 149 — Praça Seca (variação 3)

Praça Seca — Variação 3	
	
 + 	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Calque parcial</p>
<p>Link: https://youtu.be/TgO-13FeGO8</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal composto, apresentado no Quadro 150, cuja motivação é composta: o primeiro associa-se à tradução literal da primeira palavra do topônimo, enquanto o segundo relaciona o sinal de Jacarepaguá, apresentado na subseção anterior. Ele declarou que o bairro integra a região da Baixada de Jacarepaguá.

Quadro 150— Praça Seca (variação 4)

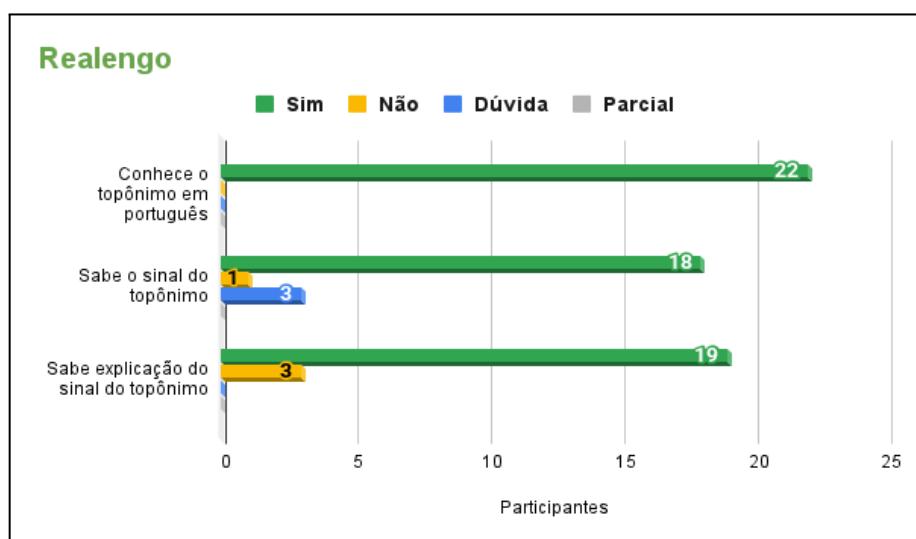
Praça Seca — Variação 4	
	
 +  >  + 	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
<p>Link: https://youtu.be/FOSPUvi2Vrs</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.8 Realengo

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas um afirmou não saber o sinal correspondente, e três demonstraram insegurança na produção de sinal, por não terem certeza sobre sua forma correta. Ademais, três participantes não souberam explicar a motivação do sinal produzido. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 59.

Gráfico 59 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Realengo



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 52 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Realengo. Apenas quatro participantes utilizaram mais de um sinal. Vinte participantes apresentaram a “variação 1”, enquanto quatro apresentaram a “variação 2”, e apenas um apresentou a “variação 3”. Além disso, apenas um participante recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados três sinais para esse bairro.

Tabela 52 — Resultados da coleta de dados sobre Realengo

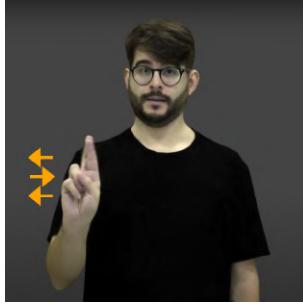
Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
26	20	4	1	1	3

Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos participantes, com 20 ocorrências, utilizou um sinal correspondente ao bairro Realengo, apresentado no Quadro 151. Segundo os

participantes, a motivação está relacionada a um empréstimo da letra inicial do topônimo, produzida com a mão da letra “R”, com movimento tremulante lateral repetido, começando contralateral para ipsilateral.

Quadro 151 — Realengo (variação 1)

Realengo — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/TC4gTZxKbgY</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Quatro participantes utilizaram um sinal, apresentado no Quadro 152, também empregado pelo pesquisador desta dissertação. Segundo eles, a motivação desse sinal está associada a um antigo parque de diversões localizado no bairro. O sinal segue a estrutura do sinal de roda-gigante, em que a mão não-dominante atua como um anteparo para a mão dominante, sendo que a configuração de mão dominante foi substituída pela inicial do topônimo, a letra “R” e não configuração do numeral 5. O sinal é empregado com duas mãos, sendo a mão não-dominante aberta, de orientação da palma da mão para o lado contralateral e a mão dominante com movimento circular do sentido horário, começando para frente. Encontrou-se nesta dissertação apenas uma variação para Recreio dos Bandeirantes com uso da mão não-dominante como anteparo. A motivação em Recreio foi atribuída à formação de sinais para igrejas. Talvez para falantes mais jovens o sinal de Realengo não seja atribuído a uma relação com roda-gigante, mas a igrejas, dado a presença de sinais com essa configuração de mão (e.g. Igreja Batista da Vila da Penha, Igreja Batista do Recreio).

Quadro 152 — Realengo (variação 2)

Realengo — Variação 2		
 + 	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização</p>	
<p>Link: https://youtu.be/wZ59pHsHnak</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Único participante, residente da Zona Oeste, utilizou um sinal composto, conforme apresentado no Quadro 153. De acordo com o participante, a motivação desse sinal composto é a seguinte: o primeiro elemento corresponde à primeira letra do topônimo, a letra “R”, enquanto o segundo sinal refere-se ao sinal BANGU. O participante relatou que a combinação com o sinal de Bangu ocorre devido à proximidade geográfica do bairro.

Quadro 153 — Realengo (variação 3)

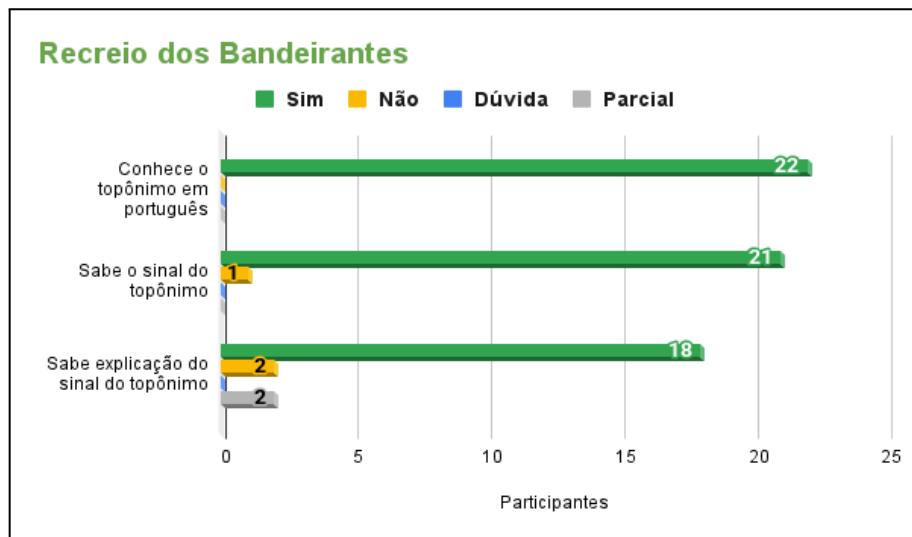
Realengo — Variação 3		
 >  + 	<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
<p>Link: https://youtu.be/E4ARG6uCsQ0</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.9 Recreio dos Bandeirantes

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas um afirmou não saber o sinal correspondente. Na explicação da motivação do sinal, apenas dois não souberam explicar, e outros dois souberam explicar parcialmente.

Gráfico 60 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Recreio dos Bandeirantes



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 53 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Recreio dos Bandeirantes. Apenas três participantes utilizaram mais de um sinal. Oito participantes empregaram a “variação 1”, enquanto sete utilizaram a “variação 2”, outros sete adotaram a “variação 3”, um utilizou a “variação 4” e outro, a “variação 5”. Além disso, apenas um participante recorreu à palavra soletrada. As variações 4 e 5 receberam baixo número de respostas. Conclui-se, portanto, que foram identificados cinco sinais distintos para esse bairro.

Tabela 53 — Resultados da coleta de dados sobre Recreio dos Bandeirantes

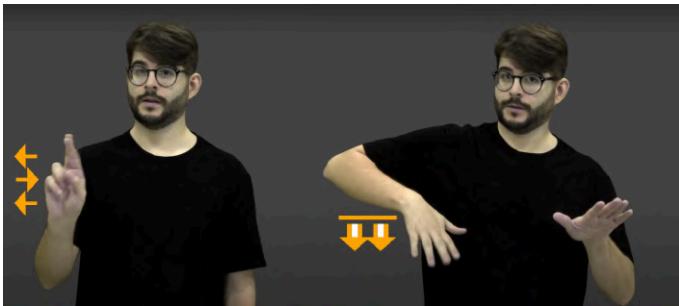
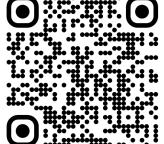
Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Sinal Variação 3	Sinal Variação 4	Sinal Variação 5	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
25	8	7	7	1	1	1	5

Fonte: elaborado pelo autor.

Os oito participantes utilizaram um sinal apresentado no Quadro 154, também adotado pelo pesquisador desta dissertação. A motivação desse sinal é composta: o

primeiro elemento corresponde à letra inicial do topônimo, a letra “R”, com um leve movimento lateral repetido, começando contralateral para ipsilateral. O segundo elemento associa-se ao sinal PRAIA. De acordo com os participantes, o sinal é motivado pela presença de uma praia conhecida no bairro.

Quadro 154 — Recreio dos Bandeirantes (variação 1)

Recreio dos Bandeirantes — Variação 1	
	
<p>Classificação toponímica: Misto</p>	
<p>Link: https://youtu.be/S9pgSxBr2R8</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Sete participantes utilizaram um sinal apresentado no Quadro 155. Alguns declararam que a motivação desse sinal está associada à primeira letra do topônimo, a letra “R”, embora não soubessem explicar a motivação para a mão não-dominante. Na percepção do pesquisador, esse sinal está relacionado a uma Igreja Batista do Recreio localizada no bairro do Recreio dos Bandeirantes, dado que a mesma configuração de mão da mão não-dominante foi encontrada em bairros com menção às igrejas, predominantemente Batistas.

Quadro 155 — Recreio dos Bandeirantes (variação 2)

Recreio dos Bandeirantes — Variação 2		
		lp
02 + 22	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Inicialização</p>	
<p>Link: https://youtu.be/SCPU546ApVQ</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Outro sinal, apresentado no Quadro 156, é idêntico ao sinal de Realengo utilizado pela maioria dos participantes. A motivação desse sinal está na inicial da primeira palavra do topônimo, “Recreio”, com a letra “R”, com um leve movimento lateral repetido, começando contralateral para ipsilateral. Dessa forma, esse sinal torna confusa a relação entre Realengo e Recreio dos Bandeirantes. Seis participantes utilizaram o mesmo sinal para ambos os bairros.

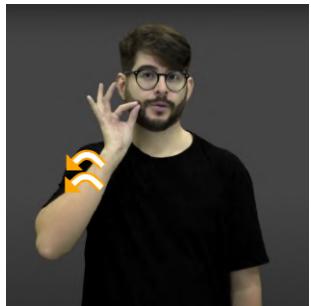
Quadro 156 — Recreio dos Bandeirantes (variação 3)

Recreio dos Bandeirantes — Variação 3		
22	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/tDs_EvynYr8</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante, residente da Zona Oeste, utilizou um sinal apresentado no Quadro 157, e declarou que sua motivação está relacionada com o sinal de “café”, uma vez que o bairro é caracterizado pela presença predominante de pessoas negras, especialmente nas praias da região.

Quadro 157 — Recreio dos Bandeirantes (variação 4)

Recreio dos Bandeirantes — Variação 4		
		
	<p>Classificação topográfica: Nativo</p>	
<p>Link: https://youtu.be/HXbmxmP97QU</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Um único participante utilizou um sinal de maneira ágil, motivado pela soletração rítmica, conforme apresentado no Quadro 158. Apesar das configurações de mão apresentarem estrutura próxima da canônica a soletração foi mais ágil e este participante informou apenas a primeira palavra em soletração rítmica por isso atribuímos o caráter de sinal a essa produção. Vale ressaltar que todas as letras são articuladas de forma ritmada.

Quadro 158 — Recreio dos Bandeirantes (variação 5)

Recreio dos Bandeirantes — Variação 5		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Soletração rítmica parcial</p>	
<p>Link: https://youtu.be/MCNSljJc19Y</p>		

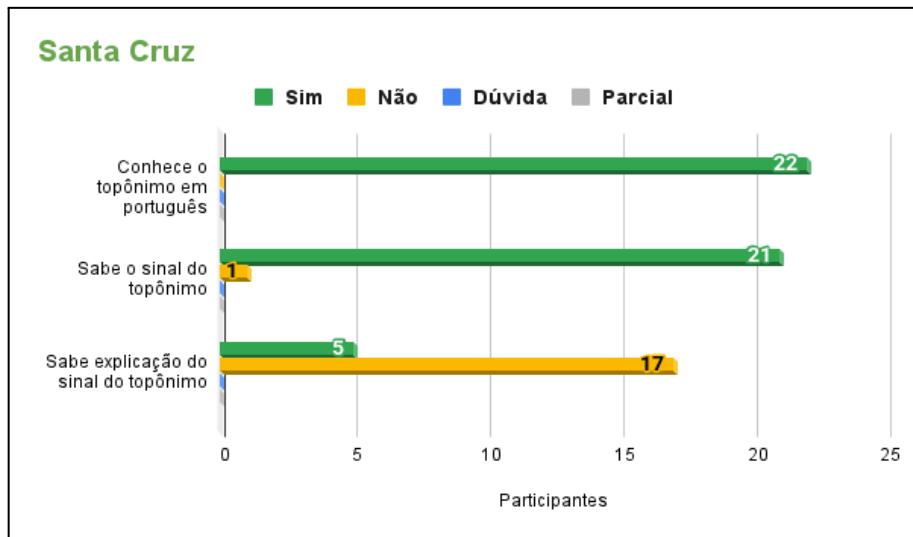
Fonte: elaborado pelo autor.

O pesquisador notou a presença de *mouthing* da palavra “Recreio” em várias produções para o sinal de Recreio, no entanto é necessário mais pesquisas para saber se foi um uso pontual ou não.

5.5.10 Santa Cruz

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas um não soube sinal correspondente. Na explicação da motivação do sinal produzido, apenas cinco participantes deram uma resposta. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 61.

Gráfico 61 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Santa Cruz



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 54 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Santa Cruz. Um participante utilizou duas formas: a primeira por meio de sinal e a segunda por palavra soletrada. A maioria dos participantes, com 21 ocorrências, utilizou um único sinal específico, com exceção de um participante que, por desconhecer o sinal, recorreu à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foi identificado um único sinal para o bairro.

Tabela 54 — Resultados da coleta de dados sobre Santa Cruz

Total de sinais coletados	Sinal	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	21	2	1

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal, igualmente adotado pelo pesquisador desta dissertação, é, conforme explicado por cinco participantes, motivado pela ocorrência de jacarés sendo encontrados ou resgatados na região, razão pela qual o sinal do bairro é o mesmo utilizado para o sinal de “jacaré”. No entanto, observa-se a presença de *mouthing* de “Santa Cruz”, que diferencia assim os dois bairros. Este é um elemento a ser mais estudado, dado que a única diferença entre os dois sinais é a presença de *mouthing*. O sinal pode ser apresentado no Quadro 159.

Quadro 159 — Santa Cruz

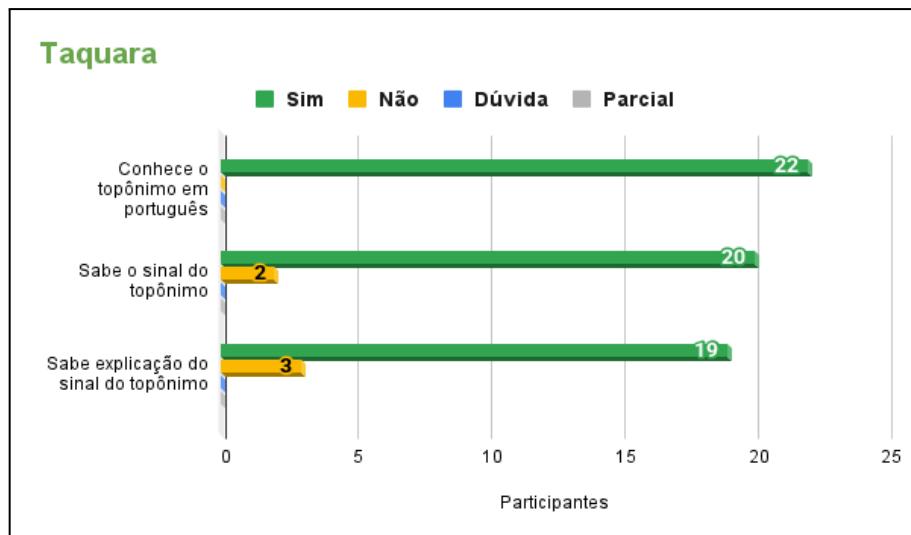
Santa Cruz	
	
	<p>Classificação toponímica: Nativo</p>
<p>Link: https://youtu.be/rWJOvitQEIQ</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.11 Taquara

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas dois não souberam o sinal correspondente, enquanto três não foram capazes de explicar a motivação do sinal produzido. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 62.

Gráfico 62 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Taquara



Fonte: elaborado pelo autor.

A Tabela 55 apresenta os resultados da coleta de dados sobre o bairro Taquara. Um participante utilizou duas formas: a primeira por meio de sinal e a segunda por palavra soletrada. Os 19 participantes utilizaram a “variação 1”, enquanto apenas um utilizou a “variação 2”. Além disso, três participantes recorreram à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para esse bairro.

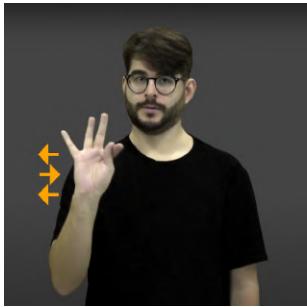
Tabela 55 — Resultados da coleta de dados sobre Taquara

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
23	19	1	3	2

Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal de maior frequência, com 19 ocorrências, é apresentado no Quadro 160 e também adotado pelo pesquisador desta dissertação. Segundo os participantes, a motivação desse sinal está relacionada à inicial do topônimo, a letra “T”. O sinal é apresentado com a configuração de mão da letra “T”, com a orientação da palma da mão voltada para frente e com um leve movimento lateral repetido, começando contralateral para ipsilateral.

Quadro 160 — Taquara (variação 1)

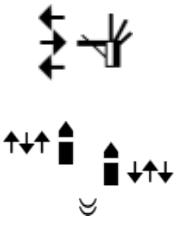
Taquara — Variação 1		
		
	<p>Classificação toponímica: Empréstimo / Formado por CM de letra</p>	
<p>Link: https://youtu.be/vumNe41_6cE</p>		

Fonte: elaborado pelo autor.

Semelhantemente ao sinal da variação 4 da Praça Seca, um único

participante utilizou um sinal composto, apresentado no Quadro 161, cuja motivação é de natureza composta: o primeiro elemento está associado à inicial do topônimo, enquanto o segundo faz referência ao sinal de Jacarepaguá. O participante declarou que o bairro integra a região da Baixada de Jacarepaguá.

Quadro 161 — Taquara (variação 2)

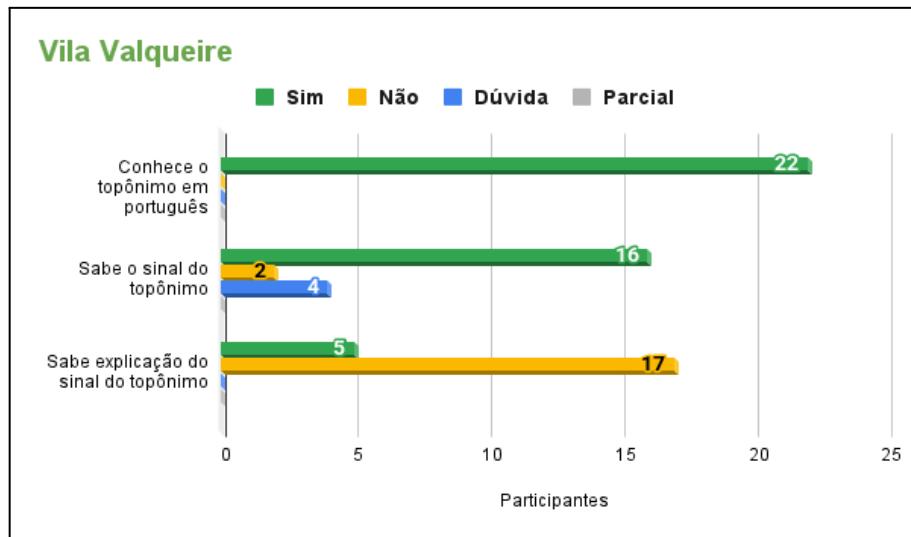
Taquara — Variação 2	
	
	<p>Classificação toponímica: Misto</p>
<p>Link: https://youtu.be/YxfBIRbehUI</p>	

Fonte: elaborado pelo autor.

5.5.12 Vila Valqueire

Todos os participantes declararam conhecer o termo para o topônimo em português. No entanto, apenas dois não souberam o sinal correspondente e quatro demonstraram insegurança na produção de sinal, por não terem certeza sobre sua forma correta. Ademais, cinco participantes souberam explicar a motivação do sinal produzido. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 63.

Gráfico 63 — Respostas dos participantes sobre o topônimo Vila Valqueire



Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados da coleta de dados sobre o bairro Vila Valqueire são apresentados na Tabela 56. Dois participantes utilizaram duas variações. Os 17 participantes utilizaram a “variação 1”, enquanto apenas cinco utilizaram a “variação 2”. Além disso, dois participantes recorreram à palavra soletrada. Conclui-se, portanto, que foram identificados dois sinais para esse bairro.

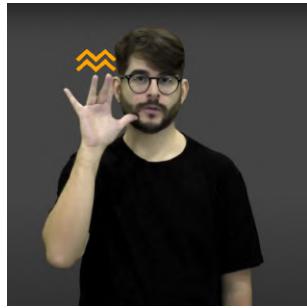
Tabela 56 — Resultados da coleta de dados sobre Vila Valqueire

Total de sinais coletados	Sinal Variação 1	Sinal Variação 2	Palavra soletrada	Total de sinais identificados
24	17	5	2	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Os participantes utilizaram o sinal apresentado no Quadro 162, também adotado pelo pesquisador da dissertação. Apenas um participante forneceu uma explicação para a motivação do sinal, associando-o à demora do ônibus entre o Centro até a Vila Valqueire, destacando que o trajeto é demorado. Contudo, na percepção do pesquisador, embora o sinal possa remeter à ideia de demora, dado a semelhança com o sinal DEMORA-MUITO, ele também faz alusão às iniciais do topônimo, sendo o primeiro “V” formado pelos dedos indicador e médio, e o segundo “V” pelos dedos anelar e mínimo. Não foi observado nesta variação a presença de marcação não-manual.

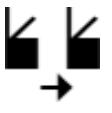
Quadro 162 — Vila Valqueire (variação 1)

Vila Valqueire — Variação 1		
		
	<p>Classificação topográfica: Nativo</p>	
Link: https://youtu.be/Xm-GBLHtKrc		

Fonte: elaborado pelo autor.

Cinco participantes utilizaram um sinal motivado pelas iniciais das palavras do topônimo, representadas pelas letras “V” e “V”. O sinal pode ser visualizado no Quadro 163.

Quadro 163 — Vila Valqueire (variação 2)

Vila Valqueire — Variação 2		
		
 > 	<p>Classificação topográfica: Empréstimo / Soletração parcial</p>	
Link: https://youtu.be/JP4ENpmKFyl		

Fonte: elaborado pelo autor.

No próximo capítulo apresenta-se uma discussão após a análise dos dados dos sinais dos 55 topônimos.

6 DISCUSSÃO

Os dados levantados a partir das entrevistas com participantes surdos permitiram uma rica identificação de sinais em Libras para bairros da cidade do Rio de Janeiro, revelando não apenas a criatividade linguística da comunidade surda, mas também as múltiplas estratégias de nomeação utilizadas, muitas delas vinculadas à localização geográfica e ao repertório visual, histórico e cultural dos falantes da língua.

A relação surdo-surdo deixa o participante mais confortável com o contexto de pesquisa e mais disponível para falar sobre suas experiências e usos de sinais que nem sempre são conhecidos.

Um dos primeiros aspectos que chama atenção é a quantidade expressiva de variantes sinalizadas: dos 55 topônimos analisados, foram identificados 130 sinais distintos. Além disso, foram encontradas 20 variantes associadas a 17 desses sinais, compondo, assim, um total de 150 formas sinalizadas. Dentre esses 17 sinais com variantes, 14 apresentaram duas variantes e três apresentaram três variantes. Os sinais com duas variantes correspondem aos bairros: Ipanema e Jardim Botânico (Zona Sul); Abolição, Coelho Neto, Engenho Novo, Jacaré e Maracanã (Zona Norte); e Jacarepaguá (Zona Oeste). Já os com três sinais que possuem três variantes referem-se aos bairros Engenho de Dentro, Méier e São Cristóvão, todos localizados na Zona Norte.

Em relação ao uso da soletração, observou-se que nove bairros foram representados por meio de soletração total, todas as palavras no caso em que há mais de uma, pelos participantes: Catumbi, Estácio e Santa Teresa (Zona Central); Vidigal (Zona Sul); Abolição, Coelho Neto, Jacaré, Maré e Piedade (Zona Norte). Nesses casos, a soletração foi adotada em dois contextos: (i) por ser amplamente aceita pelos participantes como forma predominante canônica da soletração, e (ii) quando não conseguiam recuperar uma forma sinalizada para o termo nem identificar o sinal apresentado pelo pesquisador, levando alguns participantes a optarem pela soletração como recurso alternativo. Assim, a classificação toponímica para essas palavras soletradas consiste em empréstimo por soletração total. Somente uma palavra soletrada para o topônimo “Coelho Neto” cuja classificação

toponímica foi identificada como misto, por ser de dois tipos de empréstimos: o primeiro elemento, “Coelho”, representa a soletração rítmica; e o segundo, “Neto”, a soletração total.

A tabela 57 sintetiza os dados quantitativos por zona geográfica da cidade do Rio de Janeiro e variabilidade de sinais. A Zona Norte concentra o maior número de formas sinalizadas, totalizando 83, o que se justifica tanto pela quantidade de bairros da região incluídos na amostra quanto pela diversidade de formas sinalizadas e de variantes registradas.

Tabela 57 — Distribuição dos sinais, variantes e palavras soletradas por zona da cidade do Rio de Janeiro

	Bairros	Sinais	Acréscimo de Variantes	Palavras soletradas	Total
Zona Central	7	19	-	3	22
Zona Sul	14	25	2	1	28
Zona Norte	22	61	17	5	83
Zona Oeste	12	25	1	-	26
Total	55	130	20	9	159

Fonte: elaborado pelo autor.

Destaca-se ainda a ocorrência de sinais cuja motivação não pôde ser identificada. É o caso da “variação 1” do bairro Catete, que, embora apresente estrutura típica de sinais nativos, não teve sua origem esclarecida por nenhum dos participantes, nem pelo pesquisador. Situação semelhante ocorreu com as variações atribuídas ao bairro Irajá, cuja classificação toponímica foi considerada como misto, especialmente devido ao uso da mão não-dominante, o que dificultou a identificação de motivação. Na seção de resultados, apresentou-se uma hipótese de que talvez houvesse alguma relação com a presença de igrejas nos bairros em que foi usada tal mão não-dominante, todavia não há na palma da mão-dominante, aberta com dedos em adução e com a seleção do dedo polegar, nenhuma característica icônica que a vincula à ideia de “igreja”. É importante haver mais pesquisas para entender melhor este fenômeno.

Os sinais classificados como nativos se destacam, correspondendo a 32 formas no total. Em seguida, 90 formas sinalizadas foram classificadas como

empréstimos, evidenciando a influência do português. Por fim, 37 formas sinalizadas se destacam como mistos, sendo compostas tanto por sinal nativo e empréstimo quanto por dois tipos distintos de empréstimos.

O empréstimo por soletração rítmica, uma inovação nesta proposta de classificação toponímica, ocorreu em 20 formas, das quais quatro foram classificadas como parciais, devido à ausência de algumas letras, e 16 como totais, com presença de todas as letras do termo. Já o empréstimo por inicialização apresentou o menor número entre todos os tipos de empréstimo. Registra-se ainda que apenas uma forma sinalizada teve sua classificação toponímica identificada como empréstimo por calque imperfeito, enquanto 12 formas identificadas como empréstimo por calque total, podendo haver tradução de uma ou mais palavras como em PRAÇA BANDEIRA, em que Praça da Bandeira tem dois sinais que podem ser traduzidos por “praça” e “bandeira”, respectivamente. Também é possível encontrar calque total, nos casos em que há apenas uma palavra do português, que será representada por um sinal como vimos em Jacaré e Piedade. Calque parcial ocorreu em sete casos em que observamos apenas uma parte do topônimo traduzido, uma palavra PRAÇA para “Praça Seca” ou um morfema (radical) da palavra do português LARANJA para “Laranjeiras”.

Tabela 58 — Distribuição de classificação toponímica dos sinais por zona da cidade do Rio de Janeiro

Classificação toponímica	Zona Central	Zona Sul	Zona Norte	Zona Oeste	Total
Native	7	4	16	5	32
Empréstimo por Inicialização	1	-	8	2	11
Empréstimo por Calque total	3	-	9	-	12
Empréstimo por Calque parcial	-	1	3	3	7
Empréstimo por Calque imperfeito	-	-	1	-	1
Empréstimo por Formado por CM de letra	1	6	8	5	20
Empréstimo por Soletração parcial	1	4	4	2	11
Empréstimo por Soletração total	3	1	4	-	8
Empréstimo por Soletração rítmica parcial	-	1	1	3	5
Empréstimo por Soletração rítmica total	3	4	7	1	15
Misto	3	7	22	5	37

Total	22	28	83	26	159
-------	----	----	----	----	-----

Fonte: elaborado pelo autor.

Após os resultados e análise de dados, a Tabela 58, como mostrado acima, sintetiza a distribuição de classificação toponímica dos sinais por zona da cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos o termo empréstimo para os casos em que observamos relação ou com o português propriamente dito ou com o sistema de escrita alfabética no geral. Entendemos que é possível que essa relação de empréstimo não seja percebida por todos os falantes da Libras, mas destacamos na tabela a percepção do autor desta dissertação.

Diante dos dados apresentados e analisados, é possível afirmar que os sinais em Libras correspondentes aos topônimos de bairros do Rio de Janeiro refletem não apenas aspectos linguísticos, mas também socioculturais da comunidade surda local. A diversidade de formas sinalizadas, as estratégias de empréstimo e as variações encontradas evidenciam uma língua visual em constante transformação, marcada pela criatividade, pela adaptação e pela convivência com o português. Ao mesmo tempo, os padrões identificados por zonas da cidade apontam para uma possível correlação entre o uso linguístico e a organização territorial urbana, indicando caminhos para futuras investigações. Haveria mais contato dos surdos com certos bairros o que explicaria maior presença de variação de sinais? A ausência de sinais de certos bairros evidencia a ausência de contato da comunidade surda com esses bairros? Essas são perguntas que apenas futuras pesquisas poderão responder.

A seguir, no próximo capítulo, são retomadas as considerações finais deste estudo, com vistas a fortalecer a valorização da Libras como língua plena e autônoma na nomeação de espaços urbanos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar os sinais em Libras utilizados para representar os bairros da cidade do Rio de Janeiro, com foco na compreensão das motivações que orientam a escolha e a formação desses sinais pela comunidade surda. A investigação se baseou na combinação de abordagens qualitativas e quantitativas, incluindo entrevistas com informantes surdos, observação de uso linguístico e análise toponímica dos sinais coletados.

Ao longo do estudo, foi possível identificar uma grande diversidade de sinais utilizados para designar os bairros cariocas. Parte significativa desses sinais apresenta motivações visuais e icônicas, frequentemente associadas a marcos geográficos, culturais, históricos e arquitetônicos dos bairros em questão. Em muitos casos, os sinais revelam o olhar e a experiência da comunidade surda em relação à cidade, funcionando como representações visuais e identitárias que vão além da simples tradução das palavras em português.

Observou-se também que nem todos os bairros possuem sinais convencionados. Em situações de ausência de um sinal estabelecido, recorre-se com frequência à soletração manual da palavra em português ou ainda soletração rítmica. Essa prática, embora funcional, indica a necessidade de registros mais sistemáticos que valorizem a criatividade e os usos espontâneos da Libras em contextos regionais. Além disso, a pesquisa revelou variações entre sinais utilizados por diferentes grupos de surdos, o que aponta para a riqueza linguística e a dinâmica da Libras como língua viva. Como a amostra era composta por 22 participantes, não foi possível definir tendências sociolinguísticas para essas variações. Pesquisa

As contribuições deste estudo se estendem por diferentes dimensões. No campo acadêmico, o trabalho oferece subsídios para os estudos da toponímia e linguística da Libras, ampliando o diálogo entre áreas como linguística, geografia, estudos surdos e educação bilíngue. Do ponto de vista social e cultural, o registro dos sinais contribui para o fortalecimento da identidade surda, reconhecendo o papel da comunidade na construção de significados territoriais. Em termos educacionais, os dados coletados podem apoiar a elaboração de materiais didáticos mais

contextualizados e sensíveis à realidade linguística da Libras.

Como toda pesquisa, esta apresenta algumas limitações. A principal delas refere-se à delimitação do corpus, restrito a 55 bairros da cidade do Rio de Janeiro, o que corresponde a cerca de um terço do total existente na cidade. Tal recorte foi necessário devido ao tempo disponível no mestrado e à complexidade da coleta de dados em campo. Além disso, o número de participantes, embora suficiente para os objetivos propostos, pode ser ampliado em estudos futuros para contemplar uma variedade ainda maior de experiências e perspectivas dentro da comunidade surda.

Com base nos resultados obtidos e nas reflexões construídas ao longo do trabalho, algumas sugestões de continuidade podem ser destacadas. Recomenda-se, por exemplo, a ampliação da pesquisa para os demais bairros da cidade do Rio de Janeiro, bem como a realização de estudos comparativos entre diferentes cidades brasileiras, a fim de identificar possíveis padrões ou contrastes na criação de sinais toponímicos. Além disso, seria relevante desenvolver um banco visual com os sinais documentados, contribuindo para a preservação e disseminação desse conhecimento.

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa incentivar novas investigações sobre a relação entre espaço, língua e identidade na perspectiva da comunidade surda, valorizando a Libras como uma língua rica, criativa e profundamente enraizada nos contextos culturais em que é utilizada. Seria de especial relevância que outros pesquisadores surdos possam empreender no campo da pesquisa em linguística para que nossa perspectiva seja disseminada e representada.

8 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

O presente estudo investigou os sinais em Libras utilizados para representar 55 bairros da cidade do Rio de Janeiro, com foco na motivação linguística desses topônimos. No entanto, esse campo ainda apresenta amplas possibilidades de aprofundamento, expansão e consolidação. Algumas sugestões são propostas a seguir para orientar futuras pesquisas.

A primeira proposta consiste na ampliação do corpus de análise para os 165 bairros oficiais da cidade do Rio de Janeiro. Considerando que esta dissertação abordou um terço deles, há 110 bairros ainda não analisados. Para essa ampliação, recomenda-se iniciar com a consulta prioritária a surdos idosos, que vivem ou já viveram na cidade do Rio de Janeiro, que podem oferecer informações valiosas sobre sinais antigos, variações esquecidas ou não documentadas, bem como relatos históricos e culturais que contextualizem o surgimento ou ausência de determinados sinais.

Essa escuta qualificada e intergeracional poderá, inclusive, revelar sinais que não circulam amplamente entre os surdos jovens, contribuindo para um resgate histórico e cultural da Libras. A consulta com surdos idosos deve ser realizada por meio de entrevistas, rodas de conversa e oficinas participativas, preferencialmente em associações de surdos, centros de convivência e espaços comunitários.

Na sequência, propõe-se a validação comunitária dos sinais já registrados para os 55 bairros analisados nesta dissertação, com o objetivo de verificar sua aceitação e reconhecimento em diferentes contextos da comunidade surda carioca, além de identificar variações regionais ou geracionais.

Também se recomenda o aprofundamento na investigação dos sinais já coletados cuja motivação ainda não foi claramente identificada, por meio de novos encontros com informantes ou consulta a surdos idosos. Nos casos em que não houver sinais conhecidos para determinados bairros, recomenda-se a realização de oficinas participativas com membros da comunidade surda para a criação e proposição coletiva de novos sinais, que deverão ser posteriormente validados.

Outra proposta relevante para aprofundar a análise é a ampliação e

refinamento da classificação toponímica dos sinais, também um estudo proposto das classificações morfológicas em base de Xavier e Ferreira (2021), como mostra a Figura 18 no capítulo 3. Isso inclui a possibilidade de desenvolver subcategorias mais específicas, além de explorar a interseção entre categorias já existentes. Esse aprimoramento metodológico contribuirá para uma compreensão mais precisa das motivações que orientam a formação dos sinais em Libras, enriquecendo o campo da toponímia visual-lingüística. Como reforço metodológico, sugere-se a criação de um repositório digital público, reunindo vídeos, descrições, motivações e dados sociolinguísticos dos sinais.

A continuidade desta pesquisa, especialmente em nível de doutorado, poderá consolidar um mapeamento visual-lingüístico da cidade do Rio de Janeiro em Libras, fortalecendo a documentação da língua e a valorização do conhecimento produzido pela própria comunidade surda.

REFERÊNCIAS

- ADAM, R. Language contact and borrowing. *In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (orgs.). Sign language: An international handbook.* Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 841–861.
- AGUIAR, Mônica Cruz de. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. *In: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira (orgs.). Libras em estudo: descrição e análise — São Paulo: FENEIS, 2012.* p. 109-121.
- BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS**: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015. 144p.
- BATTISON, Robin. **Lexical Borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linkstok Press, 1978. 148p.
- BAUMAN, H-Dirksen L.; MURRAY, Joseph J. Deaf Gain: An Introduction. *In: BAUMAN, H-Dirksen L.; MURRAY, Joseph J. (Ed.) Deaf gain: Raising the Stakes for Human Diversity.* University of Minnesota Press, 2014. p. xv-xlii.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF: Presidência da República, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.
- BRASIL. **Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Presidência da República, 2021.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira — Libras.** 2ª edição - 2 volumes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- CAPOVILLA, Fernando César *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil:** a Libras em suas Mão. 1ª edição - 3 volumes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. 2944 p.
- CARVALHO, Maria Aparecida de. **Contribuições para o Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso - mesorregião sudeste mato-grossense.** Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2010. 540 p.
- COSTA, Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa; BARBOSA, Felipe Venâncio; NEVINS, Andrew Ira. Linguagem, surdez e surdos. *In: FRANÇA, Aniela Improta (org.). Linguística para fonoaudiologia: interdisciplinaridade aplicada.* São Paulo: Editora Contexto, 2022. p. 209-235.
- CUE, Katrina R. *et al.* The Odyssey of Deaf Epistemology: A Search for

Meaning-Making. **American Annals of the Deaf**, vol. 164, n. 3, 2019, p. 395–422. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26779491>. Acesso em: 06 jun. 2025.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 bairros de São Luís/MA**. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2014. 347 p.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990. 387 p.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antropónima no Brasil**. Coletânea de Estudos. 3^a edição - São Paulo: Serviços de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992. 224 p.

FERREIRA, Daiane; XAVIER, André Nogueira. Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que designam bairros de Curitiba. **XXI Semana de Letras UFPR** – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, volume II, Trabalhos completos, p. 6-18, 2019. Disponível em: <<https://semanadeletras.ufpr.br/cadernos-da-semana/>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1995.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 1998.

GRIPP-DINIZ, Heloise. **Variação fonológica das letras manuais na soletração manual em Libras**. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2023. 256 p.

HAUSER, Peter C. et al. Deaf Epistemology: Deafhood and Deafness. In: **American Annals of the Deaf**. Gallaudet University Press: vol. 154, n. 5, 2010, p. 486-492. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26235009>. Acesso em: 06 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e estados**: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MEIR, Irit. Word classes and word formation. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (orgs.). **Handbook on Sign Language Linguistics**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012, p. 365-387.

MIRANDA, Roselba Gomes de. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais dos municípios de Tocantins. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal de Tocantins (UFT): Porto Nacional, 2020.

OLIVEIRA, Agenor Lopes de. **Toponímia carioca**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1957. 351 p.

PIZZIO et al. Morfologia da Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de et al. (orgs.). **A Gramática da Libras - Volume 1**. Rio de Janeiro: INES, 2023. p175-378.

QUADROS, Ronice Müller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Estudos linguísticos: Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. STROBEL, Karin. MASUTTI, Mara Lúcia. Deaf gains in Brazil: Linguistic Policies and Network Establishment. *In: BAUMAN, H-Dirksen L.; MURRAY, Joseph J. (eds.). Deaf Gain: Raising the stakes for human diversity*. University of Minnesota Press, 2014. p. 341-355.

ROCHA, Solange. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. 2^a edição, Rio de Janeiro: INES, 2008.

SANTOS, Adriano Rodrigues dos. **Dicionário de sinais dos municípios do estado do Ceará**. Araraquara: Letraria, 2020.

SILVA, J. Romão de. **Geomásticos Cariocas de Procedência Indígena**. 2^a edição - Rio de Janeiro, Livraria São José, 1962. Disponível em: <https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Asilva-1962-geonomasticos/Silva_1962_GeonomasticosCariocasProcedIndigena.pdf>. Acesso em: 02 set. 2024.

SILVA, J. Romão de. **Denominações indígenas na toponímia carioca**. Rio de Janeiro, Livraria Editora Brasiliiana, 1966. Disponível em: <https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Asilva-1966-denominacoes/Silva_1966_DenominacoesIndigenasNaToponomiaCarioca.pdf>. Acesso em: 02 set. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado — Linguística Aplicada/Libras). Programa de Pós-Graduação em Linguística — Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis, 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo, Pimenta Cultura, 2022a. 136 p.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. *In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane. SANTOS, Tatiane Castro dos (orgs.). Perspectivas para o ensino de línguas - Volume 6*. Rio Branco: Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac, 2022b. p. 5-21.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Toponímia em Libras: aspectos formais e motivacionais dos sinais topográficos dos municípios acreanos. *In: CAVALHEIRO, Juciane; LUDWIG, Carlos Roberto; LANES, Elder José (orgs.). Linguagem, ensino e formação docente*. Manaus: Editora UEA, 2019. p. 58-72.

SOUZA-JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2012. 346p.

SUTTON, Valerie. **Sign writing for everyday use**. La Jolla: Deaf Action Commintee for Sign Writing, 1981. Disponível em: <https://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1279_SignWriting_for_Everyday_Use_Historic_1981.pdf>. Acesso em 30 mar. 2025.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting**: um sistema de escrita para língua de sinais. Traduzido por Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português/Libras do livro “Lessons in SignWriting”, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC — Deaf Action Committe for SignWriting. [s.d]. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Licoes-de-SignWriting.pdf>>. Acesso em 30 mar. 2025.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting**: línguas de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5429>>. Acesso em 30 mar. 2025.

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; FERREIRA, Daiane; XAVIER, André Nogueira. Contribuições aos estudos toponímicos da libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 234–267, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/57728>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná. **XXI Semana de Letras UFPR** – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, volume II, Trabalhos Completos, p. 64-73, 2019. Disponível em: <<https://semanadeletras.ufpr.br/cadernos-da-semana/>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

XAVIER, André Nogueira. **Panorama da variação sociolinguística nas línguas sinalizadas**. Claraboia, vol.12, p. 48-67, 2019.

XAVIER, André Nogueira. FERREIRA, Daiane. **Análise morfológica de sinais da libras que nomeiam bairros de Curitiba**. Revista Letras, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, n. 103, p. 119-144, jan./jun. 2021.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, vol. 30, n. 2, p. 371-413, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/17784>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

APÊNDICE A — BAIRROS ATRIBUÍDOS POR ZONA

Zona Central	Zona Sul	Zona Norte	Zona Oeste
Catumbi Centro Cidade Nova Estácio Gamboa Glória Lapa Rio Comprido Santa Teresa Santo Cristo Saúde	Botafogo Catete Copacabana Cosme Velho Flamengo Gávea Humaitá Ipanema Jardim Botânico Lagoa Laranjeiras Leblon Leme Rocinha São Conrado Urca Vidigal	Abolição Acari Água Santa Alto da Boa Vista Anchieta Andaraí Bancários Barros Filho Benfica Bento Ribeiro Bonsucesso Brás de Pina Cachambi Cacuia Caju Campinho Cascadura Cavalcanti Cidade Universitária Cocomá Coelho Neto Colégio Complexo do Alemão Cordovil Costa Barros Del Castilho Encantado Engenheiro Leal Engenho da Rainha Engenho de Dentro Engenho Novo Freguesia Galeão Grajaú Guadalupe Higienópolis Honório Gurgel Inhaúma Irajá Jacaré Jacarezinho Jardim América Jardim Carioca Jardim Guanabara Lins de Vasconcelos Madureira Mangueira Manguinhos Maracanã Maré Marechal Hermes Maria da Graça Méier Moneró Olaria Oswaldo Cruz Paquetá Parada de Lucas Parque Anchieta Parque Colúmbia Pavuna Penha Penha Circular Piedade Pilares Pitangueiras Portuguesa Praça da Bandeira Praia da Bandeira Quintino Bocaiúva Ramos Riachuelo Ribeira Ricardo de Albuquerque Rocha Rocha Miranda Sampaio São Cristóvão São Francisco Xavier Tauá Tijuca Todos os Santos Tomás Coelho Turiú Vasco da Gama Vaz Lobo Vicente de Carvalho Vigário Geral Vila da Penha Vila Isabel Vila Kosmos Vista Alegre Zumbi	Anil Bangu Barra da Tijuca Barra da Guaratiba Barra Olímpica Camorim Campo dos Afonsos Campo Grande Cidade de Deus Cosmos Curicica Deodoro Freguesia de Jacarepaguá Gardênia Azul Gericinó Grumari Guaratiba Iilha de Guaratiba Inhoaíba Itanhangá Jabot Jacarepaguá Jardim Sulacap Jóá Magalhães Bastos Paciência Padre Miguel Pechincha Pedra da Guaratiba Praça Seca Realengo Recreio dos Bandeirantes Santa Cruz Santíssimo Senador Camará Senador Vasconcelos Sepetiba Tanque Taquara Vargem Grande Vargem Pequena Vila Kennedy Vila Militar Vila Valqueire

APÊNDICE B — TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
 FACULDADE DE LETRAS – FL
 CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: TOPONÍMIA EM LIBRAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO LEXICAL DOS SINAIS QUE DESIGNAM BAIRROS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Toponímia em Libras: o processo de formação lexical dos sinais que designam bairros da cidade do Rio de Janeiro”. O objetivo da pesquisa é levantar e analisar os sinais-termos dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, considerando suas características toponímicas, a possível motivação dos sinais e a percepção dos falantes sobre a existência de uma “explicação” para esses sinais. Esta é uma pesquisa institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Campus do Fundão, orientada pela docente Prof.^a Dra. Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa e pelo discente pesquisador Walter Dias Sueth Netto, que realiza esta pesquisa para sua dissertação de mestrado.

Esta pesquisa procura participantes que atendam aos seguintes critérios: pessoas surdas residentes da cidade do Rio de Janeiro; de maiores de 18 anos; de ambos os性os e de quaisquer orientações sexuais; sem restrição quanto à escolaridade, devido à diversidade de formação entre surdos. Além disso, os participantes não podem ter problemas de visão não corrigidos nem transtornos globais do desenvolvimento. Se você se enquadra nestes requisitos, poderá participar desta pesquisa!

Esclarecemos que a sua participação na pesquisa consiste o preenchimento de um formulário com algumas informações pessoais, tais como nome completo,

idade, sexo, escolaridade, endereço de e-mail, número de celular (opcional), bairro onde reside atualmente, bairros cariocas onde já morou, tempo médio de residência na cidade do Rio de Janeiro, tempo de contato com a Libras no cotidiano. Após o preenchimento do formulário, você deverá participar de uma entrevista gravada em Libras conduzida pelo pesquisador. Durante a entrevista, você verá uma palavra em português exibida em um slide de PowerPoint e deverá informar se conhece ou não o sinal correspondente a esse bairro. Se conhecer, o pesquisador solicitará que você faça o sinal. Em seguida, o pesquisador perguntará se você sabe o motivo pelo qual o sinal é assim. Esse processo será repetido até que todos os 55 bairros sejam abordados na entrevista.

Sua participação é voluntária, e você não terá custos e nem despesas materiais e financeiras por participar desta pesquisa. Além disso, não haverá remuneração pela sua participação. Você tem a garantia de plena liberdade quanto à participação, podendo recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar sua desistência e sem sofrer quaisquer tipos de coação ou penalidade. Caso deseje, ao final da sua participação, você receberá uma declaração de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC) referente ao tempo dedicado à pesquisa.

Os riscos psíquicos e emocionais que você pode experimentar incluem estresse, tensão, vergonha, constrangimento, timidez, insegurança e frustração ao refletir sobre a sua prática cotidiana. Para minimizar esses sentimentos, a pesquisa será realizada em um ambiente familiar de sua escolha. Além disso, as respostas fornecidas não serão avaliadas como certas ou erradas.

Já os riscos físicos associados à atividade incluem fadiga muscular e dor nas costas, resultantes da necessidade de permanecer sentado por aproximadamente 1 a 1 hora e meia durante a entrevista. Para diminuir estes riscos, será oferecida a opção de um pequeno intervalo durante a entrevista.

Finalmente, os riscos intelectuais, morais e de identificação pública incluem a possibilidade de sentir-se intelectualmente por não conseguir realizar a tarefa e o receio de sigilo sobre sua identidade. Para diminuir os riscos, garantimos que sua identidade e seus dados pessoais não serão revelados. Os seus dados pessoais

serão armazenados em uma pasta segura e serão destruídos ao final da pesquisa. Isso visa reduzir os riscos de registro equivocado dos participantes, exposição e eventuais constrangimentos. Caso deseje retirar-se da pesquisa, basta informar ao pesquisador, e seus dados serão excluídos da amostra. O pesquisador garante manter o mais amplo, absoluto e irrestrito sigilo profissional sobre sua identidade durante e após a pesquisa. Sua identidade pessoal será excluída de todos os produtos da pesquisa destinados à publicação científica. Os resultados serão apresentados em encontros e mostrará apenas os dados agregados, sem revelar seu nome ou qualquer informação que comprometa sua privacidade.

Esta pesquisa não oferecerá benefícios diretos a você. No entanto, os benefícios indiretos da pesquisa relacionados à sua participação incluem a documentação das motivações por trás dos sinais dos bairros da cidade do Rio de Janeiro utilizados pela comunidade surda. Isso contribuirá para um melhor entendimento da Libras e permitirá uma análise mais aprofundada do tema abordado.

Durante os procedimentos de coleta de dados, você terá acesso ao e-mail de contato do pesquisador, que estará disponível para prestar toda a assistência necessária ou encaminhará você ao pessoal competente para isso.

Se você concorda com este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por favor, assine. Uma via deste documento será enviada a você ao fim do experimento. Guarde cuidadosamente sua via, pois ela contém informações importantes de contato e garante seus direitos como participante da pesquisa. Para maiores informações e esclarecimentos, você pode contatar: Prof.^a Dra. Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa, pelo telefone celular nº (21) 99812-0884 e e-mail marilia@letras.ufrj.br; e Walter Dias Sueth Netto, pelo telefone celular nº (21) 96608-7227 e e-mail wdsnetto@letras.ufrj.br.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP-IESC/UFRJ) para solicitar quaisquer esclarecimentos éticos sobre a pesquisa. O CEP-IESC/UFRJ está localizado no Campus do Fundão, Avenida Horácio de Macedo, s/nº, bairro Cidade Universitária, CEP: 21.941-598. Para mais informações, você pode ligar pelo

telefone (21) 3938-2598 ou enviar um e-mail para cep@iesc.ufrj.br.

Por fim, nós, a Prof.^a Dra. Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa e seu orientando Walter Dias Sueth Netto, declaramos que cumpriremos todas as exigências éticas estabelecidas na RESOLUÇÃO Nº 510, de 7 de abril de 2016, durante e após a realização da pesquisa.

Consentimento

Eu, _____,
RG nº _____, CPF nº _____,
declaro que:

- 1- Li e comprehendi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
- 2- Tenho conhecimento de que minha participação na pesquisa “Toponímia em Libras: o processo de formação lexical dos sinais que designam bairros da cidade do Rio de Janeiro” é livre e espontânea.
- 3- Não terei nenhum custo nem serei remunerado pela minha participação.
- 4- Posso desistir a qualquer momento como participante da pesquisa, sem precisar justificar minha desistência e sem sofrer quaisquer tipos de coação ou punição.
- 5- Não serei identificado nas publicações dos resultados da pesquisa.

Diante do exposto, assino como prova do meu Consentimento Livre e Esclarecido para participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2024.

Participante

Pesquisador

APÊNDICE C — FICHA DO PARTICIPANTE

Ficha do participante para entrevista

Nome completo: _____

Idade: _____ anos

Sexo: () Feminino () Masculino

Escolaridade:

- () ensino fundamental
- () ensino médio
- () graduação () completo
- () especialização () incompleto
- () mestrado
- () doutorado

Endereço de e-mail: _____

Número de celular (opcional): _____

Bairro onde reside atualmente: _____

Bairros cariocas onde já morou: _____

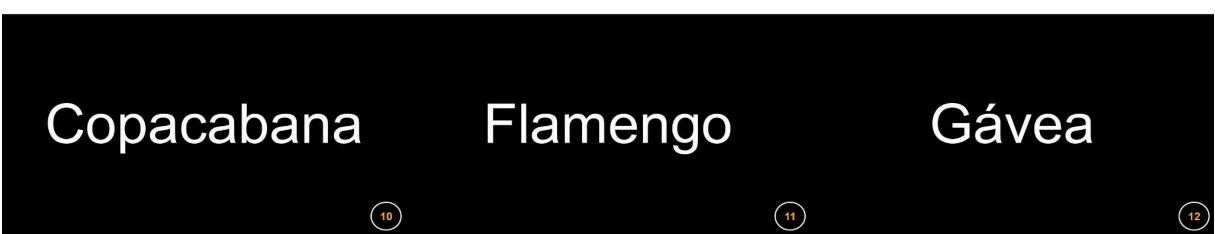
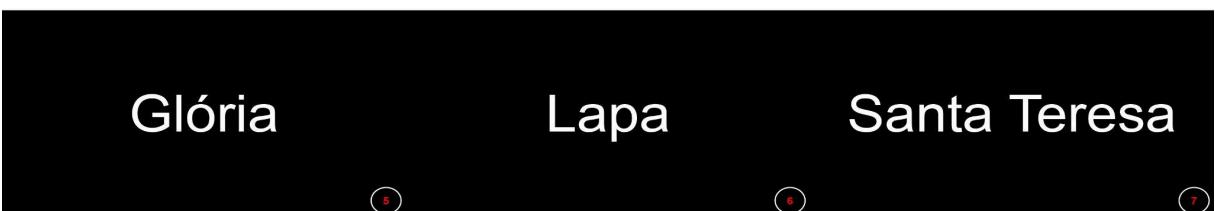
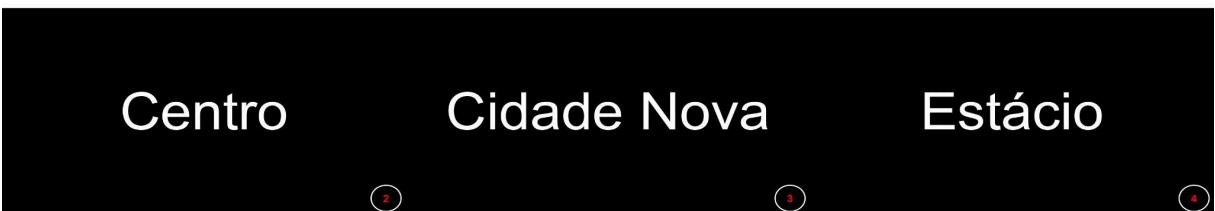
Tempo médio de residência na cidade do Rio de Janeiro: _____

- () desde o nascimento () até 10 anos
- () até 5 anos () mais de 10 anos

Quando começou o contato com a Libras? _____

- () infância (desde o nascimento até 11 anos)
- () adolescência (a partir de 12 anos)
- () jovem (a partir de 18 anos)
- () adulto (a partir de 30 anos)

APÊNDICE D — SLIDES PARA ENTREVISTA





Marechal
Hermes

Maria da
Graça

Méier

33

34

35

Olaria

Pavuna

Penha

36

37

38

Piedade

São Cristóvão

Tijuca

39

40

41

Vicente de
Carvalho

Vila Isabel

Zona Oeste

42

43

Bangu

Barra da
Tijuca

Campo
Grande

44

45

46

Deodoro

Guaratiba

Jacarepaguá

47

48

49

Praça Seca

Realengo

Recreio dos
Bandeirantes

50

51

52

Santa Cruz

Taquara

Vila Valqueire

53

54

55

Obrigado pela
entrevista!

APÊNDICE E — LISTA DE BAIRROS PARA ENTREVISTA

Participante: _____

Zona	Bairro	Conhece?	sabe sinal?	Sabe a explicação?	Motivação
Zona Central	Catumbi	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Centro	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Cidade Nova	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Estácio	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Glória	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Lapa	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Santa Teresa	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
Zona Sul	Botafogo	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Catete	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Copacabana	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Flamengo	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Gávea	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Ipanema	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Jardim Botânico	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Laranjeiras	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Leblon	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Leme	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Rocinha	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	São Conrado	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Urca	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Vidigal	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	

Zona	Bairro	Conhece?	sabe sinal?	Sabe a explicação?	Motivação
Zona Norte	Abolição	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Bonsucesso	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Cascadura	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Coelho Neto	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Engenho de Dentro	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Engenho Novo	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Irajá	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Jacaré	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Madureira	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Maracanã	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Maré	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Marechal Hermes	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Maria da Graça	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Méier	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Olaria	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Pavuna	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Penha	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Piedade	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	São Cristóvão	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Tijuca	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Vicente de Carvalho	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Vila Isabel	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	

Zona	Bairro	Conhece?	sabe sinal?	Sabe a explicação?	Motivação
Zona Oeste	Bangu	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Barra da Tijuca	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Campo Grande	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Deodoro	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Guaratiba	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Jacarepaguá	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Praça Seca	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Realengo	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Recreio dos Bandeirantes	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Santa Cruz	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Taquara	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	
	Vila Valqueire	()Sim ()Não	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida	()Sabe ()Não sabe ()Dúvida ()Parcial	

APÊNDICE F — DADOS DOS PARTICIPANTES

Dados dos participantes						
Código alfanumérico do participante	Gênero	Faixa de idade	Formação acadêmica	Zona que reside	Bairro de residência incluso na lista de coleta de dados	Quantidade de bairros que já residiu
2CMQ	Feminino	40-49 anos	Doutorado incompleto	Zona Norte	Sim	3
APCU	Feminino	60-69 anos	Graduação completa	Zona Norte	Não	1
BQAO	Feminino	50-59 anos	Graduação completa	Zona Norte	Não	5
C7J1	Feminino	30-39 anos	Graduação completa	Zona Oeste	Não	1
C9VP	Feminino	40-49 anos	Mestrado completo	Zona Sul	Sim	1
F3AL	Feminino	40-49 anos	Graduação completa	Zona Oeste	Sim	2
G1LF	Masculino	40-49 anos	Graduação completa	Zona Norte	Não	Nunca mudou
IKH2	Masculino	40-49 anos	Mestrado incompleto	Zona Norte	Sim	3
JTD9	Feminino	18-29 anos	Graduação incompleta	Zona Norte	Sim	10
K8AR	Feminino	30-39 anos	Especialização completa	Zona Norte	Não	2
KLRA	Masculino	18-29 anos	Graduação incompleta	Zona Norte	Sim	2
L5HX	Feminino	40-49 anos	Doutorado completo	Zona Norte	Não	1
P4JW	Feminino	30-39 anos	Especialização completa	Zona Central	Sim	1
QFA5	Feminino	30-39 anos	Mestrado completo	Zona Oeste	Sim	1
R2HB	Masculino	30-39 anos	Especialização completa	Zona Norte	Sim	Nunca mudou
T6L6	Feminino	30-39 anos	Doutorado incompleto	Zona Oeste	Sim	Até 5 anos
UVT3	Feminino	30-39 anos	Graduação completa	Zona Sul	Sim	1
V9JL	Feminino	30-39 anos	Graduação completa	Zona Oeste	Sim	1
VRS4	Feminino	40-49 anos	Mestrado completo	Zona Oeste	Não	3
XPD3	Feminino	18-29 anos	Graduação incompleta	Zona Norte	Não	3
ZAV6	Masculino	50-59 anos	Mestrado incompleto	Zona Norte	Não	1
ZNF1	Feminino			Zona Norte	Desde o nascimento	Infância

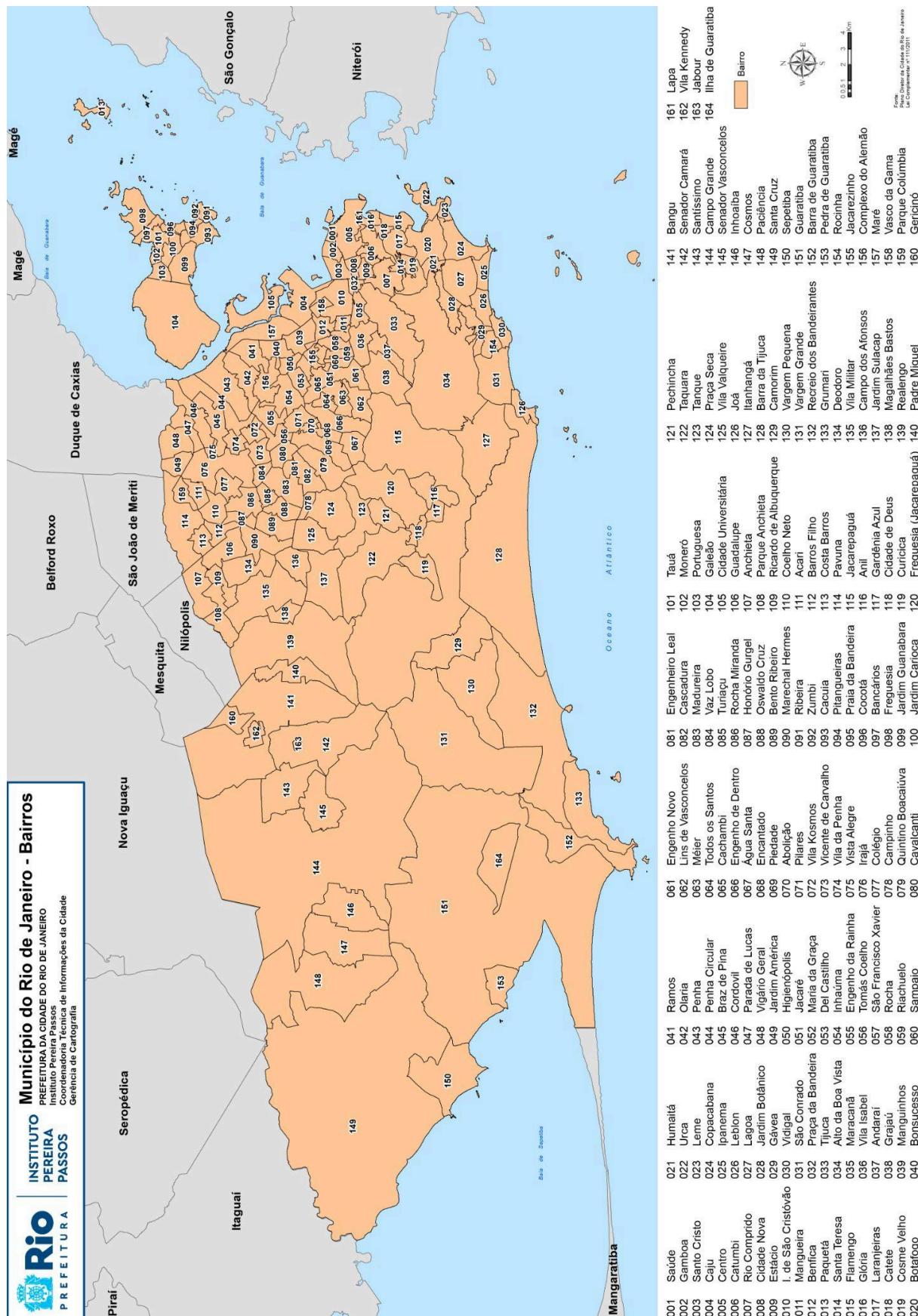
Observação: Os dados apresentados na tabela foram coletados até 31 de outubro de 2024.

APÊNDICE G — COLETA DE DADOS

Zona	Bairro	Sinais identificados	Participantes em relação à quantidade de sinais produzidos				
			1 sinal	2 sinais	3 sinais	4 sinais	Palavra soletrada
Zona Central	Catumbi	1	11	2*	-	-	9
	Centro	4	18	3	1	-	-
	Cidade Nova	3	17	3	-	-	2
	Estácio	2	2	1*	-	-	19
	Glória	4	15	4	-	-	3
	Lapa	3	19	3	-	-	-
	Santa Teresa	2	11	-	-	-	11
Zona Sul	Botafogo	1	22	-	-	-	-
	Catete	2	18	4	-	-	-
	Copacabana	1	22	-	-	-	-
	Flamengo	1	22	-	-	-	-
	Gávea	1	22	-	-	-	-
	Ipanema	2	22	-	-	-	-
	Jardim Botânico	2	22	-	-	-	-
	Laranjeiras	1	22	-	-	-	-
	Leblon	1	21	-	-	-	1
	Leme	1	22	-	-	-	-
	Rocinha	3	22	-	-	-	-
	São Conrado	3	17	2	-	-	3
	Urca	3	20	2	-	-	-
	Vidigal	3	6	1*	-	-	15
Zona Norte	Abolição	3	9	1	-	-	12
	Bonsucesso	4	20	2	-	-	-
	Cascadura	1	22	-	-	-	-
	Coelho Neto	3	16	-	-	-	6
	Engenho de Dentro	6	15	1	-	-	7
	Engenho Novo	8	16	2	-	-	4
	Irajá	3	19	3	-	-	-
	Jacaré	1	17	1*	-	-	4
	Madureira	1	22	-	-	-	-
	Maracanã	3	21	-	-	1	-
	Maré	2	9	-	-	-	13
	Marechal Hermes	4	14	1	-	-	7
	Maria da Graça	5	13	2	-	-	7
	Méier	4	18	3	1	-	-
	Olaria	3	18	4	-	-	-
	Pavuna	1	22	-	-	-	-
	Penha	2	14	8	-	-	-
	Piedade	2	14	1*	-	-	7
	São Cristóvão	1	21	1	-	-	-
	Tijuca	1	22	-	-	-	-
	Vicente de Carvalho	1	22	-	-	-	-
	Vila Isabel	2	19	3	-	-	-
Zona Oeste	Bangu	1	22	-	-	-	-
	Barra da Tijuca	2	20	2	-	-	-
	Campo Grande	1	22	-	-	-	-
	Deodoro	2	16	-	-	-	6
	Guaratiba	1	13	-	-	-	9
	Jacarepaguá	1	22	-	-	-	-
	Praça Seca	4	18	3	-	-	1
	Realengo	3	17	4	-	-	1
	Recreio dos Bandeirantes	5	18	3	-	-	1
	Santa Cruz	1	20	1*	-	-	1
	Taquara	2	19	1*	-	-	2
	Vila Valqueire	2	18	2	-	-	2
Total de sinais de 55 topônimos		130					

Observação: O símbolo (*), presente na categoria “2 sinais”, indica que alguns participantes produziram tanto um sinal lexical quanto uma palavra soletrada.

ANEXO A — BAIRROS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO



Fonte: Instituto Pereira Passos, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2022.

ANEXO B — CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (INES)

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais Configurações de mãos



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de Surdos

Realização:

Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Ministério da
Educação



Fonte: INES.